

MICHELINE RAMOS DE OLIVEIRA

SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME

**Estudo antropológico de trajetórias sociais e itinerários urbanos sob o prisma da cultura do medo entre mulheres/mães moradoras do Bairro “Matadouro”,
Itajaí/SC**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre. Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora: Profa. Dra. Ana Luiza carvalho da Rocha.

SANTA CATARINA

2002

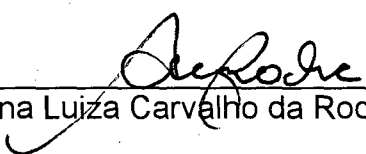
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME: ESTUDO ANTROPOLÓGICO DE
TRAJETÓRIAS SOCIAIS E ITINERÁRIOS URBANOS SOB O PRISMA DA CULTURA DO MEDO
ENTRE MULHERES / MÃES MORADORAS DO BAIRRO 'MATADOURO', ITAJAÍ”

MICHELINE RAMOS DE OLIVEIRA

Orientadora: Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha

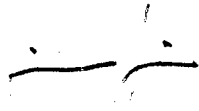
Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social, aprovada pela
Banca composta pelas seguintes
Professoras Doutoradas:



Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFSC-Orientadora)



Dra. Cornelia Eckert (UFRGS)



Dra. Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Florianópolis, 25 de abril de 2002.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema central a compreensão dos arranjos sociais e negociações que conformam a cultura do medo no mundo urbano contemporâneo, a partir do estudo das trajetórias sociais e itinerários urbanos de um grupo de mulheres/mães moradoras do bairro Matadouro/Itajaí/S.C.

Na parte I da dissertação, apresento as condições de vida e a diversidade de universos simbólicos, códigos ético-morais e projetos de vida encontrados no bairro pesquisado. Na parte II, escrutino do que as mulheres /mães sentem medo, as suas representações em torno da insegurança e das violências, analisando as narrativas biográficas das quatro principais informantes desta pesquisa, situando e demarcando suas diferentes trajetórias, focalizando os seus deslocamentos nas diversas regiões do bairro e para fora dele. Por fim, na terceira parte, averiguo como o fenômeno social do tráfico de drogas é simbolizado pela população local, de que maneira interfere no deslocamento e nas trajetórias de vida dos sujeitos, enfim, como diferentes pessoas se relacionam com este fenômeno, na maioria das vezes vinculado aos sentimentos de medo, às inseguranças e às violências.

Palavras-Chaves

“Trajetórias sociais”, “cultura do medo”, itinerários urbanos”, “narrativas biográficas”.

ABSTRACT

This dissertation intends to understand social arrangements and negotiation that conform the culture of fear into the contemporary urban itineraries of a group comprising women/mothers living at Matadouro neighborhood/Itajai/S.C.

At the first part dissertation, it is presented life conditions and diversity of simbolical universes, moral-ethical codes and projects of life founded at the neighborhood researched. At the second part, it is investigated what women/mothers are afraid of, their representations about insecurity and violences, analysing biographic narratives of the four principal informants, sitting and demarcating their different trajectories, focusing their displacements through several regions of the neighborhood and out of that. At the third part, it is investigated how the social phenomenon of traffic of drugs is simbolized by local population, the way it interferes in displacement and life trajctories of people. Finally, it is investigated how different people live with this phenomenon, generally related to feelings of fear, insecurity and to violences.

Key-Words

“Trajectories social”, “culture of fears”, “itneraries urban”, “biographic narratives”.

AGRADECIMENTOS

À Capes e ao CNPq, pela bolsa de estudos com a qual pude contar para a realização do mestrado;

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- UFSC;

À minha orientadora, Ana Luiza Carvalho da Rocha, por ter acreditado no meu (nosso) trabalho e pelo respeito, amizade, paciência, disciplina, atenção e rigor com que conduziu esta pesquisa e todos os inumeráveis adjetivos que a fizeram e fazem a melhor orientadora que uma aprendiz de antropóloga poderia ter;

A todos os professores do PPGAS/UFSC, que contribuíram para minha formação em antropologia. Especialmente, à Sônia Maluf e Ilka Boaventura Leite;

À professora Carmen Sílvia Moraes Rial, especialmente pelo apoio e orientação no estágio docência;

À professora Mirian Pilar Grossi, pelas colaborações e sugestões na defesa de projeto;

À Cornélia Eckert, pelas críticas e sugestões ao projeto de pesquisa;

Ao meu companheiro Oscar, pelo amor, carinho, paciência e cooperação neste momento difícil de minha formação;

Aos meus pais, Beto e Marlene, os maiores responsáveis por mais esta conquista;

À minha irmã Juliani, pelo amor, companheirismo e cooperação na pesquisa;

À minha irmã Melissa, pelo amor, criticidade, maturidade e as férteis discussões, não só acerca desta pesquisa, mas da ciência antropológica como um todo;

À minha avó Bernadete, que, desde sempre, tem-me incentivado a prosseguir os estudos;

À colega de mestrado Juliana, que, aos poucos, foi-se transformando numa grande amiga, com a qual eu pude contar nos bons e difíceis momentos deste percurso;

A todos os companheiros de curso, que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a minha formação, especialmente a Laís, que esteve pronta em todos os momentos para ouvir minhas angústias e aflições;

Ao Jorge, pela sensibilidade e profissionalismo diante da difícil tarefa de captar parte das imagens (fotos) que compõem a minha etnografia;

À Roberta, por ceder parte das fotos utilizadas neste trabalho;

À Dna. Geni, pela dedicação e empenho na revisão desta dissertação;

Ao Felipe, pela disposição em desenhar;

Às moradoras e aos moradores do Matadouro, sem os quais a realização deste trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PARTE I - MATADOURO – UM TERRITÓRIO-MITO EM ITAJAÍ	13
CAP.1 - A DESCOBERTA DO BAIRRO E A INSERÇÃO EM CAMPO...	18
1.1- QUESTÕES ÉTICAS E METODOLÓGICAS	18
1.2. AS REGIÕES MORAIS DO BAIRRO MATADOURO.....	27
1.2.1 As origens do nome	27
1.2. 2 Área A	29
1.2.3 Área B	34
1.2.4 Área C	39
1.2.5 Área D	44
1.2.6 Área E	48
1.2.7 Área F.....	50
CAP.2 - VIVENDO NA PERIFERIA NO MUNDO URBANO CONTEMPORÂNEO -	63
PARTE II - NARRATIVAS BIOGRÁFICAS – CAMINHOS CRUZADOS E	
PERCURSOS DE VIDA	107
CAP. 3 - MARTA POR ELA MESMA: TENHO MEDO QUE OS MEUS FILHOS	
CAIAM NA PERDIÇÃO...	113
CAP. 4 - MÔNICA POR ELA MESMA: É MEU DEUS, DIZEM QUE TU	
EXISTE...MAS ONDE É QUE TU ESTÁS?	137
CAP. 5 MARCELA POR ELA MESMA: EU SOU HIV POSITIVO... EU TENHO	
MEDO...	157
CAP. 6 - MIRTES POR ELA MESMA: A GENTE SENTE MEDO...	179
PARTE III - DA ARTE DE SOBREVIVER – SE CORRER O BICHO PEGA,	
SE FICAR BICHO COME	204
CAP. 7 - O CONFLITUOSO MUNDO DAS DROGAS - MEDO DO QUÊ?	
MEDO DE QUEM?	204
CONCLUSÃO	222
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	228
REFERÊNCIAS DE FOTOS	233

INTRODUÇÃO

A dissertação tem como tema de pesquisa as trajetórias sociais e itinerários urbanos de mulheres/mães que compõem um mesmo grupo familiar pertencente às classes trabalhadoras e moradoras do Bairro “Matadouro”, em Itajaí/SC, focalizando os fenômenos da exclusão social e discriminação como aspectos cruciais para a conformação de uma cultura do medo¹ no local.

É importante sublinhar que esta pesquisa antropológica está situada no contexto das modernas sociedades complexas, urbano-industriais, as quais não devem ser consideradas como antônimo das sociedades ditas tradicionais, mas como sociedades que apresentam peculiaridades como o crescente processo de globalização, desencadeando certas características em seus contextos, como uma dramática imersa na homogeneidade-heterogeneidade.²

O bairro Matadouro, local onde a pesquisa transcorre, está situado no município de Itajaí, Santa Catarina, sendo que suas origens remontam aos idos de 1908, quando foi instalado um matadouro público de suínos e bovinos naquele local. Nessa época, os lotes e terrenos possuíam baixo valor de mercado em razão dos graves problemas ambientais causados pelo abatedouro e devido aos resíduos sólidos e líquidos que eram despejados no local, provocando mau cheiro e degradação dos recursos naturais.

O território do bairro Matadouro, em razão da desvalorização, absorveu, desde os primórdios, uma população migrante que vinha do planalto serrano e da

¹Aqui utilizo o conceito de cultura do medo sob a ótica de Luiz Eduardo Soares (1996). Para o autor, a violência cotidiana nas suas mais variadas formas tem como desdobramento um sentimento de insegurança fruto do “medo” experienciado por cada sujeito, como um elemento constitutivo de suas vivências, permeando sua visão de mundo, interpretação da realidade, seu agir, enfim, seu estilo de vida, o que se refletirá nas mais variadas e singulares formas de sociabilidades, conferindo desta maneira, um caráter de totalidade da experiência vivida.

região do Vale do Itajaí para *tentar a vida no litoral*. Muitos dos migrantes eram, então, assentados nos terrenos que circundavam a área onde se situava o matadouro, sendo que muitos outros passaram, com o tempo, a invadir as áreas e terrenos baldios mais afastados, construindo nesses locais suas moradias.

Posteriormente, com a construção do tronco ferroviário Itajaí-Blumenau a partir de 1950 e o aumento do êxodo rural correlato ao desenvolvimento industrial na região, a população de migrantes na área do matadouro cresceu desenfreadamente, sem que houvesse por parte do poder público a criação de uma estrutura de equipamentos urbanos para proporcionar condições mínimas de vida aos moradores no local.

Além do abatedouro que deu o nome ao bairro, mais tarde foi construída no local a cadeia de Itajaí, uma ação do poder público que provocou várias desapropriações no local, em função da grande área que lhe seria destinada.

Se em outros tempos a palavra “matadouro” estava associada ao abatedor de animais para o consumo dos habitantes de Itajaí, hoje o bairro é marcado pela presença da Cadeia que configura a lógica do próprio cotidiano dos moradores locais, constituindo-se num dos pontos de referência do bairro, além, evidentemente, do tráfico de drogas.

Com tais emblemas, o abatedouro de animais e o “abatedouro” de pessoas (a cadeia), o bairro Matadouro tornou-se sinônimo de marginalidade, sofrendo os seus moradores do estigma de “escória do município”, o local sendo considerado como “uma grande cadeia sem muros” e seus habitantes uma espécie de “detentos”.

O “Matadouro” é um bairro que apresenta um fluxo populacional de migrações internas muito intenso na direção de um projeto de melhoria nas

² Ver VELHO (1981).

condições de vida por parte dos seus atores sociais e, principalmente, no sentido de superar a exposição de tais atores a processos discriminatórios em geral, associados à ambiência de pobreza, ao clima de insegurança, às condições de miséria de sua população.

Diante desse cenário, elejo como questão-problema a compreensão dos arranjos sociais e negociações que conformam a cultura do medo no mundo urbano contemporâneo, a partir do estudo das trajetórias sociais e dos itinerários urbanos de um grupo de mulheres/mães moradoras do bairro Matadouro.

Considero o sentimento de medo aqui referido ser relacionado tanto às inseguranças manifestas nas condições de vida e aos processos de vitimização vividos por tais indivíduos e/ou grupos no território do bairro Matadouro, quanto ao processo de subjetivação de tais atos violentos, já que os atores sociais investem contra si mesmos ao assumir temores associados ao cumprimento da trajetória de “pobre a bandido”.

Face ao exposto, na parte I da dissertação apresento os métodos e técnicas antropológicas utilizados na pesquisa, destacando o uso de Narrativas Biográficas³, Observação Participante⁴, Etnografia do Cotidiano⁵ e Estudos de Rede de Sociabilidade e Vizinhança⁶. Concomitantemente a isto, faço uma breve discussão acerca de questões éticas.

Também na parte I faço uma descrição densa⁷ das diferentes áreas do bairro, investigando as condições de vida, a diversidade de universos simbólicos, os códigos ético-morais e os projetos⁸ da população local.

³ Ver ROCHA & ECKERT (1999).

⁴ Ver MALINOWSKI (1976).

⁵ Ver DE CERTEAU (1990).

⁶ Ver BOTT (1976).

⁷ Ver GEERTZ (1989)

Nessa parte, os informantes constituem-se de moradores e moradoras das diversas áreas do bairro. Gravados ou anotados em diário de campo, seus depoimentos foram coletados por meio de conversas informais e/ou entrevistas abertas, efetuadas tanto nos finais de semana no período compreendido entre fevereiro e junho de 2000, como também em julho do mesmo ano, mês durante o qual residi no local.

Ainda vale sublinhar que, nos dramas sociais vividos no cotidiano do bairro Matadouro e no consumo/manipulação da imagem deteriorada⁹ desse bairro, penso o estudo da violência¹⁰ considerando a construção subjetiva dos processos objetivos de discriminação e de exclusão social vividos por seus habitantes.

Na parte II, objetivando densificar a análise das situações de crise social no bairro, investigar de que os moradores sentem medo e quais suas representações relativas às inseguranças e violências no Matadouro, analiso as narrativas biográficas¹¹ de quatro mulheres moradoras do bairro Matadouro, todas elas oriundas de um mesmo grupo familiar (irmãs). Aqui é importante sublinhar que a identidade dessas informantes foi preservada, e, para tanto, denomino-as com nomes fictícios.

Ao demarcar e situar suas diferentes trajetórias, centradas na memória¹², focalizo os seus deslocamentos entre as diferentes regiões do bairro e para fora dele.

As narrativas biográficas foram obtidas por meio de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas (em média dez horas por informante), além de conversas informais anotadas em diário de campo.

⁸ Ver VELHO (1994).

⁹ Ver GOFFMAN (1989).

¹⁰ Ver ZALUAR (1985, 1994).

¹¹ Ver ROCHA & ECKERT (1999) e RICOEUR (1994).

¹² Ver BACHELARD (1994) e ROCHA & ECKERT (1999).

O meu contato com essas informantes deu-se em encontros mensais, individuais, com duração de aproximadamente duas horas cada, no período de julho de 2000 a julho de 2001. Face ao grande volume de material coletado em campo, vi-me na contingência de selecionar trechos das narrativas que acredito serem as mais significativas diante da desafiadora tarefa de resgatar as experiências dessas mulheres frente à disseminação de uma cultura do medo no mundo urbano contemporâneo, no sentido de possibilitarem a compreensão do processo de construção subjetiva da condição de vítima vivida por segmentos populares no contexto de um bairro pobre de periferia.

Na parte III da dissertação, nos trilhos de DE CERTEAU¹³ e ELIAS¹⁴, investigo como o fenômeno social do tráfico de drogas é significado pelos moradores do Matadouro, de que modo interfere nos deslocamentos e trajetórias daqueles atores sociais, bem como, nos processos de subjetivação de sentimentos de medo, insegurança e vitimização.

Nesse capítulo, parto de uma análise comparada entre moradores do bairro com uma visão mais sacralizada do mundo, representados pelas narrativas das quatro mulheres/mães estudadas, e moradores com uma visão mais laica de mundo, residentes nas diversas áreas do bairro.

Ainda destaco que faço usos de imagens fotográficas no “corpo” da dissertação. Essas fotografias apresentam moradores e moradoras do bairro, não necessariamente informantes desta pesquisa. Elas pertencem não somente ao período do mestrado, mas a outras épocas. Todas as imagens estão registradas nas referências fotográficas, encontrando-se referenciadas por um número, o que possibilita a sua identificação.

¹³ Ver DE CERTEAU (1990).

¹⁴ Ver ELIAS (1993).

Vale sublinhar que todos os fotografados foram previamente consultados, inclusive os responsáveis pelos menores, e aprovaram a sua exposição nesta dissertação.

Além disso, é importante pontuar que optei por usar além das imagens (fotos) captadas por mim em campo, fotos de uma profissional em comunicação (Roberta B. dos Santos) e um estudante da mesma área (Jorge L. Crispim). As primeiras são fotos de uma coleção particular da autora (vide referências de fotos), e utilizo-as por expressarem um conteúdo etnográfico semelhante aquele observado por mim em campo. Já, as imagens realizadas pelo estudante, foram feitas na minha presença, e após longa discussão com o mesmo sobre esta pesquisa.

Enfim, é profícuo enfatizar, que a minha pretensão com essas imagens (fotos) não é de fazer uma “antropologia visual”, mas enriquecer a etnografia realizada no local.

PARTE I

MATADOURO: UM TERRITÓRIO-MITO¹⁵ EM ITAJAI

Na qualidade de estudante de Psicologia, mantive o meu primeiro contato com o bairro Matadouro quando desenvolvi, no período de junho de 1998 a agosto de 1999, um projeto de conclusão de curso voltado para área de psicologia organizacional na Universidade do Vale do Itajaí. A pesquisa tinha como objetivo principal orientar os dirigentes da Associação de Moradores do bairro Matadouro na execução e implementação de projetos em benefício da comunidade¹⁶.

Sem me aprofundar nessa questão, seria contudo proficuo ressaltar que nesse período a pesquisa foi fundamentada pelos pressupostos da Psicologia Social, estes embasados em uma epistemologia crítica orientada principalmente

¹⁵ Ver MAFFESOLI (1998).

¹⁶ Segundo Sawaia (1996, p.37), "Comunidade tem presença intermitente na história das idéias. Ela aparece e desaparece das reflexões sobre o homem e sociedade em consonância às especificidades do contexto histórico, e esse movimento explicita a dimensão política do conceito, objetivado no confronto entre valores coletivistas e valores individualistas". Não pretendendo esgotar o assunto, nem me prolongar nas discussões em torno de 'comunidade', destaco, porém, que o conceito adotado no trabalho de Psicologia foi conduzido pelas reflexões de Nisbet (1974): "A comunidade encontra seu fundamento no homem visto em sua totalidade e não neste ou naquele papel que possa desempenhar na ordem social. Sua força psicológica deriva duma motivação profunda e realiza-se na fusão das vontades individuais, o que seria impossível numa união que se fundasse na mera conveniência ou em elementos de racionalidade. A comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição (Nisbet, apud Sawaia, 1974, p.48).

pelos pensamentos de BACHELARD¹⁷, LANE¹⁸ e HELLER¹⁹. Nas palavras de LANE²⁰:

...A Psicologia Social tem por objetivo conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Porém, agora a Psicologia Social poderá responder à questão de como o homem é sujeito da história e transformador de sua própria vida e da sua sociedade...(p.19).

Em decorrência da concepção teórica e dos objetivos do trabalho, a metodologia utilizada foi a *pesquisa participante* e a *pesquisa ação*, segundo TITTONI e JACQUES²¹,

neste tipo de pesquisa a população interessada (ou seus representantes) participa, junto com os investigadores, da definição do objeto de pesquisa, dos seus objetivos e do seu planejamento...o trabalho de campo é conjunto e a análise dos dados inclui a participação de todos os envolvidos onde são esperados feedbacks para validação dos resultados e onde são estabelecidas as propostas de ação daí decorrentes.

Subsidiada por esses pressupostos teóricos e por essa metodologia, os objetivos da pesquisa em Psicologia foram alcançados, fator que não impediu o estabelecimento de muitas lacunas e questionamentos acerca do Matadouro e de seus moradores.

Segundo a afirmação de um famoso antropólogo, pai/fundador da pesquisa de campo, “tolo e míope é o cientista que se defronta com uma classe inteira de fenômenos, prontos para serem coletados, e os despreza, mesmo que não veja, no momento, qual a sua possível utilização teórica!”²². Hoje posso dizer

¹⁷ Ver BACHELARD (1968).

¹⁸ Ver LANE (1984).

¹⁹ Ver HELLER (1998).

²⁰ Ver LANE (1998).

²¹ Ver TITTONI e JACQUES (1998).

²² Cf. MALINOWSKI (1986:43).

que a idéia, expressa nessas palavras de MALINOWSKI²³, que só vim a conhecer como mestrandia de Antropologia, foram compartilhadas por mim ainda como estudante de Psicologia, já que concomitantemente com o trabalho na Associação de Moradores do Matadouro eu redigia o esboço de um “diário de campo”, descrevendo a cotidianidade daquela população em situações diversas, como festas, reuniões em botecos, momentos de sociabilidade entre a vizinhança, etc.

Finalizada aquela pesquisa e revisitando meu “diário de campo”, escrito entre 1998-1999, pude constatar alguns fenômenos registrados que me chamaram muito a atenção, tais como : a diversidade sociocultural, as tensões advindas aparentemente do tráfico de drogas, as constantes migrações internas ou para bairros vizinhos de grande parte da população.

Diante das observações anotadas em meu diário, optei por dar continuidade a uma pesquisa no Matadouro sob os pressupostos da Antropologia Social, que, embora de forma superficial, foram-me apresentados ainda na graduação, contribuindo indubitavelmente para esta escolha.

Classifico esse período da minha trajetória de pesquisadora como uma fase, como diria DEMO²⁴, marcada pela “construção da necessidade de construir caminhos”. Assim, antes que romper com os paradigmas da Psicologia Social, a opção pela Antropologia Social foi um meio(*caminho*) que encontrei para investigar outras facetas da complexa realidade que o Matadouro e seus moradores apresentam.

O meu ingresso no Mestrado em Antropologia Social deu-se no primeiro semestre de 2000, e já nos primeiros seminários ratifiquei minha decisão de dar continuidade à pesquisa sob novas perspectivas, as antropológicas, que viriam contribuir para uma compreensão mais ampla e *densa* do objeto em questão. Refletindo com ECKERT:

²³ Ver MALINOWSKI (1986).

²⁴ Ver DEMO (1990).

Reconhecidos os limites que rondam o método etnográfico, penso que esse é apropriado para dar conta da complexa combinação entre as narrativas pessoais, relatos de ciclos de vida, biografias, histórias familiares, projeções de vida e o contexto histórico do desenvolvimento de uma sociedade, em que os informantes aparecem como atores históricos e sujeitos portadores de uma identidade, considerando que as narrativas pessoais estão permeadas de intersubjetividade.²⁵

Assim, o retorno a campo²⁶ como estudante de antropologia despertou-me a convicção de que existem muitos *Matadouros* e não apenas um, de que a diversidade sociocultural de sua população refere-se a distintas “províncias de significados” e “regiões morais” dentro de um mesmo território de vida social. A tensão com o tráfico de drogas em determinadas áreas do bairro Matadouro, por um lado, e com a ação policial, por outro, configuram a região como território de confronto entre as famílias locais e destas com os “de fora”, como os policiais.

Aqui destaco as seguintes passagens registradas em meu diário de campo:

Quando estávamos na rua eles fizeram questão de me apontar a casa da família que comanda o tráfico e as casas “de quem trabalha para eles” (casas situadas uma do lado da outra, que, segundo os informantes, são todos parentes dessa família, sobrinhos, primos, tios, etc.):

Se ainda trouxessem algum benefício pro bairro, mas não, eles nem adquire as coisa, só trazem malandro pra cá, muita gente de fora freqüenta a casa do fulano, dorme ali, se droga, dorme no beco.... Nas outras partes do bairro também há tráfico, mas aqui ficamos marcados, aqui é mais movimentado, vem gente toda hora, eles são cara de pau, se drogam na frente da gente.

Essas falas retiradas de meu diário de campo parecem confirmar a tensão acarretada pelo tráfico de drogas no local, não apenas um conflito com as outras partes do bairro e com a cidade em geral, mas um conflito interno travado

²⁵ Ver ECKERT (1999:19-20).

²⁶ Utilizei os finais de semana de fevereiro de 2000 a junho desse mesmo ano, quando não havia atividades no PPGAS, para retornar a campo (bairro Matadouro).

entre não-usuários e não-trafficantes versus usuários e/ou traficantes. Nelas também aparece o desconforto desses moradores com a polícia. Vejamos esta passagem retirada de meu diário de campo, em que uma moradora do local revela:

Vejo muita cumplicidade por parte da polícia, no sentido de droga, muita mesmo... houve um tempo que tinha a polícia "itinerária," um programa em que a comunidade poderia denunciar os bandidos da sua comunidade, fui na primeira reunião e fiquei preocupada que alguém tivesse me visto lá, fiquei com medo que complicasse pro meu lado.

Para mim isto torna claro que o bairro Matadouro transborda heterogeneidade no que tange não apenas às paisagens naturais que encerram seus espaços geográficos, mas aos estilos de vida e visões de mundo que conformam as camadas populares ali residentes, segundo suas trajetórias sociais, sistemas de crenças, códigos ético-morais etc.

Na linha dos comentários de VELHO²⁷, redirecionei meu olhar para a população com a qual vinha trabalhando há dois anos, acreditando, portanto, que no bairro Matadouro, tal qual em muitos bairros de camadas médias urbanas (no caso, do Rio de Janeiro) pesquisados pelo autor, a heterogeneidade de universos simbólicos é uma de suas marcas como grupo urbano, fenômeno que faz par com processos de homogeneização em que a mídia (jornal e televisão) desponta como parte importante na construção de emblemas reveladores de estigmas sociais com os quais os moradores de Matadouro lidam em seu cotidiano.

Diante de um campo de pesquisa tão complexo, instigante e desafiador, à medida que avançava em meus estudos de Antropologia, já como aluna regular do Mestrado, muitas foram as questões éticas e metodológicas que tive que revisar desde meus primeiros contatos com a população do Matadouro, e que foram imprescindíveis para a elaboração desta pesquisa, as quais discutirei no próximo item.

²⁷ Ver, VELHO (1981).

CAPÍTULO 1

A DESCOBERTA DO BAIRRO E A INSERÇÃO EM CAMPO...

1.1- Questões Éticas e Metodológicas

Como mencionei anteriormente, utilizei os finais de semana de fevereiro de 2000 a junho deste mesmo ano, quando não havia atividades no PPGAS, para retornar a campo. Sob orientação da Dra. Ana Luíza Carvalho da Rocha, fui iniciada numa longa caminhada para estranhar aquilo que me parecia familiar, pois, concordando com VELHO²⁸, o que é familiar pode impedir um estudo antropológico se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática: “...posso estar acostumado...com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar; a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam...”²⁹.

A anotação que retiro do meu diário pode ilustrar essa reflexão:

Hoje, 9 de maio de 2000, estou mais uma vez no 'boteco' da Dna Maria, neste momento não estou mais apenas em frente a uma 'velha conhecida', dirigente da Associação de Moradores do bairro...Aquela mulher que está sempre pronta para resolver um 'pepino' do bairro, ou é cumprimentada por todos a sua volta...Estou diante de uma moradora do bairro Matadouro, que vive numa área do bairro denominada pela vizinhança de 'a negada lá de baixo'...Uma mulher que, em seu

²⁸ Ver VELHO (1981).

²⁹ Ver VELHO (1981:128).

"pedaço"... vive imersa numa " província de significados", em que o conflito (étnico, religioso, etc.) faz parte da paisagem cotidiana... e o medo parece estar presente, como na vida de outros moradores, em sua trajetória social... Diferentemente de seis meses, um ano atrás... começo a enxergar em Maria as vicissitudes do morar... fazer parte 'do ethos' Matadouro...

As pontuações de VELHO³⁰ a respeito das categorias *familiar* e *exótico* têm contribuído para o antropólogo refletir a respeito do desenvolvimento de pesquisas em uma sociedade complexa contemporânea, porque mais do que entrever os limites das inquirições nesse contexto, o autor colabora para a transcendência dessas pesquisas, principalmente por elucidar que o *familiar* não tem necessariamente que se transformar em *exótico* para que o trabalho antropológico seja possível.

Nas palavras de VELHO³¹:

Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados (p.131).

Levando em conta, os escritos de VELHO³², indago-me : Como enxergar a realidade a ser estudada de modo mais complexo? Ou seja, como escrutinar a dramática social a ser pesquisada de modo mais profundo e perspicaz? E ainda, como fazê-lo, levando em consideração que o conhecimento acerca do social apresenta um caráter *apenas* aproximativo?

Creio que os pensamentos de GEERTZ³³ podem ser bastante elucidativos acerca dessas indagações. Para o autor, o antropólogo, ao desenvolver a etnografia, está fazendo uma *descrição densa*, analisando

³⁰ Ver VELHO (1981).

³¹ Ver VELHO (1981).

³² Ver VELHO (1978 e 1981).

³³ Ver, GEERTZ (1989 e 2001).

cuidadosamente o que está sendo investigado, vai deparar-se com uma complexidade de *estruturas conceituais*. Assim, para o autor:

O que é importante nos achados do antropólogo é sua especificidade complexa, sua circunstancialidade. É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento...altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos...podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar, não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles.³⁴

Foram as palavras acima desse autor que, de certa maneira, me inspiraram na tentativa de desenvolver uma *descrição densa* da realidade a ser estudada. Para tanto, o meu campo não ficou apenas restrito aos finais de semana de fevereiro a junho de 2000, pois na busca por um trabalho *altamente obsessivo e altamente participante*, morei durante o mês de julho de 2000 na casa de uma família do Matadouro.

Nessa ocasião, tive a possibilidade de confeccionar uma cartografia do bairro (anexo1), que me forneceu dados etnográficos, possibilitando a constituição de um esboço do mapa do lugar, bem como de realizar “achados em campo” que me conduziram a uma definição mais precisa do universo a ser estudado (mulheres/mães moradoras e ex-moradoras do bairro Matadouro) e da problemática a ser investigada (estudo das trajetórias sociais e itinerários urbanos dessas mulheres sob o enfoque de uma cultura do medo). Finda a estadia em campo, retornei ao Matadouro nos finais de semana subsequentes, durante o período de julho de 2000 a julho de 2001, com a finalidade de estudar mais intensa e especificamente as trajetórias, itinerários e cotidianidade das mulheres em foco.

Retomando GEERTZ, seria importante enfatizar que, em campo, levei em conta as características de uma descrição etnográfica registradas pelo autor:

³⁴ Ver GEERTZ (1989:37).

a descrição é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Ela é microscópica...o antropólogo aborda caracteristicamente tais interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos.³⁵

Ainda durante a fase exploratória do trabalho de campo, mais precisamente durante a experiência de morar no local, compreendi algo que acredito ser imprescindível e que ZALUAR³⁶ pontua em seus estudos com classes populares, ou seja, que os sujeitos a serem pesquisados devem ser considerados pela sua positividade e não por aquilo que aparentemente lhes falta, postura esta fundamental no processo de desvelamento da visão de mundo daquelas subjetividades que se objetivam através de gestos, ações, interações e relações.

A seguir, explico os recursos metodológicos que pautam a pesquisa, tanto para a obtenção dos dados oriundos de diferentes fontes, quanto para sua análise, e, acreditando que tal diversidade colabora para a compreensão da problemática a ser trabalhada.

Observação Participante: associada às entrevistas não-diretivas com os moradores, as conversas informais e a observação do que se constituem os "imponderáveis" da pesquisa mostrou-se um dos métodos mais eficazes para o levantamento de dados etnográficos. Os moradores foram investigados em espaços coletivos, institucionais ou informais e, do ponto de vista mais particular, em situações de entrevistas e também em conversas informais durante as visitas às suas casas.

É indubitável que, em se tratando de observação participante, não posso deixar de citar MALINOWSKI³⁷, já que sua experiência entre os Trobriandeses tornou-o um *clássico* inspirador de muitos trabalhos de campo

³⁵ Ver GEERTZ (1989.31).

³⁶ Ver GEERTZ (1989).

³⁷ Ver MALINOWSKI (1986).

subseqüentes, inclusive do meu. Dessa forma, ao entrar em contato com os *nativos* do Matadouro, remeti-me às sábias e contundentes reflexões do autor:

O investigador pode tomar parte nos jogos do nativo, pode acompanhá-lo em suas visitas e passeios, sentar-se, ouvir e participar de suas conversas...Desse modo, com a capacidade de apreciar a companhia dos nativos e de participar de alguns de seus jogos e diversões, o antropólogo começa a sentir que está realmente em contato com eles (nativos). E, certamente, esta é a condição preliminar para realizar com êxito uma pesquisa de campo”³⁸.

Ratificando os ditos do autor, posso dizer que os contatos mantidos com a população do Matadouro (participei, juntamente com moradores do bairro, de cultos evangélicos, jogos de dominó no bar, almoços em família, café da tarde, soltura de ‘pipa’, reuniões da Associação de Moradores e da Pastoral da criança, conversas de *portão*, passeios ao centro da cidade, festa de aniversário, etc.), que foram intensificados quando da minha estadia no local, contribuíram de forma eficaz para que eu pudesse “...captar o ponto de vista deles, sua relação com a vida e apreender a sua visão do seu mundo”³⁹.

Etnografia do Cotidiano : no tocante a este procedimento, fui inspirada por DE CERTEAU, levando em conta que, para o autor, “a ‘cultura popular’ se formula essencialmente em ‘artes de fazer’ isto ou aquilo...uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar”⁴⁰. Para tanto, fez-se necessário, por parte desta pesquisadora, uma inserção intensiva no campo, considerando a relevância do estudo do cotidiano (*saberes e fazeres*) no bairro Matadouro e seus territórios de sociabilidade para o estudo das visões de mundo e estilos de vida dos moradores locais em suas feições de descontinuidade/heterogeneidade de universos simbólicos.

³⁸ Ver MALINOWSKI (1986:43-44)

³⁹ Cf. MALINOWSKI (1986:43-44).

⁴⁰ Ver DE CERTEAU (2000:42).

Estudo de Narrativas Biográficas e Trajetórias Sociais:

Concordando com GEERTZ⁴¹, que “ temos que descer aos detalhes...para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, se é que desejamos encontrar a humanidade face a face...”, priorizo nesta pesquisa o estudo de narrativas biográficas e trajetórias sociais, para o qual realizei entrevistas livres com as mulheres em foco, investigando os percursos e trajetos individuais e/ou sociais de cada uma delas no contexto do bairro ou mesmo dos bairros vizinhos a partir de suas próprias falas sobre o tema do medo, da insegurança, da violência e de processos de vitimização.

Aqui ressalto, nos termos de ECKERT e ROCHA⁴², a importância da narrativa biográfica na pesquisa antropológica:

...De modo geral, a narrativa biográfica tem se revelado uma ‘tendência natural’⁴³ decorrente de entrevistas livres e autobiográficas aprofundadas. Sua importância como dado de pesquisa não reside só no fato de ser uma vida reconstituída pelo sujeito que a viveu, mas sobretudo por ser ‘produto de sistemas de representações e de valores em vigor em todas as ações e práticas cotidianas’⁴⁴

Estudo de Redes de Sociabilidade e de Vizinhaça: Ao utilizar este recurso metodológico, estou levando em conta os estudos de BOTT sobre “Família e Rede Social”, pois concordo com a afirmação da autora de que o meio social imediato das famílias urbanas deve ser considerado “não somente como o espaço local em que elas vivem, mas como a **rede de relações sociais efetivas** que mantêm, independentemente de estas se restringirem à área local ou ultrapassarem suas fronteiras”.⁴⁵

⁴¹ Ver GEERTZ (1989:65).

⁴² Ver ECKERT e ROCHA (1999:13).

⁴³ Ver COPANS (1974:53), apud ECKERT e ROCHA. (1999: 13).

⁴⁴ Ver QUELOZ (1987: 54) apud ECKERT e ROCHA (1999: 13).

⁴⁵ Ver BOTT (1957:97-99) apud ELIAS (2000:196).

Registro Visual (fotografia): por fim, considereei muito proficuo registrar a paisagem humana e ambiental do bairro Matadouro através de métodos de Antropologia visual, em que destaco uma preocupação com a descrição das moradias, da ambiência local, da vizinhança, das condições de vida da população e do uso de tais registros na pesquisa dialógica com os moradores locais.

Acreditando que, antes de serem “objetos” de uma pesquisa, todos os envolvidos neste trabalho são pessoas que merecem ser respeitadas, principalmente hoje, num mundo globalizado, onde pesquisas como esta não circulam mais “apenas no âmbito acadêmico”⁴⁶, penso que valha a pena dizer que, na escritura da dissertação, o nome de todos os meus informantes foram resguardados, assim como alguns depoimentos que eles não permitiram que fossem divulgados.

Como nesta dissertação trabalho com fotos, esclareço que só utilizei aquelas que foram autorizadas. Em 1962, LÉVI-STRAUSS já previa a nossa realidade: “(...)Em uma terra mais diminuta, onde se agita uma população cada vez mais densa, já não existe nenhuma fração desta humanidade, por longínqua e a afastada que possa parecer, que não esteja, direta ou indiretamente, em contato com todas as outras(...)”⁴⁷.

Ainda sobre questões éticas, ressalto que, pelo fato de desenvolver meu trabalho num bairro-favela, uma indagação constante perpassa minhas reflexões acerca do papel do pesquisador de “classes populares” no Brasil, papel este bastante complicado e até complexo, principalmente num “campo” desprovido de “condições mínimas de sobrevivência”.

PEIRANO⁴⁸ fala de uma dupla alteridade brasileira que está situada entre o universalismo da ciência e o holismo da cidadania, posição esta nutrida

⁴⁶ Ver GERBER (1987).

⁴⁷ Ver LÉVI-STRAUSS (1962:20).

⁴⁸ Ver PEIRANO (1992).

pela falta de uma representatividade política no país, onde cada vez mais os cientistas, aqui sinônimo de uma grande parcela da elite brasileira, tornam-se responsáveis por desempenhar este papel político, ou seja, no Brasil, o ser pesquisador/intelectual traz uma roupagem que incorpora o compromisso social; assim, cientista social e antropólogo “teoricamente” têm responsabilidades cívicas e políticas ao desenvolver uma pesquisa.

Ainda sobre o mesmo enfoque, SOARES⁴⁹ pontua que o fazer antropologia implica responsabilidade pela convocação permanente ao diálogo dos diversos atores do nosso cotidiano, um papel que é sinônimo de compromisso epistemológico e ético-político para com o “objeto” em questão e a sociedade em geral. Portanto, como vivenciar o papel pesquisador-engajado, que creio indispensável no contexto brasileiro, e, especificamente, no meu campo de pesquisa, sem destacar limites éticos?

Em primeiro lugar, acredito que seria coerente enfatizar que hoje torna-se cada vez mais difícil discutir ética sem contextualizá-la e sem atrelar a esta discussão os valores, ideologias e desejos vigentes. A ética deve ser visualizada no comportamento das pessoas, já que o dinamismo das relações está atrelado ao contexto no qual tais relações são tecidas. A ética se objetiva na rede de relações e, como não poderia deixar de ser, na relação “antropólogo versus objeto de pesquisa”.

Neste caso, vale retomar algumas reflexões em torno do fazer antropológico numa sociedade dita complexa, desenvolvidas por VELHO⁵⁰, cujos pensamentos foram norteadores do meu trabalho de campo, como também de sua interpretação e escrita. Para VELHO⁵¹, o fundamental no trabalho do antropólogo é investigar e verificar como os “nativos” percebem questões como violência, diferenças grupais (religiosas, étnicas, de gênero),

⁴⁹ Ver SOARES (1993).

⁵⁰ Ver VELHO, 1980 e 1981.

⁵¹ Ver VELHO, 1981.

entre outras, para não cair na armadilha de classificar determinada cultura segundo seu próprio critério, desrespeitando o “olhar do outro”, que, numa sociedade complexa, aparentemente pode parecer semelhante ao seu, mas provavelmente apresenta muitas diferenças.

Até o momento, essa reflexão tem me conduzido a pontuar a importância do distanciamento, do “se colocar no lugar do outro”, dos limites éticos que cerceiam o fazer antropológico. Gostaria de ~~de~~ressaltar, entretanto, que acredito que essas questões tornam-se abstratas e até “vazias” se não for levada em conta a problemática da subjetividade/intersubjetividade que envolve o trabalho do antropólogo, a sua relação com o objeto de pesquisa. Assim, se estou lidando com a subjetividade, mesmo que eu exercite de forma intensa o distanciamento, aquilo que eu consegui “descrever” do meu objeto vai estar perpassado de alguma forma por minha visão de figura de homem e de mundo. A neutralidade é mito, portanto, fiz, e sempre estarei fazendo em minha pesquisa “uma interpretação da interpretação”⁵².

Considerando, assim, que o processo de conhecimento da vida social implica em subjetividade, o distanciamento e o caráter objetivo da pesquisa aqui reivindicados são “aproximados”, e essa constatação me fez lidar humildemente durante o trabalho de campo com as minhas limitações de percepção e interpretação do outro, mas também me permitiu refletir sobre o “método etnográfico e a prática do *si-mesmo como um outro*”⁵³.

Mas ainda com GEERTZ⁵⁴, e a partir dos resultados desta pesquisa, acredito ser possível uma descrição densa, que pelo menos possa subsidiar o encontro do outro, do sentido que ele dá para si e para seu mundo.

Sublinho mais uma vez a descrição densa, que, ao me possibilitar captar “o olhar do outro”, me auxiliou a compreender suas representações de

⁵² Ver GEERTZ, 1978.

⁵³ ECKERT, 1999:11.

⁵⁴ GEERTZ, 1978.

mundo e, constatando a sua subjetividade e as suas significações, com esses dados, elaborar um esboço de um mapa de “regiões morais”⁵⁵ dentro da comunidade⁵⁶ pesquisada, com suas respectivas fronteiras simbólicas.

1.2. As Regiões Morais do Bairro Matadouro

1.2.1- As origens do nome

FONSECA⁵⁷ constatou em seus estudos em favelas em Porto Alegre a importância do nome do lugar como uma variável constituinte de um território-mito numa cidade. Concordando com a autora, acredito que o nome seja um demarcador de fronteiras bastante proeminente dentro e fora do bairro, como pude observar em mais uma fala de um morador:

Tem gente que morre de vergonha de dizer que mora aqui no Matador...diz pros outros que mora próximo à universidade, ou da contorno sul...eu não tenho vergonha não, quando me perguntam eu digo que moro no Matador e tá acabado.

Assim, antes de adentrar na descrição de cada região do bairro, seria profícuo mencionar a importância do nome "Matadouro"⁵⁸ na construção desse

⁵⁵ Ver PARK, 1967.

⁵⁶ Aqui compreendo Comunidade a partir das reflexões de MAFFESOLI (1998): "...A experiência do outro fundamenta a comunidade, mesmo que ela seja conflitual...Tal como podemos constatar a propósito da massa, ela pode se realizar sem o que tradicionalmente costumamos chamar de diálogo, troca e outras frioleiras da massa laia. A fusão da comunidade pode ser perfeitamente desindividualizante. Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de relação tátil: na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se operam e grupos se formam" (p.102).

⁵⁷ Ver FONSECA, 2000.

⁵⁸ Aqui, é importante pontuar que o Matadouro também é conhecido como Bairro Nossa Senhora das Graças. Mas, segundo minhas observações em campo, o nome mais utilizado pela população local é Matadouro.

território-mito na cidade. Muitas vezes, quando comento que minha pesquisa transcorre no bairro Matadouro, algumas pessoas moradoras de Itajaí referem-se ao local como: "aquele local onde se mata gente".

Foi através da recorrência com que a origem do nome Matadouro apareceu nas "conversas informais" e "entrevistas" com os moradores do bairro que apreendi o peso dessa origem para a "comunidade" estudada e para os outros moradores da cidade de Itajaí. Matadouro, num "imaginário coletivo", pode aparecer como sinônimo de "violência, morte, coisa ruim". Aqui destaco dois trechos de conversas com moradores do bairro em que aparece a problemática:

Antigamente tinha um matadouro de boi aqui, ali onde é o cadeião agora, ...matador por quê? Porque quando tinha o matadouro de boi o pessoal de fora falava: - Vou lá no matador comprar carne. Saiu o matadouro e ficou esse nome...esse nome é muito ruim pro bairro...se eu ou outro morador procurar um serviço e dizer que mora aqui eles ficam meio sem jeito e dizem que não tem serviço...é verdade...ou até na escola, quando descobrem que tu mora no matador, daí tu não tem tanta amizade...é uma coisa separada...só pela fama do lugar...tem muitos que moram aqui dentro, vão por aí e não falam que moram aqui...eu já sou sincero, se perguntarem onde eu moro eu falo e pronto...se dane...gostou, gostou, não gostou, se dane... Matadouro...ainda tem um monte de gente que pensa que aqui é matador porque aqui se mata gente...aqui pode até ter alguma violência, mas como tem em todo lugar...aqui é matador por causa do antigo abatedouro de boi...não porque se mata gente.

A fala desses moradores revela uma indignação não apenas pela "confusão" que se faz em torno da origem do nome do bairro, mas pelas implicações que este nome tem trazido para os seus moradores. Entretanto, para além da problemática *nome*, há outras variáveis que fazem o movimento de homogeneidade x heterogeneidade dar "cor" ao bairro Matadouro. Essas características peculiares encontradas em cada "pedaço"⁵⁹ do bairro, como

⁵⁹ Nesta dissertação, quando utilizo a palavra "Pedaço", estou me referindo ao conceito proposto por MAGNANI (1998). Para o autor, "quando um espaço - ou segmento dele - assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações recebe o nome de pedaço:(...)espaço intermediário

também aquelas que fazem dele "um só", podem ser vislumbradas na descrição de cada uma das áreas abaixo.

1.2. 2 Área A

...Outro dia pegaram, limparam a casa dum rapaz, foram dedar que ele tinha droga....aquele rapaz é um veneno...aqui em baixo...pegaram ele...rodearam a casa toda... acabaram de rodear a casa...pegaram ele, algemaram...eu vendo tudo...daí a vizinhança toda olhando...daí a pouco a polícia toda com metralhadora...olhando ao redor da casa, cavando, vendo se tinha alguma coisa...alguma droga...isso dia claro...daí algemaram eles...não levou a noite, minha filha....vieram tudo de táxi, daí vieram tudo se glorificando...batendo...falando alto...vieram de táxi, pra provar como eram grandão...o nome dele eu não vou dar, já sabe como é que é né? ... (Dona Vera, 67 anos, moradora da área A).

Essa área é o local onde reside a maioria dos moradores mais antigos do bairro, famílias que aqui se estruturaram há quarenta ou cinquenta anos. As terras, a princípio, não tinham donos e estavam ali para serem desbravadas por aqueles migrantes que vinham principalmente do Planalto Serrano e do Vale do Itajaí. Além do tronco ferroviário Itajaí/Blumenau, que foi construído nas imediações do bairro na década de 50 e que servia como principal meio de transporte para os migrantes, havia ainda outra característica que favorecia a vinda de muitas famílias para o local: um abatedor de bovinos e suínos, que freqüentemente contratava mão-de-obra de migrantes que vinham para Itajaí. Assim, ser trabalhador do abatedor significava, para as famílias recém migrantes na cidade, uma maior facilidade para “encontrar” um “bom” terreno no bairro para se instalarem.

entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”(p.32).

Quem não trabalhava no "*Matadouro de bois*", podia aproveitar a "*terra*" para o cultivo de hortaliças, que serviam para consumo próprio e para venda ou trocas com terceiros. O grande riacho de águas cristalinas que naquela época cortava o bairro também acabava servindo como uma fonte de renda secundária das famílias migrantes, já que as "*donas de casa*" reuniam-se nas margens do riacho e lavavam roupa para as "*madames da cidade*", segundo relatam algumas antigas moradoras do bairro.

Também no bairro Matadouro ficava localizada a "*pedreira*" da cidade, local que admitia muitos trabalhadores devido ao "*grande volume*" de serviço, "*trabalho pesado*", que, para os moradores que vinham da "*roça*", era "*fichinha*".

Além de tudo, Itajaí chamava a atenção dos migrantes pelo alto potencial da indústria da pesca, pois, segundo um informante, "*onde dá pesca, ninguém morre de fome*"; além do que, morando no "*matadouro*", as pessoas estavam perto do centro da cidade. É bom lembrar que o antigo "matadouro de bois" estava localizado no local que estou chamando hoje de área A, um dos motivos para ser a zona que mais abriga moradores antigos do bairro. Hoje, a área A é a maior em termos espaciais, é a área onde estão localizadas a sede da "Associação de Moradores", o "*campo de futebol do bairro*", o maior número de "vendas" (estabelecimento comercial que vende principalmente produtos alimentícios), botecos e lanchonetes da comunidade local.

É também nessa área que está localizada a maior extensão da rua considerada a "rua principal" do bairro e que dá acesso ao "cadeião" (presídio do município de Itajaí), que faz da área A a região do bairro mais movimentada em termos de veículos e pessoas, onde os visitantes do presídio se misturam com a paisagem natural do local. Durante o dia a rua abriga meninos "*empinando pipas*", "*meninas empinando sapinhas*", bêbados dançando ao som do pagode que se mistura ao sertanejo, roque pesado, hino evangélico, rap, entre outras melodias. Esses sons, provenientes de casas vizinhas, mais o barulho de sirenes da polícia e

de marteladas de carpinteiros e pedreiros temporariamente desempregados que fazem a eterna reforma de suas casas engendram a “música urbana” do local. Da mesma forma, são *habitués* do local os catadores de papel que descarregam seus papéis, com suas carroças tão lotadas que parecem quase cair para um lado, enquanto seus cavalos bebem água e defecam tranqüilamente, à espera de mais um comando.

Nessa “rua principal” formam-se filas na entrada do “cadeião”, onde se localiza um orelhão, e quem passa pode ouvir os sussurros aflitos de alguém não conformado com a situação vivida no cárcere pelo ente querido. Na mesma rua trafegam, como costumam apontar, tanto o “carrão” do advogado, quanto o da mulher do traficante em seus “trajes chics” que colaboram para a formação da paisagem heterogênea. Como me disse uma informante, essas figuras locais chamam a atenção dos próprios moradores, uma vez que poucos ali possuem roupas como as que usa a *“poderosa esposa daquele traficante”* ou o carro daquele que *“manda no presídio”*. Durante o dia, as mercearias ficam sempre movimentadas, seja pela presença dos moradores cujas “cadernetas”⁶⁰ são repletas de anotações das compras efetuadas ou pela presença das crianças, que, com as moedas ganhas principalmente dos visitantes do presídio, compram doces, numa pequena pausa que dão às suas pipas. Nas calçadas, as mulheres ficam sentadas na frente de casa “fofocando principalmente da vida alheia”⁶¹, como me contam algumas moradoras, e observando atentamente a

⁶⁰ Segundo alguns informantes e observação da pesquisadora, as famílias locais compram nas mercearias, bares e vendas situadas nesta área do bairro geralmente pelo sistema de “caderneta”: nos termos de uma informante: *“a gente compra e não paga na hora, marca na caderneta, é um caderninho onde o dono da venda anota o que a gente compra, chega no final da semana, ele soma tudo o que a gente comprou, daí a gente paga... Às vezes quando dá, a gente paga todo final de semana, às vezes paga em quinze e quinze dias, às vezes só no final do mês, depende da grana..”*

⁶¹ Seria mister citar o trabalho de Cláudia Fonseca nas favelas de Porto Alegre, em que a autora, ao escrutinar a *categoria fofoca*, demonstra a multifuncionalidade da mesma, no que tange as redes de conflito e sociabilidade na cultura popular. Nos termos da autora: “A literatura antropológica nos fornece pistas para compreender a força da fofoca, que pode reforçar o sentimento de identidade comunitária...pode ser um instrumental da definição dos limites do grupo...pode ter função educativa...”(FONSECA, 2000, p.42). Ver também GILMORE (1978).

movimentação local e os seus filhotes que, freqüentemente, *entram na chinelada e vara de marmelo se saírem do prumo.*

À tardinha o fluxo de carros diminui e o de bicicletas e carroças que retornam ao lar aumenta. Gritos são ouvidos por toda rua: são as mães, já “cansadas” de chamar os filhos para entrarem em casa. As vendas fecham, e os botecos começam a ficar mais movimentados; os evangélicos, homens de ternos escuros e mulheres de saias compridas, desfilam pela rua a pé ou de bicicleta, com suas bíblias guardadas em capas de couro pretas ou marrons, para irem ao encontro de suas Igrejas.

O sino da Igreja católica, que fica em outra região do bairro, também soa, chamando seus “fiéis” para rezar. A noite já encobre a área A do matadouro. Os “fiéis” retornam às suas casas, o que não impede que os jovens parem antes nas duas lanchonetes evangélicas localizadas nessa área para comer um sanduíche e um refrigerante por “apenas um real” – *“além de ser bom, pode ser marcado na caderneta para ser pago depois”*. Ouve-se o barulho dos botecos, das bolas de bilhar, dos copos, das discussões e do som alto do carro do “boyzinho” que veio do bairro vizinho.

Ao anoitecer, não se vêem mais mulheres casadas e crianças na “rua principal”, apenas grupos de jovens atentos, pois é à noite que as “bocas de fumo”, pontos de droga localizados nesta zona, podem trabalhar “sossegadamente”. Os moradores que estão dentro de casa e moram perto desses locais dormem ao *“ruído de uma grande movimentação”* do comércio aparentemente mais “quente” da área. É bom lembrar que outros estabelecimentos comerciais, pertencentes às famílias mais antigas do bairro, também fazem parte dessa área.

Essa dramática realidade aponta para uma tensão entre os moradores traficantes e/ou usuários de droga e os não traficantes e não usuários de droga. Concordando com ZALUAR⁶² a tensão acarreta um conflito que parece estar

⁶² Ver ZALUAR, 1994: 23.

relacionado com os diferentes universos simbólicos daqueles moradores que optam por uma,

ética do trabalho ainda valorizada, e que permite ao trabalhador sentir-se e aparecer publicamente como moralmente superior aos bandidos, e a contestação dos que a associam à escravidão. O que antes era tido como sina...desaparece para dar espaço à liberdade de escolha individual, o que diferencia moralmente os pobres entre os que gostam de trabalhar e os que não gostam, entre os trabalhadores e os vagabundos.

É evidente que a dicotomia trabalhadores versus bandidos não dá conta da complexa lógica do que é ser trabalhador, ou melhor, do que é considerado trabalho para os moradores do Matadouro. Há casos em que as pessoas não optam definitivamente por um lado (ser trabalhador) ou por outro (ser bandido/traficante). Conforme suas necessidades e seus “projetos de vida”⁶³, podem optar por ambos ou ainda transitar entre eles. Vejamos as palavras da mulher de um ex-traficante:

Se o dinheiro da obra era pouco e a gente queria melhorar...ia trabalhar pro tráfico...Fazer o quê?...Durante a semana ele era servente de pedreiro...esse dinheiro só dava pra gente comer...no final de semana ele vendia droga...esse dinheiro a gente guardava na poupança pra construir a nossa casinha.

Nos finais de semana, a “vida continua quase a mesma” na rua principal, a “única diferença” é que a movimentação de carros do presídio cede lugar às “bocas de fumo”, que são muito visitadas, principalmente pelos filhos dos “grandões da cidade”, que compram tranquilamente no local o “bagulho” para o final de semana. Moto-taxistas e taxistas também são mais vistos nos finais de semana no bairro, mas apenas até um certo horário, pois o “medo” de serem assaltados, como já aconteceu com eles ou com alguns colegas de trabalho os “impedem” de trabalhar lá. Segundo Seu Chico, um antigo morador do local,

⁶³ Ver VELHO, 1994.

o lugarzinho aqui até que é bom, mas só aqui no nosso bequinho (beco situado na área A), se tu põe a roupa no varal no resto do bairro, tu vai olhar depois de um tempo roubaram, aqui não...pois ali pra fora tem ponto de droga em tudo quanto é lugar, só não tem aqui...mas eu já morei em lugares melhores...em outros lugares o povo é mais organizado, aqui é uma coisa diferente, tem mais bagunça, o horário é diferente...chegando o verão isso aqui é movimento a noite toda...são tudo bagunceiro...ali no pé do morro o barulho é por causa de droga, sobe nego, desce nego a noite toda...e fuma, vende, cheira...

1.2.3 Área B

Quem mora aqui é porque não tem muita escolha, mas ao mesmo tempo é bom, porque fica muito perto do centro da cidade...(Ângela, 31 anos, moradora da área B).

Esta área está situada no morro. Existem quatro pontos de acesso a ela, dois deles localizados na área A e dois na área C. Moradores e “visitantes” desta zona do bairro só têm acesso a ela a pé, não existem estradas construídas, apenas “trilhas” por onde as pessoas caminham, não existindo, portanto, nenhum acesso para meio de transporte, nem para os mais utilizados no bairro, como carroças, motos ou bicicletas.

As pessoas residentes da área B, de maneira geral, são os moradores que estão há pouco tempo no bairro, pessoas que chegam durante a noite, “escolhem” um pedaço de terra, montam um “barraco” e ficam na cidade por um mês ou dez anos, *“até quando for possível sobreviver”*. Montar uma casa nesse local *“é mais fácil”*, pois fica escondida pela vasta vegetação do morro e tem um *“péssimo acesso para quem vem de fora”*; a *“luz, consegue-se com um vizinho”*, pelo sistema do “rabicho”, a água, pega-se numa “bica” na área A, quando não se tem acesso a ela.

Conforme o relato de Margarete, 33 anos, moradora do local,

Aqui é muito ruim de subir, falta muita água, se tem água de noite e quando tem...às vezes tem que mandar as crianças entrarem em casa depressa porque de repente vem um descendo morro abaixo cheio de branca e balança, se tá com os cornos cheio pode ficar perigoso...nunca se sabe...eu queria morar mais ali em baixo...aqui só com Deus mesmo...

As casas dessa área, na maior parte das vezes, são consideradas pelos moradores das outras zonas do bairro como as "menos equipadas". São todas de madeira, geralmente "madeira velha", "mal acabadas", às vezes não têm água, e o banheiro pode se resumir a uma "patente" externa à casa. Aqui as crianças também passam a maior parte do dia "empinando pipa e sapinhas" e dividem o seu território com vizinhos e familiares que, em grande parte, estão desempregados ou empregados no tráfico.

O tráfico de drogas, peça importante no cenário desta zona, como nas demais, com exceção da área F, revela-se uma organização complexa⁶⁴, sustentada por uma lógica hierárquica, em que cada pessoa desempenha um determinado papel. Segundo um morador do local:

Aqui todo mundo que mexe com droga tem uma função...aqui se dá nome aos bois...eu vou falar do menos importante até o mais importante: Casqueiro: é o usuário de casca (pedra de craque)...Ladrões que roubam pequenas coisas, da vizinhança mesmo,(tênis, roupa do varal, eletrodoméstico...) e trocam essas coisas pelo craque, eles também têm a função de avisar pros traficantes se a barra tá limpa, se não tem polícia na área. Laranja: usuários de droga...ficam de butuca, pra ver se a polícia aparece quando a droga tá chegando ou saindo do morro, também levam a parada (droga) pros compradores de fora do bairro e trazem o dinheiro pro traficante, também são conhecidos como leva e traz. Traficante: mandam no tráfico, são chamados também de cabeça. Existe vários tipos de traficante: Traficante Administrador: são os traficantes que pagam os laranjas e os casqueiros, esse pagamento é feito geralmente com droga, alimentação, bebida, lugar pra morar, proteção). Traficante laranja: traficante pequeno, pé de chinelo, vende quantidade mínima de droga, apenas para abastecer o bairro, não vende pra fora. Traficante quente: é aquele que abastece os traficantes laranja, vende só em grande quantidade.

⁶⁴ Ver FONSECA, 2000 e ZALUAR, 1985 e 1997.

Segundo alguns informantes da área, grosso modo, 70% dos compradores da droga do Matadouro são moradores do próprio bairro, os outros 30% são moradores de bairros vizinhos, principalmente do centro, sendo que hoje moram no bairro apenas traficantes laranja e administradores, já que, segundo as palavras de um informante:

Os traficantes quentes que moravam aqui, foram quase tudo morto, ou por concorrentes, ou pela polícia, ou morreram de AIDS, o último traficante quente daqui foi preso agora, há pouco tempo. Depois, os quentes também foram embora, porque o pessoal de fora não tá vindo comprar tanto aqui, porque tem medo da má fama do lugar..

Ainda sobre a lógica do tráfico de drogas, com exceção da área F, em que não pude constatar a presença da “droga”, e da área D (aqui as crianças são peças-chave no comércio de droga), as crianças com menos de doze anos não aparecem como participantes desse circuito. Por último, foi constatado que não há entre os moradores o hábito de discernir ‘usuário de droga’ e ‘traficante’, pois, segundo um morador, *“usou o troço, tá fazendo parte da gangue”*.

Neste local também residem muitos “trabalhadores”, como serventes de pedreiro, carroceiros (que deixam suas carroças no “pé do morro”) ou ainda pessoas que sobrevivem de pequenos furtos. Na entrada do morro pela área C, tem uma escadaria, construída de cimento, onde bêbados passam o dia em “conversas descompromissadas”, juntando o dinheiro que conseguiram de esmolas ou de pequenos furtos para comprar as “cachaças” que regam o seu cotidiano. Esses “bêbados”, são geralmente “maltrapilhos” que aparentam em média uns 60, 70 anos de idade, “velhos” que ajudam a compor o cenário do local.

É também nessas escadarias que se vêem, em plena luz do dia, jovens “injetando a branca”, “fumando a pedra”, um ritual trivial. É também nessas escadarias que se trocam e vendem objetos “roubados” no próprio bairro ou fora dele. É também por elas que sobem e descem as “donas Marias”, lavadeiras, faxineiras, catadoras de papel que “enfeitam” o local... Também são esses degraus

que dão acesso às excursões universitárias `a “favela Matadouro”. E é ainda nesse local que se travou e se travam alguns conflitos entre “repórteres e estudantes de jornalismo sensacionalistas” e moradores da área , que estão cansados de serem tratados como *“um bicho...pensam que aqui é um zoológico... essa gente não tem o que fazer...ajudar que é bom nada...”*. Aqui cito uma situação ocorrida no local, retirada de meu diário de campo, que poderá ilustrar a tensão entre moradores e ‘jornalistas’:

Uma moradora estava subindo as escadarias do morro com as mão cheias de sacolas; nisto, um professor de jornalismo, juntamente com uma turma de alunos estavam, cada um com sua máquina, tirando fotos do lugar...de repente...o professor olha para moradora e começa a falar...*lindo, lindo que cena linda...A senhora poderia parar para nós tirarmos uma foto sua?* No mesmo instante a moradora, aparentemente muito brava, responde: - *Tá pensando que eu sou o quê? Um palhaço??? Um animal de zoológico...a gente chega cansada do trabalho e ainda tem que aturar essas coisas...* No mesmo momento a mulher tirou as calças, mostrou a bunda pros fotógrafos e continuou o seu caminho...

Olhos atentos olham para baixo – isso pode significar um mero passeio visual sobre a paisagem do bairro, a espera de um ente querido, a saudade da terra distante ou a espreita de um comprador de um “bagulho qualquer”, ou de “alguém de fora” que pretende destruir a “harmonia” do local. Essa é a área do bairro a que os moradores das outras zonas demonstram ter menos apreço, segundo suas próprias palavras,

existe gente boa...mas tem muito bandidinho aí...outro dia tinha um subindo com uma balança para pesar a branca...na cara da gente...aqui é tudo na cara da gente...é ...mas eles não incomodam.... Ou, ir lá sozinho não é muito bom, se te conhecem tudo bem, mas se não qualquer objeto serve para se trocar por uma carreirinha de branca..., ou ainda, nesse morro vem muita gente de fora que não presta...só vem para incomodar....(Claúdia, 45 anos, moradora da área A).

Comparativamente com outras áreas, aqui as fisionomias das pessoas são mais “sofridas”, o local representa para algumas a única alternativa de sobrevivência, para outras a esperança de olhar para baixo e ver que está a um

passo de uma “vida melhor”, como comentava outro dia uma moradora: *“o meu sonho é morar lá embaixo, lá o meu marido pode ter uma carroça própria...melhorar a vida..”*. Ou ainda, quem sabe, olhar para cima e se sentir mais perto do céu, já que, conforme opinava outro morador do local, *“aqui a única alternativa é rezar”...*

Como o morro tem várias saídas e uma vasta vegetação nativa, tornou-se um local propício para ser o “esconderijo ou passagem” de presos que fogem do presídio ou daqueles que já cumpriram sua pena e retornam a uma “vida de criminalidade”, já que nesta área residem alguns pequenos traficantes e aqueles que trabalham para eles. Alguns tiros advindos do morro podem ser ouvidos por alguns moradores das outras áreas do bairro – pode ser algum traficante treinando sua pontaria, testando a nova arma, ou a polícia na busca de algum fugitivo.

Isto já foi mais freqüente, pois, segundo alguns moradores, hoje é quase raro. Algumas mães moradoras do bairro falam ter muito medo de que um desses tiros atinjam alguma criança acidentalmente. Enquanto eu estava em trabalho de campo no local havia um “boato” de que uma criança teria sido atingida por um tiro disparado por um vizinho, que “brincava” com sua arma.

Mas o que mais freqüentemente aterroriza alguns moradores é alguma rebelião no presídio, que muitas vezes acaba na fuga de presos. Segundo um informante, *“quando há fuga no cadeia o pessoal fica todo ligado, as mães chamam as crianças para dentro de casa, vai que um desses sem querer pega uma criança como refém?!?!”...*

Durante a semana, à noite, a movimentação no morro é grande devido ao tráfico de drogas, ou, nos finais de semana, às “festinhas”, geralmente churrasco e pagode para comemoração de alguma data especial. Nessas festas, além de música ao vivo (pagode), samba “nas pontas dos pés”, cachaça, diversão e brigas, as pessoas da área encontram um bom pretexto para se socializarem. Esses encontros acontecem na casa de um morador que tem algum motivo para comemorar, diversão certa para uma fatia desta população, e apenas proibida explicitamente para os “de fora”, que não são bem-vindos, para “os de dentro”

que têm “algo mal resolvido” com o anfitrião e para os evangélicos, que não participam de comemorações “do mundo”.

Por não existir nenhum estabelecimento comercial no morro, os moradores desse local compram seus alimentos nas “vendas lá de baixo” ou nos mercados próximos ao bairro. Alguns se alimentam de esmolas, outros ganham “sacolão” da prefeitura. Não é possível a coleta de lixo por dificuldades de acesso ao morro, o que favorece um grande acúmulo de lixo dividindo espaço com a vegetação nativa, as famílias, as crianças e os cachorros, quando estes não morrem no local por falta de alimentação. Ouvi a história de uma jovem que disse sofrer muito em criança quando via seus cachorros morrerem por inanição, *...“a gente já não tinha o que comer, imagina os cachorros coitados...morriam de fome...morriam mesmo”....* Quando chove, o lixo desce a ladeira juntamente com a água, motivo de conflito freqüente entre os moradores do morro e os de baixo. Segundo conta um morador “de baixo”, *“isso...quando eles não descem o morro e jogam o lixo na frente da casa da gente, na rua da gente,” ...*

1.2.4 Área C

... não é que não aconteceu algumas mortes por aqui, já aconteceu bastante, mas isso aí é relativo... matam aqueles que se misturam lá com as marafunda....(Rose, 52 anos, moradora da área C).

A área C foi sendo desenvolvida quase que concomitante com a área A, portanto, é tão “antiga” quanto ela. Nessa área existem aqueles que moram no bairro, no mesmo local, há mais de três décadas e, segundo relatam seus moradores, “tudo começou” com a vinda de famílias de migrantes “negros” da cidade de Rio do Sul. Essas famílias foram se multiplicando e seus descendentes ainda hoje habitam esse local, sendo esta uma das razões da identificação da área pelo atributo “a negada lá de baixo”.

Conforme expressa Juliana, 55 anos, moradora do local,

tem que vir aqui e conferir para ver se é perigoso...porque o perigo tá em tudo quanto é lugar...não é porque é matadouro que vai deixar de vim aqui porque é matadouro...tem que conhecer o bairro...o povo vem aqui e vê que não é ruim...falam: ah, dona...isso aqui parece um pedacinho do Rio de Janeiro...tudo tão calmo...o pessoal fala por causa do abatedouro de boi que tinha ali, daí os outros interpretam mal, acha que é porque mata, que é matadouro...não é que não aconteceu algumas mortes por aqui, já aconteceu bastante, mas isso aí é relativo, acontece em qualquer lugar...tem lugar lá no Rio de Janeiro que eles matam 30, 40 por dia, mas ninguém se mudou-se de lá...matam aqueles que se misturam lá com as marafunda, ou sai uma bala perdida...quem é bom não se mete em confusão...daí nada acontece...

Em 1950 foi construída na área C a primeira capela do bairro Matadouro, em seguida funcionou no prédio uma creche, depois a sede da associação de moradores e hoje retornou à sua funcionalidade inicial, isto é, o local é novamente a capela do bairro; além de servir para novenas e missas, serve também como ponto de encontro entre algumas moradoras das várias áreas do bairro, que fazem cursos de corte e costura e cabeleireiro oferecidos por voluntários residentes em outros bairros do município. É também nesse espaço que acontecem as reuniões de associações da Igreja Católica, como a “Pastoral da Criança”. Além da capela, há nessa área um boteco, ponto de encontro da “negada” e simpatizantes, local onde há alguns anos houve o assassinato de um negro por dois brancos, cuja causa, segundo alguns moradores, foi o “racismo”.

Nessa região do bairro Matadouro há uma sociabilidade masculina em que reinam o pagode, o jogo de cartas e o dominó, regados com cerveja, cachaça e amendoim. Há muita conversa sobre mulher e futebol, mas principalmente sobre “política”, já que a dona do bar e seus freqüentadores mais assíduos são membros da associação de moradores. Aliás, a diretoria da associação é composta quase que exclusivamente por moradores dessa área. São também, em sua maioria, os residentes do local que organizam a maior festa que acontece anualmente, há mais de quinze anos, no bairro: a Festa do Dia das Crianças. Nesse dia, a rua torna-se uma grande mesa de refeição, montada sobre

cavaletes e coberta por toalhas brancas, onde um almoço é servido para as crianças e seus familiares (geralmente, “galinhada com “maionese”). Guloseimas e brinquedos são entregues às crianças, e uma missa é rezada pela Igreja Católica num altar montado pelos moradores ali mesmo, ao ar livre. Brincadeiras são realizadas com as crianças, entretanto muitas vezes os recreadores são “de fora”, possivelmente alunos e professores da universidade que fica ao lado do bairro (*... esse pessoal é legal, pena que eles só vêm no dia das crianças...depois desistem...esquecem da gente...*).

Geralmente a maioria das crianças moradoras de todas as áreas do bairro participa desta festa, com exceção de algumas evangélicas, pelo fato de a festa estar atrelada à Igreja Católica. Alguns alimentos, guloseimas, e brinquedos da festa são doados pelos próprios moradores do bairro (*...cada um ajuda como pode, um dá um quilinho de arroz, o outro um ovo e assim vai...*), mas a maioria dessas doações são feitas por pessoas que moram fora do bairro, principalmente por políticos (*...quando é ano de eleição eles dão um monte de coisa, nos outros anos a gente sofre para conseguir algum...tem muito interesse aí...*). Como ela mesma diz:

...eu aprendo muito com esses meninos, e eles comigo também, eu adoro essa troca, sempre levo o pessoal para conhecer o bairro...principalmente no morro atrás do cadeião (área F), nesse morro aqui(área B) eu não gosto muito não, o pessoal é muito grosso...

A área C é a mais próxima da universidade, e alguns de seus moradores têm servido de “informantes” para técnicos e pesquisadores dessa instituição. Dona Maria, ao contrário de moradores da área B (morro), diz sentir-se muito feliz e gratificada por poder ajudar a universidade.

Ao mesmo tempo em que Dona Maria diz estar contente com a universidade, reclama que na maioria das vezes essas pessoas *...vêm, fazem entrevistas, tiram fotos e não voltam mais...* E diz sentir-se preocupada com a possibilidade de a universidade querer expandir-se e tirá-los dali (*“...daqui eu gostaria de sair só para o cemitério..*).

Como as outras, as crianças da área C “empinam muita pipa”, mas também jogam muita bola, andam de bicicleta, atividades que se vêem pouco nas outras áreas. Como já apontei anteriormente, as crianças não têm uma participação intensa no tráfico de drogas; o que pode ocorrer, como já observado, é que, em troca de doces ou por medo de uma represália, uma criança ou outra, pode eventualmente vir a desempenhar o papel de *laranja* e avisar ao traficante se há policial no *pedaço*. Uma hipótese que levanto para explicar o distanciamento dessas crianças do circuito do tráfico é o controle exercido pelas mães⁶⁵. Principalmente nessa área, pois, como já falei anteriormente, é no quintal da “capelinha”, precisamente ao “pé do morro”(área B), que, durante a noite, alguns moradores do morro se encontram para se drogar, vender e trocar “bagulho”, encontrar-se com os amigos ou achar uma “vítima” que passar pela rua.

O controle moral por parte das mães sobre os filhos aparece em suas falas, gestos, e na pouca participação das crianças no tráfico aqui. Esse controle materno parece estar intimamente ligado a uma necessidade da mãe de proteger o filho daquilo que lhes parece ser o *destino*⁶⁶ comum de muitas crianças que elas já viram crescer. Nas palavras de uma mãe: “*eu não vou deixar meus filhos soltos por aí, depois viram tudo bandido, igualzinho essa gurizada aí...*” O que parece acionar esse controle é um sentimento de medo protagonizado por essas mulheres, principalmente quando se vêem ameaçadas pelo *perigo do tráfico* evidenciado nessa área e, como já falado, pela polarização de “traficantes” e “usuários” nos arredores da “capelinha”. Segundo Josete, 25 anos, moradora do local,

A iluminação é fraca, isso quando eles não quebram todas as lâmpadas, o ambiente propício para eles fazerem as malandragens deles...mas já estamos providenciando a construção de um muro aqui, semana passada mesmo arrombaram a porta da capelinha e roubaram um fogão aqui, a

⁶⁵ Ver C. FONSECA (2000), principalmente Cap. 4 “A mulher valente”.

⁶⁶ Sobre a categoria destino, ver VELHO (1994).

população ficou indignada e foi lá cobrar dele...só podia tá drogado mesmo....

É comum que o controle materno torne-se mais tênue, ou mesmo deixe de existir por volta dos 12 anos, quando muitas crianças começam a ser pressionadas para ajudar financeiramente em casa, dando lugar à “liberdade” de ir e vir, liberdade de escolha⁶⁷, para o jovem seguir seu caminho. O que muitas vezes acontece, e é temido pela maioria das mães do Matadouro, é a busca do *dinheiro fácil* por parte do jovem, no tráfico de drogas, nos pequenos furtos e em todo negócio considerado ilícito por uma grande parcela dos *moradores trabalhadores*⁶⁸ do bairro.

© Seria profícuo ressaltar que as mães, mesmo demonstrando medo pelo futuro de seus filhos, cuidando para que eles, segundo algumas moradoras, *não caiam na tentação da busca pelo dinheiro fácil*, muitas vezes seus discursos tornam-se contraditórios, pois negam a participação de um jovem *nascido e criado* no Matadouro em qualquer situação que lhes pareça moralmente condenável. Vejamos na fala de uma mãe:

"...já ouvi dizer que já pegaram muito motorista aí e já assaltaram...eu não quero jogar confete e nem acobertar ninguém...só que isso aí não é só no matadouro...daí o povo fala: é assim porque é matador...não é porque é matador, é porque todo lugar é assim...e o que tem de ruim aqui, fazendo mal pras pessoas, pode ter certeza que não nasceu aqui no matadouro...veio depois...criei meus filhos tudo aqui, seis, quatro homens e duas mulher, tem tantas vizinhas que criaram os filhos tudo aqui...aqui tem muito imigrante, vem do Paraná, Rio Grande do Sul...vou dizer o seguinte, criança que nasceu aqui e deu bandido, pode contar nos dedos que é pouco...é coisas que vêm de fora, coisas que saem da cadeia e já ficam aí pelo morro, coisas que já vêm fugido de outros lugares, já ficam por aí fazendo malvadeza...daí o lugar já não tem boa fama, piora cada vez mais...as crianças que nasceram e se criaram aqui não tem bandido".

⁶⁷ Ver G. VELHO 1985 e 1994, em que o autor discute as vicissitudes da liberdade e projetos individuais.

⁶⁸ Ver mais uma vez ZALUAR 1994.

Esta fala remete-me, mais uma vez, aos preciosos estudos de FONSECA⁶⁹, que constatou por parte dos moradores de uma dada comunidade um certo grau de protecionismo ou ainda um zelo pela reputação dos seus, recorrendo aos *outsiders*⁷⁰ para justificar qualquer “desordem” no seu *pedaço*. Ao que parece, no Matadouro esse comportamento é recorrente.

1.2.5 Área D

..... isso a gente vê com tranquilidade...é um montinho bem pequenininho...um pouco maior que uma cabeça de fósforo...enliadinho num plasticozinho, nesses plásticos de sacola de supermercado...(Ricardina, 35 anos, moradora da área D).

A área D está situada do outro lado do trilho e é conhecida como “beco do alemão”, pois, segundo algumas narrativas, um dos primeiros moradores dali era um senhor loiro e alto que era chamado de alemão. Boa parte das casas desta zona ficam de frente para a universidade e “coladas” numa via expressa asfaltada, que hoje corta o bairro em duas grandes regiões, e onde antes existia o tronco ferroviário Itajaí-Blumenau.

Algumas pessoas que anteriormente moravam em outras áreas do bairro e hoje moram nessa região dizem gostar muito dela, pois fica longe do morro e do “cadeião”. Na região também existe o comércio de “drogas” e, diferentemente das outras áreas, aqui comanda o tráfico apenas uma família, cujos membros (pais, filhos, primos, sobrinhos, irmãos, etc.) vivem em várias casas, uma ao lado da outra.

Um número relevante de pessoas que habitam a área faz parte da “família do tráfico” ou são pessoas que de alguma forma estão atreladas a ela,

⁶⁹ Ver FONSECA, 2000.

⁷⁰ Ver ELIAS, 2000.

isso quando não estão presas no “cadeião”. Essas idas e vindas da cadeia parecem ser um movimento comum, conforme muitos dos inúmeros depoimentos que ouvi de meus informantes ao longo do meu trabalho de campo, tais como:

... algumas pessoas ficam presas seis meses, depois ficam soltas mais seis, depois voltam para a cadeia novamente...uma vez a família toda foi presa, de uma só vez...

ou,

....ficam o tempo todo perambulando pela rua perto de suas casas, esperando compradores, fofocando, negociando, ou de olho na polícia...

ou, ainda,

...as batidas policiais aqui são freqüentes, outro dia ouvi uma contando bem alto para todo mundo ouvir, que só se salvou, porque enganou os policiais escondendo a "branca" dentro da calcinha...

O significado dessas tensões está expresso no longo depoimento de uma moradora do local que transcrevo integralmente a seguir:

...um taxista trouxe uma pessoa até aqui perto da minha casa...aqui nos fundos...quando chegou aqui próximo a pessoa entrou num beco, fez com que o carro entrasse num beco sem saída...e essa pessoa, até era uma mulher...disse para ele: não grita, por aqui a barra é pesada....daí ele disse que na hora lembrou de mim, de uma outra vizinha, mas não fez nada pois ela estava armada, e ele disse que ela estava tão determinada a levar o dinheiro dele que para enfiar a faca nele não seria difícil...isso aconteceu quando eles começaram a vender droga aqui...e hoje em dia isso aqui é um absurdo, um absurdo mesmo...tem dias, acho que foi semana passada mesmo, eu estava lavando roupa...tinha duas policiais femininas aqui no beco, chegaram perto do portão...olharam para dentro do quintal...olharam para cá, para lá...né? de uma certa forma é desagradável, tu morar num lugar assim...é sempre bom ter uma pessoa cuidando, mas não por esse motivo...a gente não sabe quem é quem, se o policial veio comprar, veio dar alguma dica...eles estão sempre rondando...teve uma época que eles trouxeram um cachorro, dentro de tanta sujeira... o cachorro não farejou nada...risos...tem cada caso que elas (traficantes) contam...elas não são nada discreta...digamos assim: se elas tiver conversando que compraram ou venderam droga ali no portão e me vêem ali, ou alguém, elas não falam mais baixo, continuam falando...estavam falando um dia desses que um dia a polícia bateu na

casa de determinada pessoa, então essa pessoa encheu a boca de branca, aí quando o policial foi perguntar alguma coisa para ela, ela não podia nem falar, pois estava com a boca cheia de branca, né, daí disse que o policial falou assim: agora tu não pode falar, tá com medo de falar...risos....não é porque ela tava com medo, mas sim porque tava com a boca cheia de branca...elas põem, escondem a branca dentro da calcinha, logo que tiram, já vendem na hora e vendem para alguém...tirar o montinho que eles fazem de branca...isso dá para ver...eles fazem ali no beco...isso a gente vê com tranquilidade...é um montinho bem pequenininho...um pouco maior que uma cabeça de fósforo...enliadinho num plasticozinho, nesses plásticos de sacola de supermercado...se eles têm na mão e tu passas por eles, eles não escondem não, eles fazem questão de abrir a mão para tu vê o que eles têm na mão...um dia desses a polícia bateu na casa de uma guria, ela encheu a calça de petequinhas de branca, e depois a polícia foi embora, alguém veio comprar, ela tirou de dentro da calcinha, e vendeu...a pessoa levou aquilo mesmo...é bem por aí...

Nessa região existe um “beco” que é o ponto preferido para o comércio do tráfico; durante a noite ele é pouco iluminado, e geralmente usuários de droga compram o “bagulho” e ficam por ali mesmo. É comum ver-se pessoas sentadas, deitadas no beco...utilizando droga (cocaína, craque, maconha).

Essa área é a mais próxima do centro de Itajaí, e também é a zona em que há maior número de casas sem banheiros – as pessoas defecam e urinam em seus quintais, às vezes também não tem luz, água e gás (fazem uma fogueira com “gravetos” e cozinham). Geralmente esses quintais estão entulhados de lixo.

Segundo pondera Leopoldo, 35 anos, morador do local:

... são alguns moradores dessas mesmas casas que dão “cobertura” para os traficantes, guardando “bagulho” em seus quintais, avisando quando a polícia vem. Em troca, ganham comida, roupas, um saco de cimento, madeiras para uma reforma...É, mas não são só eles não, que dão cobertura..., tem neguinho aí que eu sei...mora lá do outro lado do trilho, é policial, e avisa os traficantes aqui quando a polícia vai dar uma batida...em vez de ajudar a melhorar a cara do bairro, ajuda é a piorar.

Embora o “cadeião” esteja localizado “no outro lado do trilho”, foi nesta área que apareceu mais explicitamente um conflito entre a polícia e os

moradores. Muitos moradores da área reclamam da “folga” da polícia, que de vez em quando invade seus quintais para passar para o quintal da casa de suspeitos que moram no beco:

...esses policiais são muito folgados...invadem a casa da gente sem permissão...também agora eles vão ver, estou construindo um muro bem alto... não respeitam a gente...só porque a gente é pobre...pensa que a gente é bandido...

Assim, “a polícia tem uma imagem ainda muito negativa nesta população (...). Aqui a posição se inverte.” São os moradores do Matadouro “que encaram a instituição policial como ‘fora da lei’ e como mecanismo primordial de injustiça(...)”. A polícia é considerada, principalmente pelos moradores dessa área, “como aquela que persegue os trabalhadores, que os humilha (...) uma criatura e uma criadora de repressão...”⁷¹.

Contrariamente às outras zonas, as crianças aparecem nesta área como as mais próximas e atuantes no tráfico de drogas, até porque aqui são famílias inteiras que estão envolvidas com este “comércio”. Assim, neste local, as crianças parecem brincar menos, já não se vêem tantas pipas como nas outras áreas, aqui elas aprendem cedo que precisam si mesmas para sobreviver. Saem desde pequenas para pedir esmolas e, geralmente, ajudam no tráfico (enterram envelopes com a “branca” em baixo de árvores e depois os desenterram no momento certo em que o traficante precisar; despistam policiais; acompanham clientes até a “boca de fumo”...). Isso em troca de moedas, doces, drogas e da proteção contra recorrentes atos de violência física contra elas (ouvi de moradores que muitas crianças são espancadas pelos pais ou *responsáveis* se não fizerem sua parte no negócio da família).

⁷¹ Ver ZALUAR, 1994, p.94-95.

1.2.6 Área E

...o negócio não tá bom, tá feio...bate-boca: é vagabundo, é puta, sai essas coisa assim...(Inácia, 68 anos, moradora da área E).

Esta área também fica localizada “depois do trilho”, ao lado da área D. A rua considerada a principal e a maior do bairro inicia-se nesta região e termina na área A. Alguns dizem que é tão antiga quanto a área A, outros falam que surgiu depois, com a construção da escola, que hoje, apesar de ter sido reconstruída, está no mesmo lugar, ao lado da creche. Aqui, além das moradias semelhantes às observadas nas outras áreas, as casas são, muitas vezes, de alvenaria e pintadas. Existem sobrados com jardins, uma casa com piscina, geralmente as moradias têm grades e muros e a maioria das pessoas possui automóvel.

As mulheres e crianças já não ficam muito tempo fora de seus quintais, e as compras de alimentos e a de muitos outros produtos são feitas geralmente no centro da cidade ou num bairro vizinho. Existem pessoas que moram nesta área e trabalham “em prol” dos moradores do outro lado do “trilho” e geralmente estão engajadas em algum movimento, tal como a “Pastoral da Criança”.

Existe um sentimento em comum de pena, misturada com indignação, por parte desses moradores para com “seus vizinhos” “do outro lado do trilho”:

Coitados, são tão pobrezinhos, é, mais eu também era pobre assim e não era porca, não roubava, não usava droga, falta um pouco de vergonha na cara...é, mas quando a gente pode, a gente ajuda...

ou,

...não sei o que esse pessoal do morro vem fazer aqui, porque não vão morar em outro lugar...esse pessoal só vem trazer mais pobreza para cá...coisa boa não vem...”

ou, ainda,

lá tem gente boa, trabalhadora, mas esse é o pessoal que mora lá há anos, o pessoal antigo, porque esses novos, não prestam, vem não sei de onde só para incomodar.⁷²

Ali presenciei várias brigas entre vizinhos que moram um defronte ao outro, separados apenas pela rua. Suas alegações variavam: *"seu filho quase atropelou o meu"*, *"esses seus filhos ouvem som muito alto, eu trabalho e preciso dormir"*. Num desses casos a polícia foi acionada pela vizinhança, pois um vizinho *"queria matar o outro"*...Nesse dia os moradores do outro lado do trilho vieram presenciar o que estava acontecendo, e ouvi o comentário: *"... e dizem que é a gente que não presta..."*.

Segundo um relato feito por uma moradora local:

"...o negócio não tá bom, tá feio...bate-boca: é vagabundo, é puta, sai essas coisa assim... sai essas coisa assim...essa rua era boa pra morar, mas depois que esse vizinhos viraram a se desentender a gente fica chateada também...é uma coisa ruim pro bairro...porque acumula muita gente...na hora da discussão vem gente de tudo quanto é canto assistir...na última vez desceu o morro todo...a discussão foi bem feia...então, falando da polícia: esse vizinho aqui chamou, a minha filha chamou, a professora chamou...muitas vezes, porque foi na hora da escola...chamaram, chamaram essa polícia, a gente via jeito deles se matarem e essa polícia não chegar...depois a polícia veio...estacionaram o carro, dois carros, daí os policiais vieram assim...com os dois braços cruzados, não levaram ninguém, ficaram ouvindo todo mundo ao mesmo tempo, não fizeram nada, viraram as costas e foram embora...a polícia deixa muito a desejar, eles demoram muito pra vir...a gente falou assim: vem rápido porque eles tão quase se matando...mas eles demoram...isso é uma coisa que tem que acabar, é perigoso essas brigas de vizinho...antes era bem calma...apesar dos pesares, eu não pretendo sair daqui..."

A maioria dos moradores com quem conversei nessa área disse não se sentir como morador do "Matadouro", já outras afirmam fazer parte do bairro, mas ao mesmo tempo entram em contradição (*"...para que mentir, eu moro no*

⁷² Ver ELIAS, 2000 em "Os estabelecidos e os outsiders". Aqui, como discutirei mais tarde, o autor demonstra os conflitos vivenciados entre *antigos moradores* e migrantes de uma pequena comunidade inglesa.

matador e não sinto vergonha disso...apesar daqui ter muita coisa ruim, como em todo lugar, tem muita coisa boa também...”). Essa mesma pessoa entregou-me um cartão do seu estabelecimento comercial, que é contíguo à sua casa, e no cartão está o nome da rua em que reside, mas no lugar do nome do bairro está escrito : centro.

1.2. 7 Área F

...Eu gosto daqui...aqui em cima é um lugar mais quieto, mais sossegado, não tem tanta violência como lá em baixo...roubo... Ali em baixo é muito pior, aqui em cima é mais tranquilo, mais sossegado, a gente pode deixar tudo na rua ninguém mexe... (Raquel, 46 anos, moradora da área F).

A área F está localizada num morro atrás do presídio, sendo a área mais isolada geograficamente das outras, bem como do centro da cidade. A única via de acesso, além de íngreme, é de barro. Automóveis não têm acesso ao local e, quando chove, as pessoas dificilmente saem de casa: as crianças, por exemplo, não vão à escola. Nessa área as casas são todas de madeira, algumas pessoas plantam para subsistência, criam galinhas, porcos, o local tem a aparência de um pequeno sítio...O ar é puro, tem muitas árvores, e o terreno é considerado uma área de “preservação ambiental”.

Nessa área, como na área B (que também é morro), as pessoas chegam de madrugada, pegam um “pedaço de chão” e ficam lá por algum tempo, depois vão embora, depois retornam. Ali existem migrantes de várias cidades de Santa Catarina, bem como de outros bairros da cidade, pessoas também do Paraná e do Rio Grande do Sul. Nesses terrenos elas não pagam luz (fazem “papagaio”) nem água, que pegam de uma bica ou de um vizinho de baixo.

Ali, como nas outras áreas, com exceção da E, vêem-se muitos homens e mulheres durante o dia em casa; grande parte deles está desempregada, ou tem empregos temporários, “bicos” (ajudante de pedreiro, carpinteiro, vigia de obra em construção).

Alguns moradores disseram-me que consideram o local muito tranquilo e diferente das outras áreas do bairro. A área é chamada por alguns moradores ‘lá de baixo’ como “outro mundo”. As crianças brincam muito entre si, tem muito cachorro e, como nas outras áreas, há muita briga entre a vizinhança. É a única área do bairro em que não ouvi falar de “pontos de droga”, e nem os vi. Segundo alguns moradores, possivelmente um dos fatores que coopera para a ausência do tráfico de drogas nesse local é o fato de que ele está situado atrás do “cadeião”, já que em caso da atuação da polícia, para um *suspeito* ou *traficante* seria muito difícil a fuga.

Aqui no morro é mais tranquilo...com certeza no resto do bairro tem muita droga...é ninho de droga...do cadeião pra lá é um ninho...quando eu morava ali ninguém podia dormir, era uma bagunça de droga, era maconha, era pedra...a polícia ali do cadeião não pode fazer nada. (Adriana, 40 anos, moradora da área F, ex-moradora da área A)

Um fato muito curioso que ocorre nessa área é que as pessoas trocam suas casas entre si freqüentemente:

Vou à casa dela...se gostei da casa e ela também gostou da minha e já estamos enjoados de nossas casas, trocamos uma casa pela outra..

A troca de casas aparentemente parece ser algo ocasional, mas, como pude observar, essas trocas ocorrem principalmente quando há desentendimento entre a vizinhança. Assim, se um morador deseja *livrar-se* do mais novo *inimigo*, tenta trocar a sua casa pela de um vizinho mais distante, mesmo que essa distância não ultrapasse cinco metros, como pude verificar.

É mister relatar que nessa área, com a ausência do tráfico de drogas, os desentendimentos entre a vizinhança ocorrem, indubitavelmente, em razão de “fofocas”, têm como protagonistas geralmente as mulheres, já que, quando não estão ocupadas com os afazeres domésticos, elas sentam-se em pequenos grupos em frente as suas casas e ficam conversando e “fofocando”, enquanto os homens

estão mexendo em alguma ferramenta, com o intuito de reformar a casa. Concordando com FONSECA⁷³, nessa área do Matadouro, como nas demais:

"A fofoca envolve (...) o relato de fatos reais ou imaginários sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança".

Ainda mais, as moradoras do Matadouro "falam mal umas das outras, constantemente, acusando-se de serem negligentes quanto às responsabilidades domésticas" (*aquela ali é uma porca, depois não sabe porque o marido foi embora ou porque os filhos vivem doentes*). "Este tipo de crítica pode ser repetido cem vezes sem provocar reações, mas um dia, devido a uma mudança de contexto" (quando, por exemplo, uma mulher acabara de perder o filho recém-nascido) "desata a violência e a ruptura social"⁷⁴ (como já mencionei a "fofoca" pode levar as pessoas a mudarem de casa, para *se verem livres, da fofocada da vizinha*).

Recentemente foi construída uma Igreja Evangélica (também de madeira) nesse morro; "participei" de alguns "cultos" e percebi que moradores "lá de baixo" vêm até à Igreja, um raro momento de socialização entre as áreas do bairro, que acaba na hora em que o culto é dado por encerrado.

Aqui a gente não se mistura não...cada um no seu canto...lá no outro morro ninguém vai...porque se for já ficam te olhando como se tu tivesse feito algo de errado...ali em baixo a gente só passa...não fica de trólólo com a vizinhança...do outro lado do trilho já é longe...a gente só fala lá com o pessoal da pastoral da criança que moram lá...na rua de baixo nem vamo...aquela negada é muito boba...pensam que mandam no bairro...então é cada um na sua e pronto...Eles agora tão vindo pra cá, mas só pra vir na igreja...

⁷³ Ver FONSECA, 2000:41.

⁷⁴ Cf. FONSECA, 2000:47.

As crianças nessa área parecem não estar envolvidas no tráfico de drogas, assim como os seus familiares. Como nas outras áreas, brincam apenas entre si, não há socialização com membros das outras zonas, seguindo os mesmos passos dos adultos. Há cinco anos, em comparação ao restante do bairro, o índice de mortalidade infantil aqui era alto, devido à desnutrição e à falta de informação das mães. Segundo uma mãe, "*a gente não sabia que tinha que ferver água pra dá pra crianças...soro mesmo, só fui saber o que era isso a uns cinco anos atrás...*". Esse quadro foi revertido depois da ação assistencial desenvolvida pela Pastoral da Criança no local, segundo uma moradora da área E, membro dessa organização:

A gente não ia naquela parte do bairro antes...porque o acesso lá é muito difícil...aquele morro é muito ruim de subir...mas como as coisa foram se agravando, tivemos que enfrentar os obstáculos e ir até lá...

Assim, fica evidenciada uma forma de socialização entre moradores de áreas diferentes. Moradores da Área E, como já havia citado, freqüentam a Área F, a princípio, com o intuito de *fazer caridade*, mas o que me parece determinante para essa aproximação é o desejo, por parte dos moradores do outro lado do trilho (principalmente da área E), de se diferenciar da parte *pobre* do bairro, não apenas geográfica, mas hierarquicamente.

Além disso, os sentimentos ambivalentes que moradores de ambas as áreas nutrem entre si aparecem nas relações conflitantes que acontecem, principalmente, pela vida em sanduíche⁷⁵ que as famílias consideradas em ascensão vivenciam no bairro.

⁷⁵ Ver FONSECA, 2000, principalmente cap. 3. Utilizo esse termo da autora, por acreditar que, mesmo morando num tipo de casa diferenciado das demais moradias das outras áreas do bairro e adotando outro estilo de vida, essas pessoas, geralmente, ex-moradoras de outras áreas do bairro consideradas mais *carentes*, convivem diariamente com a realidade que tentam transcender. Recebendo visita de familiares ainda em *situação de pobreza*, de vizinhos clientes, e neste caso, representando uma organização filantrópica, mesmo que esporadicamente entram em contato com o seu antigo *habitat*.

A gente tem que sair da casa da gente e vir até aqui pra ensinar esse pessoal...tem uns que aprendem logo...mas outros só matando...(moradora da Área E, referindo-se a moradores da área F),

ou,

Esse pessoal vem aqui, e só quer dizer o que a gente tem que fazer, até parece que nunca foram pobre...até parece que sempre moraram depois do trilho...as vezes ajudam...mas as vezes só atrapalham...(moradora da área F se referindo a alguns moradores da área E).

Geralmente, morando no “outro lado do trilho” (principalmente na área E), essas pessoas, ao se lançarem numa trajetória social em que a mobilidade individual e seletiva são determinantes, deixam para trás não apenas um modo de vida, mas uma rede de sociabilidade e de familiaridade que, em última instância, sustentava suas identidades. Aqui, compreendo aquela pretensa *caridade*, como um ato contraditório, em que o *ascendente*, ao mesmo tempo que tenta distanciar-se do antigo vizinho, encontra uma maneira de não fazê-lo por completo. Até porque uma cisão total seria incoerente com o que vem se revelando como constituinte da dramática desse bairro *popular*. Refletindo, mais uma vez, com FONSECA :

“Coesão, cisão-solidariedade, individualismo. Respostas lógicas às condições de precariedade econômica e política, essas duas tendências aparentemente contraditórias são estratégias empregadas em alternância” pelos moradores das diversas áreas do Matadouro “não somente para sobreviver, mas também para vencer na vida. E longe de se anularem mutuamente, é, de certa forma, a interação das duas que contribui para o caráter particular da cultura popular tal como se manifesta nesta pesquisa” no Matadouro.⁷⁶

⁷⁶ Ver FONSECA (2000:112).

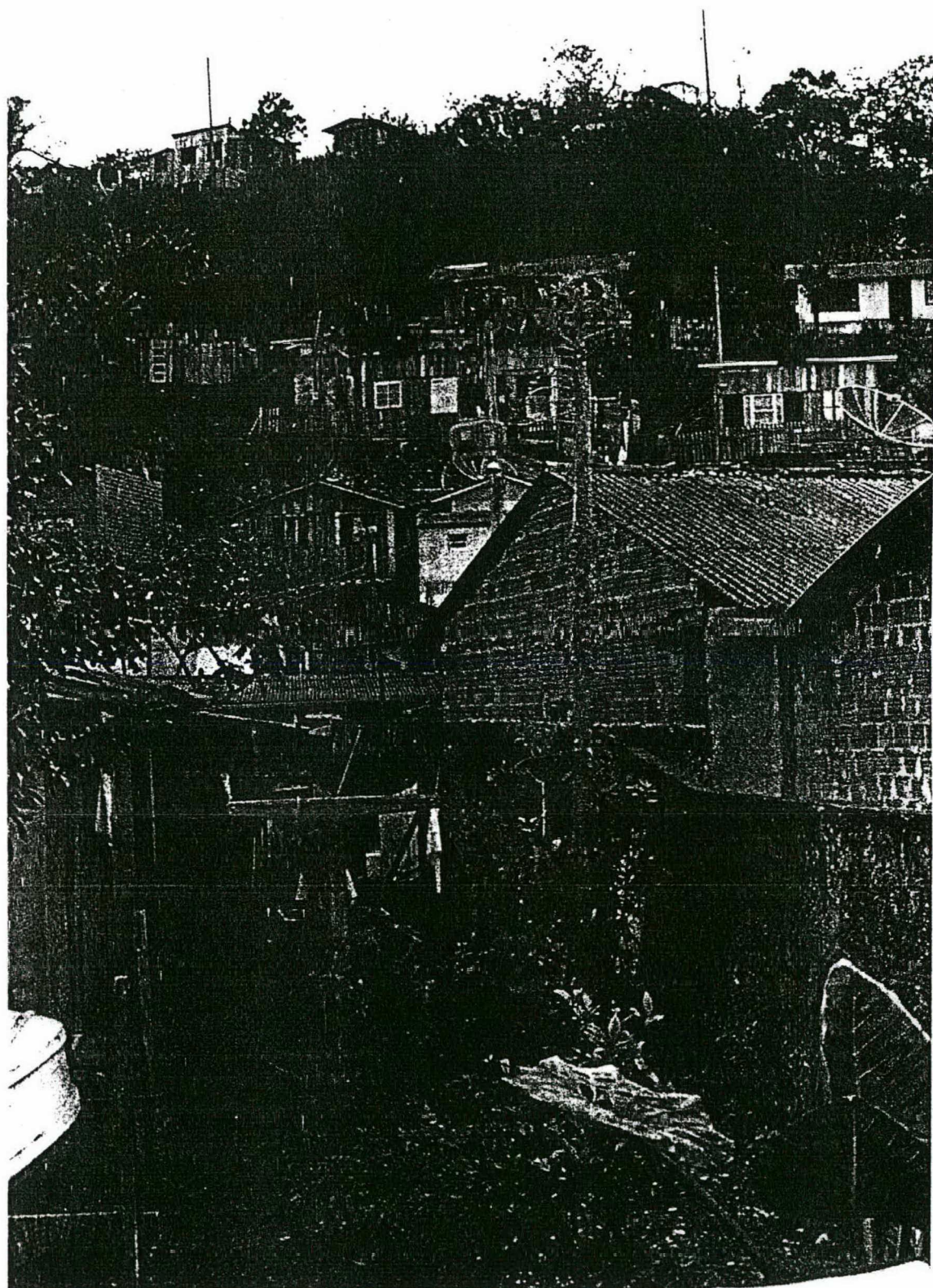


Foto 1. Área A do Matadouro.



Foto 2. Área B do Matadouro.

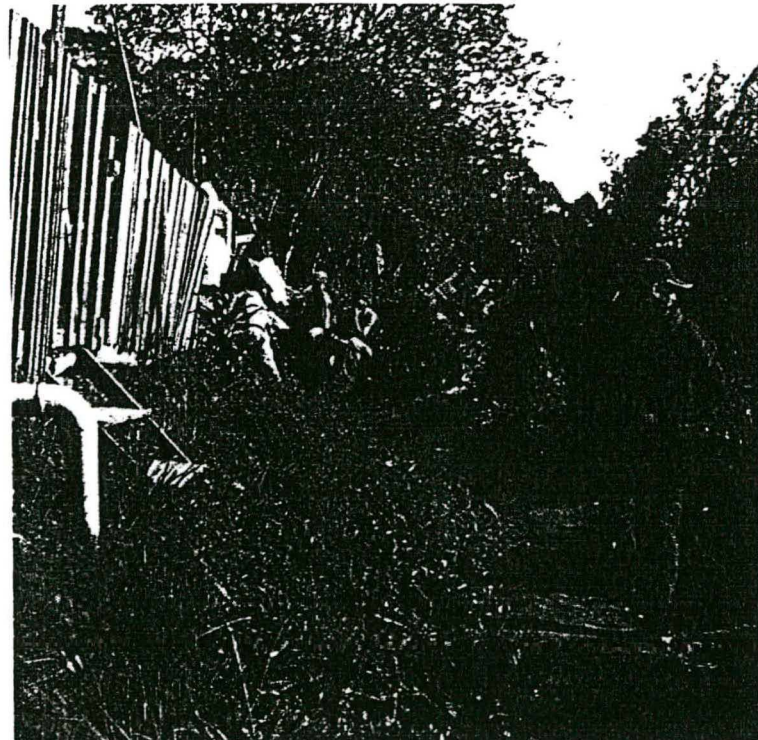


Foto 3. Área B do Matadouro.

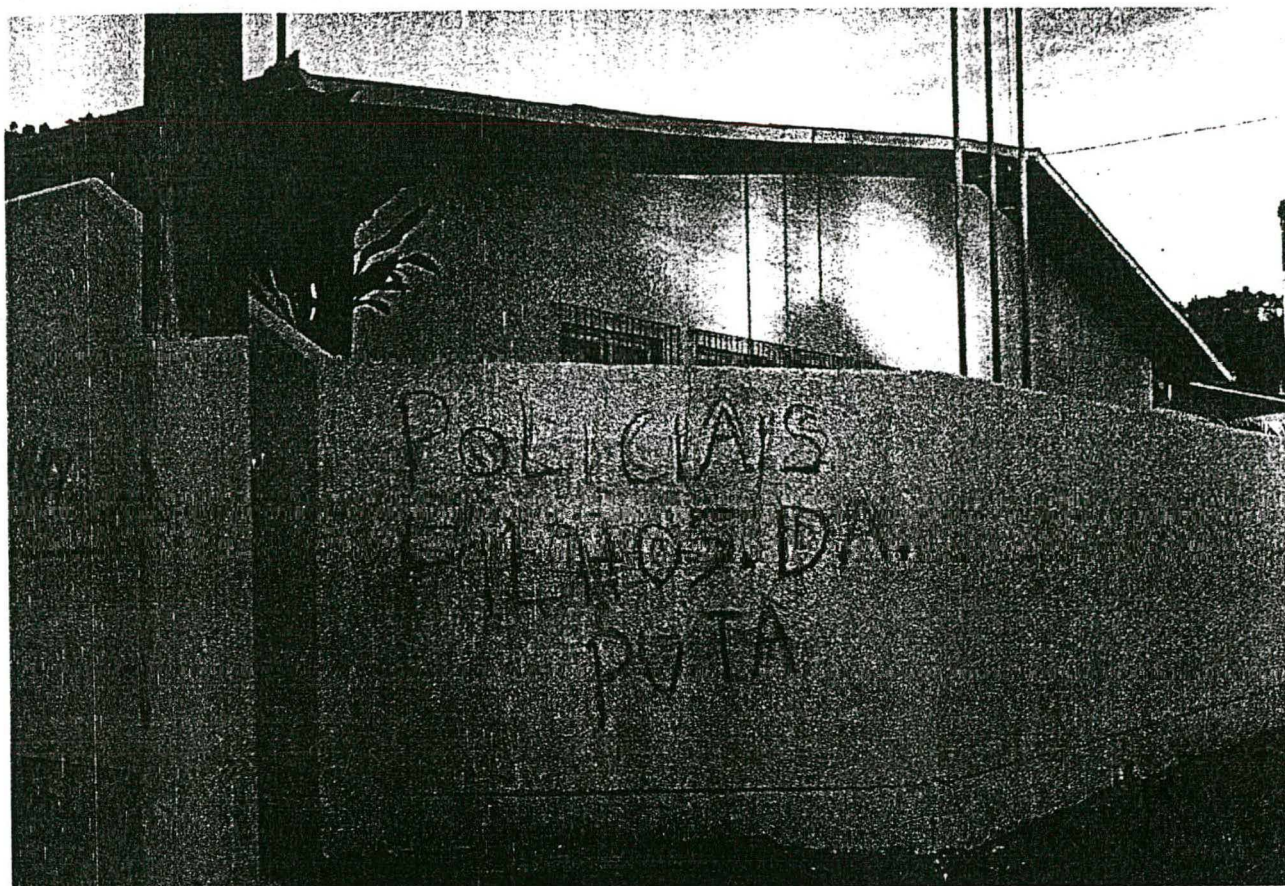


Foto 4. Área D do Matadouro.



Foto 5. Área B do Matadouro.

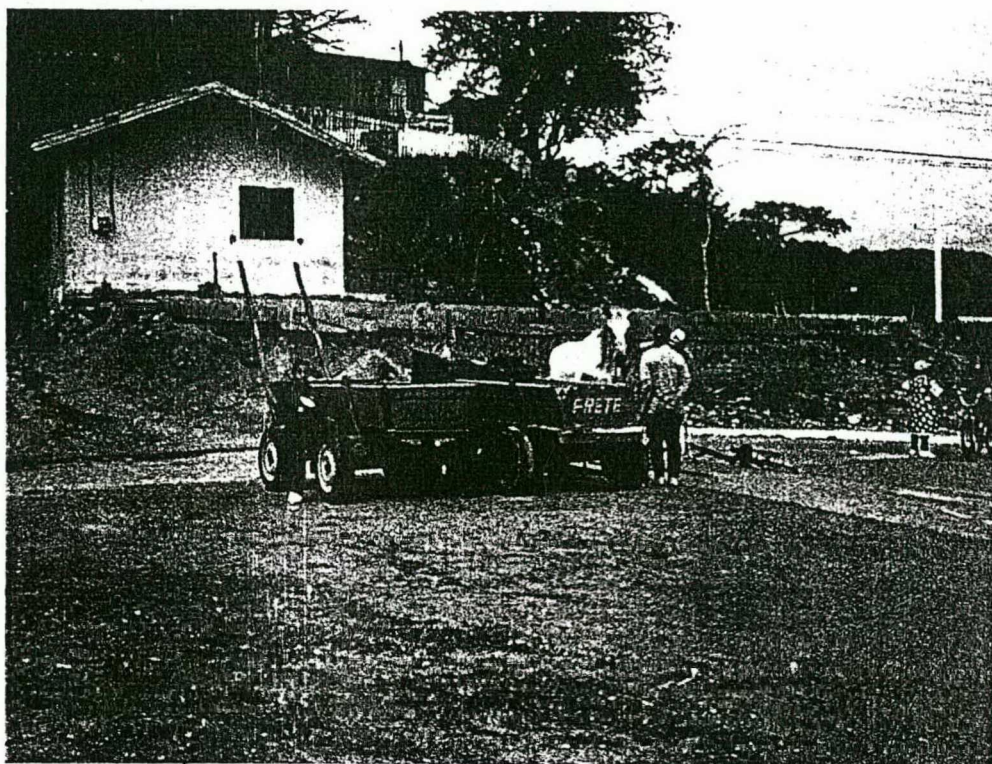


Foto 6. Área C do Matadouro.

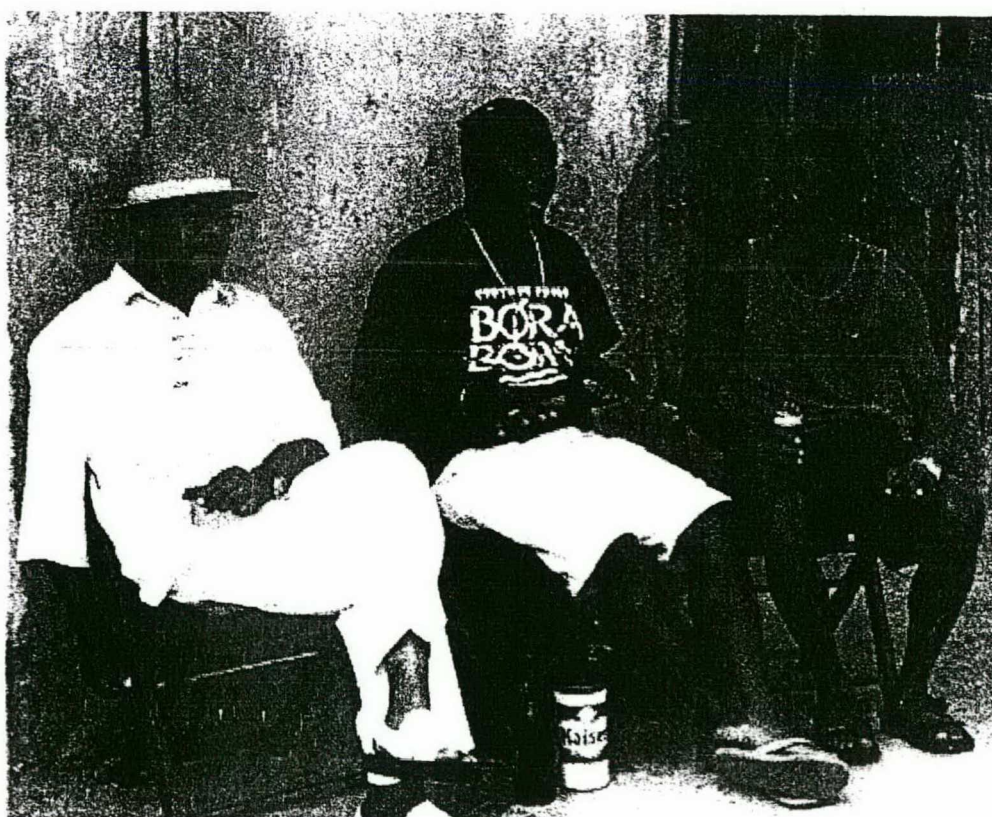


Foto 7. Área C do Matadouro.

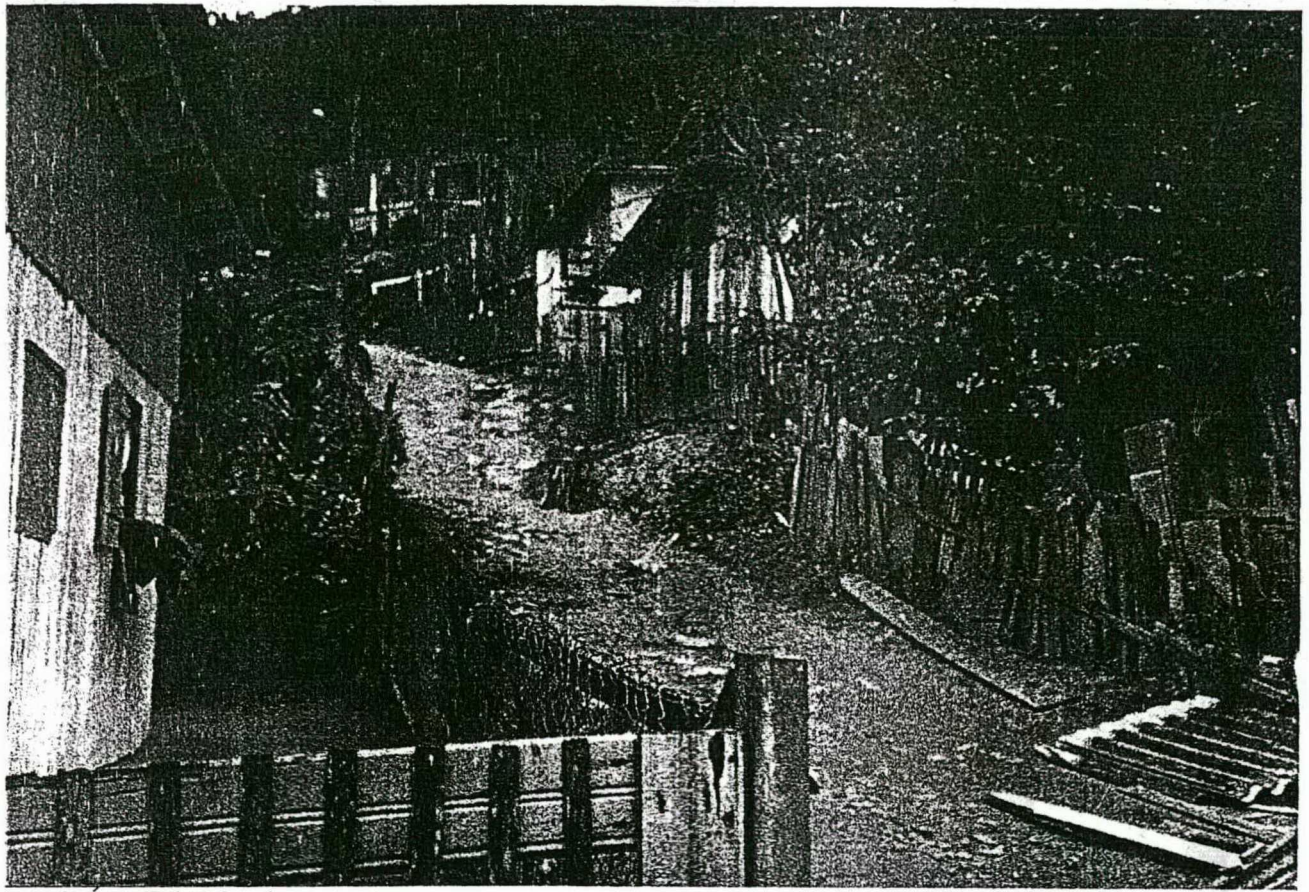


Foto 8. Área F do Matadouro.

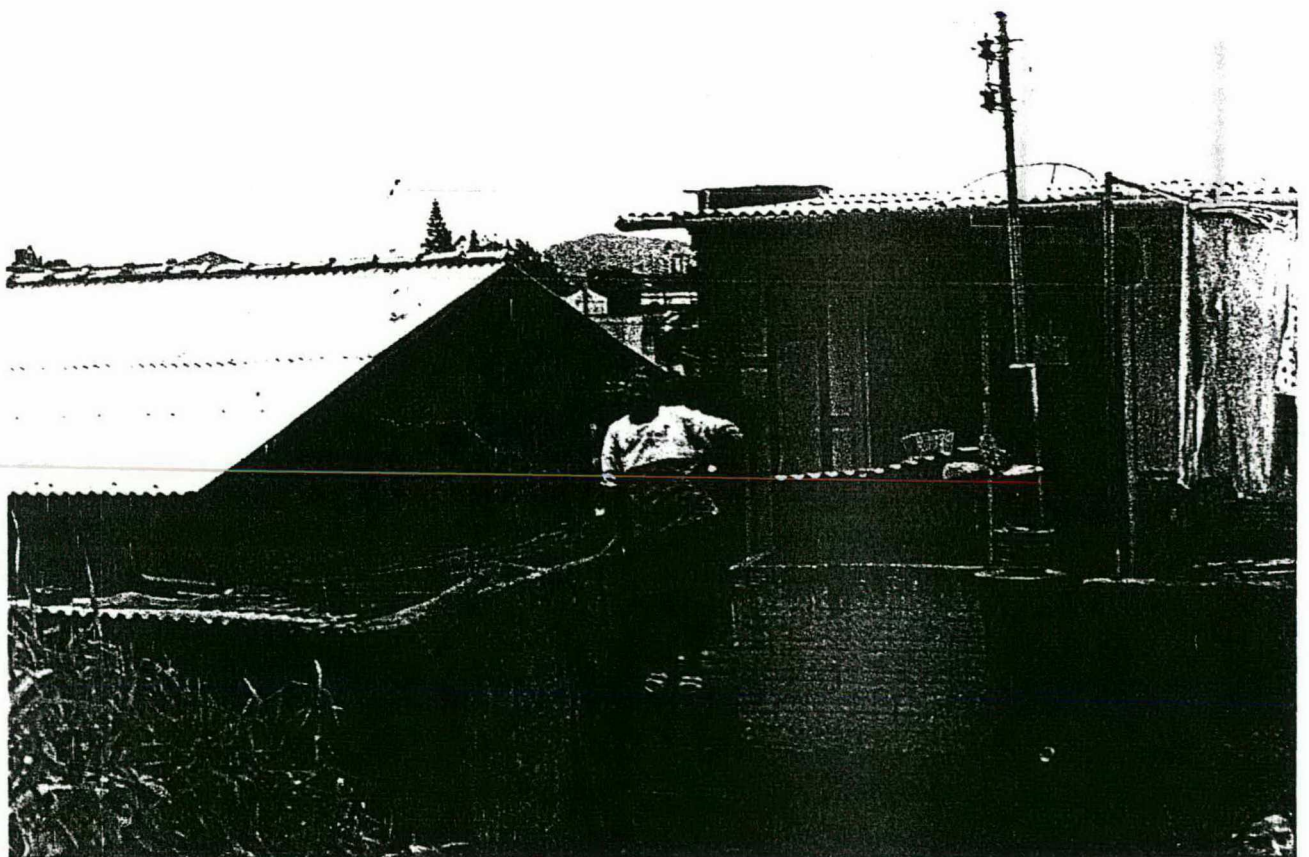


Foto 9. Área B do Matadouro.

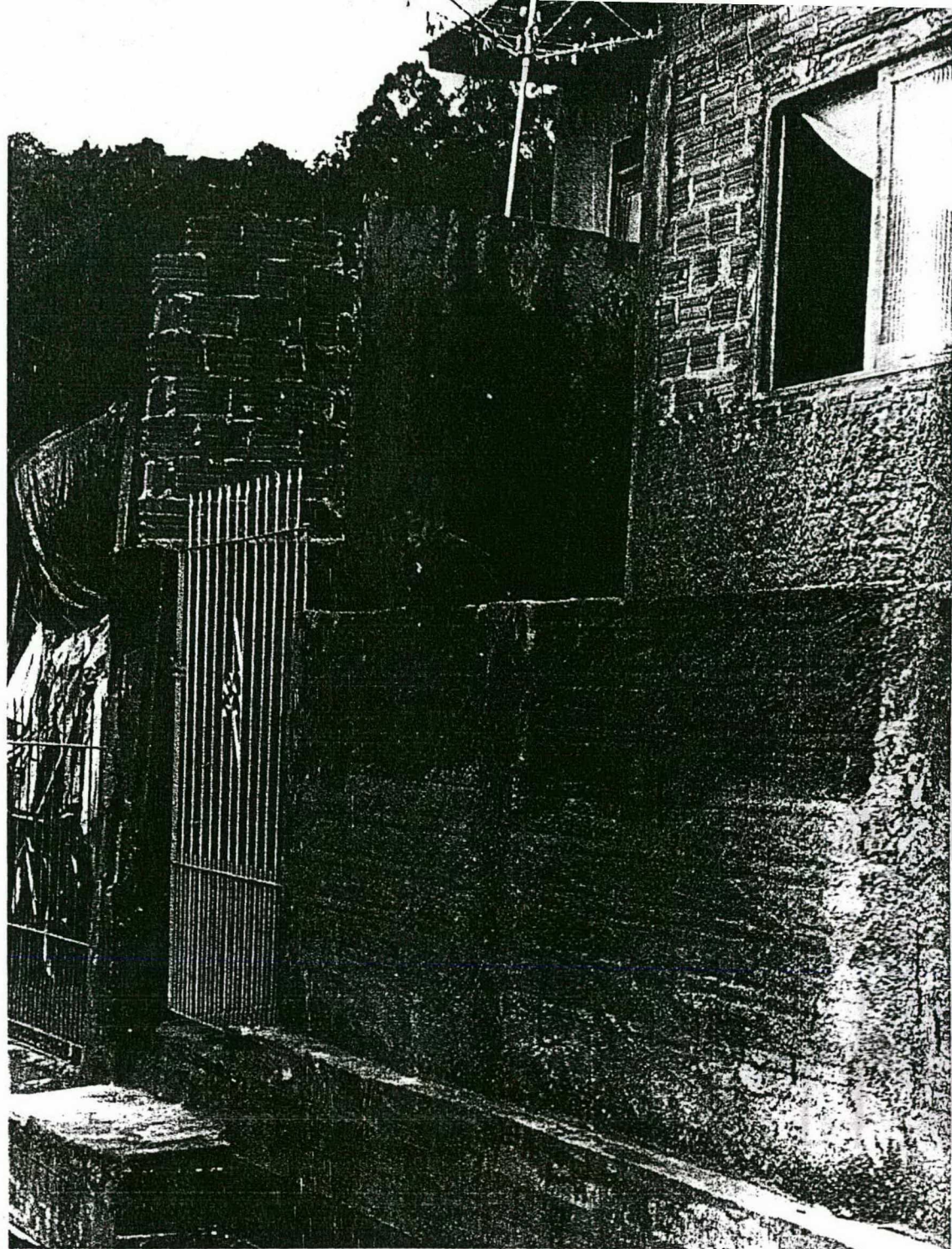


Foto 10. Área D do Matadouro.

CAPITULO 2

VIVENDO NA PERIFERIA NO MUNDO URBANO CONTEMPORÂNEO

Neste capítulo, por meio de narrativas, os moradores entrevistados de cada uma das áreas do bairro descritas anteriormente expressam a diversidade das condições de vida, dos universos simbólicos, dos códigos ético-morais e dos projetos de vida encontrados dentro do Matadouro.

Num primeiro momento, é mister citar que as diferenças que existem entre os moradores do Matadouro ficam mais intensificadas quando se pensa em que área do bairro essas pessoas residem. Por exemplo, o que fica evidente nos relatos coletados em campo é que os moradores do morro (área B) parecem apresentar um campo de possibilidades⁷⁷ mais restrito em relação aos outros moradores do bairro na busca pela concretização de seus projetos de vida.

⁷⁷ Embora VELHO (1994) tenha desenvolvido as noções de campo de possibilidades e projeto tendo como objeto os estudos com camadas médias urbanas, acredito que esses conceitos sejam fundamentais para a compreensão das trajetórias e itinerários dos moradores do Matadouro, isto é, das camadas populares de periferias urbanas, uma vez que o autor define genericamente *projeto* como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” e *campo de possibilidades* como “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação dos projetos”.

Diante do esfacelamento da aparente homogeneidade, há de se fazer um questionamento: Que variáveis contribuiriam para essa provável discrepância entre essas famílias, uma vez que, a priori, elas apresentam características semelhantes entre si, pelo menos no que diz respeito à sua condição de família pobre trabalhadora, moradora do mesmo bairro de periferia, ou seja, o Matadouro?

Aqui, autorizo-me a dizer que, aprofundando as investigações acerca dessas diferenças, verifica-se que o fator tempo de moradia no bairro parece ser determinante para a qualidade dos relacionamentos que um indivíduo ou uma família desfruta com a vizinhança⁷⁸. Aparentemente um relacionamento mais estreito pode vir a auxiliar na concretização dos projetos individuais e coletivos dos moradores. Como observado em campo, esse auxílio dá-se, por exemplo, na credibilidade de que um morador mais antigo desfruta e que se reflete no uso de “cadernetas”, um modo de comprar fiado, ou no auxílio mútuo entre as mães para cuidar da prole. Também se observa nas indicações para emprego, na coesão para a organização de festas e em movimentos para reivindicar melhorias para o bairro junto aos poderes estabelecidos, entre outros.

Em contrapartida, em comparação com aquelas que residem há pelo menos duas gerações no bairro e como pode ser observado no capítulo anterior, a maioria das famílias da área B, são consideradas como “novos” moradores do lugar, situação que parece não agradar aos “antigos”, que muitas vezes tratam os “recém-chegados” como invasores.

Veamos a fala de Dona Amélia, 44 anos, quatro filhos, casada, dona de casa, moradora do bairro (morro-área B) há dois anos, que saiu de sua terra natal, Paranaguá, interior do Paraná, em busca de melhores condições de vida:

⁷⁸ Para PARK, apud VELHO (1979), os estudos de *vizinhança* devem levar em conta que “o que antes poderia ser apenas uma localidade com expressão geográfica, assume um caráter mais denso, vizinhança passa a ser uma localidade com sentimentos, tradições, movimentando-se de certa forma

A gente veio pra cá pra vê se melhorava de vida...lá o meu marido já tava desempregado há um tempão...vivia só de biscate...antes ele trabalhava no porto lá...mas depois não deu mais nada...Daí, como lá a gente ouvia falar de Itajaí...já que aqui também tem porto...então a gente veio pra cá...Só com a roupa do corpo...umas sacolas com uma roparada velha da gurizada, umas panelas...uns trocados e só...Quando chegamos na rodoviária a gente não sabia direito o que fazer...daí o meu marido deixou a gente esperando e foi atrás do porto...Emprego não conseguiu nada...Mas lá uns fulano que trabalhavam lá falaram pra ele que tinha um bairro chamado Matadouro, se ele tivesse uns trocado podia comprar umas madeiras e construir uma casinha...Foi o que a gente fez...Já tamos aqui há dois anos...No começo foi bem difícil...Passamo muito medo que a prefeitura tirasse a gente dali...Porque ali não pode construir casa...Passamos muita fome...Daí o meu marido foi trabalhar com um carroceiro catando papel pela cidade e vendendo...fazendo um biscate ali, outro lá...Hoje temos geladeira, fogão, tudo velhomas temos...e tamos aqui...Mas morar aqui em cima é muito difícil...o meu sonho é descer o morro...Aqui se chove muito a gente morre de medo que a casa desabe...Se tem rebelião no presídio...o primeiro lugar que os fugitivos fogem é pra cá...E se pegam uma criança dessa? Aqui...um monte de gente como eu não tem banheiro...Só patente fora de casa...A gente é obrigado a viver querendo ou não com vizinho traficante...de vez em quando a polícia bate aí...Mesmo a gente sendo inocente eles desconfiam da gente só porque a gente é pobre e mora aqui...E se fosse só os policial...Mas esse pessoal que mora no resto do bairro...às vezes nem olham na cara da gente só porque a gente mora no morro...E pra fazer uma caderneta na venda então, nega...é um trabalho...hoje eu tenho...mas tive que comer o pão que o diabo amassou pra conseguir...Eles não confiam na gente só porque a gente mora aqui em cima...Eles pensam que tem o rei na barriga... Olha não é fácil...os teu próprios vizinhos te olham feio...Aqui no morro não é fácil viver não...Não é fácil criar os filhos...A gente só vive aqui porque não tem outro lugar pra ir...

O depoimento de D. Amélia, bem como as observações realizadas em campo já descritas no capítulo anterior acerca das áreas do bairro, ratificam a idéia comentada acima a respeito de uma dificuldade maior encontrada pelos “novos” moradores da área B no que tange à realização de seus projetos de vida.

singularmente e independentemente da exterioridade, onde a esfera do passado cerceia o presente”. Sobre vizinhança ver também BOTT (1957) e ELIAS (2000).

Não afirmo que as pessoas que residem nas outras áreas do bairro não sofram de problemas semelhantes aos dos moradores deste morro (insegurança, falta de infra-estrutura, dificuldades em conseguir emprego, medo em relação à fuga de presidiários, etc), mas o que parece contribuir para a restrição do campo de possibilidades dos moradores da área B, além do aparecimento em conjunto das variáveis supracitadas entre parênteses, é a exclusão sofrida por essas famílias dentro do próprio bairro

(...esse pessoal que mora no resto do bairro...às vezes nem olham na cara da gente só porque a gente mora no morro...É pra fazer uma caderneta na venda então, nêga...é um trabalho...hoje eu tenho...mas tive que comer o pão que o diabo amassou pra conseguir...Eles não confiam na gente só porque a gente mora aqui em cima...).

Esse movimento de exclusão contra os moradores residentes na área B pelos outros moradores do bairro parece ser desencadeador de conflitos entre vizinhança no Matadouro. Uma passagem retirada de meu diário de campo pode ilustrar esta reflexão:

Hoje quando comecei a subir o morro (área B) presenciei uma briga entre vizinhas. Cássia, uma moradora da área A, que tem sua casa localizada próxima à subida do morro, discutia com Maria, moradora da área B, que despejava sacos de lixo em frente à casa de Cássia. Aqui trancrevo um trecho da discussão: - *Tu és mesmo uma folgada né, Maria, a gente já não te pediu pra não jogar lixo aqui na frente de casa? Te arranca daqui, sua porca...vai jogar isso aí em outro lugar, não aqui...Vocês vêm não sei da onde, se apossam desse morro...só traz nojeira pro nosso bairro e ainda se sentem no direito de sujar a casa da gente...São uns folgados mesmo!!!* (Cássia- moradora da área A).- *O que tás pensando, que és dona da rua, é, nêga? O bairro é nosso também...é qué saber? Eu ponho o lixo onde eu quiser...Não digo mesmo...a gente é obrigado a ouvir cada coisa...*(Maria- moradora da área B).

Discussões como essa, entre Cássia (moradora da área A) e Maria (moradora da área B), conforme observação em campo e informação de moradores do local, parecem recorrentes no bairro, pelo problema do lixo, da falta de

pagamento nas vendas, de briga entre crianças, entre outros, e servem como motivo para o desentendimento entre moradores do morro (área B) e outros moradores do bairro.

O sentimento de vitimização expresso pelos moradores da área B, que se sentem discriminados por seus vizinhos, e os conflitos gerados, em última instância, em decorrência dessa discriminação, parecem encontrar sua origem numa relação entre vizinhança na qual o tempo em que uma família reside no bairro e sua procedência parece determinante para o aspecto negativo ou positivo de sociabilidade entre essas famílias. Assim, o sentimento de pertencimento ou exclusão que os moradores do bairro vivenciam no seu cotidiano e que, ao que tudo indica, vincula-se à variável tempo de moradia no bairro, conformam as relações conflituosas entre os que denomino aqui de os “estabelecidos” e os “outsiders”⁷⁹ do Matadouro. Vejamos mais uma passagem retirada de meu diário de campo:

Hoje eu conversei com alguns moradores da área C, D e A do bairro e eles falaram-me que um dos grandes problemas do bairro é o morro (área B). Dulce (área A), 33 anos, dona de casa, moradora do bairro há 25 anos comenta: - *Eu acho que o que estraga muito nosso bairro é esse morro aí... Toda hora chega gente nova, que a gente nem sabe direito da onde vem, só sabe que muitos deles são gente que tava presa e deixa o presídio... não tem pra onde ir e se instala aí... Daí não arruma emprego... começa a mexer com droga ...rouba da gente, do varal da gente... é uma vagabundagem... Isso quando a família deles não vem junto... Tem muita gente que mora no morro e só tá aí porque tem algum parente preso... Daí vem morar onde? No matadouro, é claro... no morro... Daí tá essa bagunçada aí... Sem falar na porquice do lixo que eles jogam morro abaixo... da água que eles vivem*

⁷⁹ Aqui inspiro-me em ELIAS (2000), quando utiliza as categorias “estabelecidos” e “outsiders”. Em seu livro “Os estabelecidos e os Outsiders”, escrito em parceria com Federico Neiburg, o autor discorre, *grosso modo*, sobre (...) moradores que dividem uma mesma ‘comunidade’ inglesa e apresentam como principal diferença o fato de que de um lado está um grupo de antigos residentes, estabelecidos naquela área há duas, três gerações, e do outro, recém-chegados. Para ELIAS (2000, p. 8), “as categorias estabelecidos e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-outsiders ilumina exemplarmente: as relações de poder”.

pedindo emprestado...e dessas casas feias que eles constroem que só deixa o bairro mais feio ainda...Por mim, essa gente devia ser tudo expulsa do morro... Ou, Maria (área D), 50 anos, três filhos, mora no Matadouro desde que nasceu: -Tu olha pro Matadouro, o que tu vê primeiro? O morro...aqueles casebres...aqueles bêbados tudo naquela escadaria...porque que o bairro tem essa má fama...isso aí espanta qualquer um...Pra mim a prefeitura devia expulsar essa gente daí...Eles só vêm pra cá... pra atrapalhar a vida da gente...para fazer algazarra... pra roubá...pra mexer com droga... E a sujeira...São tudo uns porco...Uiiii...aquelas casas, deve ser tudo uma porquice...Aquelas crianças sempre sujas...a lixarada pelo quintal...e jogam o lixo aqui pra baixo...é uma nojeira...Eu é que não deixo os meus filhos brincarem pra lá...pra quê ? Só pra aprender o que não deve... Ainda, Judite, (área C), moradora do bairro há 45 anos: - Eu tenho pra mim que se não fosse esse morro aí o bairro tava melhor...Aquele morro é muito sujo, tem muito lixo e, o que é pior...tem muita bandidagem aí...Eles saem da cadeia e vão direto pro morro pra continuar na vida de bandidagem...continuam no tráfico...a roubar...Assim é difícil criar os filhos aqui...e se eles se meterem com essa gente...eu por mim tirava isso tudo daí...Mas parece umas pragas...parece que cada vez tem mais...

Esses depoimentos só vêm ratificar a idéia anteriormente expressa acerca da variável *tempo de moradia no bairro* estar correlacionada às categorias de “estabelecido” e “outsider” de cada morador do Matadouro. Assim, diante dessas passagens retiradas de meu diário de campo, vale a pena registrar alguns comentários de ELIAS⁸⁰ acerca de seus estudos em torno dos “estabelecidos e outsiders”, pois embora aquele contexto seja diferente deste do Matadouro, vislumbro aqui muitas semelhanças entre minhas impressões e as impressões de campo descritas pelo autor:

Bastava falar com as pessoas (...) para deparar com o fato de que os moradores de uma área, na qual viviam as ‘famílias antigas’, consideravam-se humanamente superiores aos residentes da parte vizinha da comunidade, de formação mais recente (...). Juntavam-nos todos num mesmo saco, como

⁸⁰ Ver ELIAS, 2000.

pessoas de uma espécie inferior. Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como 'os de fora'.⁸¹

Aqui, não pretendendo fazer generalizações, mas é importante sublinhar que além da presença dos “novos” moradores do Matadouro (aqueles que estão ali há semanas, meses, ou há alguns anos), o que parece incomodar aqueles que moram há duas, três, quatro décadas no bairro é o fato de a migração dessas pessoas “novas” para o bairro estar atrelada à presença de um membro da família no presídio ou ao tráfico de drogas, ou ainda, de serem ex-presidiários e/ou estarem envolvidas com roubo e/ou tráfico de drogas,

(Eu tenho pra mim que se não fosse esse morro aí o bairro tava melhor...tem muita bandidagem aí...Eles saem da cadeia e vão direto pro morro pra continuar na vida de bandidagem...continuam no tráfico...a roubar...Ou, ...Tem muita gente que mora no morro e só tá aí porque tem algum parente preso...Daí vem morar onde? No matadouro, é claro...no morro...Daí tá essa bagunçada aí....).

É um fato que a meu ver não justifica a estigmatização dos “recém-chegados” pelos “antigos”, pois, como pude observar em campo, famílias mais antigas do bairro, que já residem no Matadouro, por exemplo, há duas gerações, vivendo em outras áreas no bairro, como na área A, também se encontram direta ou indiretamente envolvidas com o tráfico de drogas e/ou roubo, ou têm algum parente seu preso na cadeia pública.

Uma outra questão importante que aparece na passagem anterior retirada de meu diário de campo e que deve ser apontada aqui é a correlação feita pelos “velhos” entre os “novos” moradores e a sujeira ou entre eles e os comportamentos ilícitos.

⁸¹ Ver ELIAS, 2000, p. 20.

(Sem falar na porquice do lixo que eles jogam morro abaixo... E a sujeira...São tudo uns porco...Uiiii aquelas casas, deve ser tudo uma porquice...Aqueles crianças sempre sujas...a lixarada pelo quintal...e jogam o lixo aqui pra baixo...é uma nojeira...Eu é que não deixo os meus filhos brincarem pra lá...naquela nojeira...pra quê ? Só pra aprender o que não deve... Aquele morro é muito sujo, tem muito lixo e o que é pior...tem muita bandidagem aí...Eles saem da cadeia e vão direto pro morro pra continuar na vida de bandidagem...continuam no tráfico...a roubar...Assim é difícil criar os filhos aqui...e se eles se meterem com essa gente.)

Aqui, parece que a variável “sujeira” está ligada à idéia de “contaminação”⁸², o que pode vir a incrementar o movimento de evitação dos “outsiders” pelos “estabelecidos”. Mais uma vez, ELIAS⁸³ pode contribuir com uma reflexão:

(...) Os outsiders, tanto no caso de Winston Parva quanto noutros locais, são vistos-coletiva e individualmente- como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. (...) Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os outsiders tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de “medo da poluição”. Como os outsiders são tidos como anômicos, o contato íntimo com eles faz pairar sobre os estabelecidos a ameaça de uma “infecção anômica”. (...) Os estabelecidos (...) tendem a ver os outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas, mas também como não sendo particularmente limpos (...). O sentimento difundido de que o contato com outsiders contamina, observado nos estabelecidos, refere-se à contaminação pela anomia e pela sujeira, misturadas numa coisa só⁸⁴.

Ainda mais: como pude verificar em campo e como pontua a informante abaixo, muitas vezes a variável *tempo de moradia no bairro* pode ser atenuada quando a pessoa ou família “nova” que se instala no lugar tem algum

⁸² Sobre “teorias da etnicidade” ver PUTIGNAT & STREIFF-FENART (1997), principalmente Parte II “Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth.

⁸³ Ver ELIAS, 2000.

⁸⁴ Ver ELIAS, 2000, p.26-29.

vínculo de parentesco com um antigo morador do Matadouro. Vejamos as palavras de Ana Beatriz (moradora área A), que vive no bairro desde que nasceu:

Olha... a maioria que mora ali naquele morro não presta...Essa gente que vem não sei da onde só pra incomodar...Mas tem gente boa também...A minha sobrinha tá morando no morro... mudou pro morro esses dias...ela morava lá no São Judas (bairro vizinho ao Matadouro), daí o marido ficou desempregado, não tinha mais pra onde ir, vieram prá cá...trouxeram as madeiras da casa deles que desmancharam lá e fizeram uma casinha no morro...Até que ficou bem bonitinha...De certo quando der eles saem do morro...Mas por enquanto vão ficando por ali mesmo...Eles, todo mundo sabe que são gente boa...ela é filha da minha irmã...sangue do meu sangue...gente boa....

Aqui, vale a pena sublinhar que falas como a desta informante foram recorrentes em campo, assim, acredito que entre os moradores do bairro Matadouro, como observado por FONSECA⁸⁵ em seus estudos com grupos familiares em uma favela em Porto Alegre, parece perdurar “a idéia da solidariedade institucionalizada entre consangüíneos”, quer dizer, aqui a importância da categoria *tempo de moradia*, que pode vir a acarretar a exclusão (novo morador) ou não (morador antigo) de uma família no bairro, cede lugar à categoria *laço de consangüinidade*, que passa a ser a variável determinante para que um sujeito seja tratado como um “outsider” ou um “estabelecido” dentro do Matadouro.

Além da relação conflituosa daqueles que denomino aqui “estabelecidos” e “outsiders”, outras diferenças despontam como geradoras de conflitos entre os moradores das diversas áreas do bairro. Delineiam-se, entre outras, principalmente os julgamentos morais com base nas diferenças “raciais” e religiosas entre os moradores do local, como também as diferenças entre estilos de vida e visões de mundo em constante confronto. Para exemplificar estas situações tensionais de acusação social intragrupo, retiro de meu diário de campo algumas anotações:

Numa entrevista realizada na área D ouvi esta história: - *Tem muita gente aqui que não gosta da "negrada" da rua lá de baixo (área C), aqui também mora negro, gente boa, antiga... mas lá tem mais, eu não sou racista, mas os branco em geral tem racismo com eles, até quem é branco e mora lá...há mais ou menos 10 anos houve algo bem grave: dois homens brancos brigaram com um homem mesclado...misturado...mulato.., lá na rua de baixo, e mataram o mulato...o cara que foi assassinado bebia muito...enchia o saco no boteco...os dois que mataram ele não eram pessoas de briga...mas por infelicidade o outro morreu...mataram ele a porrada e paulada...com um remo, acho...Os três moravam na mesma rua, a população fez uma passeata na frente da casa dos brancos pedindo justiça (a passeata era formada na sua maioria por negros)...Daí as pessoas comentavam: isso é coisa da negrada...pois negro bêbado que incomoda tem mais é que morrer mesmo...Um foi preso, mas já está solto, o outro nem chegou a ser preso...*

A história relatada acima, além de evidenciar que o conflito racial, torna-se *locus* simbólico da expressão da revolta pela ambiência degradada do bairro em que moram as famílias entrevistadas, contribui para a idéia anteriormente exposta acerca dos conflitos travados entre moradores de áreas diferentes no bairro. Aqui o que parece acionar conflitos, num primeiro momento, não é mais a relação entre “estabelecidos” e “outsiders”, e, conseqüentemente, entre os moradores da área B (que na sua maioria residem há menos tempo no bairro que nas demais áreas) e moradores das outras áreas do Matadouro, mas um *conflito étnico* entre muitos daqueles que se denominam “brancos” ou “negros”, portanto entre famílias residentes na área C (onde a maioria da população é “negra”- vide capítulo 1) e as demais áreas do bairro, onde a população “branca” predomina.

Aqui, é importante sublinhar que, ao contrário do que poderia pensar-se a princípio, o fato de muitas vezes os “negros” se sentirem ou serem discriminados por alguns vizinhos “brancos” das demais áreas do bairro não parece impedir uma trajetória centrada na busca pela realização de seus projetos de vida, pelo contrário, o sentimento de discriminação, aqui, parece muitas vezes incentivar

⁸⁵ FONSECA, 2000, p.75.

nas supostas vítimas um movimento constante para reverter a sua condição. Vejamos algumas falas de moradores da área C retiradas de meu diário de campo:

Hoje, conversando com dois vizinhos de porta da área C, revelaram-me, indignados, que sofrem discriminação racial dentro do próprio bairro. Enquanto tomávamos um cafezinho na cozinha de dona Vera Lúcia, ela e seu Alcindo falaram-me em tom de indignação e desabafo sobre a suposta discriminação:

- Às vezes a gente ouve fofoca...ouve alguns que falam mal da gente só porque a gente é negro...Eles têm é inveja...Eu tenho muito orgulho da minha raça...E fico muito chateada quando essa gente faz isso...Porque o que a gente faz pro bairro...A gente só ajuda...São uns mal agradecidos...A gente chama a prefeitura para tapar buraco...a gente organiza a Associação de bairro...a gente organiza a festa do dia das crianças pra essa criançada toda...Quem fala mal é porque tá com inveja...Eles não pode ver nada...A gente não pode comprar nada e ficam tudo de olho...é televisão...é geladeira...Eles é que vão trabalhar pra conseguir as coisas também...Eu trabalho...compro as minhas coisinhas...passeio um monte por aí e não fico chamando ninguém de branquelo azedo por aí...Fico??? Não, a gente só ajuda...Se eles não dão valor o problema é deles...Eu faço as coisas que eu gosto e sou feliz assim..E tem mais, quanto mais eles falarem mal...mais a gente vai fazer coisa boa...pra vê se fica provado pra eles que não é a cor que dita o caráter da pessoa...(Vera Lúcia, 45 anos, doméstica, moradora da área C, reside no bairro desde que nasceu).

Ou,

Tem muita gente aí do bairro que vive falando mal da gente, da minha família e de todo o pessoal que vive aqui nessa rua...eles chamam a gente tudo de negada...Eu não ligo que me chame de negro...eu sou mesmo...mas eles fazem é por maldade...Na verdade eu não tô nem aí pra eles...O que eu tinha pra provar pra eles eu já provei...a minha vida prova...Eu toco a minha vida, a vida da minha família, sou trabalhador, dei estudo pros meus filhos tudo...não criei nenhum bandido dentro de casa...E assim eu e o pessoal da nossa rua vai vivendo...(Seu Alcindo, 55 anos, pedreiro, morador da área C, reside no bairro desde que nasceu).

Aqui, o fato de a maioria dos moradores da área C residirem no bairro, há duas, três gerações parece contribuir para que, na maioria das vezes, o preconceito racial sofrido por parte desta população não se transforme em alguma forma de

impedimento para que seus projetos individuais e coletivos prossigam. Quer dizer, a condição de “estabelecidos” dentro do bairro, mais uma vez, revela-se aqui como uma aliada dessas antigas famílias moradoras do Matadouro para que sigam uma trajetória que viabilize a realização de seus projetos, pois mesmo o fato do sofrer preconceito racial, algo grave e gerador de conflitos dentro do bairro, passa para um segundo plano quando atenuado pela condição de “estabelecidos” no Matadouro que as famílias vitimizadas desfrutam.

O que pude constatar em campo, acredito que justamente pelo fato de que as famílias que lá residem compartilham sentimentos e sofrem preconceitos em comum, é que a área C desponta como a área do bairro mais unida em termos de vizinhança, ali um vizinho sempre está *pronto para ajudar o outro* e esta suposta solidariedade ainda se estende para o bairro como um todo, já que a maioria ocupa os cargos de coordenadores da Associação de Moradores, são responsáveis pela festa do “Dia da Criança”, que acontece anualmente e se é dirigida a todas as famílias do bairro, além de outras ações que atendem o Matadouro como um todo,

*(...A gente só ajuda...São uns mal agradecidos...A gente chama a prefeitura para tapar buraco...a gente organiza a Associação de bairro...a gente organiza a festa do dia das crianças pra essa criançada toda...)*⁸⁶

Como já falado, além do conflito racial, há o recurso às acusações contra vizinhos considerados “macumbeiros” ou “crentes” por uns e “vadios” ou

⁸⁶ Aqui, é importante sublinhar que os moradores da Área C, quando entrevistados ou em conversas informais, referiam-se à sua vizinhança (também “antigos” moradores do bairro) como *A gente* (nós). ELIAS (2000), em seus estudos em Winston Parva, parece ter observado atitude semelhante entre os “estabelecidos daquela localidade”. Desta forma, acredito que sua explicação acerca da utilização do pronome “nós” entre os estabelecidos pode ser bastante elucidativa para o caso dos moradores da área C, como também para todas as “antigas” famílias do Matadouro. Para o autor, “o grupo estabelecido de antigos residentes compunha-se de famílias que haviam morado naquela região por duas ou três gerações. Elas haviam atravessado juntas um processo grupal - que lhes dera um estoque de lembranças, apegos e aversões comuns. Sem levar em conta essa dimensão grupal diacrônica, é impossível compreender a lógica e o sentido do pronome “nós” que elas usavam para se referir umas às outras”(38).

“bêbados” por outros. Mais uma vez aqui os conflitos parecem apontar para a tumultuada relação entre os moradores da área B e os outros moradores do bairro. Vejamos alguns exemplos retirados de meu diário de campo:

Esse pessoal crente aí de baixo só sobe o morro pra encher o saco da gente...Eles têm mania de subir o morro Domingo à tarde...bem na horinha que a gente tá descansando...Sabe de uma coisa...eu sou católica...acredito em Deus...mas não vou muito na igreja, não...Agora, esses crentes, eu não agüento não...Quando eu vejo que eles tão na vizinha, eu fecho a casa correndo pra fingir que não tem ninguém em casa...Já saiu até briga por causa disso aqui...Eles pensam que só porque a gente mora aqui no morro, a gente não tem religião..(Dora, católica, moradora do bairro (morro-área B) há um ano).

Ou,

Tem muita gente aí que só reclama da vida...mas só faz é beber...São tudo uns bêbados...Reza que é bom nem pensar...Eu ouvi dizer que tem uns aí que até metido com macumba são...Depois eles reclamam da vida...O que dá de bêbado, macumbeiro nesse morro aí mesmo...tem um monte...(Leticia, evangélica, mora na área A desde em que nasceu).

Até o momento, descrevi alguns conflitos que acontecem entre moradores das diversas áreas do Matadouro e algumas implicações destes conflitos nas trajetórias das famílias no bairro, bem como no alargamento ou estreitamento de seus campos de possibilidades e, conseqüentemente, numa maior ou menor probabilidade da concretização ou não de seus projetos.

Entretanto, vale lembrar, para além das diferenças e clivagens internas entre as famílias moradoras do local, que os “saberes e fazeres”⁸⁷ de cada uma delas

⁸⁷ Ver DE CERTEAU (1990). Para o autor, o cotidiano pode ser traduzido como uma “arte de fazer”, “de dizer” e “de ser”, em que as pessoas não buscam interpretar o que fazem, o que dizem, o que são, elas apenas vivem. Assim, o autor visualiza o cotidiano como um conjunto de procedimentos, táticas e astúcias em que a linguagem ocupa lugar de destaque pelos aspectos que encerra.

são respaldadas por uma *atmosfera comum*, apesar da riqueza intensa sustentada por uma diversidade incomum.

O que aqui denomino *atmosfera comum* nada mais é do que o conjunto das falas, discursos, narrativas, gestos que expressam a ambiência de insegurança e medo em que essas famílias demonstram viver. Sentimento de medo e insegurança que parece estar diretamente relacionado ao tráfico de drogas, como já pontuado anteriormente, atividade bastante corriqueira no bairro.

E é principalmente nas narrativas das mães moradoras do Matadouro, sejam elas da Área A, B, C, D, E ou F, “negras” ou “brancas”, “estabelecidas” ou “outsiders”, religiosas ou não, que o tráfico de drogas desponta como elemento gerador de sentimentos de medo e insegurança. Nesse sentido, há uma unanimidade no discurso dessas mulheres/mães, que se sentem ameaçadas pelo tráfico de drogas, vivenciando cotidianamente o medo de que sua prole ou elas mesmas possam vir a se envolver direta ou indiretamente com o tráfico. Vejamos alguns fragmentos de narrativas retirados de meu diário de campo:

Sabe...eu moro aqui há 20 anos e a coisa que eu tenho mais medo é que os meus filhos virem traficante...Isso não é vida...Tu vê essa criançada toda aí pela rua brincando...daqui a pouco tá mais grandinho...começa a mexer com droga...acaba com a vida...é uma piedade...Eu não quero que isso aconteça com os meus filhos...Pra isso eu já mudei de casa duas vezes aqui dentro...Ter vizinho de porta traficante não é fácil...A gente acaba brigando...se incomodando...porque não quer que os filhos da gente entre nessa...é muito difícil. Essa gente que vive disso acaba ficando estranha...não dorme direito...não come direito...acaba usando droga...Só matando, viu...Deus que me livre e livre meus filhos desta desgraça...(Tânia, 40 anos, mãe de dois filhos adolescentes, moradora da área E, ex-moradora da área A).

Ou,

A coisa que eu tenho mais medo na vida é de começar a passar fome e ter que me meter com esses traficante...tem muita gente aqui que entra nessa pra conseguir comprar comida pros filhos e depois não consegue mais sair...Eu espero que isso nunca aconteça...Eu vivo falando pros meus filhos

não se meterem com essa gente...Mas é difícil...é tudo vizinho...tem um monte aí que é antigo conhecido...é difícil...se a gente se mete acaba sobrando pra gente...só da briga...acaba se machucando e não resolve nada...Porque são tudo uns a toa...trabalhar pesado que é bom nada...Estudar...nem passa na cabeça deles isso...(Paula, 35 anos, mãe de uma filha de dez anos e de um filho adolescente, mora na área B).

E ainda,

É triste tu vê o teu filho se perder na droga e tu não poder fazer nada... Tu dá estudo pra ele... querendo que ele tenha uma vidinha melhor...mas não...ele vai lá e se perde...(choro)... Eu tenho um filho preso por tráfico de drogas...tenho mais dois menores e espero que esses não entrem na mesma do irmão...Olha...quando der eu saio daqui... Porque morando aqui a criançada vê isso tudo o tempo todo... começa a achar tudo normal... e cai nessa... (Benta, 48 anos, moradora da área D, mãe de Luiz 22 anos, preso por tráfico de drogas, de Gustavo, 16 anos e Felipe, 14 anos).

Aqui, os relatos dessas mulheres/mães expressam que suas trajetórias dentro do bairro, bem como a realização de seus projetos para si e para seus filhos parecem estar intrinsecamente correlacionados ao sentimento de medo e insegurança em relação ao envolvimento de sua prole com o tráfico de drogas.

Além disso, essas falas, na mesma linha de inúmeros depoimentos dos moradores entrevistados no capítulo anterior, revelam que, além dos conflitos entre áreas discutidos anteriormente, os “dramas sociais”⁸⁸ “dentro” do bairro gravitam em torno do fenômeno social do tráfico de drogas e de todas as clivagens de adesões diferenciadas que os moradores adotam em relação a essa prática no bairro onde moram e de suas vinculações com a quebra ou não de seus valores ético-morais e religiosos.

Assim, dialogando com autores que aprofundaram os estudos sobre a heterogeneidade/descontinuidade de viver a cidade e, principalmente, sobre o que

⁸⁸ Para TURNER (1987), a idéia de drama social serve para descrever conjuntos de comportamento que qualquer um reconhece como formando unidades temporais discretas.

tange às formas de vida social que se desenvolvem em suas periferias, reforço nesta dissertação a importância de algumas perspectivas contidas nesses estudos, em particular as de ZALUAR⁸⁹. Em suas pesquisas já clássicas, a autora, mais do que falar da violência em alguns territórios da cidade do Rio de Janeiro, aborda a cotidianidade de moradores dessa periferia, explicitando as diversas formas de sociabilidade vivenciadas por seus habitantes, seus arranjos e negociações de identidades sociais.

Analisando as diferenças na convivência cotidiana entre os moradores de uma periferia urbana, o tráfico de drogas e a criminalidade, ZALUAR⁹⁰, verifica, entre outras coisas, uma distinção e oposição que os habitantes locais estabelecem entre os indivíduos “trabalhadores” e os “bandidos”, cada um desses segmentos apresentando uma visão de mundo particular. Neste ponto, a autora, ao descrever as diferenças internas na convivência cotidiana dentro de um mesmo segmento social, assinala a importância de desconstruir a visão equivocada que considera as populações pobres como uma massa homogênea, pontuando que toda a dignidade daqueles que se assumem como “trabalhadores” fica abalada pela humilhação expressa na consciência de baixos salários, do muito trabalho e pouco retorno.

Mais uma vez faço uso do meu diário de campo para ilustrar esta problemática, que aparece tanto num bairro de periferia do Rio de Janeiro quanto entre os moradores do Matadouro, bairro de Itajaí por mim estudado:

Hoje, sábado, passei 5 horas no bar da Dona Miriam; já acostumados com a minha presença, a dona do bar e outros moradores do bairro convidaram-me para sentar à mesa com eles. Sentei, conversei e ouvi muitas histórias...Algo chamou-me a atenção: o que fazia alguns moradores aumentarem o tom de voz era a questão do tráfico de drogas, que, segundo eles, é o maior provedor das injustiças sofridas por inocentes no local. Nas palavras de Seu Horácio, 48 anos, pedreiro, morador há trinta e

⁸⁹Ver ZALUAR, 1985, 1994.

⁹⁰ Ver ZALUAR, 1985.

cinco anos no bairro: - O que mais deixa a gente doido de raiva é que o pessoal de fora acha que aqui é tudo bandido... que é tudo traficante...que ninguém trabalha...olha a minha mão cheia de calo da lida...a gente trabalha de sol a sol...e ainda é chamado de bandido...traficante...maconheiro...isso é um abuso...

No mesmo viés de ZALUAR, CALDEIRA⁹¹ aponta para uma consciência de injustiça no meio das classes trabalhadoras urbanas, destacando-lhes uma identidade relacional. Uma questão explorada anteriormente por DA MATTA⁹², para o caso da sociedade brasileira, e por DUARTE⁹³, para o caso particular de segmentos sociais de classes trabalhadoras urbanas. Segundo a autora,

A oposição que se estabelece entre as categorias rico e pobre não se refere apenas ao que vem de berço ou ao fato de se trabalhar ou não. Ela se reproduz em relação a qualquer outra característica que se queira considerar. O que pode mudar são as valorações, ou seja, uma hora o que é do rico é positivo, outra hora é negativo, ocorrendo sempre o inverso com o pobre (...).

Ao encontro das observações de CALDEIRA⁹⁴, que em sua pesquisa na Grande São Paulo reflete sobre o tema da valoração negativa atribuída às identidades sociais dos segmentos de moradores de áreas de periferias urbanas, destaco, mais uma vez, a fala de um morador retirada de meu diário de campo:

É engraçado eles falam...falam mal da gente...principalmente esse pessoal do centro da cidade...e final de semana os filho tão tudo aí de carrão...procurando branca...É por isso que eu tenho raiva desses traficante...ficam vendendo droga pra essa gente... e essa gente ainda fala mal da gente.(Josué, 50 anos, pedreiro, vive no Matadouro há 35 anos)

⁹¹ Ver ZALUAR, CALDEIRA, 1984:153.

⁹² Ver DA MATTA, 1983

⁹³ Ver DUARTE, 1986.

⁹⁴ Ver CALDEIRA, 1984.

Da mesma forma que o depoimento transcrito acima, no discurso de muitos outros moradores do bairro Matadouro por mim entrevistados o fenômeno social do tráfico de drogas, além de aparecer como gerador de conflitos e de sentimento de insegurança e medo entre os moradores do Matadouro, aponta para uma relação conflituosa entre esta população e a cidade de Itajaí. Assim, no sentido de compreender a construção subjetiva dos processos objetivos de discriminação e de exclusão social, portanto, dos dramas sociais vividos no cotidiano pelos habitantes do bairro Matadouro, tanto quanto do consumo/manipulação de suas “imagens deterioradas”, sublinho a importância dos estudos de GOFFMAN⁹⁵ e TURNER⁹⁶.

Levando em conta o pensamento de GOFFMAN⁹⁷ em torno da “representação do eu na vida cotidiana”, em que, grosso modo, o autor desvela as características das “interações sociais”, considero-o imprescindível para a compreensão das relações vivenciadas entre os moradores do Matadouro e entre esta população e os demais moradores da cidade de Itajaí.

Considerando o “caráter dramático”⁹⁸ usado pelo mesmo autor para a compreensão das “interações sociais”, penso que o emprego da representação⁹⁹ no contato com o “outro”¹⁰⁰ tem sido um artifício bastante utilizado por parte dos moradores do Matadouro, na tentativa de manipular suas “imagens deterioradas”. Assim, como se poderá acompanhar nesta parte da dissertação, a forma de

⁹⁵ Ver GOFFMAN, 1989.

⁹⁶ Ver TURNER, 1987.

⁹⁷ Ver GOFFMAN, 1989.

⁹⁸ Para GOFFMAN (1989), “o relacionamento social comum é montado tal como uma cena teatral, resultado da troca de ações, oposições e respostas conclusivas dramaticamente distendidas”(p.71).

⁹⁹ GOFFMAN (1989) se refere à representação “a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores”(p.29).

¹⁰⁰ Aqui o “outro” está sendo considerado como as pessoas com quem os moradores do Matadouro têm contato e não moram no Matadouro.

desempenho de um morador do local ao se deparar com o outro “tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade...”(p.41).

Sustento a hipótese de que a população do bairro, ao tentar utilizar-se da representação na interação com uma “platéia” (observadores) situada fora do Matadouro, objetivando, a princípio, ser aceita e não discriminada, depara-se com um obstáculo que raramente consegue transpor: sua inserção espacial na cidade a partir de seu local de moradia, o Matadouro. Como observado em muitos momentos um morador qualquer do Matadouro, diante de tal obstáculo, força-se, cotidianamente, “a ser a espécie de pessoa que é representada no palco”.(230). Nas palavras de Dona Maria, moradora do bairro há trinta anos, fica evidenciado como “a vida cotidiana está enredada em linhas morais de discriminação”(229):

Se a gente quiser conseguir um emprego nessa cidade...nunca pode falar que mora no Matadouro...tem que fingir...mentir que mora perto do centro...ou perto da universidade...senão, não consegue emprego...lá fora...eu vou sempre arrumada...tiro o lenço, coloco o meu melhor sapato e vou...daí assim eu consigo abrir um crediário numa loja...se eu for como eu sou aqui...não consigo nada...

Ainda uma outra passagem retirada de meu diário de campo pode corroborar essa idéia:

Hoje acompanhei Dona Maria e sua filha ao cento da cidade. Foram ao banco e fazer compras. Chegando numa loja, Maria foi fazer o seu cadastro; quando a funcionária da loja pediu seu endereço, Maria hesitou...primeiro falou o nome da rua, pensou, falou o número e por último, aparentemente relutante, falou o nome do bairro...Nesse momento Maria percebeu que a balconista começou a tratá-la diferente, então falou: *Tá pensando que eu não trabalho e não tenho dinheiro pra pagar as minhas contas, é? Tenho sim. Neste momento mostrou a carteira com três notas de cinquenta do seu pagamento...*A moça ficou calada... Maria desistiu das compras e foi embora. Fora da loja me falou: *Tá vendo é assim que a gente é tratado quando mostra a cara..O negócio é não falar que mora no Matadouro...”*

A partir desses depoimentos fica evidenciada a dificuldade dos moradores do Matadouro em reverter a “imagem deteriorada” diante do “outro”, principalmente quando a mídia local (rádio, televisão, jornal) contribui diariamente para a manutenção dessa imagem¹⁰¹. Aqui destaco a fala de dois moradores com quem tive contato em meu período de pesquisa em campo:

A primeira fala é de seu José, 56 anos, morador do bairro há 45 anos, representante da Associação de Moradores:

A gente faz de tudo pra ser certinho...trabalha...paga as conta em dia...ajuda os vizinho...e depois vê no jornal que quem mora no Matadouro é tudo bandido...bandido são eles que não conhece a gente e ficam falando mal...

A outra é de Berenice, 33 anos, dona de casa, mora no bairro desde que nasceu:

Outro dia tava ouvindo na rádio eles falando da bandidagem do Matadouro...do perigo do bairro...como se todo mundo aqui fosse assim...bandido...as vezes dá uma raiva....

Essas falas deixam claro que o discurso da imprensa local concernente à “violência” despeja cotidianamente um arsenal de “notícias” que contribuem para a marginalização da população que habita o bairro Matadouro no contexto da vida urbana de Itajaí. Sendo assim, o caráter sensacionalista das notícias que são veiculadas sobre o bairro Matadouro na mídia local é um dos itens que mais provocam o descontentamento de grande parte dos moradores do bairro, que não se reconhecem na descrição dada pela imprensa (principalmente escrita), sentindo-se cada vez mais prejudicados e discriminados pela sua condição de pobre.

¹⁰¹ Ver anexo 2, em que destaco uma manchete de um jornal da cidade de Itajaí, com o intuito de exemplificar as recorrentes notícias veiculadas pela mídia, principalmente escrita, acerca do bairro

Observa-se em Itajaí um fenômeno de discursividade similar ao que SOARES aponta no tema da cultura do medo nos grandes centros urbanos do país:

Esta tendência homogeneizante e reducionista de interpretações cotidianas produz entendimento falso da temática que as ocupam; estimula reações insensíveis às singularidades de distintas experiências, relações, acontecimentos e processos, reações que concorrem para uma atmosfera intersubjetiva, perniciosa, propiciadora da realização das profecias mais temidas...enseja demandas de políticas públicas ineficientes...desrespeitosas dos direitos humanos...nocivas para os agentes excluídos de cidadania.¹⁰²

Ao observar os jogos de interação dos moradores do Matadouro nos *espaços públicos do bairro*, pode-se verificar uma reapropriação dos “estigmas” comunicados pela mídia em que os próprios moradores revelam preconceitos contra si mesmos. Há, entre os moradores e destes em relação aos outros moradores da cidade de Itajaí, uma “promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social (...), em que, o papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público formado pelas mesmas pessoas”¹⁰³. Nesse sentido, destaco aqui uma passagem do meu diário de campo:

Hoje participei da reunião da Associação de Moradores do bairro e, como das vezes anteriores, pude verificar um discurso em comum: a preocupação com a imagem do bairro perante os outros moradores da cidade de Itajaí. O que parece unânime é que para os moradores que se pronunciaram na reunião, o tráfico de drogas, fenômeno social presente no bairro, aparece em primeiro lugar como um fator que contribui para a estigmatização do local. Junto a esse fator, os moradores citaram em suas falas a falta de política pública de segurança no município, a precária política pública de educação e saúde, em resumo, o descaso do poder público para com o bairro. Além disso, apareceram muitas reclamações contra a mídia local, que, segundo os moradores, *insiste em difamar o bairro dia a dia*. Hoje, como nas reuniões anteriores, não se chegou a um consenso sobre como a

¹⁰² Ver SOARES, 1996, p. 248-249.

¹⁰³ Ver GOFFMAN 1989, p. 24.

Associação de Moradores, como representante legítima desta população, poderia agir para reverter a situação, já que este parece ser o objetivo entoado em todos os encontros dos quais participei. O que pude observar foram relatos individuais que revelaram a maneira de cada um lidar singularmente com o fato de morar no Matadouro, um bairro repleto de problemas sociais, inclusive com o fenômeno social do tráfico de drogas.

No computo dos relatos etnográficos, destaco algumas falas de moradores do Matadouro coletadas durante uma reunião da Associação de Moradores do local:

Eu não acredito mais nesses políticos...eles não vão melhorar isso aqui...só vêm trazer cesta de comida na época de eleição...e essa gente tola ainda vende o voto...Eu quero fazer a minha parte...se ninguém quiser eu faço...meu sonho é fazer uma escolinha de computação pra essa gurizada aprender alguma coisa e trabalhar...assim vão deixar de lado essa porcaria de droga..Pra vê se agente vive algum dia em paz...sem medo...Um dia eu ainda consigo...(Seu Nelson, 54 anos, pedreiro, um, pretendo candidato a vereador da oposição na próxima eleição)

ou,

Sabe o que eu faço...eu faço isso morrendo de medo...mas faço...se sei de alguma coisa...ligo pra polícia e denuncio...esses traficante têm que pagar...o problema é que a gente corre perigo...porque a polícia não é confiável...(Adelaide, 32 anos, dona de casa).

Ou ainda,

Eu não tenho muita esperança não, que isso aí vai mudar...vou fazendo a minha parte na pastoral da criança...Mas morro de medo que aconteça alguma coisa ruim com essas crianças por causa do tráfico de drogas...a minha única esperança é Deus...o negócio é rezar...(Regina, 67 anos, colaboradora da Pastoral da Criança, movimento católico que atua no bairro)".

Considerando-se as falas acima, fica evidente que é na dramática de viver o bairro, através de gestos, olhares e falas presentes nas trocas sociais e nos processos de negociação entre os seus moradores que a cultura do medo pode ser pensada como parte de códigos ético-morais locais, permitindo-nos, assim,

compreender o fluxo dos deslocamentos, as trajetórias sociais e os itinerários urbanos dos moradores do Matadouro, no próprio bairro e para fora dele.

Além das observações que foram pontuadas, a etnografia realizada no bairro Matadouro, em Itajai/SC, desdobra-se e complexifica-se ao assinalar a forte controvérsia de processos de heterogeneidade e homogeneidade culturais que se processam no interior de sua comunidade. A narrativa que destaco a seguir pode ser emblemática nesse sentido.

Seu Nelson, negro, 54 anos, pai de quatro filhos, viúvo, católico, pedreiro, pretende um dia ser vereador, para, segundo suas palavras, *acabar com o tráfico de drogas do bairro...pra vê se a vida fica mais tranquila...* Mora no Matadouro desde os 8 anos de idade, quando veio com a família de Rio do Sul, *atrás de melhores condições de vida.*

Seu Nelson narra aqui o seu dia-a-dia:

Eu acordo todos os dias 5, 6 horas da manhã pra ir trabalhar...Olha aqui a mão de trabalhador (nesse momento Seu Nelson mostra-me suas mãos cheias de calo), quando tenho serviço e quando não tenho...mas até que tenho bastante...não posso reclamar...a granfinada lá do centro da cidade gosta muito do meu serviço...eles dizem que o meu acabamento é bom...Já fiz cada casarão (Seu Nelson enumera as casas que construiu, ou ajudou a construir na cidade)...Quando não tenho serviço, fico acabando a minha casa (desde que conheço seu Nelson, há mais ou menos três anos a sua casa está em reforma. Esse movimento de "eterna reforma", parece bastante trivial no bairro, principalmente na casa de pedreiros ou ajudantes de pedreiro)...Esse pessoal do centro que eu trabalho, ou trabalhei...eles gostam muito da gente...tratam a gente bem...mas não gostam muito do bairro não...não dizem, nem que sim, nem que não...mas a gente sabe...Então tá, de manhã vou pro trabalho, levo uma marmita com comida...e volto pra casa só as seis horas...Geralmente antes de vim pra casa eu passo ali no boteco da Miriam...Jogo dominó com o pessoal...bebo uma branquinha...ouço um pagode e depois volto pra casa...Pelo menos uma vez por mês vou na reunião do partido...Meu sonho é ser vereador pra vê se acabo com esse tráfico de drogas...Pra dá mais sossego pras famílias...pras mães...A minha mulher quando era viva morria de medo que os filhos se metessem com droga...Por ela a gente já tinha se mudado daqui pra fugir da droga ...da

violência...como muita gente faz...mas não sei se adianta...droga tem em qualquer lugar...é fogo... Aqui a gente se incomoda muito...Lá fora quem não conhece a gente desconfia que a gente é bandido... aqui dentro são racista... Nem todos... mas muitos são... principalmente essa cacalhada do morro...Mas eu não desisto não, ainda não, acho que a educação pode ajudar esse povo...é triste vê essa gurizada na droga...Falando sobre as reuniões do partido...Reunião de partido é bom ...A gente aprende...a gente troca idéia... Também já fui numa reunião sobre política pública num hotel chique da cidade...eu gosto de ir nesses lugares pra aprender...Já fui na universidade (Seu Nelson fala-me orgulhoso que tem uma filha formada na universidade, raridade no bairro), na apresentação do trabalho de fim de curso do pessoal que fez o trabalho aqui...foi muito bom...Sobre o que eu faço no final de semana, sábado e domingo eu saio com os colega, todos vizinhos, ou ex-vizinhos pra ir no pagode num bairro vizinho...ou no centro... Sabe, a minha vida é cheia de dificuldades, mas tem muita gente que eu conheço que tá muito pior do que eu...Por isso que eu acho que eu não posso parar...como já disse, tô pensando até em ser candidato a vereador...

Como pude constatar ao longo de meu trabalho de campo, à medida que eu ouvia as estórias do cotidiano do bairro relatadas pelos moradores, como o dia-a-dia de Seu Nelson, muitos outros moradores do Matadouro vêm-se obrigados cotidianamente a manipular “mundos”, “dimensões” e “instituições” diferentes e contraditórias, tais como os apontados por SIMMEL¹⁰⁴ e BECKER¹⁰⁵ em seus estudos sobre as condições de vida no contexto das modernas sociedades complexas.

Na fala de Seu Nelson, fica evidenciada a complexidade do significado do ato que envolve o “viver a cidade e na cidade”, em que as interações vivenciadas no dia-a-dia, no caso desse informante, tanto intra, como extrabairro, podem se dar

¹⁰⁴ Segundo VELHO (1981:17), “os trabalhos de SIMMEL, entre outros, chamou atenção para as especificidades da vida metropolitana, com sua heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, contribuindo para a extrema fragmentação e diferenciação de papéis e domínios, dando um contorno particular à vida psicológica individual”.

¹⁰⁵ Ver BECKER, 1977.

com pessoas, grupos e instituições diversificadas, em termos de sistema de crenças, valores ético-morais, sociais e econômicos.

No pequeno extrato de depoimento desse informante pode-se verificar a grandeza da reflexão de VELHO¹⁰⁶ a respeito das condições de vida dos segmentos sociais e dos processos de negociação/construção de identidades sociais de indivíduos e/ou grupos nas modernas sociedades complexas urbano-industriais. Esse aprendizado de deslocamento no interior de multiplicidade de universos simbólicos, realidade que se apresenta para os inúmeros moradores do bairro Matadouro, e aos quais correspondem diferentes processos de negociação de realidade, guardando um paralelo com os estudos de VELHO¹⁰⁷ sobre camadas médias urbanas, está intrinsecamente vinculado ao trânsito de tais indivíduos e/ou grupos em determinados contextos das sociedades complexas.

Dessa maneira, como acontece com outros moradores entrevistados em campo, a vida cotidiana de Nelson revela-se um fenômeno de intensos deslocamentos, tanto no plano objetivo quanto no subjetivo. Esse informante ora reivindica sua condição social reclusa de “viúvo”, ora se define como um amigo que adora sair para dançar pagode com os amigos; ora se apresenta em seu dia-a-dia como o pai orgulhoso de uma filha universitária, ora agencia seu papel de pai e morador inconformado com a violência e a presença de tráfico de drogas no local; ora é um pedreiro competente, ora o homem que não serve para frequentar o centro da cidade por morar num bairro estigmatizado; ora o homem que deseja ser vereador, ora o negro metido da área C, e assim por diante.

Da mesma forma que Nelson, morador do Matadouro, muitos outros informantes entrevistados em seu trânsito na vida urbana de Itajaí negociam, em sua prática cotidiana de habitantes de periferias de um centro urbano, como já pontuado,

¹⁰⁶ Ver VELHO, 1994.

¹⁰⁷ Ver VELHO, 1994.

com “mundos”, “dimensões” e “instituições” diferentes, muitas vezes contraditórias, expondo-se ao aprendizado de determinados papéis sociais não só diversos mas tensionais, como é o caso de Nelson, vítima de racismo no próprio bairro e um pretense representante do bairro se porventura tornar-se vereador.

Seria mister citar que nesse processo de deslocamento Nelson se apresenta e se representa como um indivíduo em constante metamorfose¹⁰⁸, o que é possível graças à negociação constante com sua condição social, seja ela expressa na afirmação do seu lugar de “pai de família” ou de trabalhador (pedreiro), nos seus valores humanísticos e solidários, ao brigar com o vizinho por causa do preconceito e na pretensão de lutar por melhores condições de vida para si e para comunidade.

Como em outros relatos citados anteriormente, a narrativa de Nelson revela a preocupação do “morador”, “pai de família” e “pretense futuro vereador” com a problemática do tráfico de drogas no local e, conseqüentemente, com a segurança daqueles que residem no Matadouro, principalmente os “filhos”, que convivem diariamente com o tráfico,

(...Meu sonho é ser vereador pra vê se acabo com esse tráfico de drogas...Pra dá mais sossego pras famílias...pras mães...A minha mulher quando era viva morria de medo que os filhos se metessem com droga...Por ela a gente já tinha se mudado daqui pra fugir da droga ...da violência...É o que ela queria...É o que muita gente faz...).

Aqui, mais uma vez, a estratégia de mudar de área no bairro ou para fora dele com o intuito de “fugir” do tráfico de drogas reaparece, se não em ato, pelo menos como um projeto de futuro da “mãe de família” que pretendia proteger os filhos. Vejamos as narrativas a seguir, em que, de uma maneira ou de outra, aparece o movimento ou o projeto de migração interna ou externa ao bairro para se proteger e/ou proteger a prole reincide.

¹⁰⁸ Ver VELHO, 1994.

O depoimento que destaco a seguir foi feito por Mirian, uma mulher solteira com quase quarenta anos, aposentada por invalidez, que mora no Matadouro desde que nasceu. Mirian, como muitos outros moradores do Matadouro, trocou de casa e de “área” no bairro pelo menos uma vez em sua trajetória. Quando era criança, morava na área B, hoje mora na “área E”. Segundo ela, seu pai conta que a mudança de local foi realizada para ficar mais próximo do centro da cidade, não havendo, assim, a necessidade de *subir e descer morro*. Vamos às palavras de Mirian, entoadas cuidadosamente em consonância com cada prato que lavava:

Antigamente aqui não tinha casas nos morros...os morros tinham poucas casas, a mulherada lavava roupa tudo junto, era água de buraco da terra, água de poço, tinha um determinado lugar que tinha três, quatro poços, tinha vários tanques, essa época eu deveria ter cinco, seis anos, a minha mãe descia o morro para lavar roupa e trazia eu junto, ela ia ficar aqui em baixo a manhã toda, então ela me trazia para eu não ficar sozinha...e também porque eu era rabugenta e vivia atrás da mãe mesmo...então aquela mulherada lavava roupa ali em volta daqueles tanques, não tinha briga, nem fofoca, por elas estarem junto, não tinha droga, eu não lembro nada disso...Hoje tem muita briga por causa do tráfico, tem muito assalto, tu já não anda como tu andava antigamente, tu tem medo de tudo, antes era briga de cachaça, hoje tu olha para um lado é traficante, para o outro é consumidor de drogas. Eu até já pensei, queria mesmo ter um filho...mas enquanto morar aqui não dá...Só se eu pudesse, tivesse condições de me mudar para um lugar mais seguro...Eu vejo o que essas mães passam aqui...Não é fácil...

Ao falar sobre o bairro num tempo passado, fica claro que, ao utilizar-se de um tom de voz nostálgico, saudoso, Mirian está se referindo não a lembranças do passado, mas, como diria BACHELARD¹⁰⁹, à sua “duração”, em que “vai buscar num sistema de instantes vividos, a modelagem (...) de uma obra que mostra o ser”.

Esse depoimento e a entonação com que foi feito demonstram um movimento de Mirian em direção a uma separação entre Matadouro de antes, do

¹⁰⁹ Ver BACHELARD, 1994, p. 85).

passado, e um Matadouro de hoje, do presente. Ao ressignificar o passado, ela demonstra, antes de tudo, uma forma de não-conformação com um presente “amedrontador”. Se o Matadouro de outrora é considerado um “paraíso”, hoje é o “cativeiro”¹¹⁰, um lugar onde uma suposta liberdade é tolhida cotidianamente pela violência, pelo medo e pela condição de ser pobre.

Como já foi dito, além dos sentimentos de medo e insegurança aparecerem como norteadores dos projetos de futuro das famílias do bairro, mais especificamente do desejo de mudar de região dentro do bairro ou para fora dele, aqui revelam-se intrinsecamente correlacionados a não-concretização de alguns desses projetos, no caso de Mirian, e o desejo de vir a ser mãe,

(Eu até já pensei, queria mesmo ter um filho....mas enquanto morar aqui não dá...Só se eu pudesse, tivesse condições de me mudar para um lugar mais seguro, daí eu arrumaria um homem e teria... Eu vejo o que essas mães passam aqui...Não é fácil...).

Diferentemente de Mirian, Dona Amélia, 65 anos, moradora da área E, ao resgatar a sua história, entrelaça-a à história do Matadouro, considerando desde o princípio o lugar onde vive há 35 anos como um espaço “decadente”, repleto de miserabilidade. Foi saboreando alguns copos de suco de fruta artificial que Dona Amélia falou-me de sua trajetória:

Eu moro há 35 anos aqui em Itajaí, nessa rua sempre...o meu primeiro marido foi ele que descobriu aqui, como ele viajava de caminhão, ele escolheu Itajaí para vim morar, antes nós morávamos no município de Nova Trento, bem no sítio ...ele veio pra cá porque ele tinha um conhecido que

¹¹⁰ Valho-me deste termo no mesmo sentido empregado por VELHO (1995). Segundo o autor, “a expressão cativeiro aparece para designar ausência de liberdade ou, mais precisamente, de libertação; os dois termos formando, portanto, um binômio indissociável, sobretudo através das expressões derivadas cativeiro e liberto, como uma terra cativa e uma terra liberta. Ambas as expressões são extremamente plásticas, servindo para caracterizar situações as mais diversas, desde os contextos sociopolíticos mais amplos, até circunstâncias do cotidiano”(p. 14).

morava aqui e já tinha uma madeireira, aqui onde é a creche era uma madeireira, uma madeireira bem bonita...eu vim grávida da minha filha, eu tava de 4 meses, ela nasceu aqui e eu continuei aqui nessa rua...a escola que hoje é o grupo era uma escolinha de madeira já velhinha, não tinha tubulação na rua, o esgoto era a céu aberto, aqui no grupo tinha uma ponte de madeira para as crianças atravessarem para estudar, embaixo era esgoto de banheiro, era um mal cheiro, era horrível essa rua, tinha por aqui um mato bem alto de silva, cheio de espinho...lá pra dentro a gente quase não ia, naquela época tinha lá um matadouro de bois...aquela água que hoje é morta que vem lá de cima do morro era uma cachoeira bonita...onde os bombeiros de vez em quando passava para ir pegar água lá...caía aquela água bem forte...parece até que eu tô vendo...hoje em dia tá morta de poluição, de nojeira, era uma cachoeira bem grande...aqui passava o trilho de trem...três vezes ao dia...quando eu vim morar aqui o bairro era muito violento, eu ficava bastante assustada...tinha muito ladrão, briga, muitas mulheres que bebiam de tarde, tinha muito bar ali dentro...elas brigavam muito, matavam muito...morria muita criança...era difícil uma semana que não morria uma criança aqui no bairro...morriam de pobreza, de desnutrição, de frio...eu nunca esqueço de uma imagem que eu vi, eu morava em outra casa, porque já mudei quatro vezes aqui na mesma rua..uma menina da minha vizinha, que morava no meio da silva, no meio do mato...era muito pobrezinha e a menina dela morreu com 6 anos, uma menina linda, com os cabelos todos encachiadinho, parece que eu tô vendo...ela morreu de vermes, que depois dela tá morta na "eça" ela botava verme pelo nariz...não tinha recurso, não tinha posto como tem hoje...o posto mais perto era muito longe...foi muito difícil a nossa adaptação aqui no bairro, a gente vivia bastante assustado...passei bastante medo, a gente tava acostumada lá no sítio...era muito mulher bêbada na rua com criança no colo, dando de mamar para o neném depois foi melhorando o bairro...pra mim o bairro só melhorou... ainda tem bastante coisa ruim, mas...naquele tempo não se falava em droga, naquela época o que tinha mesmo era bebedeira, tinha muito bar...cada quatro cinco casa tinha um bar...então eu custei a me adaptar, ficava bastante assustada, mas depois a gente foi se acostumando...e o bairro foi melhorando...tinha a capela...a minha filha tinha 2 anos quando veio um missionário, aqueles padres bem enérgico...eles rezavam missa aqui na capela, reuniam o povo todo...a nossa missa era ali...eu fazia parte do coral...ali onde sobe a escada, a capela era ali naquele morro...derrubaramdepois construíram ali uma creche, que depois virou a Associação de Moradores, e hoje funciona a pastoral da criança e também tem missa ali...se transformou numa capela novamente...ali tem as reuniões da igreja, a comunidade continua se reunindo ali e tem missa todos os sábados às 6 horas... depois que eu vim morar aqui esse bairro melhorou

muito...o pessoal procuram bastante a igreja...essa igreja aqui do lado já tem 20 anos, não é católica, que é a minha igreja, é assembleia, eles fazem muito barulho...mas também eu não me incomodo...eu acho que melhorou porque as pessoas procuram hoje muito a igreja, na época que eu vim morar aqui tinha a capela, mas quem participava mais era o pessoal da rua Brusque, não o pessoal daqui...ou o pessoal da rua de baixo...na verdade quando eu vim morar pra cá não se falava em Assembleia de Deus, só depois de algum tempo é que começou...começou a se fazer muitas igrejas aqui, e isso ajuda...porque pelo menos o pessoal que vai na igreja, não fica na rua, e isso é muito bom, muita criança...agora fizeram uma igreja lá no morro atrás do cadeião...fizeram um galpão lá eles se reúnem lá...eu sou católica, mas acho muito bom se as outras igrejas conseguem levar bastante gente....as criancinhas vão pra igreja, dá bastante jovem aqui, se não onde tava esse pessoal, estaria tudo na rua.

As palavras de Dona Amélia trazem consigo uma avaliação não só do bairro, mas de si mesma¹¹¹, ou seja, quando Amélia busca avaliar aquilo de “ruim” e de “bom” que tem no bairro, está avaliando a si própria. É a partir da auto-avaliação que ela, ao se deparar com o tráfico de drogas, condena-o, considerando sua presença no Matadouro uma afronta à sua honra¹¹² e ao processo civilizatório¹¹³ do lugar.

Se antes não havia um sentido no sofrimento vivenciado pelas pessoas do bairro, hoje ele encontra um subterfúgio na igreja. E é pautada na religião que Amélia justifica seu julgamento moral daqueles que sucumbem ao tráfico de drogas. Para a moradora, se antes havia *bebedeira, briga no bairro*, era plausível, ao contrário de hoje, já que muitas igrejas estão ali instaladas. Aqui, como em muitas

¹¹¹ Ver RICOEUR (1991), em sua obra sobre o Si-mesmo. Sobre essa discussão, ver também GOFFMAN (1989).

¹¹² Nos termos de PITT-RIVERS (1965) “Honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade. É a sua apreciação de quanto vale, da sua pretensão a orgulho, mas é também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão pela sociedade da sua excelência, do seu direito a orgulho”(p.13). Voltarei a discutir honra, especificamente, na parte II desta dissertação.

¹¹³ Ver ELIAS (1994).

outras falas dos moradores do Matadouro, a religião aparece como uma forma de redenção do “cativeiro”.

Assim, é mister sublinhar que, além de resgatar os já citados conflitos entre os moradores “religiosos e não religiosos” do bairro, a narrativa de Amélia expressa uma outra estratégia utilizada por ela, bem como por muitas outras famílias com as quais tive contato em campo, de convivência com os sentimentos de medo e insegurança e de sobrevivência: a prática de alguma religião,

(...só depois de algum tempo é que começou...começou a se fazer muitas igrejas aqui, e isso ajuda...porque pelo menos o pessoal que vai na igreja não fica na rua, e isso é muito bom, muita criança...agora fizeram uma igreja lá no morro atrás do cadeião...fizeram um galpão lá eles se reúnem lá...eu sou católica mas acho muito bom, se as outras igrejas conseguem levar bastante gente....as criancinhas vão pra igreja, dá bastante jovem aqui, se não onde tava esse pessoal, estaria tudo na rua...Quem não vai pra igreja é porque não quer ser ajudado...Num lugar como esse...aí cheio de droga...violência...só Deus pra proteger...).

No mesmo viés de Dona Amélia, Celina, 45 anos, fala de um Matadouro passado bastante miserável. Celina morou desde que nasceu na Área A, e só veio a morar na Área E há 4 anos atrás. Casada, com um filho pequeno e dois adolescentes, trabalha como servente numa universidade e praticamente sustenta a família sozinha, já que seu marido *ganha muito pouco*, ele é aposentado por invalidez. Enquanto me servia um café com bolachas doces, Celina fazia sua narrativa:

Há alguns anos atrás e ainda hoje às vezes muita gente não entrava ali por causa dos bandidos, porque ali dentro era um gancho de bandidagem...a gente vivia no meio dos bandidos...eu morava lá dentro, do lado do cadeião...antes de presídio, ali, a gente vivia no meio da bandidagem...a gente conhecia um por um...a gente era solteira, saía pra dançar e voltava pra casa eles não mexiam com a gente, porque conheciam, mas se a gente arrumasse um namorado tinha que deixar ele na esquina...não podia entrar, porque se entrasse eles metiam o pau, ou roubavam...taxista não entrava...hoje tá voltando isso, deve ter algum bagrisinho por ali assaltando...ladrão de galinha...porque os grande mesmo já morreram,

morreram de aids, foram matado por polícia...tem um solto que já se regenerou...eu moro 40 anos no Matadouro, antes morava perto do cadeia, há 4 anos moro aqui. Lá não dá pra viver, tu escutava grito de polícia batendo nos presos, lá se escuta tudo...uma vez deu um assalto, a gente espiou pelo buraco da janela, daí tinha bandido com arma na mão...eles fugiram do presídio, lutaram com a polícia, tudo com arma na mão...daí ficamos com medo, tenho criança, não queria mais viver ali...até que foi indo...meu marido trabalhava no porto, ganhou um dinheiro de indenização, daí compramos essa casinha aqui...eu prefiro morar aqui...lá tem família boa, são pessoa honesta, trabalhadeira, mas pra mim não dá...pra ti criar um filho não dá...tens que criar dentro do cercado, sem contato com crianças...tem filho de prostituta, de marginal...crianças de rua que são mal educadas...eu vim pra cá, porque eu queria morar num lugar mais civilizado...lá era assim, na frente da minha casa jogavam lixo...o lixeiro levava uma semana pra recolher o lixo, daí a gente se incomodava...morava na frente de um bar, muito barulho, bagunça...daí eu sempre pedia pra Deus me ajudar pra sair de lá...feliz daquele que sai de lá...é outro ritmo de vida...nem parece o mesmo bairro... "...aqui cada um cuida da sua vida, eles não sabem o que tu come, se tu briga com teu marido...não sabem nada disso...lá um conhece a vida do outro, um se preocupa com a vida do outro...se tu passa necessidade todo mundo sabe, se tu briga também...se tu comprou uma coisa eles querem saber o que, como comprou...quanto pagou...são pessoas boas, mas a gente se criou tudo junto, eles acham que um tem que saber tudo da vida do outro...aqui não, eu vivo a minha vida, trabalho, ninguém sabe de mim...cada um é pra si... Lá, tu vinha do mercado, eles queriam saber o que tu tinhas dentro da bolsa...é impressionante, é só ali que é assim...do trilho pra lá é assim, lá ninguém quer ver ninguém pra frente, é aquele tipo de gente que quer te ver sempre na mesma...não sou rica, mas tenho minha casinha, aqui tudo é meu...

O depoimento de Celina demarca que as suas lembranças de um tempo passado estão impregnadas de seus deslocamentos espaciais, quer dizer, se o Matadouro há 5, 10 anos atrás era ruim, não é apenas porque sofreu um processo de intensificação demográfica sem ser acompanhado de equipamentos de infraestrutura, é porque as recordações de Celina estão balizadas pelo local de moradia nessa época. As lembranças de como morar no bairro era ruim, no caso dessa informante, estão atreladas ao fato de Celina na época ter morado perto do

“cadeião”, de ter uma casa menos confortável do que aquela que possui hoje, e, segundo suas palavras, de na “Área A” do bairro ter *menos privacidade*.

✍ Mencionando *privacidade*, na narrativa de Celina o dilema do público/privado nos processos de interação entre os moradores do bairro Matadouro vem à tona. Para Celina, o fato de estar morando na “Área E” do bairro assegura, no dia-a-dia, um caráter mais privado para si e para sua família. O que pode ser verificado aqui é um anseio desta informante por um modo de vida pautado na ideologia do individualismo moderno, em que se prioriza a privacidade, busca-se viver no “anonimato”¹¹⁴. Idéias estas a princípio reforçadas pela condição de trabalho de Celina, já que cotidianamente ela entra em contato com valores individualistas na instituição em que trabalha, uma universidade. Vejamos estas palavras de Celina:

Lá na universidade onde eu trabalho é tão diferente daqui...É bem melhor, é cada um na sua e pronto...Ninguém se mete na vida de ninguém...Se acontece uma briga...um bate-boca...cada um pega o seu carro e vai embora...e no outro dia parece que não aconteceu nada...Sabe, é cada um na sua...Eu depois que mudei pra cá (área E) tô tentando viver assim na minha...Só eu e a minha família...Vizinho só oi, tudo bem, tchau, até logo...Não quero incomodação com vizinho...

Pleitear por anonimato não significa que Celina consiga instituí-lo na sua vida totalmente, pelo contrário; quando comenta a solidariedade da vizinhança, reforça a tensão, já vislumbrada em outros depoimentos de moradores do bairro, entre valores holistas e individualistas¹¹⁵. Em momentos de fragilidade, como

¹¹⁴ A propósito da vida mental na metrópole, SIMMEL (1967), atento a questões fundamentais para o entendimento das formas de viver a cidade, aponta para a presença do “tipo metropolitano”, aquele que busca pelo anonimato, diferenciando-o do habitante da pequena cidade; justamente em razão das diferentes formas de sociabilidade existentes na metrópole moderna, que é, em última instância, compreendida pelo autor como a “intersecção de vários mundos.”(ECKERT & ROCHA, 1999).

¹¹⁵ Sobre as tensões dos valores individualistas e holistas na sociedade brasileira, ver DAMATTA (1985).

quando se encontra diante de um problema de saúde, Celina busca auxílio na vizinhança, desbancando, assim, em parte, a sua opção pelo anonimato. Mais uma vez destaco as palavras de Celina:

Se eu precisar de um vizinho para me levar, ou levar alguém da minha família no médico, já que não tenho carro, eles me ajudam... Se eu precisar que um dia ou outro eles fiquem de olho nos meus filhos, eles ficam...

Como Celina, muitos outros moradores do Matadouro parecem transitar entre uma ideologia e outra, individualista e/ou holista, lembrando que, ao recorrerem à segunda, dependem de uma rede de solidariedade que geralmente está baseada em “laços de vizinhança”¹¹⁶, rede esta imprescindível, como constatou FONSECA¹¹⁷, para a sobrevivência dos ditos grupos populares.

Ainda é importante destacar que, mesmo quando recorre ao “outro” para pedir auxílio, Celina faz uma distinção entre as pessoas que estão aptas ou não a servi-la. O contato com o “outro” não é aleatório, pois, como foi pontuado ao longo deste capítulo, entre os moradores do Matadouro há indubitavelmente uma seleção daqueles que fazem parte de uma determinada rede de solidariedade¹¹⁸, havendo um acordo tácito entre a população. Vejamos esta fala de Celina:

Aqui é fogo... A gente tem que escolher com quem anda... Tem que ficar de olho... Não pode confiar em qualquer um... Tá sempre chegando gente de fora, que tu não conhece... Não sabe de onde vêm... Não conhece a família... Não sei se é prostituta... Se é traficante... Tem um monte de gente aí que não presta... Eu já saí de perto do morro porque tinha muito medo de criar os meus filhos lá... Eu não quero que eles sejam bandidos, como muitos aí são... Lá (área A - perto do morro) eu trancava os meus filhos dentro do cercado e não deixava eles falarem com quase ninguém... Se eu pudesse eu

¹¹⁶ Sobre “laços de vizinhança”, ver BOTT(1957).

¹¹⁷ Ver FONSECA, 2000.

¹¹⁸ Aqui vale sublinhar que a família de Celina vive no matadouro há três gerações, fato que faz dela, de seu marido e seus filhos parte da categoria dos “estabelecidos” do bairro.

saía do bairro...Mas as vezes a gente tem que confiar...pelo menos numa parte da vizinhança...não tem jeito...Aqui também tem gente boa.. gente que a gente já conhece há anos...desde pequena...se eu precisar sair cuidam dos meus filhos...tomam conta deles...Nessa hora a gente se une, se junta, pede ajuda a quem a gente confia...Mas o bom mesmo seria sair desse bairro, ir pra um lugar sem tanta droga...violência...

Por fim, é importante sublinhar que, no discurso de Celina, a *prostituta*, o *traficante* e todos os personagens considerados por ela como *imorais* aparecem como um perigo iminente para aquela parte da população do bairro, inclusive para ela e sua família, que parece não se identificar com esses estigmas. Neste sentido, vale pontuar que, além de aderir à estratégia de migração na tentativa de impedir que sua família, principalmente sua prole, venha a se envolver com o tráfico de drogas, Celina e sua família, bem como outros moradores do Matadouro observados em campo, na tentativa de se proteger, oscilam entre uma ideologia individualista e holista.

Quer dizer, e num momento Celina e sua família optam pelo individualismo, evitando o contato com parte dos vizinhos para impedir que sua prole venha a se envolver com aquilo que consideram ilícito, como o tráfico de drogas:

(...Eu não quero que eles sejam bandidos, como muitos aí são...Lá (área A, perto do morro) eu trancava os meus filhos dentro do cercado e não deixava eles falarem com quase ninguém...).

Em outro, unem-se à vizinhança, como numa “rede de solidariedade” contra a vitimização:

(Mas às vezes a gente tem que confiar...pelo menos numa parte da vizinhança...não tem jeito...Aqui também tem gente boa..gente que a gente já conhece há anos...desde pequena...se eu precisar sair eles cuidam dos meus filhos...tomam conta deles...Nessa hora a gente se une, se junta, pede ajuda em quem a gente confia...).

Assim, parece que ,além dos deslocamentos (migração interna ou externa ao bairro) e da adesão à religião, os movimentos de isolamento e/ou recorrência a uma “rede de solidariedade” por parte dos moradores do bairro estão intrinsecamente relacionados ao sentimento de medo.

Findo este capítulo, é proficuo salientar que o estudo de trajetórias sociais e itinerários urbanos será desenvolvido na próxima parte desta dissertação, enfatizando o sentimento de medo vivenciado por mulheres/mães moradoras do Matadouro, como já mencionado, medo de não conseguir criar os filhos dentro de certos parâmetros sociais, de não se “livrar” do estigma de *ser o bandido do Matadouro*, de não conseguir fugir da *sina* do tráfico de drogas e da pobreza.

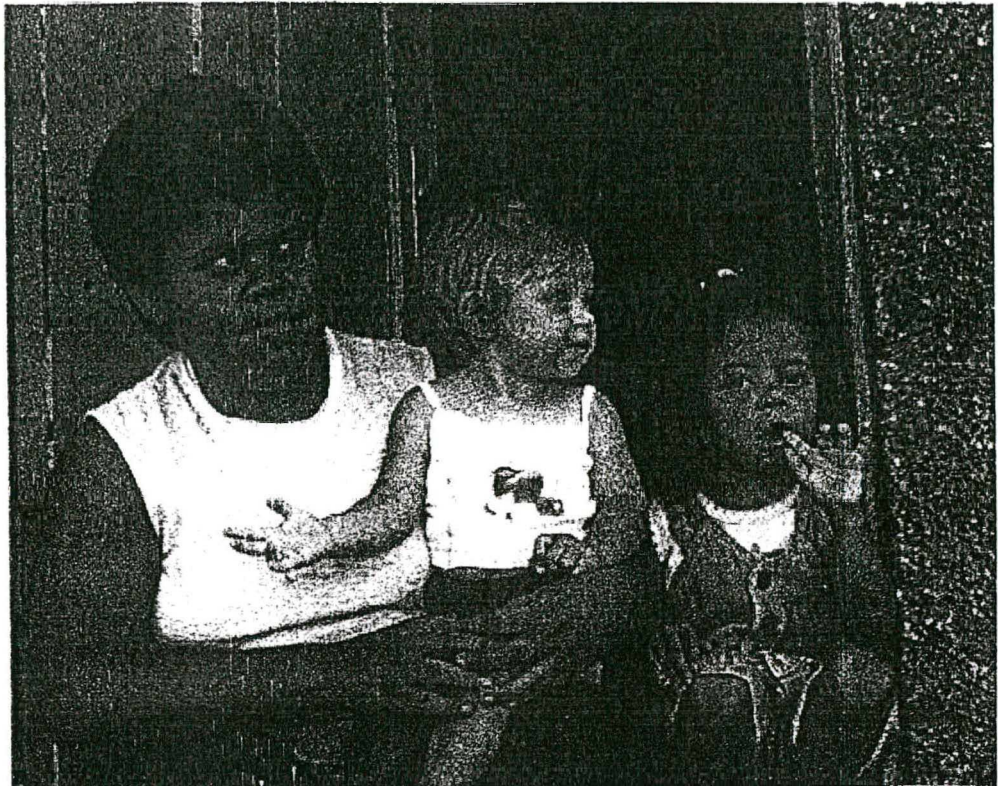


Foto 11. Mãe e filhas.

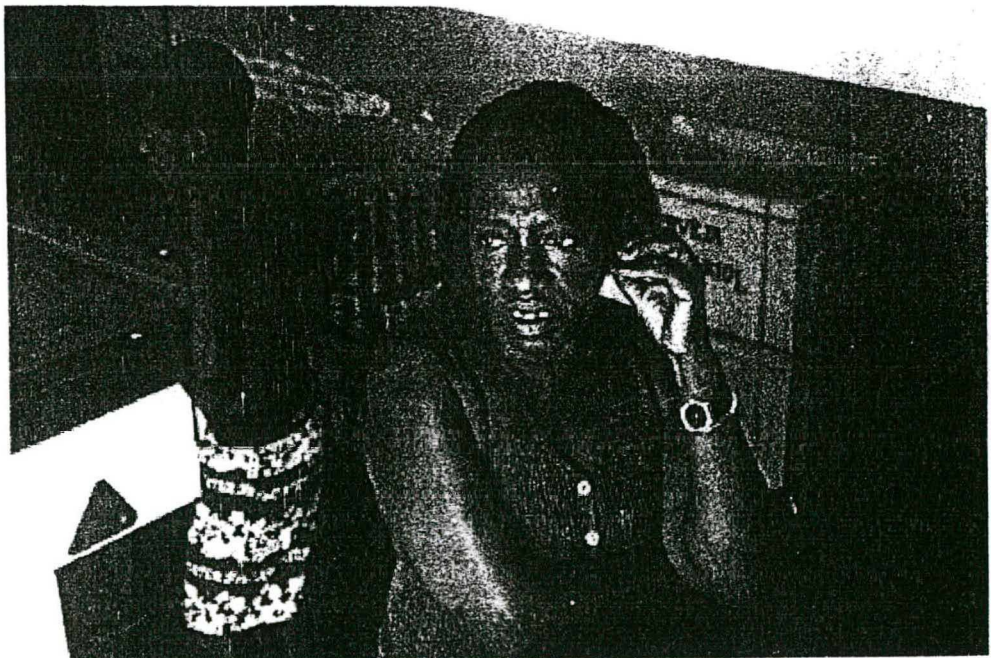


Foto 12. Avó e neto.



Foto 13. Mãe e Filhas.

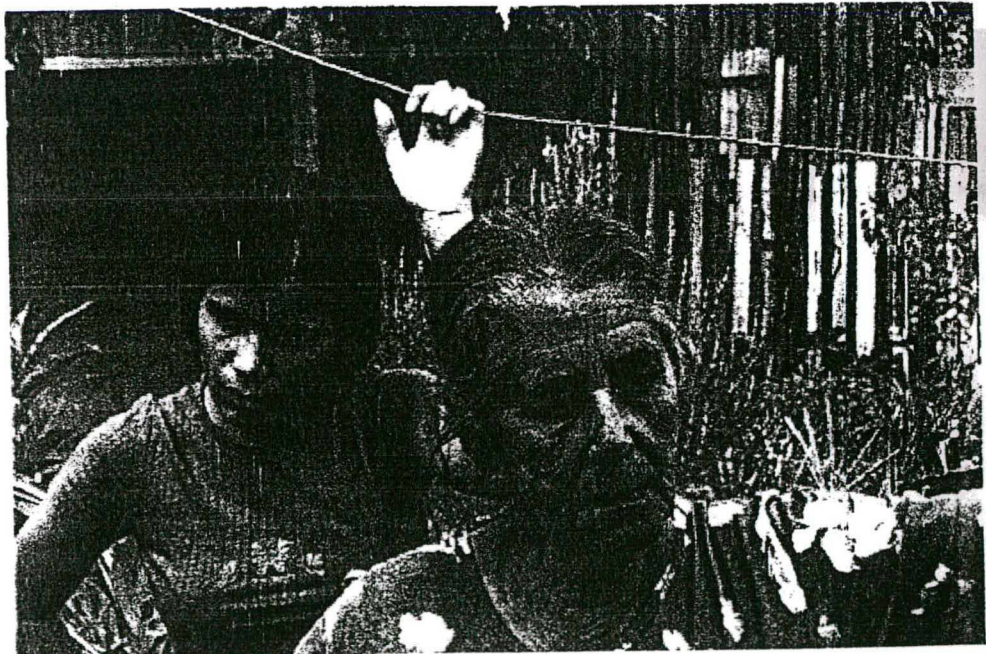


Foto 14. Avó e neta.



Foto 15. Mulher no trabalho (bar).

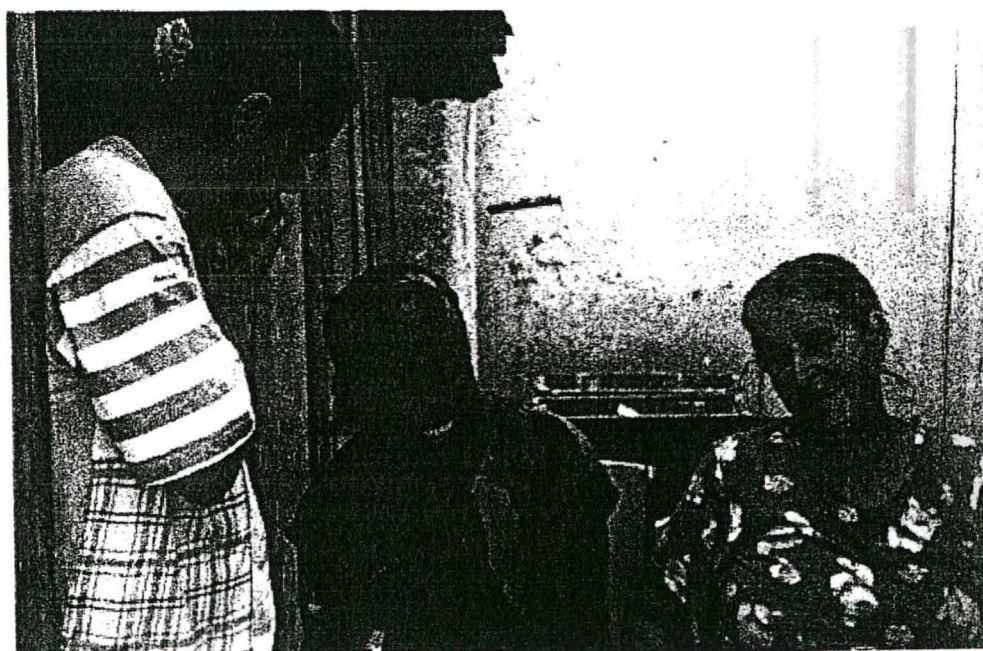


Foto 16. Mulheres conversando.



Foto 17. Mãe e filhos.

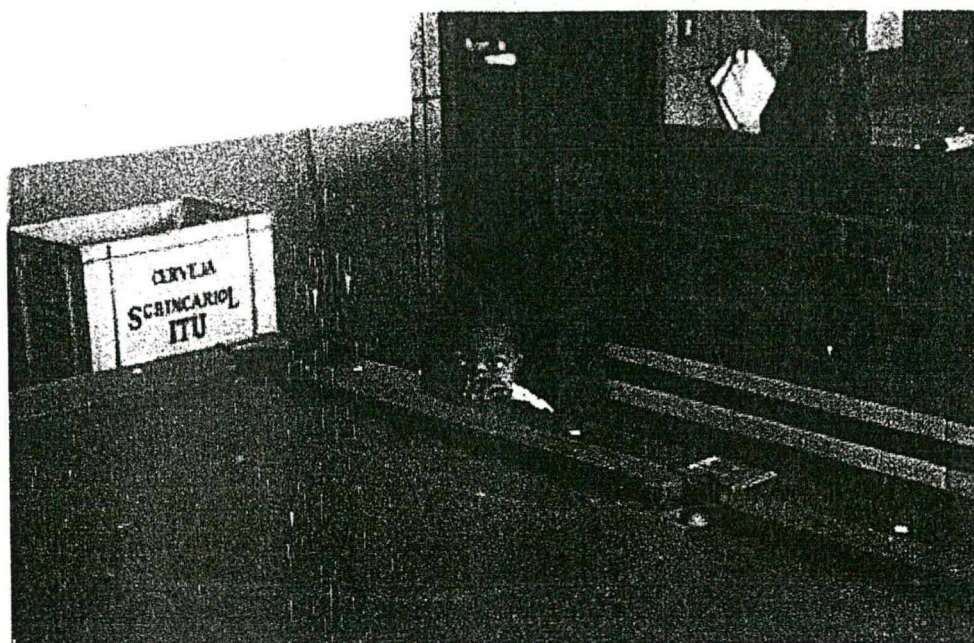


Foto 18. Criança no bar da família.

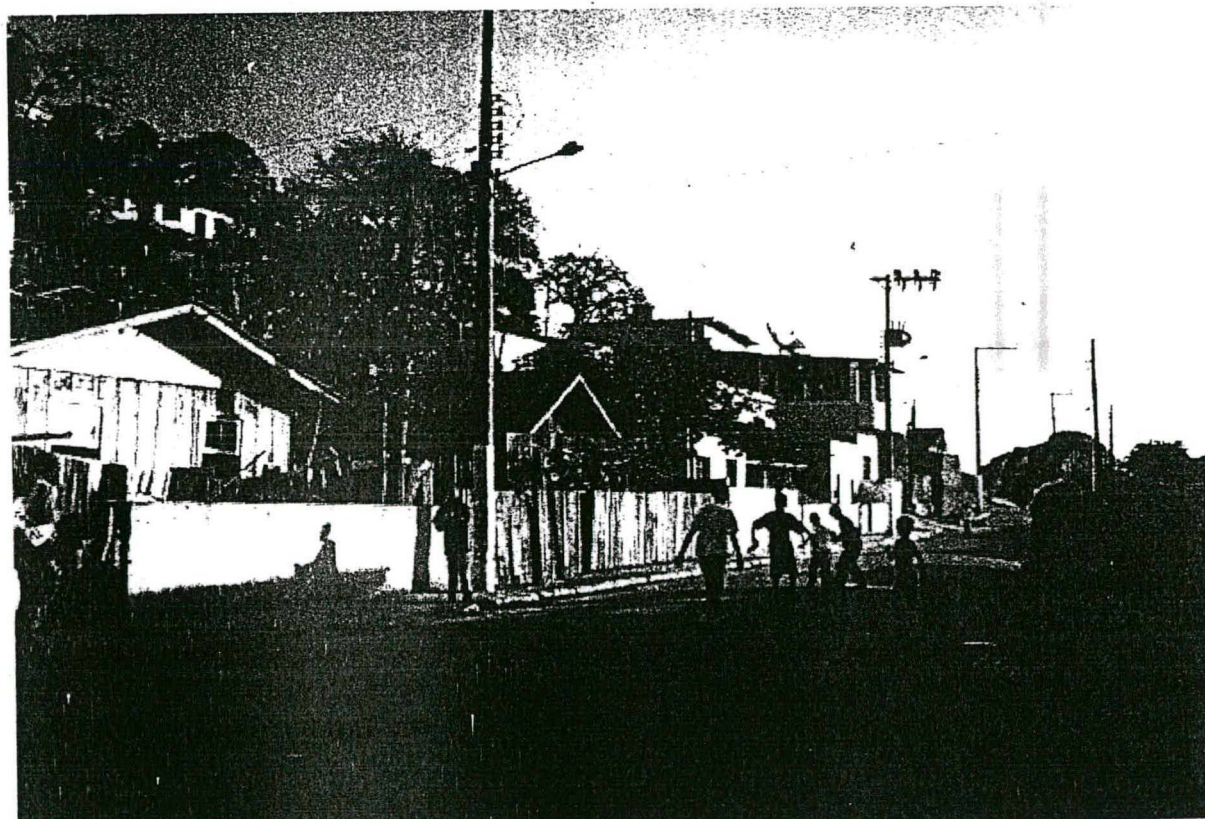


Foto 19. Crianças jogando bola.



Foto 20. Meninas no quintal de casa.

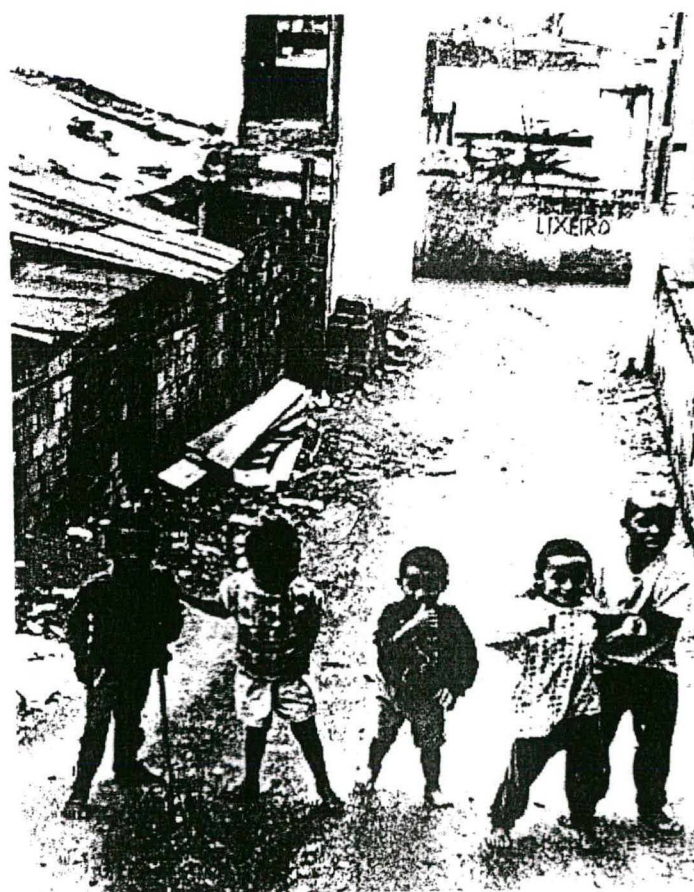


Foto 21. Crianças brincando na rua.



Foto 22. Meninos na rua.

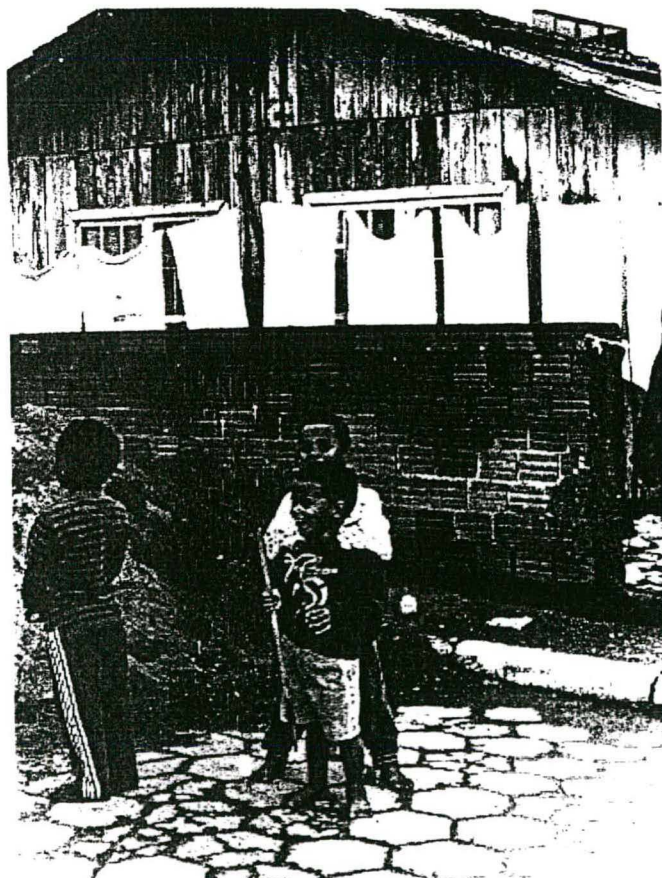


Foto 23. Meninos brincando na rua.

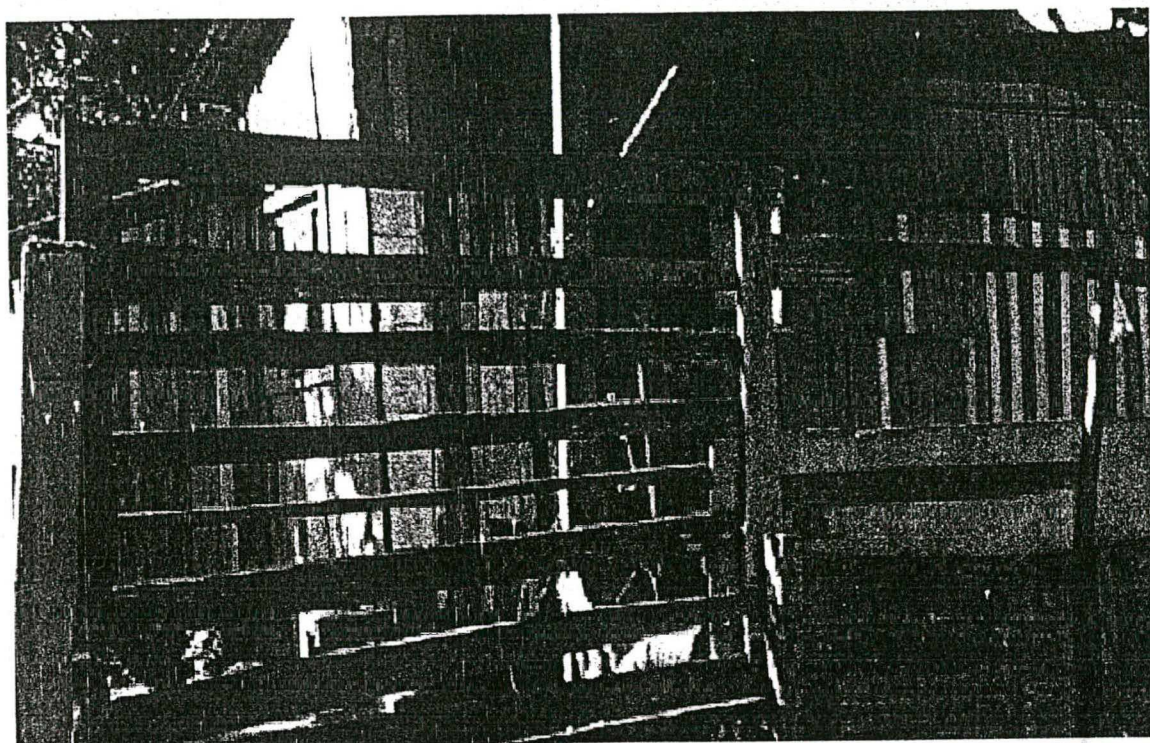


Foto 24. Criança na porta de casa.



Foto 25. Crianças na janela de casa.

PARTE II

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

CAMINHOS CRUZADOS E PERCURSOS DE VIDA

Nesta parte da dissertação, parto da reflexão de ROCHA & ECKERT, segundo a qual,

Cada habitante é um narrador em potencial da cidade, com suas múltiplas reminiscências fazendo uma polifonia de vozes cognitivas ora distantes ora harmônicas, ora em *alegro* (comédia) ora em *adágio* (tragédia), uma vez que cada um vivencia de forma diferenciada a pluralidade de significados na cidade e reinterpreta diversamente suas trajetórias de vida".¹¹⁹

Nesse sentido, desenvolvo aqui o estudo das narrativas biográficas e trajetórias sociais de quatro mulheres moradoras e ex-moradoras do bairro Matadouro, todas elas pertencentes a uma mesma família, em razão de este grupo familiar expressar, paradigmaticamente, as tensões e conflitos que podem vir a ocasionar processos migratórios da população local em direção a diferentes áreas do bairro e/ou bairro vizinhos menos violentos.

Aqui investigo os percursos e trajetórias individuais e/ou sociais de cada uma delas a partir "de suas reconstruções narrativas das experiências temporais que delineiam trajetórias de vida". Assim, tomo suas narrativas sobre o tema do medo, da insegurança, da violência e dos processos de vitalização,

como sendo a maneira singular de problematizar o caráter temporal de suas experiências de vida exteriorizando valores interiorizados cotidianamente pelo sujeito-narrador, evidenciando a complexidade das tramas cotidianas de inserção nos contextos sociais, da negociação dos papéis e performances demandados e do

¹¹⁹ Ver ROCHA & ECKERT, 1999.

desempenho no ato comunicativo/vivido. Trata-se de ‘redescobrir a autenticidade do sentido graças a um esforço vigoroso de desmitificação’, nos termos de Paul RICOEUR, ‘tentando compreender o que descreve, para descobrir seu sentido, um método, portanto, hermenêutico ou interpretativo’¹²⁰ »¹²¹.

São elas quatro irmãs, as quais denomino¹²² Marta (38 anos), Mônica (39 anos), Mirtes (41 anos) e Marcela (33 anos). Seus pais, como elas, nasceram e foram criados no Matadouro. Aqui é importante situar essas pessoas como “estabelecidas” no local, principalmente pelo fato de residirem no bairro há três gerações.

A mãe, que denomino Gioconda, morreu¹²³ há aproximadamente dezoito anos. Quando solteira foi empregada doméstica e após o casamento, além de dona de casa, auxiliava o marido a cuidar de uma venda¹²⁴ contígua à casa da família (área A), da qual eram proprietários.

José, o pai, hoje com 70 anos, é aposentado. Logo após a morte da esposa Gioconda, casou-se e foi morar num bairro vizinho ao Matadouro, lugar que vive até hoje com a segunda esposa. Enquanto foi casado com Gioconda, José morou com a família por aproximadamente vinte anos na área A do bairro, só trocando de casa uma vez. Nessa época, além de trabalhar na venda com Gioconda, foi ajudante de pedreiro.

Gioconda e José tiveram oito filhos, cinco mulheres e três homens. Após a morte de Gioconda, os três filhos homens (Marcelo, atualmente com 40 anos, Mário 31 anos, Mariano, 37anos) e uma das filhas (Maria, atualmente, 35 anos) foram morar com parentes em bairros próximos ao Matadouro. Apenas um deles, Marcelo, o mais velho, retornou ao Matadouro e hoje é dono de um pequeno mercado no local. Marta, Mônica e Mirtes, já casadas naquela ocasião, continuaram morando no Matadouro, e

¹²⁰ Ver JAPIASSU, in RICOEUR, 1988 p. 3-4

¹²¹ Ver ECKERT, 1999, p.1-2

¹²² As denominações dadas às quatro irmãs (informantes principais) nesta dissertação foram escolhidas pela pesquisadora propositalmente com a mesma letra inicial, por se tratar de um padrão de nomenclatura bastante utilizado no bairro para filhos de uma mesma família.

¹²³ As informantes (filhas) não entraram num consenso quanto à causa da morte da mãe.

¹²⁴ Pequeno estabelecimento comercial, bastante comum no bairro, que, além de produtos alimentícios de “primeira necessidade”, comercializa bebida alcoólica (bar).

Marcela, na época com 15 anos, ficou morando ora na casa de Mirtes, ora na casa de Mônica, para ajudar a cuidar dos sobrinhos.

Hoje, as quatro irmãs são casadas com o primeiro marido (também nascidos e criados no Matadouro, com exceção do marido de Mirtes, que morava num bairro vizinho). Marta tem um filho (21 anos) e uma filha (16 anos); Mônica tem dois filhos (20 e 17 anos) e duas filhas (15 e 1 ano); Marcela tem um filho (13 anos) e duas filhas (10 e 2 anos) e Mirtz tem três filhos (18, 10 e 9 anos) e uma filha (15 anos)¹²⁵. Marta, Mônica e Mirtz trabalham como serventes de uma universidade, e Marcela, a irmã mais nova, está com SIDA e desempregada. Essas informantes e suas famílias freqüentam uma Igreja Evangélica¹²⁶ situada num bairro vizinho.

Todas elas nasceram na área “A” do bairro¹²⁷. Depois de casadas, residiram em diferentes locais, dentro e fora do bairro, sendo que apenas Marta vive na Área A atualmente, enquanto Mirtz mora na área E, e Mônica e Marcela abandonaram o Matadouro, indo residir em bairros vizinhos.

Antes de deixar o bairro, Mônica, logo após seu casamento, morou muitos anos na área B (morro), e hoje, quando lembra a sua história e trajetória dentro do Matadouro, não esquece das situações de vitimização pelas quais passou. Aqui retiro um exemplo de meu diário de campo:

Mônica conta que um homem que queria vingar-se de seu marido (envolvido, na ocasião, com roubo e tráfico de drogas) ameaçou-a com uma faca por algum tempo...depois tentou estuprá-la, mas logo chegou alguém para salvá-la, na época ela estava grávida. Hoje ela diz sentir-se aliviada por não morar mais no Matadouro: *quero ficar longe daquele lugar, imagina se meus filhos virassem traficante como o pai era, Deus me livre...*

¹²⁵ Segundo as quatro informantes, seus filhos são fruto de seu primeiro e único casamento.

¹²⁶ A igreja evangélica freqüentada pelas quatro irmãs é denominada de “Congregação Cristã do Brasil”, ou de “igreja do véu”, pelo fato das mulheres só poderem entrar na igreja cobertas por um véu. Mais informações sobre esta igreja e sobre sua “doutrina”, ver anexo 3 (este material foi cedido pelas informantes).

¹²⁷ Mais detalhes sobre a área A do bairro, ver capítulo 1 e anexo 1.

Há alguns anos, **Marta**, que hoje reside na área A, morava na área B. Uma das razões de seu deslocamento para outra parte do bairro, segundo ela, é que na área “B” não conseguia dormir à noite, pois naquele local havia (e ainda há) muita movimentação por causa do comércio do tráfico de drogas. Ao lado de sua casa vivia uma família de traficantes, o que a deixava preocupada, principalmente com a segurança de seus filhos, que já eram adolescentes e que *poderiam entrar facilmente nesta vida*.

Marcela, que se mudou recentemente para um bairro vizinho, morou na área B do Matadouro até agosto de 2000. Considerando que nossos primeiros encontros ocorreram naquele local, retiro algumas anotações de meu diário de campo registradas naquela época: “Marcela diz não se sentir muito à vontade de morar nesta região (área B), pela precariedade e periculosidade que a vida no morro apresenta, projetando, com o passar do tempo, morar lá em baixo.”

Já a irmã Mirtes, que reside “do outro lado do trilho”(área E), mesmo próximo a uma área de tráfico, diz sentir muita pena das irmãs que não conseguiram sair de perto do “cadeião” e do morro¹²⁸, afirmando estar feliz por Mônica, que mora em outro bairro: o Matadouro não presta, tem gente boa, mas tem muito bandidinho.

Estas primeiras narrativas de Marta, Mônica, Mirtes e Marcela aqui apresentadas nos dão indícios de uma configuração das representações do medo e da violência no perímetro do bairro Matadouro, considerando que, ao rememorar interpretativamente suas trajetórias, cada uma das narradoras: aprofunda sua própria biografia na dimensão de uma inteligência narrativa construtora de representações individuais remetidas a um plano coletivo, que não apenas dimensiona a lógica das representações coletivas que expressam ‘o estado do grupo social’¹²⁹, mas o caráter

¹²⁸ Na época em que este depoimento foi feito por Mirtz, Marcela ainda morava no morro.

¹²⁹ Ver MAUSS, 1969, v.3:160-161

temporal da experiência humana, como propõe Paul Ricoeur, na luta contra a representação linear do tempo instaurando uma reflexão sobre a linguagem humana.¹³⁰

Dessa forma, acredito que uma investigação intensa das narrativas biográficas, priorizando a observação e a interpretação dos estilos de vida e visões de mundo dessas mulheres¹³¹, das suas escolhas, dos seus saberes e fazeres, permite ao leitor compreender as relações entre o medo, as violências, as trajetórias sociais e os itinerários dos grupos populares no contexto da vida cidadina num bairro de periferia, neste caso o Matadouro.

¹³⁰ Ver RICOEUR, 1994:54 e 1988:8; ECKERT, 1999, p.11-12.

¹³¹ As falas citadas nesta parte da dissertação foram coletadas por meio de entrevistas gravadas (em média dez horas por informante), além de "observação participante" através de visitas informais. Na totalidade, o meu contato com essas informantes deu-se no período de julho de 2000 a julho de 2001.

CAPÍTULO 3

MARTA POR ELA MESMA: TENHO MEDO QUE OS MEUS FILHOS CAIAM NA PERDIÇÃO...

Um aspecto fundamental para que as histórias sejam contadas, reproduzidas e perpetuadas é que seja desenvolvida a faculdade da memória, pois é através da reminiscência que os acontecimentos são transmitidos ao longo “dos tempos”. Essas reminiscências só tomam “corpo” se forem exteriorizadas e “compreendidas”.

Assim, tendo presente os escritos de BENJAMIN¹³², cada vez que eu deixava a casa de Marta tinha a sensação de que estava diante de uma hábil narradora, uma vez que percebia no seu ato de narrar não apenas a sua voz como narradora presente, mas existiam ainda três outros elementos que são indissociáveis dessa ação: o olho, a mão e a alma. É através do olhar, dos gestos com as mãos e com o “íntimo de sua alma” que a figura do narrador expressa por Marta conta sua história, transformando essa ação numa relação artesanal, em que o narrador (artesão) e a sua matéria (vida humana) se fundem na criação de uma obra de arte: a narrativa.

Ora, de acordo com BEHAR¹³³, muitas vezes nossos informantes são contadores de história, como constato nas narrativas de Marta. Sendo assim, antes de dar início à sua narrativa biográfica, seria profícuo atentar para estas reflexões de FONSECA¹³⁴:

¹³² Ver BENJAMIN, 1993.

¹³³ Ver BEHAR, 1993.

¹³⁴ Ver FONSECA, 2000, p.122-124.

Em primeiro lugar devemos olhar essas narrativas à luz da lógica do contador de histórias, isto é, alguém que tem como objetivo principal entreter a platéia (...). Para a história funcionar, é necessário estabelecer um ambiente dramático que mistura um mínimo de verossimilhança com elementos de fantasia (...) As descrições são repletas de detalhes sonoros, visuais e táteis(...) O que impressiona aqui é a mistura do real com o irreal : da narradora - suas roupas, sua casa e suas crianças - com a história fantástica que conta (...)os jogos de adivinhação, as tríplexes repetições, as cenas de suspense(...) todos esses artifícios contribuem para o ritmo dramático da narrativa.

Marta, 38 anos, casada, mãe de dois filhos, servente de uma universidade, evangélica, morou desde o seu nascimento na área A do bairro. Após o casamento, foi morar na área B e atualmente voltou a residir na área A.

Diante do exposto, posso assegurar ao leitor que a riqueza de detalhes da ambiência descrita neste capítulo só foi possível em razão do talento de Marta enquanto narradora. Começemos pelo princípio:

Marta contou-me emocionada que sua infância e adolescência foi regada por um sentimento de insegurança e medo misturado ao encantamento com a “fartura de comida” advinda do estabelecimento comercial de seus pais, uma venda, que não deixava faltar o pão de cada dia da família, coisa rara na vizinhança. Mas “infelizmente” não era só a venda: juntamente com ela os pais tinha um bar, onde toda a “bandagem” do “Matadouro” não cansava de ficar nos momentos de ócio, que só acabavam quando a “dependência de droga”, o “corpo” e o “espírito” clamavam por mais “malvadeza”. Nas palavras de Marta:

Eu sofri muito até me casar...desde pequena tendo que ver o pai e a mãe na venda, no bar...cada vez que o pai abria a venda pra nós era um terror...o que se incomodava...enquanto os fregueses não saíam(muitos eram bandidos) era incomodação...muitas vezes não pagavam...o pai tinha que engolir seco...as vezes nem cobrava...eles não queriam pagar o pai não cobrava porque tinha medo...aquilo ali marcou bastante eu...às vezes o pai bebia também...daí era um tormento...quando ele bebia...saía...quando voltava...com bebida na cara queria 'dá o troco' pelo o que os outros fizeram de ruim pra ele...daí tudo isso incomodava a gente...a gente acha que quando a minha mãe morreu, morreu foi de susto...quando ela morreu tinha um cara atrás da nossa casa que era de droga, era assaltante...ele não trabalhava nada...e aquele dia ele atirou lá atrás de casa e a mãe pensou que era o pai...que tinha acontecido alguma coisa

com ele...daí ela levou um susto e ficou com uma dor de cabeça uma semana...agora a gente não sabe...eu tinha vinte anos quando ela morreu...daí com a dor de cabeça ela morreu...Ela sofreu muito ali...a gente saía, ela não dormia...ficava muito preocupada... isso me marcou muito...às vezes fala em "venda", eu lembro de tudo...a gente foi criado naquilo tudo ali...a gente via muita coisa...medo, né...pena...Via aquela humilhação toda que o pai passava e não poder fazer nada...daí eles já entravam no bar...tinha o Manequinha, o Teco, o Vilmar, o Setenta...o Setenta dizem que mora hoje lá no pró-morar, dizem que mudou...dizem que não faz mais nada...e o Mário...aquele era um perverso também...era uma turma terrível...E quanto estupro eles fizeram!!!

Surge no início desta narrativa o casamento como demarcador da trajetória da mulher, sendo que a fase anterior ao casamento em sua vida e na vida da mãe aparece, pelo menos num primeiro momento, como um tempo de sofrimento, e o depois, dependendo da “sorte”¹³⁵ de cada esposa, pode vir a se transformar.

Sobre a crença do casamento como um fenômeno desencadeador de transformação do modo de vida, dialogo com SALEM¹³⁶, segundo a autora, baseando-se em uma etnografia sobre mulheres faveladas no Rio de Janeiro,

As experiências dessas mulheres na fase inicial de sua existência ilumina as expectativas depositadas no casamento, no homem. Mais do que a mera realização de uma mística feminina, ele é pensado como uma alternativa para recuperar a infância e adolescência em todos os sentidos. Tenha ele um caráter legal ou consensual, o fato é que o casamento vem sempre associado à idéia de ‘melhorar de vida’¹³⁷.

Marta deixa claro que compreende a trajetória da mãe enquanto mulher casada - uma tragédia, causada principalmente pelo cenário onde residiam e pela falta de “capacidade” do pai de “proteger” a mulher e os filhos.

¹³⁵ Concordando com SALEM (1981, p.52), “no decorrer dos depoimentos era freqüente o recurso, por parte das entrevistadas, à sorte e ao destino como elementos explicativos para sua situação de vida”. Sobre este assunto, olhar também VELHO (1994), cap. XI.

¹³⁶ Ver SALEM, 1981.

¹³⁷ Ver SALEM, 1981, p.73.

Aqui as reflexões de RODRIGUES¹³⁸ podem ser bastante elucidativas. Para a autora, muitas vezes o homem passa a ser o “crivo” pelo qual a interação entre a mulher e o mundo se dá, “dada essa percepção, fica muito favorecida a fantasia de que, em última análise, ele é o responsável por tudo o que ocorre”¹³⁹.

É notório que ao mesmo tempo em que Marta “culpa” o pai por não “proteger” a família, demonstra sentimentos contraditórios em relação ao genitor quando, em múltiplas falas sobre José, exterioriza um sentimento de “pena” diante de seu “fracasso”. Ora, neste caso a ambivalência de sentimentos que Marta nutre em relação ao pai pode ser justificada. Vejamos: num primeiro momento, a filha acusa o pai por não dar conta de defender sua própria honra e a da família, já que, como fala sabiamente FONSECA¹⁴⁰ em relação aos grupos populares, aqui “o prestígio de um homem depende do conhecimento público de sua coragem, de sua virilidade e de sua generosidade”¹⁴¹. Mas, ao mesmo tempo, Marta justifica esse pretense descuido e “covardia” do pai pela ambiência de medo à qual sempre fora submetido (esse procedimento de Marta fica subentendido quando esta dá ênfase à periculosidade das pessoas que freqüentam o bar do pai (*E quanto estupro eles fizeram!!!*), principalmente em seu local de trabalho, um bar.

Aqui o medo começa a despontar como um fenômeno importante na configuração da trajetória desta família, tanto como na de outras observadas pela pesquisadora em campo; quer dizer, o ser homem, o ser mulher, o ser mãe, o ser pai, filho ou filha e a complexidade dessas relações nesse contexto pode adquirir novas roupagens e feições quando o medo entra em cena. José, por exemplo, deixa de lutar pelo seu prestígio, categoria notadamente importante nesse local, quando se vê imerso nesse sentimento (medo). Já Marta, não obstante, substitui o sentimento de revolta e desapontamento em relação ao pai por um sentimento de pena.

¹³⁸ Ver RODRIGUES, 1978.

¹³⁹ Ver RODRIGUES, 1978, p.69.

¹⁴⁰ Ver FONSECA, 2000.

¹⁴¹ Ver FONSECA, 2000, p. 43.

É perceptível, já nos primeiros depoimentos de Marta, que seus pais, irmãs, filhos e marido despontam como figuras centrais em sua trajetória, constituindo e compartilhando a dramaticidade do medo vivenciado por ela dentro do “Matadouro”. De acordo com SALEM, aqui a família aparece como a esfera prioritária de identificação da mulher Marta, como “o locus no qual sua identidade é gerada, construída e referida. Tal fenômeno se expressa, inclusive, no fato de a mulher só conseguir se definir na ou através da família - seja como filha, esposa ou mãe”¹⁴². Assim, a remontagem da narrativa biográfica que segue gira, fundamentalmente, em torno das relações familiares de Marta e dos lugares (áreas) ímpares do Matadouro em que morou e onde, ainda hoje, mora.

Por causa dessa bandidagem daqui a minha mãe vivia preocupada com meu pai, com a gente, principalmente no final de semana, não se sabia o que ia acontecer...ficava aquele receio...o pai sempre bêbado....eles faziam ele de bobo...faziam ele de bobo no bar...a minha infância e adolescência nesse lugar não foi boa...sempre com medo.

Marta diz ter “herdado” da mãe o medo e a preocupação com seus familiares, que, segundo ela são muito grandes, principalmente pelo lugar em que a família reside, ou seja, nesta fala, Marta evidencia ter introjetado e subjetivado ao longo da sua convivência com a mãe¹⁴³ um sentimento de insegurança em relação ao “viver no Matadouro”.

Na narrativa seguinte, Marta reforça os sentimentos de medo e insegurança que a acompanham até hoje, contando sua trajetória de deslocamento dentro do bairro:

¹⁴² Ver SALEM, 1981, p.60.

¹⁴³ Sobre este aspecto de Marta compartilhar o mesmo sentimento de medo e insegurança vivenciado pela mãe, vale a pena destacar estas reflexões de SALEM (1981, p. 62): “O âmbito doméstico não apenas se esboça como o âmbito privilegiado sobre a qual a mulher constrói e espelha sua auto-imagem, mas constitui, simultaneamente, o centro definidor de seu acesso ao mundo extrafamiliar. Esse fenômeno se expressa tanto na forma como avalia e interpreta a realidade circundante (...), quanto no modo como se posiciona e se percebe o universo público”.

Hoje eu moro aqui (área A), mas há um ano atrás morava ali na subida do morro (área B), eu fui morar ali logo depois que eu casei com o Carlinho, morando ali naquele lugar eu me incomodava muito...via muita coisa triste...ruim...eu acordava de manhã já chorando...a minha irmã teve que sair dali porque eles tratavam ela mal ali, viviam falando porque ela e o marido tem AIDS...ali tens tua casa, mas parece que não é tua casa porque é uma perto da outra...é tudo num terreno só...não tens privacidade...quando eu morava ali no bequinho era assim...se três casas ligavam o rádio ao mesmo tempo ficava uma bagunça...o que incomodava ali mesmo era durante a noite...muita gente subindo pra cima e pra baixo...a gente assistia muita cena de violência...polícia batendo nos ladrão...casal brigando, casal brigando é o que mais dava...e aquele barulhão à noite toda pra cima e pra baixo...Por isso que eu saí dali (área B), muita violência...a gente nem ia pra janela, tinha medo, às vezes tinha alguém com revólver podiam atirar na gente...o morro é fogo...esses dias aí a polícia tava ali em cima...Tão atrás dum rapaz...isso aí é um inferno...eles vendem droga ali e a polícia tá sempre ali em cima...tem tiroteio...correria...eu ouvia tudo quando morava ali...E quantas pessoas que a gente via eles trazerem aqui pra baixo...machucados...Eles cortavam aquele morro lá, passavam por aqui...Antes matavam até gente aqui...Um rapaz tava ali em cima do morro...não era de droga nada...mas era bêbado...aí um cara falou assim pra ele:- Tira o teu chapéu...Como ele tava bêbado não tirou...Daí ele insistia pra ele tirar e ele não tirava...Daí ele atirava perto do chapéu dele...Daí o bêbado falava: -Deixa o meu chapéu aqui, cara...Daí o cara falou:- Tu não queres tirar é? Deu um tiro na cabeça do bêbado...matou ele...mas ninguém falava quem foi...Depois foi preso...descobriram...e tá solto de novo...mora ali naquele morro ali...Tudo coisa assim...naquele morro ali (área B), se for pra mandar meu filho, ou eu ir ali de madrugada, a gente não vai...Nem 11 horas da noite...escureceu, a gente tem medo...Porque a gente nunca sabe como é que eles tão...como tá a droga na cabeça deles...se tá pra fazer o mal, ou ...a gente nunca sabe...tenho medo...a gente nunca sabe...Esses tempo aí morreu um aí que tava com AIDS...na cadeia...muito perverso...traficante, ladrão, estuprador, tudo...daí ele saiu da cadeia, ele tava com AIDS tudo e eu ainda tinha medo dele...Ele veio morar bem do lado da nossa casa...Quando a gente morava ali...Ele ficou ali na casa do pai dele...ele tossia a noite toda...até ele estando muito doente eu tinha medo dele...A gente escutava a tosse dele...já ficava com medo...Uma vez ele pediu o liquidificador emprestado pra mim...daí eu falei que não tinha liquidificador...mas eu tinha...mas eu falei que não tinha porque fiquei com medo que na hora que ele fosse devolver entrasse pra dentro da minha casa e fizesse alguma coisa comigo...não dá pra ter amizade assim...às vezes pode tá com uma faca...é perverso mesmo...tava fraco, mas uma faca...tava fraco, mas não fraco de morrer...então a gente tinha medo...ele ia no beco assim, quando eu via ele já mudava de lugar pra não me encontrar com ele...agora ele morreu graças a Deus...eu não gostava de morar ali...eu levantava de manhã e tinha uma tristeza comigo...engraçado eu

levantava e pensava na minha mãe...vinha a mãe na minha mente...a minha mãe era triste...vinha na minha mente a mãe fazendo café...todo dia ela levantava às 5 horas da manhã pra fazer café e ouvia uma rádio que tocava música sertaneja...essa lembrança me dava muita tristeza...um aperto no coração que eu não sei explicar...acho que foi uma depressão...não sei, dizem que depressão é horrível...deve ter sido um início...a minha mãe era muito triste...ela tentou se matar duas vezes...se jogar no poço...eu até acho que foi por isso que o meu pai trocou aquela casa...lá tinha um poço bem fundo...eu me lembro bem dessa época...não lembro a minha idade...mas lembro que não gostava de ver a minha mãe tão triste...ela se incomodava muito aqui, com o bar, a venda...com a bandidagem...com o meu pai e a bebedeira, com as amantes dele... o meu pai bebia muito: bebia todas as quartas-feiras, as sextas-feiras, sábado e domingo, ele dizia que ia fazer compra e quando chegava, chegava bêbado...ele incomodava muito...não batia na gente, mas incomodava muito, pegava no revólver, atirava no bule...eu era muito magrinha quando morava com meus pais, tinha muito medo...ainda bem que ele nunca feriu ninguém... pelo menos fisicamente...hoje em dia ele não bebe mais, ele mora num bairro vizinho, vive com outra...tá bem velhinho, tá com 72 anos, tá bem acabado...Ele judiava muito com a minha mãe...fazia aquelas brincadeiras nojentas, estúpidas...puxava cabelo dela...ele tinha amante...só incomodava...Acho que por isso tudo ela ficou doente...tinha muita dor nas pernas...ela não bebia...só fumava um cigarrinho, dois três...quando tava muito incomodada.. Até hoje ninguém sabe direito do que ela morreu...foi de desgosto...incomodação... susto. Desde que eu tinha dez anos o meu pai tinha amiga e naquela época era a minha madrinha, a minha mãe soube e ficou muito triste, eu soube porque escutava a conversa atrás da porta. Sinto muita saudade da minha mãe...ela contava história pra nós...era muito bom! Essa minha madrinha já morreu...morreu de câncer, não sei porque o meu pai era amante dela, a minha mãe era bonita, mas era muito simples, não se arrumava, não andava na moda, hoje se a minha mãe fosse viva eu e minhas irmãs sempre falamos que colocaríamos ela na moda, a gente ia cortar o cabelo dela, ia dar roupa, ela só usava saia...saia....e ela não era crente. Ela tinha um corpo bonito, não era gorda, era bem boa, daí nós peguemo e cortamo uma bermuda vermelha pra ela usar...ela usou...tinha umas pernas bem bonitas, mas depois logo ela morreu, daí quase nem usou, não deu tempo nem de ajudar ela, ela mandava o meu irmão cortá o cabelo dela, ficava tudo torto. Já aquela minha madrinha era uma vagabunda!!! Casada e ainda roubar o marido da cumadre...pela mãe a gente não falava com ela, a mãe tinha ódio dela, mas a mãe perdoou, ela morreu com uma morte terrível, ela chamou a mãe no leito de morte para pedir perdão...o que ela fez ela pagou em vida...ela tinha câncer de mama, eles chegaram a colocar carne moída pros bicho não comer ela...o peito dela ficou em carne viva...eu tava grávida nessa época, nunca esqueço, eles foram amantes por quase dez anos, ela era casada com o irmão da minha

mãe, era cunhada e cumadre, mas a minha mãe perdeu ela, mesmo ela e meu pai tendo causado uma desgraça na família, aquilo tudo gerou muito ódio.

Nesse depoimento de Marta, como na fala de outros moradores do Matadouro entrevistados nos capítulos anteriores, o morro (área B) aparece como uma das áreas do bairro que apresenta maior periculosidade, principalmente pela presença do tráfico de drogas e dos conflitos decorrentes dele (briga entre os próprios moradores, conflitos entre os “bandidos” e a polícia, entre outros).

Ora, essa justificativa de considerar o morro como o lugar mais perigoso do bairro “apenas” em decorrência do tráfico de drogas seria pertinente se nas outras áreas (com exceção da área F) não houvesse tráfico, como está constatado que há. Aqui, o que parece ser decisivo para que o morro (área B) seja visto como a parte mais “perigosa” e “violenta” do bairro, além do tráfico de drogas e de suas vicissitudes é, como já pontuado no capítulo 2, a presença de um grande número de “estrangeiros”¹⁴⁴ ou “outsiders”¹⁴⁵ nessa área do bairro. Como já mencionado no capítulo 1, o morro desponta como um lugar propício aos migrantes, que, longe de fiscalizações, conseguem, geralmente no meio da madrugada, montar sua “casinha”, servindo também como esconderijo para os fugitivos da cadeia ou para os recém-libertos.

Nesse cenário, mais uma vez as reflexões de ECKERT & ROCHA¹⁴⁶ tornam-se pertinentes: “Passar, caminhar, viver, pertencer, ocupar, são verbos condicionados pela imagem que as pessoas interiorizam e representam sobre os espaços urbanos de maior ou menor segurança”. No Matadouro, como pode ser observado na narrativa de Marta, o “cuidado com horários, sobretudo noturnos” é um comportamento bastante utilizado pela população, na “busca por maior segurança”.

¹⁴⁴ Segundo ECKERT & ROCHA (1999,p.4), “O estranhamento é este sentimento em que a comunidade designa como perigoso, todo indivíduo que, em sendo **estranho**, ameaça à ordem social...”(grifo meu).

¹⁴⁵ Ver ELIAS,2000.

¹⁴⁶ Ver ECKERT & ROCHA, 2000, p.2.

A fuga de Marta da “área B” para “área A” parece se dar em decorrência do medo do “outro”, do “bandido”¹⁴⁷, aqui representado pela figura do vizinho, que pode vir a fazer “mal” à sua família (*Por isso que eu saí dali (área B), muita violência...*). O que aparece também, mais uma vez, nesse depoimento como “causador” do deslocamento e desse sentimento de medo expresso pelo sofrimento, aqui denominado pela informante de “depressão”¹⁴⁸, é a lembrança de uma infância e adolescência atormentadas pelo medo, pela insegurança e pela violência, fenômenos estruturantes da atmosfera em que vivia:

(...eu levantava de manhã e tinha uma tristeza comigo...engraçado eu levantava e pensava na minha mãe...vinha a mãe na minha mente...a minha mãe era triste...vinha na minha mente a mãe fazendo café...todo dia ela levantava as cinco horas da manhã pra fazer café e ouvia uma rádio que tocava música sertaneja...essa lembrança me dava muita tristeza...um aperto no coração que eu não sei explicar...acho que foi uma depressão...não sei dizem que depressão é horrível...deve ter sido um início...a minha mãe era muito triste...ela tentou se matar duas vezes...se jogar no poço...eu até acho que foi por isso que o meu pai trocou aquela casa...lá tinha um poço bem fundo...eu me lembro bem dessa época...não lembro a minha idade...mas lembro que não gostava de ver a minha mãe tão triste...ela se incomodava muito aqui, com o bar, a venda..com a bandidagem...com o meu pai e a bebedeira).

Mais uma vez a atmosfera “amedrontadora” de um Matadouro passado, ressignificado e reconstituído no presente, traz à tona a figura do pai como o pivô das desgraças da família. Agora é o pai que representa o papel de “vilão”, daquele que, numa análise descuidada e superficial do discurso, aparece como um “outro” distante de Marta, ou pelo menos da sua casa (o *traficante*, o *bandido*). Quer dizer, aquele de quem Marta confessa ter medo, em vez de distante e “estranho”, vai se tornando mais próximo de sua pessoa.

Aqui seria pertinente dizer que, até o momento, a filha não se queixa de nenhum tipo de “violência física” advinda do genitor, mas implicitamente fala de uma

¹⁴⁷ Ver ZALUAR (1994)

¹⁴⁸ Sobre “doenças nervosas na classe trabalhadora”, ver DUARTE (1986).

“violência simbólica”¹⁴⁹. Ao ler o comportamento do pai como “imoral”, ou ainda quando fala do fracasso de José pelo fato de “não dar conta” de proteger a mulher e os filhos, situação atenuada, segundo a informante, quando ele desonra a família em consequência de suas atitudes *ilícitas* (bebedeira, amantes), Marta ratifica a idéia de “vilão” concedida ao pai.

No papel de vítima, postura adotada diante de minha presença na maioria de nossos encontros, Marta segue sua performance de “vitimização”, creditando ao outro a sua condição de sofrimento. Além da vizinhança *perversa* (como visto, já não tão distante de si assim) e do pai, Marta escolhe agora como algoz da história a madrinha. Aqui a vítima (Marta), “boazinha”, cai em contradição, principalmente na maneira e no tom de voz com que narra a “desgraça” da *amiga* do pai. Sem perceber, Marta denuncia a sua “violência” para com a outra, quer dizer, de um momento para outro transforma-se de agredida em agressora. Vejamos: quando Marta descreve com todos os detalhes possíveis o “fim terrível” da *amiga* do pai, “vinga-se pelas palavras (*Já aquela minha madrinha era uma vagabunda*), já que não pôde fazê-lo em ato”¹⁵⁰.

Aqui cabe uma intervenção de CHAUI¹⁵¹:

Um ressentimento profundo sustenta as relações mulher-mulher(...) o espectro da presença – ausente do elemento masculino ronda as relações entre as mulheres, que se discriminam entre si (...). No espaço da vida social diferenças são convertidas em desigualdades, as quais se convertem em relação de subordinação e esta, por sua vez, em possibilidade de violência: branca e negra, ‘honesta’ e puta (...). Todos os preconceitos e estereótipos (...) das ideologias dominantes tecem os fios dessas relações, de tal modo que o fato de ser mulher ora é irrelevante, ora serve para a discriminação normalizadora e disciplinadora (...). Em nome de uma abstração - o modelo da feminilidade - atos e discursos violentos das mulheres umas sobre as outras tornam-se possíveis (grifo meu).

¹⁴⁹ Para BORDIEU (1996, p.27) : “Violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também daqueles que a exercem na medida onde uns e outros não têm consciência de exercê-la ou sofrê-la”.

¹⁵⁰ Ver FREUD (1975).

¹⁵¹ Ver CHAUI, 1985, p.57.

Seria proficuo destacar que, apregoada já em outros discursos transcritos nesta dissertação, principalmente no capítulo 2, a idéia de “privacidade” (*...ali tens tua casa, mas parece que não é tua casa porque é uma perto da outra...é tudo num terreno só...não tens privacidade...quando eu morava ali no bequinho era assim...se três casas ligavam o rádio ao mesmo tempo ficava uma bagunça...*) reaparece nesse depoimento de Marta. Aqui, mais do que clamar por “privacidade, Marta diz ser a falta dela um dos motivos para o seu “sofrimento” e, conseqüentemente, para o seu deslocamento (mudança da área B para a área A) dentro do bairro. É bom lembrar que nesse depoimento, como em discursos de outros informantes do bairro, a idéia de “privacidade”, além de demarcar a importância das singularidades, está vinculada à necessidade de segurança, em que a “desconfiança do outro os mergulha no sentimento de esvaziamento dos sentidos coletivos, fortalecendo ainda mais as bases de um *ethos* social hiperindividualista”¹⁵².

Ainda ao relatar um fato ocorrido com o pai e o irmão, Marta destaca a figura de um “outro” bastante temido no Matadouro: a figura do policial. Vejamos:

Como acontecia todos os dias, 5 horas da manhã Geremias, o irmão mais velho de Marta saía para vender peixe; o pai como em outras ocasiões acompanhou o filho. A neblina estava muito forte, o frio era grande, pois já era quase final de julho, Marta ainda lembra quando viu o pai chegando em casa com o rosto marcado por aqueles que diziam defender o cidadão, e tudo por causa de um paletó velho...

será que meu pai não era um cidadão? Obrigaram o pai a comprar aquele paletó velho...era todo cheio de xadrez, parece que eu tô vendo o casaco...aquele casaco me marcou um monte...era um paletó enxadrezado...daí o meu irmão pegou o paletó e foi vender peixe com o paletó...pra nós o paletó não valia nada, era só um paletó velho que dava pra usar até pra vender peixe...o meu irmão vendia peixe de madrugada...ia buscar peixe nos barcos pra vender...daí a polícia vendo o meu irmão com aquele paletó parou meu irmão e deu uma surra nele, o meu pai tentou pará-los, daí levou uma surra também. Quem tinha deixado o paletó no bar do meu pai era um

¹⁵² Ver ECKERT & ROCHA, 1999, p.33

traficante...que roubou o paletó do delegado...o meu pai tentou explicar...mas não adiantou...chegaram em casa bem machucados...e é assim...a gente só via tristeza....coisas ruins que marcaram...

No início desse depoimento, Marta utiliza a palavra “cidadão” num movimento de reflexão em torno da relação polícia *versus* morador do Matadouro. Segundo a informante e outros moradores do bairro, relação pautada geralmente por *violência e injustiça*. Como aponta GIACOMAZZI¹⁵³, citando BENJAMIN “As questões de poder e violência relacionam-se diretamente aos conceitos de justiça, direitos, à questão legal”.¹⁵⁴

Aqui o medo e as violências, tanto física, como moral, não advêm mais somente do pai ou da vizinhança, mas da exterioridade do bairro, representada pela polícia, como já dito, considerada por Marta e por outros moradores do lugar como cúmplice e desencadeadora de *injustiças* no bairro. Acredito que, até certo ponto, cabe transportar as reflexões de SOARES¹⁵⁵ sobre o “viver” nas favelas do Rio de Janeiro para a ambiência vivenciada pelos moradores do Matadouro: “ em muitas situações os moradores sofrem uma ‘dupla tirania’, constituída pelos ‘traficantes’ e por vezes, pelos ‘policiais’”

(...a gente assistia muita cena de violência...polícia batendo nos ladrão...casal brigando, casal brigando é o que mais dava...e aquele barulhão à noite toda pra cima e pra baixo...Por isso que eu saí dali(área B), muita violência...a gente nem ia pra janela, tinha medo, às vezes tinha alguém com revólver podiam atirar na gente...o morro é fogo...esses dias aí a polícia tava ali em cima...Tão atrás dum rapaz...isso aí é um inferno...eles vendem droga ali e a polícia tá sempre ali em cima...tem tiroteio...correria...eu ouvia tudo quando morava ali...E quantas pessoas que a gente via eles trazerem aqui pra baixo...machucados...).

¹⁵³ Ver GIACOMAZZI, 2000.

¹⁵⁴ Ver BENJAMIN, 1977 p.184.

¹⁵⁵ Trecho retirado de uma palestra proferida por SOARES na UFSC em 26/10/2001, Título: “Violência e Cidadania”.

Enfim, o incidente narrado por Marta só vem a ratificar a questão já comentada nos primeiros capítulos da dissertação concernente ao estigma que esses moradores carregam consigo. ZALUAR¹⁵⁶ escreve brilhantemente sobre essa problemática:

Aqui há um estigma que todos carregam, sejam trabalhadores ou não, de pertencerem ao antro dos *vagabundos, malandros e bandidos*. Se entre eles essa distinção é importante (...) nas representações de alguns setores da sociedade mais ampla, ela desaparece e dá lugar a uma noção que Louis Chevalier chamou de classes perigosas¹⁵⁷. **Esta começa na própria ação policial que engloba todos os populares que não tenham carteira assinada na categoria de criminosos e como o tal os trata.** Tal medida repressiva é tanto mais absurda aos olhos desse populares quanto mais percebem que as dificuldades criadas pelo desemprego crescente não são de sua responsabilidatenem podem ser resolvidas por eles. E esse fato toma proporções dramáticas e alarmantes quando nos lembramos que o desemprego e o subemprego também afastam o trabalhador de qualquer tipo de assistência social do Estado. Além de desassistidos, tratados como criminosos, antes de sê-los (grifo meu).

Na narrativa abaixo Marta relata sua trajetória no Matadouro até chegar ao casamento:

Sou casada no papel, primeiro eu me juntei, tinha dezesseis anos, com dezoito nós casamos,...A gente vai de um lado pra outro, mas sempre aqui dentro do bairro eu e o meu marido somos muito parecidos...acho que é porque nós dois nascemos e fomos criados aqui no Matadouro... A gente sempre morou aqui no bairro, tanto a família do Carlinho como a minha... lá em casa nós só troquemo de casa, nunca saímos do Matadouro. O Carlinho, meu marido, foi meu primeiro namorado, a gente já paquerava na escola (eu estudei até a quarta série do primário, porque antes era difícil pra estudar, não tinha como a mãe dá estudo pra gente, não tinha condição...tinha que comprar livro, daí nós estudemo até o quarto ano, sabendo lê tava bom.), mas o pai não queria por nada porque ele sempre foi mais pequeno do que eu, ele é nove meses mais novo. A gente namorava desde os onze anos, nós só no bilhetinho, a mãe queria, mas era só no bilhetinho, no circo... nada de beijo, nada...a mãe nunca queria, daí quando eu tinha catorze anos a mãe soube, ficou doida... o que eu passei pra namorar o Carlinho... foi ficando cada vez mais sério...mas eles não

¹⁵⁶ Ver ZALUAR, 1994.

¹⁵⁷ Ver CHEVALIER, 1978.

queriam, porque eles achavam ele mais novo do que eu, achavam que ele era uma criança... eles queriam pra mim um moço mais alto...sei lá...O Carlinho era muito pequenininho...Passei um trabalho, a mãe chegou até me mandar pra casa da minha tia...cheguei a ir, mas não adiantou...o pai chegou até querer dar nele, mas não adiantou, de namorado mesmo só tive ele.

Mais uma vez, o discurso de Marta propõe que os deslocamentos dentro do bairro Matadouro podem ser recorrentes na trajetória dos moradores do bairro

(A gente vai de um lado pra outro, mas sempre aqui dentro do bairro eu e o meu marido somos muito parecidos...acho que é porque nós dois nascemos e fomos criados aqui no Matadouro... A gente sempre morou aqui no bairro, tanto a família do Carlinho como a minha... lá em casa nós só troquemo de casa, nunca saímos do Matadouro).

No que diz respeito a sexualidade, o relato de Marta revela um comportamento bastante comum exercido pelos familiares de uma mulher em classes populares: o ato de vigiar a sua sexualidade. Em seus estudos numa favela em Porto Alegre, FONSECA¹⁵⁸ parece ter constatado um movimento semelhante:

A presença do genitor parece ser a condição sine qua non para que os parentes de uma moça queiram controlar sua sexualidade. Parece que um pai rejeita todo e qualquer pretendente de sua filha, mesmo os de “intenções honrosas”. Dir-se-ia que a oposição do pai não depende da idade da filha nem da escolha do parceiro, mas atém-se ao princípio de não poder ceder passivamente sua filha a um outro homem¹⁵⁹.

Ora, mas não foi o fato de ser vigiada que impediu Marta ou impede qualquer outra mulher do bairro de namorar ou casar, empecilhos são impostos, mas isso, mais do que uma interdição, parece estimular a relação homem-mulher. TAUBE¹⁶⁰ fala algo interessante sobre essa questão; para a autora o movimento de vigiar constantemente as mulheres parece não impedir os namoros, “que são, ao

¹⁵⁸ Ver FONSECA, 2000.

¹⁵⁹ Ver FONSECA, 2000, p.28-29.

¹⁶⁰ Ver TAUBE, 1992.

contrário, estimulados como a forma e base da vida em comum, (...) das possibilidades de casamento, ainda que de uniões aparentemente disparatadas” (p.30). Assim, mesmo com os obstáculos impostos pela família, principalmente pelo pai, Marta concretizou o casamento com Carlinho. Na narrativa abaixo ela fala mais um pouco desta trajetória:

Eu fui a primeira das irmãs a se perder lá em casa...a primeira que perdi a virgindade...a primeira a namorar, e era a mais quietinha...o jeito mais quieto...eu tinha uns quinze anos quando transei pela primeira vez, foi na casa da minha cunhada, irmã do Carlinho...daí a mãe soube e deixou nós namorar, aceitou...mas eu fiquei grávida, disse a mãe não sabia, eu tinha quinze anos, até hoje eu tenho mágoa da minha sogra por causa disso...Eu fiquei grávida e ela queria por força que eu tirasse...até hoje eu tenho pra mim que ela queria que eu abortasse porque tinha ciúme do filho comigo...mas eu não queria tirar... eu me escondia...eu não queria abortar, eu tinha medo...ela ia me levar na casa daquelas mulheres que fazem aborto, era uma mulher que morava naquelas casas populares... eu me escondia, porque eu não queria ir...mas ela me forçava só por ciúme...não queria que o filho se casasse comigo...até que um dia eu não pude mais resistir, ela me levou, arrastou...chegando lá a mulher perguntou se eu tinha certeza que eu queria tirar...a minha sogra respondeu por mim dizendo que sim...como eu tava morrendo de medo da mãe aceitei, disse sim...disse sim...disse sim. Tirei...quase morri...botaram a minha perna pra cima e furaram com um tipo de uma agulha... furucavam...com a agulha...daí de repente acabou, minha sogra me levou pra casa dela, como ela trabalhava fiquei sozinha, daí comecei a passar mal...então fugi pra casa da minha mãe... fui embora, esta época eu estava morando por uns tempos na casa da minha sogra...Ahhhh, eu senti muita dor.... sentia muita dor, dor pior do que ganhar um filho... Chegando em casa minha mãe perguntou o que eu tinha, meu pai brigou comigo, eles desconfiaram...meu pai perguntou o que eu tava fazendo lá ...daí ele fechou a venda toda e a mãe ficou comigo, perguntou o que eu tinha, eu dizia que não era nada...e chorava muito, me retorcia de dor e de culpa...daí a mãe falou pro pai que eu tava grávida...e tava passando mal, daí eles chamaram a vizinha pra ajudar...daí sentei num penico e saiu um monte de coisa, tava abortando...lá eles só me furaram e eu vim abortar em casa, passei perigo, podia ter morrido...depois daquilo eu murchei um pouco, por dentro e por fora...os meus seios ficaram pequenos...Sabe, eu nunca contei pra minha mãe que a minha sogra me levou naquela mulher, ela perguntava pra mim eu dizia que tinha tomado uma injeção... Depois disso continuamos a namorar...daí um ano depois fiquei grávida novamente, então casei e fomos morar com a minha mãe. Daí eu ganhei o meu filho mais velho...depois a menina...

O início desta narrativa de Marta, principalmente a frase: *fui a primeira a me perder*, demonstra a importância atribuída à virgindade na sociedade local, sendo o “estado de virgindade”, como relata FONSECA¹⁶¹, compreendido como um “dote do pobre”, ou seja, como uma “moeda” que a moça teria para trocar por um “bom marido”, aquele que *dê conta* da mulher e dos filhos, “contudo, o sistema usual de casamento”, como no caso de Marta e de muitas outras moças no bairro, “acentua a vulnerabilidade desse ‘tesouro’”. Quer dizer, ainda com FONSECA¹⁶², mesmo existindo um discurso dominante de cunho religioso, no Matadouro, defendendo as relações sexuais apenas após o casamento, essas relações “fazem parte regular das práticas de namoro”. Como pode ser observado no caso de Marta, aqui “‘casar’ ou assumir publicamente uma relação conjugal é simplesmente iniciar uma fase de co-residência”.

Ainda nesse depoimento, quando Marta diz ter sido incitada e quase *obrigada* a fazer um aborto aos 15 anos por sua sogra, traz à tona mais uma vez uma questão já pontuada anteriormente neste capítulo: “a violência da mulher contra a mulher”. Longe de colocar Marta na cômoda posição de vítima, utilizada por ela neste momento para justificar o seu ato e compensar seu sentimento de culpa em relação ao aborto, recorro mais uma vez a CHAUI¹⁶³, considerando que a autora reflete de maneira profunda e extraordinária sobre essa problemática¹⁶⁴:

Creemos que as mulheres praticam sobre outras vários tipos de violência porque reproduzem sobre as outras o mesmo padrão de subjetividade, isto é, encaram as outras e esperam que estas se encarem a si mesmas como seres para outrem (...). De modo geral, a violência das mulheres sobre as outras, isto é, a relação fundada na exigência de que um outro ser humano seja inerte, passivo e silencioso, interiorizando os desejos, vontades e idéias de quem o submete, não pode ser compreendida sem a referência à estrutura particular da família que conhecemos em nossa sociedade, às divisões de classe e às determinações do mercado, além da

¹⁶¹ Ver FONSECA, 2000, p. 141.

¹⁶² Ver FONSECA, 2000, p.75.

¹⁶³ Ver CHAUI, 1985.

¹⁶⁴ Sobre este assunto seria interessante retomar o clássico de FREYRE- “O homem e a mulher”, in *Sobrados e mocambos* (1951) e ver também PAOLI (1985).

referência às práticas políticas e culturais (...). cremos que a presença-ausente do elemento masculino determina o jogo dos conflitos fundamentais que tendem rumo à violência - desde a competição mãe-filha, sogra-nora (...) pelo mesmo amor(...). O curioso, porém, é que o homem pareça ser o objeto dos conflitos e das violências, quando é efetivamente o sujeito deles, graças à sua invisibilidade (...), pois são raros os conflitos e violências nas quais as expectativas e idéias masculinas sejam invocadas. Tendo a 'subjetivação' das mulheres sido feita pelo ideário masculino (isto é, com o silêncio das mulheres), o 'ser' mulher carrega consigo desejos (...) masculinos, de sorte que, empiricamente, os homens podem permanecer ausentes nas várias relações entre as mulheres, pois permanecem presentes de modo imaginário e simbólico¹⁶⁵. (grifo meu).

Diante da "perda" da virgindade e de um aborto, Marta parece ter optado pelo casamento não apenas por afetividade, mas por um motivo moral. Para ela, como para grande parte dos moradores do bairro com os quais tive contato, o casar-se, principalmente para a mulher, significa, como pontua FONSECA¹⁶⁶, alcançar um *status* respeitável. Vejamos a narrativa abaixo:

Ainda vivo com o Carlinho e não tenho o que reclamar dele, ele é um homem bom, e ainda bem que eu casei com ele senão poderia estar perdida... Tinha um cara que gostava de mim...ele era de droga. Roubava...era bem perverso, bem perverso (Perverso: não tem amor pelas pessoas, faz o que quer com as pessoas sem medir as conseqüência)...às vezes chegava lá no bar, pegava a garrafa, se alguém olhasse pra ele já batia...mas ele era lindo, muito bonito...achava ele bonito...mas o jeito dele me enojava...um dia ele queria dá um anel de ouro pra mim, eu queria aceitar, era muito inocente, tinha uns 15 anos, eu achava que ele não queria nada comigo...mas eles falavam que eu era a moça mais bonita do bairro...eu achava que não...eles diziam que eu era parecida com uma santa...todo mundo falava...hoje ainda dizem: meu Deus, a Marta era tão bonita...como se quisessem dizer: hoje ela tá feia...daí ele queria dá um anel de ouro pra mim...daí o pai não deixou...eles roubavam tudo, deveria ser roubado...mas eu queria pegar, era ele que roubava mesmo, não eu...daí eu não peguei...nunca consegui pegá nada, o pai não deixava...mas ele era doido por mim...

¹⁶⁵ Ver CHAUI, 1985, p. 47-52.

¹⁶⁶ Ver FONSECA, 2000.

Segundo SALEM¹⁶⁷, “a avaliação positiva ou negativa do casamento corresponde à imagem do homem como, respectivamente, ‘salvador’ ou ‘vilão’”. A partir desse depoimento, Marta avalia seu casamento positivamente, situando Carlinho como o seu “salvador”, aquele que a “salvou” de um “mundo contaminado”, constituído por tráfico, droga, roubo, entre outras coisas. Mundo, pelo menos num primeiro momento, condenado pela informante.

Aqui é desvelada uma lógica em que a honra feminina está atrelada à honra do homem, que deve protegê-la da “contaminação”¹⁶⁸; quer dizer, para Marta, se ela não tivesse casado com um *homem bom*, poderia estar *perdida*, pois para ela e na concepção de muitos moradores do bairro entrevistados, um homem “contaminado” moralmente no espaço público, como é o caso do ‘traficante bonito’, pode levar todos aqueles que se relacionam com ele, principalmente sua mulher e sua família, à “contaminação”.

Em contrapartida, Marta fala que não teria nenhum problema, pelo menos na época, em aceitar qualquer presente do traficante. Essa afirmação aponta para uma pretensa reciprocidade, que, se observada com parcimônia, pode dar uma noção mais clara da tênue fronteira que separa “mocinhos” e “bandidos” no Matadouro.

Na narrativa a seguir, Marta relata a sua trajetória de mãe dentro do bairro Matadouro:

Sempre cuidei muito do meu filho, pra cair na perdição aqui é muito fácil...Depois a gente sempre tem um lado ruim dentro da gente...que se a gente não cuidar, não orar, se ferra...Aqui a gente já vai na igreja evangélica alguns anos...É bom orar pra não cair em tentação...Eu oro, tenho medo de ser fraca...tenho medo que os meus filhos caiam na perdição...Quem vai na igreja, ora pra Deus, é mais difícil se deixar levar por essas coisas do mal, do demônio...essas droga...Eu não deixava o meu filho na rua quando era pequeno sozinho...tem mãe que não liga, só porque é filho homem deixa essas crianças aí pela rua sozinho, eu não deixo, até hoje cuido do meu filho...só porque é

¹⁶⁷ Ver SALEM, 1981, p.75.

¹⁶⁸ Sobre a noção de “contaminação” ver DOUGLAS (1966).

homem pensa que pode chegar em casa na hora que quer...a gente não sabe o que eles andam fazendo pela rua...eu cuido do horário, eles vêem muita droga aí, os sobrinhos do meu marido que moram aqui no Matadouro andam na droga, tá tudo assim, então eu cuido...quando o Pedro sai de casa à noite ele pede pra eu deixar a porta encostada pra ele...mas eu deixo trancada...pra saber como ele vem, assim eu posso conferir se ele chega bêbado, drogado, machucado...nunca chegou assim, até agora, mas eu cuido. O meu filho tem 21 anos e eu não desconfio de nada...se ele entrar na droga agora é um tapaço nos cornos...porque pra entrar na droga não tem idade...ele reclama que eu cuido muito dele, mas eu sei que pra entrar na droga não tem idade...tem que ser forte pra resistir...não pode ficar fraco: eu falo pra ele: - Às vezes tu pode se decepcionar com uma guria, ir lá e fumar um baseado...ou alguém oferecer bastante bebida pra ti ficar bêbado... Deus me livre...

Antes de analisar essa primeira narrativa de Marta a respeito de seus filhos, seria importante ressaltar que foi apenas nesse momento da entrevista que a informante mencionou seu trabalho “fora de casa”, como já falado, em que desempenha a função de servente de uma universidade, isto é, Marta fala de seu trabalho apenas quando se refere orgulhosa à ocupação do filho no xerox da mesma instituição. Essa atitude só vem ratificar o “persistente” movimento da mulher, como fala SALEM¹⁶⁹, de localizar no núcleo familiar sua “identidade principal”.

A atitude de Marta parece bastante justificável em relação à lógica local, em que a noção de honra da mulher “gira quase exclusivamente em torno de suas tarefas domésticas, (...) ela deve ser uma mãe devotada e uma dona de casa eficiente. As mulheres se orgulham da maternidade”¹⁷⁰.

Então, a tentativa de Marta, nesse depoimento, de se afirmar como uma mãe zelosa está primeiramente pautado numa lógica que dita que “o orgulho da mulher depende do reconhecimento de suas capacidades de mãe e de dona de casa”¹⁷¹ e do desejo de se fortalecer como uma “super-mãe”, em que o que está em jogo é uma “reversão de papéis”, pois Marta tenta reverter sobre e contra os outros (neste caso, o

¹⁶⁹ Ver SALEM, 1981, p.64.

¹⁷⁰ Ver FONSECA, 2000, p.31.

¹⁷¹ Ver FONSECA, 2000, p.43.

filho Pedro) a dependência que lhe foi imputada, fazendo de uma “imaginária liberdade apenas o que uma liberdade imaginária pode ser: capacidade ardilosa para manter sob sua dependência aqueles de quem é dito depender”¹⁷².

No depoimento de Marta reaparece de forma mais intensa algo recorrente, não só nas suas entrevistas, como também nas narrativas de suas irmãs, que serão expostas nos capítulos posteriores, e, além disso, no discurso de outros entrevistados no bairro. Recorrência pautada num sentimento que essas pessoas têm em comum, conforme suas expressões: o medo de cair em tentação, o medo de cair na perdição, que aqui traduzo como o medo de cumprir o destino de vir a ser o algoz da história, o temido bandido, traficante, perverso do Matadouro

(Sempre cuidei muito do meu filho, para cair na perdição aqui é muito fácil...).

Além de a rua¹⁷³, de o espaço público reaparecer como cenário ideal para as tentações virem a se concretizar, uma outra idéia que já vinham se delineando nos depoimentos anteriores aqui se formaliza: é a idéia de que, independente do sujeito morar na área A, B, C, D, E ou F, como já constatado, para os moradores do bairro fator não determinante, mas importante na concretização de seus projetos de vida, o vir a cair em tentação vai depender muitas vezes, da fé e da adesão ou não do sujeito a uma igreja

*(...Aqui a gente já vai na igreja evangélica alguns anos...É bom orar pra não cair em tentação... Eu oro, tenho medo de ser fraco...tenho medo que os meus filhos caiam na perdição... Quem vai na igreja, ora pra Deus, é mais difícil se deixar levar por essas coisas do mal, do demônio...essas droga...)*¹⁷⁴.

¹⁷² Ver CHAUI, 1985, p.51.

¹⁷³ Esta reflexão de ZALUAR (1994) parece bastante proficua neste momento: Para os homens, a rua é perigosa e desafiadora ou atraente ao mesmo tempo; é o espaço onde se desenvolve outro *ethos* da masculinidade, muito mais devedor dos valores do mundo viril da força e da submissão do mais fraco. A caracterização do mundo da rua como o espaço do indeterminado, da ausência de regras e, portanto, da violência que favorece o mais forte, é insofismável” (p.173-174).

Diante desse cenário e dessas concepções, a religião se torna uma aliada importante na vida dessas pessoas. Vejamos o que Marta fala de sua filha:

Quando o Pedro completou 5 anos eu ganhei a Cláudia, a minha filha mais nova...A minha filha é crente, já tem 16 anos...daí eu não preciso cuidar muito dela...seguindo uma religião ela tá mais protegida...Mas mesmo assim eu cuido...sei lá, lá fora eles não estão tão protegidos...tenho medo que alguém pegue ela e estupre...ela estuda à noite, aqui perto do bairro mesmo... teve que estudar à noite porque cuidava de uma criança durante o dia...mas a criança era muito gorda, pesada, daí ela não agüentou...depois a mulher queria que ela ficasse trabalhando até às 3 da tarde...a semana inteira das 8 até às 3 da tarde e ganhar só 50 real, se ainda fosse até à 1...é muito trabalho...pra ganha pouco...é escravidão... Depois ela faz tudo pra mim aqui em casa...eu trabalho fora...a limpeza pesada eu faço sábado...mas o resto ela faz. Mas o que me incomoda mesmo é ela estudar à noite..Falo pra ela:- Se tu chegar 23h15, 23h20 em casa eu te tiro da escola, e ela cumpre o horário direitinho...pode tá chovendo...mesmo assim ela chega...se acontecer alguma coisa que ela tenha que ficar na escola, daí eu digo pra ela dar um jeito de avisar...fico preocupada com ela...a gente não sabe se ela tá se encontrando com alguém que não presta...eu não proíbo ela de namorar...se ela me falar que tem alguém que ela gosta e ele gosta dela, e o mocinho for bom, não for de droga, eu não proíbo...porque ela já tem 16 anos...Tem um gurizinho aí que gostava dela...usava droga...diz que agora deixou...mas não quero saber...porque eu acho assim: agora ele é crente, tudo bem...mas já era pra ter arrumado um serviço...era pra tá trabalhando...eu vi que ele foi pra igreja só por causa da minha filha...eu já disse pra ela que eu não quero...acho que ela me ouve...A coisa que eu tenho mais medo é de droga e quero que meus filhos não usem...porque a pessoa que usa droga tem que se vender...acho que a vida dela não vai ser boa se ela se envolver com um cara drogado... porque se um homem usa maconha logo vai procurar uma droga pior... a gente que é mulher não, fica só na maconha... porque sabe que aquilo ali não presta... mas eles são homem... eles acham que podem fazer o que quiser...então eu acho que pegar moço assim de droga não convém... depois vai casar... vai ver no dia-a-dia que tudo é difícil... quando a gente é solteira ama... tudo é novidade...mas depois... quero vê quando virar rotina... começa a usar outras drogas... começa a vender as coisas de dentro de casa... A mulher só usando maconha se conforma... só com a maconha... porque acho que ela não busca outra coisa... se for usar outra coisa vai ficar pior, a minha irmã Mirtz já experimentou droga... maconha... às vezes, quando ela ia dançar, ela fumava...,mas hoje ela não usa mais, por isso é que eu digo...mulher é mais difícil de pegar vício...antes ela usava, agora já não usa... O marido dela também usava... agora ele deixou... por isso é que eu digo, a mulher tem a mente... ele deixou agora porque ele tá doente... ele achou que tava na hora de

parar porque tava doente... daí parou... mas ele fumava maconha, cheirava cocaína... e ela não... por isso que eu digo... a mulher tem mais cabeça do que o homem...tem mais homem que usa droga do que mulher...pelo menos por aqui...é muito mais moço do que moça...muitas vezes a moça vê um moço que usa droga e vai se afastando...Eu fumava cigarro, agora consegui parar...eu não pensava em usar outra droga...porque o cigarro já chegava...porque o cigarro é uma droga...quando eu ia no salão eu adorava tomar batida de côco...adorava...de framboesa...Esse negócio de droga é fogo, por isso que eu luto pros meus filhos não caírem nessa...

Nesta narrativa Marta confirma a importância da religião no cotidiano de medo vivenciado por ela, seus familiares e vizinhos, tanto que o fato de a filha ser crente, pertencer a uma religião, segundo a mãe, dá a ela uma vantagem em relação ao irmão, em relação ao temido movimento de cair em tentação (*...A minha filha é crente, já tem 16 anos...daí eu não preciso cuidar muito dela...seguindo uma religião ela tá mais protegida...*).

Mas, e a rua? Bom, indiferentemente de Cláudia pertencer ou não a uma religião, esta idéia descrita por ZALUAR aqui aparece como unânime:

Para as mulheres, a rua é mais claramente marcada pelo signo do malefício porque oposta à casa, construída simbolicamente sob o signo da proteção ao mais fraco e da cooperação e solidariedade entre membros do grupo doméstico, ameaçando concretamente a sua já parca segurança e ainda mais a sua já precária paz ¹⁷⁵.

Para TAUBE¹⁷⁶, a proteção das filhas em bairros de periferia, com características aparentemente parecidas com o Matadouro, tem prioridade. A família vigia a moça, como acontece com a filha de Marta, entre outras coisas, devido à preocupação com o estupro. No caso de Cláudia, o ser bonita torna-se um agravante, como pontua ZALUAR¹⁷⁷: “as mulheres não estão livres do perigo, especialmente as bonitinhas”.

¹⁷⁵ Ver ZALUAR, 1994 p. 173.

¹⁷⁶ Ver TAUBE, 1992.

¹⁷⁷ Ver ZALUAR, 1994.

Um outro fator interessante a ser apontado no depoimento de Marta é o movimento bastante comum de os pais se apropriarem, como fala SALEM¹⁷⁸, do trabalho e da vida da filha. Quer dizer, quando Marta coloca empecilhos ao trabalho “fora de casa” da filha, como também aos seus estudos, não está apenas preocupada com sua segurança pessoal (da filha), mas também com a honra da família, porque ela, enquanto mulher, mais do que ninguém, sabe que Cláudia, respeitando a lógica local, só poderá assegurar seu orgulho e sua honra optando como prioridade para si, pela maternidade e por “ser” uma “boa” dona de casa. Uma reflexão de TAUBE pode contribuir com essa problemática:

A autoridade dos pais, o status diferenciado de homens como provedores e de mulheres como mães são permanentemente reforçados, mesmo quando parece difícil cumprir as exigências. Passa-se às vezes por cima dos conflitos, do desamor, dos maus desempenhos, já que tudo isso pode pôr em risco as aspirações do grupo, os valores ali montados, para que cada um cumpra seu ‘destino’ nesse ancestral processo familiar. A preparação para que esse caminho seja trilhado na favela ou no bairro de periferia começa desde cedo, na vida de cada um, na família, na vizinhança, na escola, na igreja(...) na percepção da divisão de tarefas na casa ou no trabalho¹⁷⁹.

Como não poderia deixar de citar aqui, quando a mãe diz temer e reprovar o envolvimento da filha com um homem (vizinho), supostamente envolvido com *droga*, ela traz mais uma vez à tona a idéia de “contaminação moral”, como já foi dito, em que um homem “reprovado” publicamente pode “contaminar” toda a honra de sua família, principalmente a da sua mulher. Em contrapartida, Marta considera que, mesmo em “má” companhia masculina, a mulher, por ser mais “cabeça”, consegue, se quiser, evitar o envolvimento com as práticas *ilícitas* do companheiro:

(...A coisa que eu tenho mais medo é de droga e quero que meus filhos não usem...porque a pessoa que usa droga tem que se vender...acho que a vida dela não vai ser boa se ela se envolver com um cara drogado...porque se um homem

¹⁷⁸ Ver SALEM, 1981.

¹⁷⁹ Ver TAUBE, 1992 p.30.

usa maconha logo vai procurar uma droga pior...a gente que é mulher não, fica só na maconha...porque sabe que aquilo ali não presta...).

Ao referir-se às irmãs, Marta dá ênfase às suas trajetórias de mulheres casadas e à escolha “errada” do marido:

As minhas irmãs escolheram os maridos errados. O marido da Marcela morava no morro (Área B) ...olha que a gente disse pra ela não se meter com ele... botou AIDS nela, ele era embarcado...ela disse que ele trazia até calcinha do barco...ele tá bem doente...a história dessa minha irmã é muito triste...ela é tão legal...ele judiava dela muito, batia nela...depois que a nossa mãe morreu parece que desandou tudo, a vida ficou muito mais difícil...Esse marido da minha irmã sempre foi muito folgado, ele não era de droga, mas tava sempre envolvido com os caras...daí ela foi morar no morro com ele e foi só sofrimento...ela trabalhava muito, botava tudo dentro de casa...e ele jogava tudo fora. A minha outra irmã, a Mirtes, amava um traficante aí, só que não conseguiu casar com ele, hoje ela agradece a Deus, porque hoje ele morreu de AIDS...a Mirtz sempre tava no meio dos traficante, ela sempre gostou de pessoas que não presta...ela gostava de um tal de Quinze, que tá preso, ela levou sorte que ele não gostava dela...no fim, coitada... pegou uma pessoa pra casar que ela não gostava, foi gostar com o tempo, hoje em dia ele maltrata ela. A Mônica também sofreu bastante por causa de marido bandido ...mas depois ela te conta...

Aqui, quando Marta fala da sorte das irmãs, atrela o pretense insucesso delas à “má” escolha do marido, ou seja, mais uma vez o homem considerado como “vilão” neste caso, como fala SALEM¹⁸⁰, tende a ser responsabilizado por todos os “infortúnios” vivenciados pela mulher.

É importante pontuar que quando Marta se refere às suas irmãs parece defender a sua posição como a mais pudica e honrada entre elas, inclusive pela “boa” escolha do marido. PITT-RIVERS¹⁸¹ reflete de maneira interessante a esse respeito:

A honra representa um sistema “absoluto”: é impossível duas pessoas estarem no mesmo nível. Conseguir rebaixar o status de um faz que suba o do outro (...) as

¹⁸⁰ Ver SALEM, 1981, p.75.

¹⁸¹ Ver PITT-RIVERS, 1965.

mulheres afrontam-se pela fofoca. Esses casos de agressão mútua são, apesar de sua aparência anárquica, regidos por um código de comportamento raramente aplicado aos estranhos, que marca os limites do grupo(p.50).

Marta dá continuidade à sua narrativa:

Olha, hoje a minha vida tá melhor...A gente tá indo na igreja...ora bastante...Quando eu morava na subida do morro eu sofria muito...Sentia muito medo...Quando a gente era solteira, o bairro era bem violento, tinha muita briga de facção, tinha muita cachaça...Hoje tá violento também...Mas o perigo vem mais de outro lugar...é o perigo do tráfico de drogas...Eu acho que nisso o bairro piorou...Muita droga, é cocaína, é pedra (craque)...se eu pudesse eu ia embora daqui...Se Deus quiser um dia a gente sai daqui...

Marta, ao rememorar sua trajetória num Matadouro de “outrora”, avalia seus atuais medos sempre remetendo-se àqueles de tempos atrás e comparando-os com os de agora, lembrando-se de sua trajetória no passado e da ambiência existente, pois ambos encontram-se intrinsecamente relacionados. Em outras palavras, ao comparar os “Matadouros”, o atual e o antigo, Marta está inevitavelmente comparando sua vida de “ontem” e “hoje” no bairro e, conseqüentemente, avaliando-a e classificando-a de acordo com os sentimentos de medo vivenciados no local, tanto no passado como no presente.

CAPÍTULO 4

MÔNICA POR ELA MESMA: É MEU DEUS, DIZEM QUE TU EXISTE...MAS ONDE É QUE TU ESTÁS?

Antes de dar início à narrativa biográfica de Mônica (38 anos, casada, quatro filhos, servente de uma universidade, evangélica), é importante sublinhar que, ao contar sua história, a narradora muitas vezes demonstra, mesmo em passagens aparentemente sofridas para ela, um senso de humor expresso na forma de risadas, demarcando uma postura diferenciada das irmãs, que, em geral, não apresentaram esse tipo de atitude.

Ora, esse senso de humor, característico das narrativas de Marta, pode ser interpretado de diversas maneiras: como uma autodefesa diante do sofrimento quase insuportável, “à la Radcliffe-Brown”, como fala FONSECA¹⁸², ou seja, “como instrumento usado para amenizar tensões latentes na estrutura social”, ou ainda, como pontua DAVIS¹⁸³, como conexão aos acontecimentos cotidianos, minando ou reforçando o *status quo*.

Por ora não discordo de nenhuma dessas alternativas, mas enfatizo que, de certo modo, a postura adotada por Marta parece-me em consonância com o seu *modo de ser*, quer dizer, diferente de suas irmãs, dificilmente ela se coloca numa posição de vítima

¹⁸² Ver FONSECA, 2000, p.156.

¹⁸³ Ver DAVIS, 1990.

diante da pesquisadora ou dos acontecimentos de sua vida. Denuncia em suas narrativas, como pode ser observado no discurso abaixo, e aí as risadas se acentuam, a configuração de uma “valentia feminina”¹⁸⁴, se não dela, das irmãs e da mãe, contestando, assim, de maneira consciente ou não, a noção de “passividade feminina”¹⁸⁵. Vejamos as palavras de Mônica:

Nasci e me criei no Matadouro, morávamos perto do morro, era rente com o morro, ali o pai tinha venda. A venda era bem faturável, tinha bastante coisa...o pai passava bastante trabalho ali...era com os malandro lá...Tinha um lá que gostava muito da mãe, eles protegiam a mãe...mas só que eles tinham ciúme do meu pai com as amigas deles, então de vez em quando eles ameaçavam o pai de morte, mas por causa da mãe eles não faziam. Chegou um dia...o meu pai bebia umas canas braba...chegou um dia a mãe abriu a porta da venda, tava um querendo enforcar o pai...de ciúme da amante dele, porque eles tinham ciúme que o pai paquerava, andava com elas. Daí nesse dia a mãe praticamente salvou ele...Daí a minha mãe falou pro malandro: -Larga ele, larga ele que ele tá bêbado. O malandro respondeu: - Dona Gioconda, eu só não mato o seu marido por causa da senhora., porque eu respeito bem a senhora. E era tudo assim... Esses vizinhos nossos eram muito perverso...Eles só não faziam nada com a gente porque tinham respeito com a mãe.

Esta fala de Mônica toma a mesma direção dos relatos da irmã Marta quando esta se refere ao pai, principalmente no que diz respeito ao “fracasso” do genitor em seu papel de “proteger” a família. Já em se tratando da mãe, Mônica descreve uma mulher muito mais ativa do que a relatada no capítulo anterior. Aqui Gioconda aparece como a “salvadora” do marido, e, implicitamente, da segurança familiar. A narrativa de Mônica e outras que se seguem, como já foi falado, pontuam a existência “de uma valentia feminina

¹⁸⁴ Ver FONSECA (2000), principalmente cap. 4.

¹⁸⁵ Ver DAVIS (1977) e PERROT (1976).

que aparece raramente nos discursos estereotipados”¹⁸⁶. Continuemos a narrativa de Mônica:

A mãe passava muito trabalho com o pai...o pai quando bebia, atirava pra cima...nas panelas, uma vez o tiro atravessou no bule...a mãe passava muito trabalho. Mas ela não deixava por menos...A minha mãe era maior do que o meu pai...mais alta...Chegou um dia ela descobriu que ele tinha uma amante, daí ela bebeu...e foi pra cima dele...daí a gente até tentou segurar ela...mas os pés dela ficaram livre, então ela começou a bater com os pés na cara do pai...deu uma pesada na cara do pai (risos) !!! Então a vida da mãe era assim, incomodação...mas ela era uma pessoa boa. Ela deixava a gente livre, ela dizia que ela foi muito trancada, sempre trabalhou fora...de doméstica...para sustentar os pais e os irmãos...ela tinha a vida muito sofrida...e ela não pegava o dinheirinho dela no final do mês...o meu avô ia lá no serviço dela (ela comia e dormia lá de segunda a sábado e só vinha aos domingos pra casa) pegava o dinheiro do pagamento, embolsava e não dava nada pra ela...ela usava um vistidinho de chitinha e pronto. E a mãe tinha essa vida de sofrimento...ela conheceu o pai...se juntaram...depois casaram...tiveram nós e nós vivemos. A nossa infância era boa, a mãe era bem faturável...quando era época de Natal...eu me lembro...ela pegava os filhos...parecia uma galinha choca cheia de pintinho...e dizia que ia dar um porre de pastelzinho e maçã na gente...Porque o meu pai toda vida foi amarrado de dar essas coisas pra gente, doce, roupa...já ela não. O que ela não teve na infância ela queria fazer com nós. Ela dizia: - Eu vou fazer com vocês o que o meu pai e a minha mãe não faziam comigo. Daí ela levava a tripa toda...pra cidade...era o dia mais feliz da nossa vida...dava sapato, roupa, coisa que a gente só ganhava uma vez por ano...dava maçã, pastel, picolé...ela guardava um dinheirinho bom e levava nós...lá ia nós pra casa com os pacotes todos...e com a barriga bem cheia...quase vomitando de tanto comer doce, ela fazia isso com nós. Se nós quisesse trabalhar fora nós ia, senão, não. A gente podia ir na venda pegar coisa comer, ela deixava, o meu pai reclamava....A minha mãe morreu com uns quarenta anos...naquele tempo não se tratava da depressão...eu acho que era isso que ela tinha..ela tinha muita dor de cabeça...Hoje a gente sabe que ela morreu de desgosto, de preocupação...de medo...ela passava muito medo lá...aquela vizinhança perversa...ela se preocupava com a gente....o pai tinha sempre amante...e assim foi a vida dela... Então foi uma vida de sofrimento...de medo...

¹⁸⁶ Ver FONSECA, 2000, p.129.

Embora pontuando que a experiência de vida cotidiana da mãe fora uma “luta permanente”¹⁸⁷, mais uma vez Mônica refere-se a ela como uma “mulher valente”. Ao relatar o enfrentamento da mãe perante o pai, Mônica o faz como se estivesse se divertindo, revelando uma postura bastante comum observada em campo, em que “tanto homens quanto mulheres se gabam de sua força física e gostam de contar as suas proezas” e as proezas dos outros “nos mínimos detalhes”¹⁸⁸. Portanto, concordo com FONSECA¹⁸⁹ quando fala que:

A violência é (...) arma mais ou menos aceita (ou pelo menos esperada) para resolução dos conflitos e, nesse sentido, podemos dizer que a força física é um elemento importante na organização da vila. Contudo, estamos longe de sugerir que essa organização representa uma forma ‘menos civilizada’ ou mais ‘natural’ da vida social.

Nesse mesmo viés, é possível observar que a mulher Gioconda aparece como “co-participante” dessa cena de “violência doméstica”

(A mãe passava muito trabalho com o pai...o pai, quando bebia, atirava pra cima...nas panelas, uma vez o tiro atravessou no bule...a mãe passava muito trabalho. Mas ela não deixava por menos...A minha mãe era maior do que o meu pai...mais alta...Chegou um dia ela descobriu que ele tinha uma amante, daí ela bebeu...e foi pra cima dele...daí a gente até tentou segurar ela...mas os pés dela ficaram livre, então ela começou a bater com os pés na cara do pai...deu uma pesada na cara do pai (risos) !!!)

¹⁸⁷ Ver SALEM, 1981, p.59.

¹⁸⁸ Ver FONSECA, 2000, p.35.

¹⁸⁹ Ver FONSECA, 2000, p.36.

Ou seja, neste caso e em outros observados no bairro, a dita violência doméstica pode ser concebida como uma “linguagem que estrutura o contrato conjugal de muitos casais”¹⁹⁰.

Em seu depoimento, Mônica expressa algo também recorrente nas narrativas de suas irmãs em relação à mãe, ou seja, elas consideram a figura materna como provedora de muitos momentos significativos e positivos em suas vidas.

(... A nossa infância era boa, a mãe era bem faturável...quando era época de Natal...eu me lembro...ela pegava os filhos...parecia uma galinha choca cheia de pintinho...e dizia que ia dar um porre de pastelzinho e maçã na gente....).

A atitude de Gioconda ao gerar benesses aos filhos é observada por SALEM¹⁹¹ em seus estudos com mulheres numa favela no Rio de Janeiro; para a autora, essas mães “tendem a promover, com respeito à infância dos filhos, uma transferência reparadora de sua própria infância ou existência”¹⁹².

Ainda é importante pontuar que, apesar de Mônica ressaltar as atitudes não passivas de Gioconda diante do cotidiano, termina seu relato evidenciando o sentimento de medo vivenciado pela mãe, principalmente em relação à vizinhança, como uma variável determinante daquilo que ela denomina de vida sofrida (*...Hoje a gente sabe que ela morreu de desgosto, de preocupação...de medo...ela passava muito medo lá...aquela vizinhança perversa....ela se preocupava com a gente....o pai tinha sempre amante...e assim*

¹⁹⁰ Ainda sobre esse assunto seria proficuo citar esta reflexão da autora: “(...) Creio que podemos pensar a partir de uma perspectiva mais durkheimiana, que a violência pode ter diferentes representações sociais. Neste sentido me inspiro em Foucault, quando sugere que a violência, no campo das relações afetivas/sexuais, pode ser compreendida enquanto um jogo a ser vivido a dois, um teatro encenado por cada casal e que comporta regras, nem sempre conscientes, a que se submetem os parceiros”(GROSSI, 1998, p.307).

¹⁹¹ Ver SALEM, 1981.

¹⁹² Ver SALEM, 1981, p.84.

foi a vida dela... Então foi uma vida de sofrimento...de medo...). Aqui esta reflexão de ELIAS¹⁹³ pode ser bastante contundente:

[...] A possibilidade de sentir medo [...], constitui parte inalterável da natureza humana. Mas a força, tipo e estrutura dos medos e ansiedades que ardem em fogo lento ou fulguram em chamas no indivíduo nunca dependem exclusivamente de sua própria 'natureza' nem, pelo menos em sociedades complexas, da 'natureza' no meio da qual ele vive. São sempre determinados em última análise, pela história e estrutura real de suas relações com outras pessoas, pela estrutura da sociedade¹⁹⁴.

Na narrativa abaixo, Mônica fala do início de seu relacionamento com seu marido:

Casei. O meu marido era aqui do São Judas (bairro vizinho ao Matadouro) onde eu moro hoje, conheci ele numa festa junina, perto de casa, se conhecemos lá, depois marquemos encontro...namoramos um ano e quatro meses, sem transar, sem nada. Chegou um dia era época de dezembro ele pediu um presente, eu dei um presente pra ele, mas ele não queria, ele queria um outro tipo de presente...daí eu falei pra ele: - Tás pensando que eu sou uma coisa só por causa que eu moro no Matadouro, mas eu sou outra ...tu queres, eu dou... mas daí tu vai ter que assumir pra sempre. Porque a minha mãe sempre deixava a gente saí, mas ela dizia assim: - Vocês querem se divertir, sair pode...mas dormir com o namorado não pode, o dia que vocês dormirem com o namorado é pra sempre .. Daí dormimos, eu tinha 14 anos, a primeira vez foi numa construção...a gente tentou ir num hotel, mas embargaram nós, porque a gente era de menor, ele tinha quinze anos. Daí foi indo, foi indo, ele comeu, comeu, como diz o outro, daí queria jogar fora, não queria mais...daí chegou um dia eu procurei ele, uma semana, duas, três...não queria mais nada, terminou tudo comigo...Daí eu falei pra ele: - Não queres mais eu...então tu vai vê só...eu tenho os meus direitos. Daí eu chamei o meu pai, a minha mãe, na hora da janta, contei tudo. .. Ele nunca ia lá em casa, porque o pai não queria que a gente namorasse...o pai viu que ele era malandro...ele trabalhava de mecânico, mas puxava um fumo...Mas daí quando eu contei tudo, abri o livro, o pai falou: Gioconda, pega a roupa dela, que aqui não é mais o lugar dela, leva ela lá na casa dos pais dele. Ele morava com os pais (Bairro

¹⁹³ Ver ELIAS, 1993.

¹⁹⁴ Ver ELIAS, 1993, p.269.

São Judas). Era 6 e meia da noite: cheguei na casa dele com roupa e tudo. Ele tava saindo do banho. Daí a mãe falou pra ele: - Pois é, Tiago, a Mônica não pode mais ficar lá em casa, ela não quer ficar lá em casa. Daí ele falou: - Pode deixar aí...eu só não posso pagar, não tenho dinheiro. Daí ficamos por ali, ficamos vivendo ali junto com os pais dele. Aí eu tinha 15 anos...

Aqui, Mônica deixa claro que, embora a mãe deixe as filhas saírem de casa, alerta-as para os *perigos da rua*, representados naquele momento pelo sexo fora do casamento. TAUBE¹⁹⁵ faz uma reflexão acerca dessa problemática:

É comum se chamar atenção de mulheres e de crianças para os perigos da rua, enfatizando sempre a segurança familiar, a casa, (...) e o casamento como a instância, por excelência, da proteção, do afeto, do sustento, da socialização, da moral e, implicitamente, como o 'lugar' apropriado para reprodução e para o sexo.

Assim, ao narrar o início de sua união com Tiago, Mônica ratifica a idéia da virgindade como "um bem maior", "uma moeda de troca" pertencente à mulher naquele local (...*tu queres, eu dou... mas daí tu vai ter que assumir pra sempre...*). Quer dizer, a moça, aqui, no caso, a Mônica, "coerente com a tradição da fuga, deixa-se seduzir, trocando a virgindade pelo compromisso do namorado de se 'amarrar' a ela¹⁹⁶.

Como pode ser observado, neste caso não é bem assim que acontece, aqui "há uma quebra da reciprocidade"¹⁹⁷. Mônica entrega o *presente*, mas num primeiro momento parece não ser retribuída de acordo. Recorre então aos pais, numa tentativa de preservar sua *honra e seus direitos*. Embora demonstre um movimento de iniciativa própria quando

¹⁹⁵ Ver TAUBE, 1992, p.31.

¹⁹⁶ Ver FONSECA, 2000, p. 142-142.

¹⁹⁷ Ver FONSECA, 2000.

vai ao encontro dos pais para auxiliá-la, Mônica aqui parece legitimar um comportamento bastante recorrente no bairro, sobre o qual reflete SALEM¹⁹⁸:

A inserção da mulher no mundo está [...] intermediada por figuras familiares [...]. Isso se evidencia quer no fato de sua identidade estar inextricavelmente ligada, quando não confundida, com a dessas personagens, quer na impossibilidade de agir livremente, quer ainda na sua presumida dificuldade de dominar o universo extradoméstico.

Vejamos a continuidade da narrativa de Mônica:

Depois de ficar morando uns meses na casa dos pais dele, a gente foi embora, morar num sítio, porque os pais dele venderam aquela casa ali (bairro São Judas) e foram morar em Camboriú... Não deu certo, ficamos lá dois meses... a gente cuidava de um sítio para um homem, ele não queria pagar o ordenado que a gente queria...pagava muito pouco... Daí voltamos pra casa dos pais dele, mas daí deu uma briga, daí eu fui trabalhar fora, de empregada doméstica, daí morei na casa da patroa e ele morava num hotel. Naquele tempo ele começou a roubar, roubava os turistas...a gente nessa época tinha uma vida bem farta, porque ele roubava, comia bastante bem, final de semana era aquela festa...ele morava num hotel, porque ele trabalhava com um homem que tinha bastante casa de aluguel, aí eu ainda não tinha filho, eu não ficava grávida. Isso não foi muito tempo, durou dois meses. Depois disso um casal de colegas nossos, convidou nós pra acampar, era verão, a gente não tinha casa, então fomos. Fiquemos mais um mês e pouco, era verão...ficamos lá porque ninguém tinha casa pra morar mesmo. Daí o Tiago me falou: Mônica, nós não temos casa, se nós se meter numa casa de aluguel, ninguém sai mais. Tu vai pra casa da tua mãe, eu vou pra casa da minha. Na hora que a gente arrumar uma casinha a gente volta a morar junto novamente. E ele continuava a roubar...eu dizia pra ele que aquilo não era vida...Ele me contava tudo, ele vinha com o bolso cheio de dinheiro, de brilho, de relógio...às vezes eu pedia um relógio pra ele, ele dizia que eu não podia usar essas coisa...porque a polícia podia pegar...Daí ele vendia tudo, colocava no banco, pra gente comprar a nossa casinha. Daí vendemos tudo o que a gente tinha pra inteirar o dinheiro da casa. Ficamos oito meses separados, na casa de nossos pais, até comprarmos a nossa casinha. Final de semana, eu ia pra casa dos pais dele. O meu pai dizia pra minha mãe: - Que nada, Gioconda, ele nem vem mais buscar ela, ele tá alugando

¹⁹⁸ Ver SALEM, 1981, p. 62.

ela...daí chegou um dia lá veio ele...com um jogo de cozinha dentro do caminhão e um jogo de quarto, tudo novinho. Daí subimos o morro do Matadouro...

A cotidianidade e as dificuldades descritas por Mônica acerca da sua vida com o marido no início do casamento, levando em conta o material coletado em campo parece recorrente no Matadouro. Aqui parece comum que jovens casais, pela precariedade financeira, morem com os pais, ou, usando a expressão de Mônica, *pulem de galho em galho*, até poderem adquirir uma *casinha*.

Para conseguir alcançar esse objetivo, isso quando conseguem, lançam mão de muitas “estratégias de sobrevivência”, como recorrer a pequenos furtos, ao tráfico de drogas, entre outros

(E ele continuava a roubar...eu dizia pra ele que aquilo não era vida...Ele me contava tudo, ele vinha com o bolso cheio de dinheiro, de brilho, de relógio...as vezes eu pedia um relógio pra ele, ele dizia que eu não podia usar essas coisa...porque a polícia podia pegar...Daí ele vendia tudo, colocava no banco, pra gente comprar a nossa casinha).

Este procedimento de Tiago, num primeiro momento pode até ser condenado por Mônica, mas as atitudes do marido são justificáveis frente a uma lógica local. Aqui, o homem que quiser manter sua honra têm que *dar conta* de sustentar sua família. Reflito, juntamente com FONSECA¹⁹⁹ a esse respeito: grande parte dos homens do Matadouro, “sobretudo os jovens”, como pode ser constatado no exemplo de Tiago, “só acham empregos irregulares e muito mal remunerados(...). Evidentemente, não é formulando gentis pedidos de trabalho e nem conformando-se com um salário mínimo que um homem poderá manter sua família”. Como Mônica deixa implícito em seu discurso, “as mulheres dos jovens ladrões vivem, em média, um pouco melhor que as mulheres dos operários da construção civil”.

¹⁹⁹ Ver FONSECA, 2000, p. 30-31.

ZALUAR²⁰⁰ complexifica essa problemática, quando fala que:

[...] O desemprego e o subemprego que mais afetam os jovens dessa classe social não seriam suficientes para explicar a adesão aos valores da subcultura criminosa. A saída criminosa é a entrada possível para sociedade de consumo já intensificada no país. Nesta, o jovem é estimulado a consumir e a construir sua pessoa pelo que veste, pelo que tem, o torna a pobreza ainda mais humilhante.

A longa narrativa de Mônica a seguir, em que ela descreve os anos de casada durante os quais morou no Matadouro, onde o marido se envolve cada vez mais com o roubo e o tráfico de drogas, além de outras coisas a serem discutidas, só ratifica a afirmação acima de ZALUAR²⁰¹. Vejamos:

Como tinha falado, a gente foi morar no morro do matadouro (área B)...Lá eu fiquei grávida. A vida naquele morro foi pesada...lá o meu marido mexia com droga, bebia...então, quando eu tava grávida de oito meses, o Tiago se encrencou com um bandido daqueles, então eles brigaram, por causa de droga, o meu marido nessa época usava droga e vendia... Chegou um dia o Tiago tinha descido o morro com um 38 na cintura...quando subiu o morro, subiu sem o revólver. Falou pra mim: - Tu se carca, sai daqui, que o Bento bandido vai subir o morro e vai mexer contigo...pra se vingar de mim...e saiu. Porque ele tinha se encrencado com esse bandido lá embaixo e enterrou uma faca nas costas do Bento... a faca quebrou, o Bento pegou a arma da mão dele. Não deu tempo pra eu fugir...Quando eu ia saindo pela porta, o Bento chegou perguntando pelo Tiago, eu disse que ele não tava. Daí ele me disse: - Não tá ele... vai tu mesmo. Ele me puxou pelos cabelos, passou a mão em mim, eu tentava não deixar... Tinha um outro junto com ele que ficou com pena de mim. Ele querendo me arrastar pra cama e eu tentando me agarrar nas portas, só tinha quarto e cozinha...o colega dele disse: - Ó Bento, larga ela, que o pai dela tá vindo aí... Daí ele me largou. Daí eu me carquei, consegui fugir dele: tava chovendo, o morro tava derrapando, eu fui de bunda no chão até lá embaixo...daí eu cheguei na casa da mãe, branquinha, branquinha. A mãe perguntou o que eu tinha, eu contei tudo. A mãe falou: - Só podia ser coisa do Tiago. Eu vou contar pro teu pai, pra ele dá um jeito nele... Essa aventura passou... Eu só não perdi esse meu filho porque não era pra perder mesmo.

²⁰⁰ Ver ZALUAR, 1994, p. 113.

²⁰¹ Ver ZALUAR, 1994.

Quando eu tava grávida de 6 meses, um dia o Tiago usou muita droga e ficou doido mesmo...ele injetava "catovite", eles destilavam numa colherzinha, eu sei porque um dia eu desconfiei e vi ele fazendo, quando eu sabia eu não deixava, mas ele sempre me mandava lá pra casa da mãe pra fazer isso. Eu lutava sempre pra ele deixar da droga...A única coisa que eu experimentei foi maconha, mas não me viciiei, porque não gostei...não me adaptei. Eu tinha catorze anos, daí só fumei nessa época, depois nunca mais. Nesse tempo em que a gente morava no morro ele trabalhava de servente de pedreiro...daí nesse dia em que eu te falei, quando eu tava grávida de 6 meses, era uma sexta-feira, ele tava doidão da droga, tinha recebido, então ele me disse: - Rasga o dinheiro...Daí eu disse: -Não rasgo. Daí ele falou: - Se tu não rasga eu vou te matar. Daí eu pensei: vou rasgar o dinheiro no meio, depois eu colo pra pagar a venda. Daí rasguei. Então ele olhou pra mim, me bateu, me bateu, me bateu tapa na cara, o sangue escorria...E me falou: - Agora eu vou te matar, rasgasse o dinheiro, vou te matar. Daí tinha uma janela, a janela era alta, no morro...enquanto ele foi na pia eu pulei a janela. Porque ele chaveou a porta com a corrente, não tinha chave, era um barraco...daí eu abri a janela e desci o morro com o cu no chão de novo, não conseguia andar...as pernas estavam moles... Duas aventuras enquanto tava grávida, não sei como não perdi o meu filho...A gente vivia brigando, mas sempre fazia as pazes...Hoje em dia se as mulheres ganham um tapa sai fora...eu não sei o que ocorria na nossa mente que a gente não se separava...sabe que até hoje eu tô de bobeira...porque se acontecer hoje aqui em casa...eu não agüento...Até um pouco tempo aí atrás eu disse pro Tiago: - Se tu voltar àquela vida que tu tinha antes, eu não agüento mais, eu não tenho mais 15, nem 20 anos, daí nós repartimos tudo que nós temos e cada um vai viver a sua vida, eu não agüentaria mais tanto sofrimento... É, mais eu falo, falo, mas não tenho coragem de me separar, eu tenho umas vizinhas separadas, elas sofrem tanto pra criar os filhos...Mas sei lá, se não fosse a minha incomodação com esse casamento eu não teria essa cara aqui, uma pessoa de 39 anos não era pra ter essa cara...era pra ter outra face, não ter essa face sofrida, velha...não sei como a pessoa pode suportar isso tudo...acho que é porque ela não pensa, não medita, eu gostava muito dele, tinha medo de perder ele...desde a idade dos 14 anos com ele, foi a minha primeira transa, e foi o único até o dia de hoje...Eu morei pouco tempo no morro, porque ele mexia com droga, daí guardava dinheiro na poupança, nós botava pra vê se saía do morro...a gente sempre queria uma vida melhor...porque só trabalhar de servente de pedreiro, só era para comer e pra despistar a polícia. Nessa época quando ele mexia com droga eu tinha medo de tudo...chegava a polícia perto tinha que ficar de olho...Daí nós descemos o morro e moramos naquele bequinho (área A) ali, daí a minha mãe morreu eu tinha 22 anos...daí compramos a venda da mãe e saímos da vida da droga. Pegamos a venda queimada, sem movimento nenhum...levantemos a venda, daí ele não mexia com droga nada. Daí o dinheiro que a gente tinha colocamos ali, a poupança ficou

zero...investimos tudo naquela venda...Aí nós ficamos ali uns quatro anos e alguns meses...daí ele começou a beber, continuou a usar droga...daí nós ficamos pobre...Nesse tempo eu sofri muito também: daí ele sumia dois, três dias...daí um dia ele vendeu uma moto...nova...que a gente tinha pra ir no banco, pagar conta da venda...daí ele vendeu a moto e sumiu com o dinheiro por três dias. Daí quando ele voltou eu tava já indo atrás dele no hospital, na delegacia. ..Daí ele inventou que tinha sido roubado, eu não acreditei porque ele tava de corrente de ouro, anel. Todo arranhado pelas putas, daí eu peguei um taco de jogar snook e corri atrás dele, ele gastou todo o dinheiro...Daí teve um outro dia, era época de carnaval, daí era aniversário dele, ele chegou com um pacote dizendo que tinha ganho da namorada dele...Nessa época a minha irmã mais nova morava comigo...a Marcela...a gente tinha carro naquela época...eu peguei a chave que ele colocou em cima da mesa e escondi, porque ele já ia tomar banho pra sair...daí a minha irmã tava tomando banho e eu disse pra ela demorar bastante pra não deixar ele entrar no banheiro, ela demorou um monte, porque eu pedi, quando ela saiu ele bateu nela, me arrependi porque pedi pra ela demorar. Daí a minha irmã pegou a lata da farinha colocou na cabeça dele e deu-lhe com a frigideira na cabeça dele (risos), foi uma brigaçada só...daí ele foi tomar banho, quando saiu procurou a chave do carro não tava, não achou...daí ele me falou : - Mônica onde tava a chave que eu deixei aqui...eu vou sair. Daí eu disse pra ele: - Tu vais sair...então tu vai de Fernando: um pouco a pé e um pouco andando...daí ele olhou bem pra mim e veio pra cima de mim, era eu correndo e ele atrás...a essa hora já era meia-noite, daí eu peguei e saí pra rua, me escondi com a chave. Daí ele berrava: - Dá a minha chave, Mônica, se tu não der a chave eu vou matar o teu filho... Eu tava escondida atrás do muro vendo e ouvindo tudo...daí ele pegou um punhal de cabo branco, aquele de açougue mesmo e colocou rente à cabeça do menino.....e continuou a ameaçar que ia matar o menino. Daí eu entreguei a chave. Daí ele largou o menino e foi embora...Cabo de meia hora esse homem volta...o guarda-louça, as garrafas das prateleiras ele quebrou tudo...de tanta raiva que ele ficou de mim, de eu ter escondido a chave. Daí ele volta, nós só escutamos o barulho do carro...eu peguei o dinheiro dele e escondi no meu bolso e a minha irmã pegou na roupa dela e escondeu...pra ele não estragar... Nisso nós nos escondemos debaixo do assoalho pra ele não ver onde a gente tava...daí nós escutamos uma barulhada na casa...ele pegou a mangueira do bujão, tocou fogo, era de madeira a casa...daí nós ouvimos o barulho do carro indo embora...daí saímos do esconderijo e fomos olhar o que ele tinha feito na casa. Quando chegamos lá, tava pegando fogo na cozinha, começamos a berrar por socorro, isso já era de madrugada...Tinha um moço na frente de casa que ajudou a gente a apagar o fogo...esse vizinho molhou a camisa dele e colocou no bujão pra ele não estourar... daí a graças ao moço o bujão não estourou...daí quando era umas 6 horas da manhã ele chegou...chegou bonzinho, e me disse: - Eu pensei que isso tudo tivesse queimado...daí eu falei: - O que tu

fosses fazer, não Tiago...Ele era maluco, doido. Eu não sei o que ele tinha, loucura ou malvadeza mesmo...não sei o que se passava pela cabeça dele...Cabeça fraca... Daí isso tudo passou. Sofrimento, pesadelo... ..Hoje eu tô bem, acho que fica um pouco de depressão...A gente não vai atrás do conselho do pai e da mãe, daí dá nisso...mas também, se eu não tivesse com ele...hoje onde é que ele estaria...se eu não tivesse paciência com ele...Ele é ser humano também...precisava de ajuda...

Esse relato de Mônica, extenso e rico em significados, aponta para uma máxima constatada em campo, já pontuada por SALEM²⁰² em seus estudos numa favela no Rio de Janeiro, de que “a luta pela sobrevivência abrange desde a preocupação com a alimentação do dia seguinte até o anseio por alcançar condições mais dignas de moradia, corporificado no projeto de, algum dia, deixar...”, neste caso, o Matadouro.

Aqui, aparece o medo do “outro” na figura do *vizinho bandido*, mas o que parece incomodar e de certa forma amedrontar Mônica nesse depoimento é um “outro”, pelo menos aparentemente bem próximo, o marido *bandido*.

Mais do que medo da violência física, já que muitas vezes em seu relato Mônica ri ao contar quando *fugia* do marido²⁰³, denominando muitas vezes esses acontecimentos de *aventura*, a informante, embora fale de separação, parece temer por aquilo que viu muitas vezes suas vizinhas passarem, o vir a ser *abandonada*:

(eu falo, falo, mas não tenho coragem de me separar, eu tenho umas vizinhas separadas, elas sofrem tanto pra criar os filhos....).

TAUBE²⁰⁴, faz uma reflexão a esse respeito:

²⁰² Ver SALEM, 1981, p.59.

²⁰³ Segundo FONSECA (2000, p. 35), “Muitas mulheres celebram suas vitórias sobre os homens (...) as mulheres não hesitam em contar vitórias desse gênero”.

²⁰⁴ Ver TAUBE, 1992, p. 42.

Há um medo latente do abandono, do enfrentamento num mundo marcado pela discriminação e também da perda irreparável dos sonhos construídos sobre as figuras masculinas em nossa sociedade. Assim, muitas tentam impedir que seus maridos se vão ou desistem da separação iniciada por elas.

Mesmo diante do medo, não dá para negar que, de certa forma, a continuidade dessa relação conjugal se deve em parte à vontade de Mônica, que, embora optando por um pretense *sofrimento*, não deixa de fazer uma escolha²⁰⁵. Assim, Mônica, ao escolher o casamento, demonstra em muitas situações que detém um considerável poder na relação²⁰⁶.

Vejamos: ao mesmo tempo em que Tiago “impõe sua vontade pela força física”, Mônica o faz “pela manipulação da opinião pública”²⁰⁷. Como foi observado, delatando o marido para família (*A mãe perguntou o que eu tinha, eu contei tudo. A mãe falou: - só podia ser coisa do Tiago*) e ameaçando-o, como será descrito adiante, de entregá-lo à polícia, ela se utiliza de formas locais de poder. Por exemplo, ao recorrer a seus familiares, Mônica reitera um movimento bastante comum no Matadouro, onde, “a partir do momento em que uma moça deixa o lar paterno, seus pais (...) não cuidam mais de sua sexualidade. O papel prioritário deles transforma-se no de protetor, inclusive contra as violências do marido”²⁰⁸.

Em contrapartida, ao mesmo tempo que se impõe, Mônica faz as vezes da “verdadeira mulher do bandido”, aquela que sofre²⁰⁹ pelo marido, aparecendo, “como a última ligação com a moralidade (...)”²¹⁰.

²⁰⁵ Ver SARTRE (1997), principalmente o cap. 3, “As relações concretas com o Outro”.

²⁰⁶ Ver DE CERTEAU, 1990.

²⁰⁷ Ver FONSECA, 2000, p.46.

²⁰⁸ Ver FONSECA, 2000, p. 29.

²⁰⁹ Aqui é válida uma reflexão de GROSSI (1998, p.308): “(...) Se considerarmos nossa tradição judaico-cristã, que tem na ‘paixão de Cristo’ um dos modelos de entrega amorosa, creio que é possível pensar

(...hoje onde é que ele estaria...se eu não tivesse paciência com ele...Ele é ser humano também...precisava de ajuda...),

Diante do exposto, é possível observar que os acontecimentos narrados pela informante (*...A gente vivia brigando, mas sempre fazia as pazes..*), “remetem a um cenário preestabelecido”, em que Mônica e Tiago “conhecem seus papéis e repetem na maior parte do tempo um texto socialmente conhecido, texto que oscila entre amor e dor, texto aprendido no processo de socialização, mas também escrito e re-escrito por ambos os parceiros [...]”²¹¹ É mister sublinhar que aqui o uso e o tráfico de drogas parecem despontar como fenômenos geradores de conflitos não apenas no âmbito do bairro ou fora dele, como pontuado anteriormente, mas no âmbito conjugal. Embora precise ficar claro que o que parece incomodar Mônica não é o fato de o marido traficar ou usar drogas, mas as conseqüências “negativas” advindas desses atos. Pois, como já dito, ao mesmo tempo que Mônica condena o marido pelo envolvimento com as drogas, justifica seus atos, já que conseqüências positivas são extraídas deles, como, por exemplo, a possibilidade de vir a comprar uma casa, objetivo dificilmente alcançável na posição de *servente de pedreiro*

(...Eu morei pouco tempo no morro, porque ele mexia com droga, daí guardava dinheiro na poupança, nós botava pra vê se saía do morro...a gente sempre queria uma vida melhor...porque só trabalhar de servente de pedreiro, só era para comer e pra despistar a polícia..).

Então, poder-se-ia dizer que os conflitos em torno do fenômeno intrafamiliar do tráfico e uso de drogas acabam acontecendo em decorrência dos “prejuízos” advindos do tráfico, como, por exemplo, os observados na narrativa de Mônica: o temor frente à

também no casamento como um jogo com regras e um imaginário que carrega em si a própria ambigüidade do modelo ocidental moderno de paixão que significa sofrimento e entrega”.

²¹⁰ Ver ZALUAR, 1994, p.230.

presença da polícia no morro, a violência advinda de discórdias entre traficantes, entre outros. Quer dizer, enquanto o tráfico serve como uma “providência para garantir não só a sobrevivência no sentido estrito, mas a possibilidade de exercer um estilo de vida”²¹², ele até pode vir a ser aceito pela esposa, mas quando vem servir para fins que, em última instância, colocam a ela e a sua prole em *perigo* ou num estado permanente de insegurança, passa a ser condenado.

Mônica, ao falar sobre os filhos, diz que o que a preocupa mais é a possibilidade de eles virem a se envolver com o uso e/ou tráfico de drogas, e de que, conseqüentemente, desenvolvam comportamentos considerados “ilícitos” e “imorais”. Já que, quando menores, conviviam diariamente com um pai, que, segundo Mônica, na época *não era bom exemplo pros filhos...* Vejamos a narrativa de Mônica:

Eu tenho quatro filhos, dois homens, 20 e 17 anos e duas meninas, 15 e 1 ano e meio...O Tiago não era bom exemplos pros filhos...Tinha dia que eu tinha que levar as crianças pra casa do meu pai...deixava elas lá... porque o Tiago usava droga dentro de casa e eu não queria que as crianças vissem...usava cocaína...essas coisas assim...Eu voltava pra casa pra cuidar da casa e dele, porque senão ele quebrava tudo, botava fogo...chegou um dia eu me revoltei com essas coisas...porque muitas vezes eu tinha que sair de dentro de casa porque ele queria me bater, bater nas crianças...Então eu saía de casa pra deixar ele livre, às vezes...Pensava: - Deixa quebrar tudo...Ia passear com as crianças, 11 horas da noite, e ficava na rua com elas até 1 hora, 2 horas da manhã...com as crianças na estrada...porque não podia levar lá pro meu pai todo dia, pra não incomodar o pai...Daí muitas vezes eu olhava pro céu e pensava assim: - É, meu Deus, dizem que tu existe...mas onde é que tu estás que tu não tá me vendo aqui nessa terra...Não mato, não roubo...Nesse meio tempo eu já trabalhava fora, de diarista, chegava do serviço cansada e tinha que aturar isso tudo...Isso só me acontecia nas sextas-feiras e nos sábados, ele só aprontava no final de semana...Igual à vida da mãe...às vezes a gente não tem sorte na vida...chegava sexta e sábado, a vida dela era um inferno...Daí eu olhava pro céu e dizia: - Meu Deus, onde é que tu estás, eu tenho uma vida tão sofrida, uma vida de

²¹¹ Ver GROSSI, 1998, 308.

²¹² Ver VELHO, 1994, p. 125-126.

escravidão...e chorava naquela estrada, chorava...daí quando ele tinha saído ou dormido eu voltava pra casa e colocava as crianças pra dormir...arrumava tudo que ele tinha bagunçado e ia dormir. Daí chegou um dia, eu cheguei do serviço 6 e meia da noite...a casa tava cheia de vagabundo...uma semana antes eu tinha trancado as crianças no quarto, com televisão pra elas não verem essas coisas... e deixei os vagabundo tudo usando droga à vontade...Deu sede...eu esqueci de pegar água...eu saí do quarto eu vi que eles tavam tudo se aplicando, eu vi que aquilo era um absurdo...eu pensei que eles só cheirassem...daí eu pensei: - Não, isso não pode acontecer mais, voltei pro quarto, não consegui dormir aquela noite. Em outra sexta-feira eu cheguei do serviço, tinha uns oito lá...tinha um monte de prato com cocaína dentro...Daí eu falei: - O que é, Tiago, já vais começar...? Daí ele me falou: -Fica bem quieta...Daí eu falei: - Vocês pode se arrancar tudo...daí eu peguei a mesa virei...berrei com eles...disse que não queria ninguém mais lá, comecei a jogar os pratos...foi quebrando tudo...Dei uma de louca, foram tudo embora...Daí o Tiago veio pra me bater...daí eu falei pra ele: - Me bate, bem batida, porque se tu não bater direito...eu vou me levantar e vou lá na delegacia e vou contar porque tu tá me batendo...Ele pegou a moto e saiu. Aquela batalha eu venci, daquele dia em diante ele nunca mais trouxe droga pra dentro de casa.) É por isso que eu me preocupo com os meus filhos...mesmo a gente tentando esconder eles acabavam vendo tudo...eles não têm a cabeça muito boa não, não ouvem a gente. Mas por enquanto droga ainda não usaram, puxaram eu...nunca soube de nada...Essa minha menina que tá dando um probleminha...por causa de namoradinho...quer pegar um malandro, eu tô dando conselho, mas parece que não adianta...Esse rapaz mora lá no Matador, usa droga...Por enquanto só ela tá querendo pender pra esse lado...Daí eu falo pra ela: -Vás querer viver a vida que eu tenho, que eu tinha, eu dou conselho pra ela..mas não tá adiantando. Parece eu, a minha mãe me dava conselho e eu não ouvia....Hoje eu não moro mais no Matadouro faz oito anos, moro num bairro vizinho, isso já melhorou bastante a vida...mas mesmo assim me preocupo com meus filhos...porque eu acho que a droga não é só do lugar onde a gente mora... mas isso ajuda...Ter tudo ali à vista...sei lá, pode cair na tentação...e ir pra essa vida...Eu tenho medo que os meus filhos caiam nessa...o meu marido volte pra essa vida...eu mesma, sei lá...tem coisas dentro da gente que a gente não consegue controlar...coisa do capeta mesmo...é, mas por enquanto tá tudo controlado, a família toda é evangélica...nunca se sabe...

Se anteriormente Mônica referia-se ao fracasso do pai enquanto marido e genitor, aqui Tiago toma o papel do pai, já que insistentemente a informante, nesse depoimento e no anterior, critica os atos do marido (...O Tiago não era bom exemplos pros

filhos...). Esse movimento de Mônica em relação ao marido vai ao encontro do comportamento das mulheres estudadas por FONSECA²¹³ nas favelas de Porto Alegre; a autora observa que “Quando o homem não cumpre o dever, a mulher usa os filhos para sublinhar sua infâmia [...]. Ela fará longos relatos”, como no caso de Mônica e também de Mirtz, o que poderá ser observado no capítulo 6, “sobre seu próprio sofrimento, enobrecendo-se na imagem de mulher batalhadora que, apesar de tudo, conseguiu manter a família unida e criar seus filhos”.

Apesar de não morar mais no Matadouro, Mônica diz temer pelo envolvimento dos filhos com drogas, principalmente pela filha, que, segundo ela, está prestes a cometer o mesmo *erro* da mãe, vir a se envolver com um *malandro* que reside no Matadouro.

Ora, aqui, como nas narrativas de Marta, a idéia de “contaminação moral”²¹⁴ reaparece com toda a força. Vejamos: hoje Mônica e a família não moram mais no Matadouro, *converteram-se* para uma igreja evangélica, e, a partir desses acontecimentos, não é difícil entender por que o fato de o pretendente da filha morar no Matadouro incomoda a mãe. Mais do que uma ameaça ao *futuro* da filha, esse relacionamento pode significar um retorno da família ao “cativeiro”²¹⁵ e o aumento da probabilidade de que seus familiares ou ela mesma venham a *cair em tentação* diante da “droga”

(eu acho que a droga não é só do lugar onde a gente mora... mas isso ajuda... Ter tudo ali à vista...sei lá, pode cair na tentação...e ir pra essa vida...Eu tenho medo que os meus filhos caiam nessa...o meu marido volte pra essa vida...eu mesma, sei lá...tem coisas dentro da gente que a gente não consegue controlar...coisa do capeta mesmo...é, mas, por enquanto, tá tudo controlado, a família toda é evangélica...nunca se sabe..).

²¹³ Ver FONSECA, 2000, p. 155.

²¹⁴ Ver DOUGLAS (1966).

²¹⁵ Ver VELHO (1995).

Hoje Mônica diz estar *bem* e tudo o que parece não querer é retomar um passado vivido no Matadouro. Hoje, diferente do que acontecia lá, Mônica já tem até projetos de futuro no âmbito individual bem definidos, como o vir a fazer um curso de computação. Sendo assim, considero contundente fazer uma aproximação da trajetória de Mônica às trajetórias das mulheres estudadas por ZALUAR²¹⁶ nas favelas do Rio de Janeiro:

Embora personagens coadjuvantes nesta tragédia moderna, algumas mulheres pobres conseguem superar os novos papéis sociais que este sistema econômico do tráfico de droga e do crime organizado lhes impõem. Neste mundo violento estão, junto com as crianças, na posição de uma de suas vítimas contumazes. Algumas se reafirmam como sujeitos ao transformar a si própria e suas vidas [...] ²¹⁷.

Ainda refletindo sobre a afirmação de ZALUAR acima, destaco esta narrativa de Mônica:

A minha vida lá no Matadouro foi um terror...Hoje que eu não moro mais lá, eu estou bem, eu estou bem...E também tem outra coisa, a minha família é toda evangélica...Por causa disso o meu marido não mexe mais com drogas...Eu trabalho na universidade de faxineira...Lá até aprendi a ler e escrever melhor... Às vezes queria saber o que tava escrito no quadro antes de limpar e não entendia nada...só sabia lê e escrever bem pouquinho, só tinha estudado até a terceira série. Queria saber as palavras mais difíceis, as palavras que a gente nem conhece...às vezes as pessoas conversam com a gente, a gente não entende...parece estrangeiro...mais lá na universidade...daí eu achei que eu deveria voltar a estudar pra entender a linguagem deles, entender pelo menos um pouco...daí eu voltei a estudar, ano passado, daí terminei a 4ª série. A formatura foi bem bonita, teve jantar tudo pra nós...Eu estudava três vezes por semana...Agora vou começar a fazer a 5ª série, 6ª e 8ª e o segundo grau...nunca é tarde...Quero sair da vassoura...a minha intenção é essa...ter uma vida melhor...e um dia colocar a minha filha na universidade também... Agora eu vou começar a

²¹⁶ Ver ZALUAR, 1994.

²¹⁷ Ver ZALUAR, 1994 p.233.

fazer o curso da computação...de graça na universidade...porque a gente limpa os computadores ali...às vezes a gente tem hora vaga, daí quer digitar alguma coisa...ou usar a Internet que tem agora...Ahhhhhhh, eu chorei na minha formatura...quem sabe eu faço segundo grau...freqüento a faculdade...

O que se pode notar é que nas avaliações de Mônica as lembranças sobre seu passado e sobre o local onde morava é que estão correlacionadas. Ou seja, quando suas vivências ou experiências foram classificadas como negativas, ruins ou qualquer outro adjetivo, Mônica tanto pode justificar o que passou devido à “qualidade” (principalmente, maior ou menor sentimento de medo e insegurança) do local onde habitava, como pode também classificar o local em função do que passou.

Aqui parece existir, portanto, uma relação intrínseca entre vivência e ambiência, ou melhor, entre a classificação de uma ou de outra. Se, por exemplo, Mônica acreditava levar uma vida “pecaminosa”, com medo constante de violências e das “drogas”, esse seu “sofrimento” fazia com que qualificasse o local de *horrível*. Ao mesmo tempo, o ambiente aparece como “gerador” desses medos e causador de sofrimentos e inseguranças.

Assim, é pautada nas reminiscências de seus sentimentos de medo e insegurança que Mônica, além de justificar seus deslocamentos, avaliar sua trajetória, tanto fora como dentro do Matadouro, ressignifica ~~seus~~ seus medos atuais.

CAPÍTULO 5

MARCELA POR ELA MESMA: EU SOU HIV POSITIVO... EU TENHO MEDO...

Antes de dar início à terceira narrativa biográfica, acredito ser proffcuo sublinhar que a cada narrativa expressa e analisada até aqui, torna-se cada vez mais legitimado o fato de que:

(...) Experiência pode ser comunicada porque não implicaria apenas em ações e sentimentos, mas também em reflexões sobre ações e sentimentos. Concebida desta forma, torna-se possível capturar as narrativas de sujeitos sobre suas experiências e incorporar suas interpretações, apontar funções e disfunções temporais, mudanças, continuidades, tradições e rupturas. Sem que seja preciso deixar de levar em conta o campo social, no sentido que lhe dá Bordieu, desta experiência e de sua trajetória.²¹⁸

Ciente dessa reflexão proferida por KOFES²¹⁹, apresento-lhes mais uma das irmãs, Marcela, 33 anos, casada, três filhos, evangélica. Quando conheci Marcela, ela morava na área B do Matadouro (morro) e trazia na pele e no peso, notadamente abaixo da média para sua altura, marcas, segundo ela, advindas da SIDA²²⁰, fato, entre outros, que corroborou para sua *saída do Matadouro*, indo morar num bairro vizinho. Mas antes de mudar de bairro Marcela passou por um longo percurso no Matadouro, o qual começa a narrar a seguir:

²¹⁸ Ver KOFES, 2001, p.164.

²¹⁹ Ver KOFES, 2001.

²²⁰ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Eu sempre morei no Matadouro, desde que eu nasci...Quando eu tinha uns 7 anos, eu gostava quando chovia...tinha a pedreira...quando parava de chover...ficava aquelas poças, a gente fazia que era uma piazinha pra lavar louça...lá a gente brincava de cozinhar...a pedra era lisinha...daí formava num cocho, numa pia...daí a gente botava tapete...fazia uma casinha...lavava roupa ali...fazia fogão de lenha...ficava a tarde toda ali...Eu era chamada de cu de pomba. Eu fui andar com 5 anos...a mãe passava óleo de jogador na minha perna...Eu andei no dia que a minha irmã fez comunhão, a Mirtes, a mais velha...daí a mãe disse que foi um milagre...Eu só andava no colo da mãe...Às vezes eu andava de bunda de fora pra cima, no colo da mãe... por isso o pessoal me chamava de cu de pomba...Um amigo do meu pai cuidava de mim...Ele era um bom homem...nosso vizinho... Ele passava óleo na minha perna...daí eu lembro que ele dava uma moedinha pra mim...e dizia pra eu ir comprar bala...pra treinar e tentar andar...Terapia, chamavam... Eu ia porque eu era pequena, mas lembro que tinha força de vontade e queria andar...No Natal ele me dava presente...ele gostava de mim...Ele arrumava enceradeira, essas coisas assim...ele era muito amigo do pai...daí ele me viu naquele estado, assim...e disse que ia fazer eu andar e conseguiu...se não eu não tava andando... Nós ganhava roupa só uma vez no ano...a gente ganhava uma conguinha...Eu lembro que ela levava a gente pra cidade de sandália de dedo...Naquele tempo o Natal custava a passar...quando faltava um mês pro Natal a mãe já comprava a roupa pra gente, então a gente tava o tempo todo olhando...aquela caixinha...não via a hora de ganhar...mas só ganhava no Natal...daí a mãe fazia aquele pinheiro...Eu lembro que uma vez eu ganhei aquele bonecão de plástico...hoje em dia tem no 1,99. Daí a mãe dizia que era o Papai Noel que trouxe...A gente tem saudade de falar a palavra mãe. Ela foi muito amiga nossa...é diferente do pai...O pai fez a gente sofrer muito.....Eu sofro desde pequena...o meu destino...o destino de muita gente daquele bairro é esse...O meu pai, como o pai de muitas colegas minhas, pra falar a verdade de quase todas que moravam lá... bebia...pegava a minha mãe pelos cabelos...às vezes pegava arma...porque ele sempre teve arma...Sempre andava armado...a gente não gostava ...mas não tinha outro jeito...tinha que se proteger...aqui os homens tinham muita arma...porque tinham que se proteger da bandidagem...E isso incomodava a mãe...incomodava a gente...a gente tinha medo que pudesse acontecer alguma desgraça...vivia morrendo de medo...Hoje eu sinto medo...mas tô melhor...Eu me converti pra uma igreja evangélica faz três anos...a mesma das minhas irmãs...Faz bem, ajuda a gente a manter a cabeça no lugar...Tu vê... a minha luta tá grande, né...sabe que a minha luta não é fácil...mas eu vou até o fim...até o fim da minha vida...Vou vivendo a vida...Eu tive a minha menina que hoje tem 2 anos, com 31 anos...mas eu sabia que ia negatar...eu ficava ali...vendo as pesquisas dos outros ali... Daí eu botei na mão do Senhor...

Neste discurso, Marcela sucumbe a uma idéia que já havia sido discutida anteriormente, principalmente no capítulo 2, mas que até o momento não havia sido sublinhada por suas irmãs: a noção de uma vizinhança não apenas como inimiga, ou geradora de conflitos, mas como determinante na vida de cada morador do bairro:

(Sempre andava armado...a gente não gostava ...mas não tinha outro jeito...tinha que se proteger...aqui os homens tinham muita arma...porque tinham que se proteger da bandidagem).

De um modo ou de outro, nos *momentos difíceis*, como registrado repetidamente em meu diário de campo, muitos moradores afirmam que :

Esta forma, acredito que na figura do *bom homem* representada pelo vizinho Marcela sintetiza muitos movimentos observados em campo, que aqui traduzo como momentos de sociabilidade positiva entre a vizinhança: a divisão de alimentos ganhos com um vizinho; o empréstimo de muitos objetos (bicicleta, gaiola de passarinho, sapato, roupa, comida, brinquedo, etc.); visitas diárias, conversas no portão e, principalmente, como pontuado por Marcela, o auxílio com a prole.

É importante demarcar que, mesmo creditando à sua própria *força de vontade* e ao auxílio do vizinho o fato de vir a andar, Marcela não deixa de pontuar uma outra hipótese levantada na época para esse acontecimento, o de ter ocorrido um *milagre* (*Eu andei no dia que a minha irmã fez comunhão, a Mirtes, a mais velha...daí a mãe disse que foi um milagre*). Aqui, além de ressaltar mais uma vez a religiosidade como um fenômeno circundante da vida dessas pessoas, que parece estar imersa muitas vezes numa “cultura bíblica”:

(...a minha luta tá grande, né...sabe que a minha luta não é fácil...mas eu vou até o fim...até o fim da minha vida...Vou vivendo a vida...Eu tive a minha menina que hoje tem 2 anos com 31 anos...mas eu sabia que ia negatar...eu ficava ali...vendo as pesquisas dos outros ali... Daí eu botei na mão do Senhor...),

Destaco um movimento bastante observado em campo e já discutido anteriormente por VELHO²²¹, “uma tensão entre o reconhecimento de forças externas sobre as quais não há controle por parte dos indivíduos (...) e o papel do indivíduo no desenvolvimento de sua trajetória”.

Aqui, vale a pena igualmente resgatar a idéia de “destino” exteriorizada por Marcela, pois, além deste aparecer como uma categoria privilegiada no discurso da informante e de outros moradores do bairro, concordo com VELHO²²² que, “a questão do destino e suas representações aparece (...) como um eixo privilegiado para a discussão das relações entre indivíduo e sociedade”.

Assim, quando Marcela considera o destino como determinante de seu sofrimento e do sofrimento de seus pares (*Eu sofro desde pequena...o meu destino...o destino de muita gente daquele bairro é esse...*), e ao mesmo tempo exalta algumas vezes a sua *força de vontade*, bem como a de seu vizinho, ratifica mais uma vez a idéia de “tensão” anteriormente mencionada, entre valores “individualistas e holistas”²²³.

Como não poderia deixar de sublinhar, essa “tensão” não parece estar presente apenas num bairro chamado Matadouro, na cidade de Itajaí, Estado de Santa Catarina, Brasil, mas parece ser constituinte das ditas sociedades complexas contemporâneas. Além disso, considerando que essa “tensão” desponta como estruturante da sociedade ocidental, sem a intenção de me aprofundar por ora nesse assunto, mas reconhecendo a sua importância, reflito mais uma vez com VELHO:

Tanto nas epopéias homéricas, como nas tragédia gregas do séc. V a . C., a questão do *destino* aparece como foco privilegiado para a elaboração da problemática da ação e significado do indivíduo. Ora, de Homero, passando por Ésquilo, Sófocles e

²²¹ Ver VELHO, 1994, p.125-126.

²²² Ver VELHO, 1994, p. 121.

²²³ Ver VELHO (1994), principalmente cap. XI “Destino e Violência” e VELHO (1981). Ver também DUMONT (1993).

Eurípides chegamos a Dante, percorrendo aproximadamente dois mil anos. Não é trivial e cabe registrar a particularidade de intenção de uma leitura que está voltada para captar sinais e indícios da problemática que privilegia. Em Dante a questão da *alma* e de sua relação com o corpo é das mais complexas, ao ponto limite dos viajantes- Dante e Virgílio- encontrarem almas no Inferno sendo castigadas, cujos corpos ainda estão vivos na superfície, movidos por forças demoníacas. Se há um espaço para escolha, a decisão baseadas em uma ética cristã, existe por outro lado a antecipação do que está determinado. (...) É evidente(...) uma forte ambigüidade quanto ao livre-arbítrio e à determinação de uma vontade divina que pode se confundir com a idéia de *destino* (...). Trata-se, portanto, de sublinhar a existência dessa tensão como constituinte não só no passado mas no próprio presente do complexo universo de representações da sociedade conhecida como ocidental, que obviamente sofreu fortíssima influência de culturas orientais e outras como africanas dos seus primórdios até os dias atuais.²²⁴ (grifo do autor).

Um outro aspecto que acredito ser importante destacar nesta narrativa de Marcela é que, diferentemente das outras irmãs, principalmente quando se refere à utilização da arma pelo pai, considera-o como o protetor da família (*a gente não gostava ...mas não tinha outro jeito...tinha que se proteger...aqui os homens tinham muita arma...porque tinham que se proteger da bandidagem*).

Aqui o uso da arma, considerada como símbolo de poder e masculinidade²²⁵ pela população local, ao mesmo tempo que pode servir como um escudo contra a violência dos *bandidos*, também pode ser utilizada pelo homem como um instrumento de controle da família, mulher e filhos. Ora, como foi observado em campo e no discurso de Marcela, a simples presença de uma arma de fogo dentro de uma casa pode significar uma ameaça constante à família (mulher e filhos), que se vê diariamente violentada pela imposição do homem, que, não raro, pelo uso ou ameaça de uso da arma, pode vir a tornar-se mais perigoso do que o *bandido*.

Aqui é importante pontuar que mesmo diante da ameaça constante do uso da arma de fogo pelo homem contra a própria família, a idéia que prevalece é que ainda é

²²⁴ Ver VELHO, 1994, p. 122-123.

²²⁵ Ver FONSECA, 2000.

melhor ter uma arma dentro de casa, mesmo correndo o risco de ser ferido por ela, do que não ter nenhuma proteção contra os *bandidos*. Ainda é importante destacar sobre a população do Matadouro, tal qual observou ZALUAR em seus estudos numa favela no Rio de Janeiro, que o que foi descrito acima não significa que,

Na cultura desta população pobre, prevaleça a recusa de qualquer autoridade ou se desconheça o que é consentimento. Ao contrário, eles opõem muito claramente 'vencer na moral' à violência das armas, à brutalidade, à dominação crua dos que se recusam ao uso das palavras porque com elas não estão certos de manter o seu poder. O trágico é que os que, entre eles, procuram agir "na moral", vêm-se imponentes para conter essa avalanche de violência e brutalidade que permeia toda a nossa sociedade hoje e que, portanto, não se gera ali. Eles também, perplexos, assistem à queda da moral e à ascensão da (...) arma de fogo.²²⁶

Dando continuidade à sua narrativa biográfica, Marcela fala de sua adolescência e do casamento no Matadouro:

Estudei até a 4ª série... O meu primeiro namoro foi com 11 anos...Daí um rapaz me convidou pra ir na roda gigante...o meu primeiro beijo foi lá. Foi o primeiro rapaz que eu namorei escondido...depois ele foi embora...Com 12 anos eu gostava de um rapaz...mas a minha mãe não gostava dele porque ele fumava maconha...essas coisas...morava no lado da minha casa...só que o amor proibido é mais gostoso...A minha mãe dizia: - Não adianta pra ti, minha filha...Mas eu dizia pra mãe que eu gostava dele. A mãe entendia, o pai já queria dá-lhe. Chegou um dia, eu fugi pra dançar com as minhas colegas...O pai foi atrás de mim no salão, daí eu fugi dele...fui dormir na casa de uma colega. No outro dia o pai foi me buscar, eu disse que não ia...mas daí eu fui, ele não me bateu, a gente fazia chantagem com a mãe...dizia pra ela que se o pai batesse...a gente fugia de casa...daí ela convencia ele a não fazer nada...Daí fiquei namorando escondido com ele...a gente se encontrava lá no trilho...nunca transamos...Daí chegou um dia...eu fiquei olhando bem pra ele...aquele cabelo crespo...Pensei: não quero mais ele não...isso aí não é pra mim...a mãe tinha razão...Eu contava as coisas pra mãe...pro pai não. Depois eu só namorei com 17...Sáia pra dançar...curtir...Quando eu fiz 17 anos a minha mãe já tinha morrido, então eu morava com a minha irmã Mônica, no tempo em que ela ainda morava no Matadouro... Nessa época eu me perdi...com um rapaz

²²⁶ Ver ZALUAR, 1994 p. 10-11.

de um bairro vizinho do Matadouro...ele gostava de mim...eu não gostava dele...pra ele se vingar de mim...ele andou comigo e não quis mais eu, daí eu comecei a gostar dele, mas daí já era tarde. Eu bêbada fui com ele...transei...daí ele não quis mais eu...Naquele dia eu cheguei na minha madrinha, tomei um comprimido pra não ficar grávida, fiquei com medo....Depois disso eu gostei muito de um outro rapaz...durante dois anos...eu gostava dele...amava ele...ele era lá de dentro do Matadouro...só que ele queria eu só pra me usar...ele sabia que eu já tinha transado com outro...Um dia eu fui na minha irmã, na Mirtz, que também morava lá...levar lavagem de porco...daí eu vi aquele moreno...ele tava na mesa comendo polenta em cima de uma tábua...a mãe dele era italiana...Daí ele brincou comigo e eu fiquei interessada por ele...me apaixonei...daí ele me convidou pra sair de moto...saímos de moto, se beijamos... daí namoramos...transei com ele... começamos a se encontrar...daí eu andei com ele...comecei a gostar dele...ficava doida com ele...Só que ele me pedia pra não usar shorts, pra não beber muito, essas coisas...só que eu não queria ser mandada...podia ter feito o que ele mandou...podia tá com ele...Eu dizia pra ele que ele não mandava na minha vida...daí ele começou a andar comigo...transar...daí passava quinze dias...ele terminava comigo...Daí eu ia pro salão, bebia, ele me trazia pra casa...bêbada...sabe onde a gente transou...no mato...ali onde passava o trem...ele botou uma camisa ali e a gente transou...no fim a gente se arrepende...tinha 18 anos...Me usou ali e dizia: - Agora eu não quero mais tu...Eu aturava tudo isso aí. Chegou perto do Natal, a gente foi pra casa dele...ele levou champanhe e tudo...Eu, muito tola...deveria ter ficado na casa dele...Ele morava com a mãe...mas tinha o quarto dele...chegou um dia eu disse; - De hoje em diante tu não vai mas usar eu...eu não vou te querer mais...daí foi o ponto final...Eu gostava dele mesmo...até hoje se eu vejo ele...me dá uma coisa ruim no coração...Hoje ele tá bem...tem uma casa de dois andares, tudo...Eu devia ter lutado...Mas não era pra mim...eu era muito livre e isso incomodava ele, incomodava a mãe dele...eles não gostavam disso...O pessoal falava muito, a vizinhança falava muito, só porque eu gostava de dançar, namorar, me divertir...Depois disso eu comecei a namorar com esse que é meu marido hoje, eu tinha uns 19 anos...daí comecei a gostar dele...Ele morava lá no Matadouro também, lá no morro...Nessa época eu morava com a minha irmã Mônica ainda...morei com ela uns dois anos...Começamos a namorar, eu dormi lá na casa dele...ele morava com a mãe...mas a casa era repartida por um guarda roupa...eles eram bem pobres...Daí dormia às vezes na casa dele...e mentia pra minha irmã que tava dormindo na casa de uma colega...Mas a minha irmã tava desconfiada...daí contei a verdade pra ela e me ajuntei com ele...com 19 anos...daí quando tava 4 meses junta com ele fiquei grávida...Passei muito trabalho na minha vida com morava lá no morro.... Nessa época a gente morava na mesma casa da minha sogra, a casa era repartida no meio...Só que a minha sogra bebia...daí sofri muito. Daí ele se embarcou, arrumou

do marido e do pai. Como expresso por Marcela, esse controle se dá principalmente na tentativa de restrição ou na interdição do livre acesso da mulher à rua, principalmente à noite. Aqui é profícuo sublinhar que, mesmo havendo um empenho, principalmente por parte dos pais, de controlar a mulher, conforme a exposição de Marcela e observação em campo, ela geralmente consegue escapar a esse controle:

(Começamos a namorar, eu dormi lá na casa dele...ele morava com a mãe...mas a casa era repartida por um guarda-roupa...eles eram bem pobres...Daí dormia às vezes na casa dele...e mentia pra minha irmã que tava dormindo na casa de uma colega, ou ainda, chegou um dia eu fugi pra dançar com as minhas colegas...O pai foi atrás de mim no salão, daí eu fugi dele...fui dormir na casa de uma colega).

Assim, os dados etnográficos no Matadouro concordam com os comentários de TAUBE²²⁸, quando esse autor pontua que, “apesar de um visível cuidado, muitas situações parecem fugir às normas, às aspirações de que tudo aconteça de acordo com um padrão moral desejável: fugas de meninas adolescentes, (...) introduzidas na droga e no sexo prematuro, espancamento de mulheres (...)”.

Ainda concernente à discussão acerca do controle da sexualidade da mulher, a narrativa de Marcela em torno da situação de não ter sido aceita por um namorado e pela mãe dele por seu comportamento (usar short, beber, não ser mais virgem, etc.), descrito por ela como *livre*, parece legitimar esse movimento de controle em relação à mulher:

(Eu gostava dele mesmo...até hoje se eu vejo ele...me dá uma coisa ruim no coração...Hoje ele tá bem...tem uma casa de dois andares tudo...Eu devia ter lutado...Mas não era pra mim...eu era muito livre e isso incomodava ele, incomodava a mãe dele...eles não gostavam disso...O pessoal falava muito, a vizinhança, falava muito só porque eu gostava de dançar, namorar, me divertir...).

²²⁸ Ver TAUBE, 1992, p.30

A reflexão de ROSALDO & LAMPHERE²²⁹ em torno do controle da imagem pública para o caso da construção do gênero feminino pode ser bastante pertinente neste momento: “As mulheres, mais do que os homens, precisam responder às necessidades daqueles em torno dela: é mais difícil para elas manipular ou controlar sua imagem pública; e na medida que afeta esta imagem, um comportamento mais livre pode provocar repúdio”.

Ao falar da trajetória junto a seu companheiro atual, Marcela deixa claro que mesmo diante de muitas dificuldades (drogas, desemprego, HIV, SIDA, etc.), não desiste do objetivo de ter *uma família feliz*:

(eu sempre quis ter uma casinha só minha, pra mim , pro meu marido e filhos).

Aqui torna-se imprescindível pontuar na narrativa de Marcela a recorrência da ligação entre a questão da moradia (ter uma casa e um lugar seguro para morar) e a pretensa realização de vir a ter *uma família feliz*:

(Lá no morro eu passava muito trabalho com ele por causa dessas coisas...ele pedia dinheiro...insistia, eu dizia que não podia dá...acabando eu dava o dinheiro pra ele e pronto...Às vezes ele gastava 50, 40 conto...O pessoal vendia ali mesmo...sempre tinha ali pra comprar... Depois que a gente veio morar aqui ficou mais difícil ele usar...É por isso que eu me mudei do Matadouro...Eu quero ter uma família feliz, e agora o principal a gente já tem, um lugar e uma casa melhor pra morar)

Ou seja, para a informante, o ter uma casa e esta casa estar situada num local considerado seguro para se viver parece ser condição *sine qua non* para a efetivação do

²²⁹ Ver ROSALDO & LAMPHERE, 1979, p.44.

seu projeto. Aqui acredito ser oportuno fazer um resgate da noção de projeto desenvolvida por VELHO²³⁰:

Projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo.

Não obstante, é profícuo sublinhar que o projeto expresso por Marcela, bem como seu entrelaçamento à questão da moradia parecem estar presentes não de forma explícita, mas implicitamente nas narrativas de suas irmãs, bem como no discurso de outros moradores do bairro com os quais tive contato.

Assim, conforme observado em campo e como revela Marcela em sua narrativa, muitas táticas e procedimentos são usados por aquela população na tentativa de, em primeiro lugar, conseguir um espaço, ou melhor, como fala Marcela, *uma terrinha* para a construção de uma casa e, num segundo momento, se possível, sai-se em busca de uma região, ou de um bairro vizinho que pareça menos perigoso aos olhos de quem lá for morar.

Eu moro no Matadouro desde que eu nasci, era quem entra no matador...morei ali até 5 anos. Era uma venda de madeira...daí se mudamos mais pra perto do cadeião.... Daí fui morar com a minha irmã Mônica, que morava ali na venda...o pai vendeu a venda pra ela...ela era que nem uma mãe, ainda é. Depois fui morar pra perto do cadeião...fiquei lá um mês...na casa da Mirtes...daí não deu certo. De certo ela tinha ciúme do marido dela comigo, eu usava short...daí ela começou a proibir, daí eu não gostei. Daí voltei novamente pra casa da Mônica...Daí dali eu me ajuntei e subi o morro, morei com a minha sogra. Depois eu fui pra casa da minha tia lá embaixo...daí não deu certo, fui pra praia. Subi o morro de novo, fui morar lá em cima, o meu menino tinha 1 ano. Daí nós fizemos a casa no sábado e no domingo pra prefeitura não desmanchar...daí fizemos mais escondido...onde tinha bananeira, daí eles não viram...daí a casa caiu...daí a gente fez outra lá

²³⁰ Ver VELHO, 1994, p. 101.

perto no terreno da minha cunhada...daí a gente desceu um pouco. Daí viemos pra cá. Aqui é bem melhor.

Como já mencionado no capítulo 1, mais especificamente no subcapítulo intitulado “As regiões morais do bairro Matadouro”, principalmente na região B (morro), local em que Marcela viveu a maior parte de sua trajetória de casada, as pessoas chegam pela madrugada ou nos finais de semana, com medo de serem interpelados pela prefeitura e com algumas madeiras constroem suas casas. Esses procedimentos de Marcela e de alguns moradores do Matadouro objetivando driblar o poder público com o intuito de conseguir um local para morar podem ser analisados sob a luz das afirmações de DE CERTEAU já que, para o autor, os “procedimentos populares”,

Jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim essas ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados?’), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica (...). Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural(...). Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina (...).²³¹

Aqui mais uma vez Marcela, diferentemente de suas irmãs, por exemplo, quando cita o auxílio do vizinho na construção de sua casa, fala da vizinhança não apenas como uma ameaça para sua segurança, mas como uma variável importante, especificamente neste caso, para a consecução de seus projetos, como o de construir uma casa:

(Nós dormia no chão...as minhas madeiras lá estragando...o meu marido desempregado...eu arrumava um biscate lá uma vez ou outra...Daí eu pedi chorando pro meu vizinho fazer uma casa pra mim...daí ele fez a armação e o meu marido ajudou a fazer...Daí fizemos uma meia-água...deu pra nós entrar...Daí o Afonso arrumou emprego no barco novamente...daí conseguimos aumentar a

²³¹ Ver CERTEAU, 1990, p. 41-42.

casa...daí a casa ficou no lugar...Eu só consegui descer o morro um pouco mais, ir morar mais embaixo, mas ainda no morro).

Acredito que essas posições diferenciadas das irmãs em torno da vizinhança aconteçam principalmente devido às suas trajetórias, que, se em alguns momentos parecem convergir, em outros tornam-se díspares e divergentes. Aqui FONSECA²³² pode contribuir, pois em seus estudos sobre laços de parentesco e família numa favela em Porto Alegre sublinha, como acontece neste caso, que “a história dessas irmãs não é atípica no bairro. A população (...) não é, de forma alguma, homogênea. O jogo de classes, ao encorajar a mobilidade individual e seletiva, lança as pessoas – parentes e amigos – em trajetórias divergentes”.

Ainda a respeito do sentimento de vizinhança expresso por Marcela, é importante ressaltar que quando se trata de drogas esse sentimento passa a ter a mesma conotação ou uma conotação semelhante àquele sentimento de revolta e medo expresso nos capítulos anteriores por suas irmãs:

(...Droga só traz problema... lá no morro eu tinha medo que o meu marido quebrasse tudo dentro de casa... Ele usava droga dentro de casa...usava craque dentro de casa...eu não dormia...porque eu tinha medo que pegasse fogo dentro de casa...eu ficava acordada pra que não acontecesse nada. Ficava um clima ruim...eu ficava assustada...tinha medo) .

Quer dizer, mesmo Marcela tendo experimentado drogas²³³ como a cocaína e a maconha...(Eu também já usei droga, mas usava só maconha...comecei a fumar maconha com esse meu marido, isso eu tinha uns 18 anos... cheirei branca uma vez, foi na casa de uma colega que mora ali no Matadouro, ela tava usando eu quis experimentar) ou, (Daí eu ia

²³² Ver FONSECA, 2000, p.97.

²³³ É importante ressaltar que, como constatou FONSECA(2000) em seus estudos em uma favela em Porto Alegre, aqui “drogar-se não é necessariamente mais problemático do que embriagar-se”(p.174).

pro salão bebia, ele me trazia pra casa...bêbada..), ou ainda, *(Eu bêbada fui com ele...transei...daí ele não quis mais eu....),* na ocasião das entrevistas, ela parece preocupar-se e temer a contínua exposição às drogas, à qual seu marido, seus filhos e ela mesma eram submetidos diariamente no Matadouro:

(Eu não via a hora de trocar a minha casa...a mãe dele bebia...vinha bêbada...jogava as coisas em mim...ele quando tava drogado batia em mim..)

Aqui, acredito que a alteração que Marcela demonstra realizar em sua trajetória de vida, principalmente a mudança de perspectiva em relação ao uso de drogas e álcool, está intrinsecamente relacionada, em primeiro lugar, a seus novos papéis de “mãe” e “esposa”²³⁴ *...(Mas depois que eu me ajuntei eu não quis mais saber...porque sabia que ia ter que sustentar um vício...Droga só traz problema...),* cujo comportamento no espaço público, frente à lógica local, se não sofresse modificação, poderia “contaminar moralmente” ou ainda “poluir” não só seu parceiro, mas sua prole. Em segundo lugar, a adesão a códigos ético-morais de uma religião (“conversão”) parece ter sido determinante na mudança da trajetória social de Marcela :

(A gente agora tem Deus no coração, depois que eu fui pra igreja eu não quis mais saber de droga...).

Acredito que a idéia de “contaminação moral” seja também pertinente para elucidar o sentimento de medo diante do convívio cotidiano com o tráfico de drogas e conseqüentemente ao acesso mais “fácil” a elas, já que, para Marcela, o fato de estar hoje longe do Matadouro, se não impede, diminui a procura das drogas pelo marido, que, naquele bairro, segundo ela, *anda à solta:*

²³⁴ Ver ARAGÃO, 1983 e ABREU FILHO, 1982.

papéis de homem e mulher, nem sempre são fixos, mas “complementares”²³⁶: (*Um dia eu até avancei nele...dei um soco...*).

Vejamos a narrativa de Marcela:

Tenho muito medo que meus filhos peguem essa doença, isso já me fez sofrer e me faz sofrer muito...antes disso eu era mais feliz...Tenho 33 anos. Sou casada no papel, era junta, mas agora sou casada...Eu casei com 19 anos, eu era bem feliz...ele era embarcado, trabalhava tudo...Só que quando eu tinha 30 anos...fiquei doente, descobri que tinha AIDS...fui pro hospital, fiquei 11 dias lá, depois descobriram que eu tinha esse problema... Eu não guardei raiva dele...porque eu sei que peguei dele...ele injetava muita branca...andava com um monte de mulher...Mas eu não guardei raiva dele...quero tentar ajudar ele, ele é um ser humano como a gente...eu acho que depois que eu descobri que ele botou isso em mim...realmente eu não fiquei com raiva dele...Quando eu descobri eu não consegui contar pra ele...eu fiquei trancada com aquilo 6 meses...eu sabendo que ele tinha botado em mim...nessa época ele ainda não sabia que tinha...depois de 6 meses então que ele foi saber...então ele pediu que eu não contasse pra minha família...eu disse pra ele que a minha família não sabia, mas na verdade já sabia...só que eu não queria magoar ele...Mas realmente quem me magoou foi ele...ele que fez isso comigo...mas mesmo assim eu não tinha coragem de contar, de falar pra ele que as minhas irmãs sabiam...eu tinha medo que ele pudesse se matar...vinha coisa na minha cabeça...depois de 8 meses que falei pra minhas irmãs...daí ele aceitou, porque viu que as minhas irmãs não iam ter preconceito com ele...que ajudaram mais ele, e tiveram mais amor por ele...Mas eu continuei...a minha luta tá grande, né...sabe que a minha luta não é fácil...mas eu vou até o fim...até o fim da minha vida...Vou vivendo a vida...Eu tive a minha menina que hoje tem 2 anos com 31 anos...mas eu sabia que ia negativar...eu ficava ali...vendo as pesquisas dos outros ali... Daí eu botei na mão do Senhor...eu sabia que ia negativar...eu sabia que ela vinha com o vírus...porque eu sou uma portadora...tinha que vim...mas eu fui cuidando pra negativar e negatizou... Hoje eu não voltaria mais pro matadouro...pra morar no morro pelo menos não. Eu gosto do Matadouro mais pra passear só. Morar eu não queria mais não. Lá tem muita coisa, essas drogas...Os meus filhos aqui tão mais seguro. Aqui eles tão cedo em casa...Lá eles ficavam até 9 horas lá pela frente. Lá o pessoal usa droga o tempo todo na subida do morro...Ainda quando eu morava lá, briguei com um rapaz...que tava lá fumando na latinha. Eu disse pra ele: - Tu fica usando essas

²³⁶ Ver GREGORI, 1992.

droga aí...depois passa um aqui, vê...por que tu não vai usar escondido...eu não sou contra...usa quem quer...daí passa uma mulher quer subir o morro não dá...Daí ele falou:- Tens alguma coisa com isso...daí eu falei: - Se tu não saí daí eu vou pegar a vassoura e vou dá-lhe em ti. Eu já tinha raiva disso...não gostava...eu vivia o drama, né...Daí quem vai querer entrar na minha casa vendo aquilo, e quem vai querer subir...Se tu sobe não conhece nada ali...tu vai voltar...vai ficar com medo...Vê aquela pessoa usando aquela coisa ali...ou vai ficar espantado...O matador já é falado...ainda usando as coisas na cara da pessoa...Não fica um clima legal...eu não me sentia bem com aquilo. Mas daí ele respeitou e saiu. Eu disse: - Eu não quero mais fumando aqui, uma que as minhas crianças vão ver...vocês tem que tentar ajudar, não atrapalhar usando essas coisas aí...E se as crianças vê e uma pessoa de idade vê...tem que dá o respeito...Se queres fumar, vá fumar escondido...não precisa fumar em público pros outros vê. Daí não usou mais ali. As crianças vendo isso ali não iam se sentir bem, como eu não me senti bem, eles também não iam se sentir bem...É vai ser difícil eu voltar a morar no Matadouro...lá eu sofri muito...Aqui eu tô 5 meses. Aqui eu até engordei, me sinto melhor...lá eu não era feliz...Aqui eu não fico pensando que eu tenho doença...Lá não, todo mundo fica olhando pra gente...se a gente chamava a ambulância fica todo mundo olhando...Um dia eu chamei a ambulância pro meu marido...veio gente até da rua de baixo (área C)...Pra ajudar não tem ninguém...pra atrapalhar tem um monte...daí ele foi pro hospital...a minha menina tava na frente da venda (área A), a minha menina discutiu com uma outra menina...a outra dizia pra ela...como o teu pai tá magro...daí a mulher da frente falou assim: - Eu fiquei com tanta pena da tua menina...porque a guria falou mal do pai pra ela...A minha filha é bem revoltada...o que ela tem que dizer, ela pega e diz. Ela não tem medo. Aqui já é diferente, ninguém fica olhando, cada um do seu lado e pronto. Passa um carro ali, descarrega um móvel, não fica ninguém olhando...Lá no matadouro não...tu vai comprar uma coisa, eles ficam tudo olhando...querem saber o que tu comprou...Aqui não. Eu gosto mais pra mim daqui...

Nesta narrativa, responsabiliza o marido pela sua contaminação com o vírus HIV: (Quando eu descobri eu não consegui contar pra ele...eu fiquei trancada com aquilo seis meses...eu sabendo que ele tinha botado em mim...nessa época ele ainda não sabia que tinha...depois de seis meses então que ele foi saber...então ele pediu que eu não contasse pra minha família...).

Aqui, Marcela parece estar tentando desvencilhar-se, via negociação²³⁷, de uma valoração negativa atribuída ao “drogado” frente à condição na qual se encontra.

Ora, quando Marcela tenta esquivar-se da responsabilidade diante da contração do HIV, desculpando-se ou tentando justificar-se pelo fato de que o uso de drogas aconteceu quando era jovem e ainda não era mãe nem “convertida”, está, antes de tudo, tentando proteger a sua imagem diante do outro, neste caso a pesquisadora, atitude esta bastante justificável, já que ela e sua família têm sido vítimas de preconceito pelo fato de ela e do marido terem contraído o vírus HIV.

(Um dia eu chamei a ambulância pro meu marido...veio gente até da rua de baixo (área C)...Pra ajudar não tem ninguém...pra atrapalhar tem um monte...daí ele foi pro hospital...a minha menina tava na frente da venda (área A), a minha menina discutiu com uma outra menina...a outra dizia pra ela...como o teu pai tá magro...daí a mulher da frente falou assim: eu fiquei com tanta pena da tua menina...porque a guria falou mal do pai pra ela...).

Mais especificamente no caso de Marcela, o vínculo do uso de drogas do marido à contaminação com HIV torna-se um agravante em relação ao sentimento de medo de que os filhos possam vir a se envolver com as drogas e tenham o mesmo destino dos pais.

Tenho medo que eles se metam nessa vida como o pai...Depois tem essa doença aí que drogado pega mais fácil...o pai já é aidético, eu sou HIV positivo tenho medo que isso aconteça com eles... Eu tenho medo que os meus filhos se envolvam com droga.

Aqui, há uma menção à idéia de uma “raça moral”²³⁸, no sentido holístico, de que a categoria sangue é definidora dos atributos morais e éticos do indivíduo. Trata-se,

²³⁷ Sobre “processo de negociação”, ver GOFFMAN, 1989.

²³⁸ Ver ABREU FILHO, 1982.

evidentemente, da Pessoa, pois, como diria DA MATTA²³⁹ sobre o dilema da sociedade brasileira, entre os segmentos sociais que não compartilham completamente dos postulados da ideologia moderna, vale o ditado popular “filho de peixe, peixinho é” ou “filho de tigre já nasce pintado”.

Ao analisar as palavras de Marcela, fica claro que a pressão da vizinhança por meio do preconceito diante de seu estado e do de seu marido foi uma variável determinante para que a família deixasse o bairro.

Esse cenário só vêm ratificar uma idéia discutida no capítulo 2, Parte I, desta dissertação acerca dos processos de negociação de realidade que perpassam a vida cotidiana dos moradores do Matadouro, comportando a manipulação de estigmas e preconceitos no sentido da re-construção de suas identidades sociais. Aqui, ao mesmo tempo em que Marcela estigmatiza uma parte de sua vizinhança, torna-se, ela própria, o alvo desses preconceitos:

(É, vai ser difícil eu voltar a morar no Matadouro...lá eu sofri muito...Aqui eu tô 5 meses. Aqui eu até engordei, me sinto melhor...lá eu não era feliz...Aqui eu não fico pensando que eu tenho doença...Lá não, todo mundo fica olhando pra gente...se a gente chamava a ambulância fica todo mundo olhando...).

Uma outra idéia também já discutida no capítulo 2 reaparece nesta narrativa de Marcela: é a preocupação expressa pela informante, ainda como moradora do morro (área B), com a imagem do Matadouro diante do outro, nesse momento representado por não-moradores do bairro.

Aqui, mesmo Marcela dizendo que se preocupa com a segurança dos filhos em consequência do uso indiscriminado de drogas no morro, o que mais parece incomodá-la não é o uso destas substâncias em si, mas a presença delas em lugares públicos do bairro,

²³⁹ Ver DA MATTA, 1997

o que parece afetar ainda mais a “imagem deteriorada” do Matadouro diante do Outro, o não-morador do local

(Ainda quando eu morava lá, briguei com um rapaz...que tava lá fumando na latinha. Eu disse pra ele: - Tu fica usando essas droga aí...depois passa um aqui vê...por que tu não vai usar escondido...eu não sou contra...usa quem quer...daí passa uma mulher quer subir o morro não dá...Daí ele falou:- Tens alguma coisa com isso...daí eu falei: - Se tu não saí daí eu vou pegar a vassoura e vou dá-lhe em ti. Eu já tinha raiva disso...não gostava...eu vivia o drama, né...Daí quem vai querer entrar na minha casa vendo aquilo, e quem vai querer subir...Se tu sobe não conhece nada ali...tu vai voltar...vai ficar com medo...).

Com isso não quero dizer que Marcela não experimente um sentimento de medo e insegurança frente à possibilidade do envolvimento dos filhos com as drogas, mas a imagem dela e de seus familiares e do lugar onde moram frente ao outro (vizinhança ou não moradores do local onde vivem) parece desempenhar um papel importante em suas trajetórias, estando o movimento de tentativa de inversão de uma suposta “imagem deteriorada” intrinsecamente relacionada ao fracasso ou sucesso de seus projetos de futuro.

CAPÍTULO 6

MIRTES POR ELA MESMA: A GENTE SENTE MEDO...

Antes de passar à quarta e última narrativa biográfica, resgato a “historicidade cotidiana”²⁴⁰ na qual se deram os meus encontros com a informante Mirtes, 41 anos, a mais velha das irmãs, casada, 4 filhos, servente de uma universidade, evangélica.

Apesar de Mirtes ter se mostrado receptiva ao receber-me pela primeira vez em sua casa, no momento em que tocamos no assunto de sua história de vida, diferentemente de suas irmãs, ela apresentou certa resistência justificando que não gosta de relembrar a sua trajetória passada, por esta divergir da sua atual, já que hoje ela diz viver de acordo com os preceitos da religião que segue há cinco anos. Depois de alguns contatos pessoais e telefônicos, em que expliquei inúmeras vezes o objetivo do trabalho, Mirtes aceitou dar continuidade às nossas conversas, desde que elas se dessem fora de sua casa, pois, segundo ela, seu marido não as aprovaria.

Assim começa, portanto, a narração da sua trajetória de vida, a portas fechadas, num dos quartos da casa de sua irmã Mônica.

Toda vida eu morei no Matadouro, desde que eu nasci, tenho 41 anos nunca mudei de bairro, só de região dentro do bairro...Eu morava perto do cadeião (área A) e hoje moro aqui depois do trilho (área D). Quando a gente era pequena o pai tinha uma vendinha...Meu pai também trabalhava de calçar a rua...naquele tempo, há 40 anos...a história era brava...era mais quente que agora...Era assim, o pai e a mãe abriam a mercearia...eles vendiam a comida em sacos de linho...Nós fazia pacotinhos pra pesar as mercadorias na balança, porque não vinha embalado...Fazíamos pacote de 1 k, 4 k. A gente vendia sabão cortado em pedra...Agora evolui muito...agora é tudo empacotado...O grude, a cola não era

²⁴⁰ Ver DE CERTEAU, 1990, p.82.

tenaz, era feita de trigo e água...E assim era, lá tava a mãe todo dia cuidando da venda...Como ele sabia que a minha mãe cuidava da venda...ele criava asas...É, mas ele trabalhava também...Me lembro que a gente ia levar comida pra ele nas obras, no fim da tarde lembro dele chegar em casa todo vermelho do sol...a gente ia levar lanche, cafezinho pra ele.....Parece que eu tô vendo ele...Aquele homem baixinho e bem vermelho...a gente tinha pena dele no sol quente...Ele dava duro pra criar a gente...Era um homem muito trabalhador...Mas da parte da mãe ele magoou muito...Ele era um homem muito de bagunça...A mãe sobreviveu, morreu com 40 e poucos anos...Assim era a nossa vida...a casa era bem pequena, tinha só dois quartos, um pro pai e pra mãe e outro para mim e pros meus irmãos e irmãs...Os guris dormiam num beliche, eu e as minhas três irmãs dormíamos numa cama de casal...e a Marcela, que era pequena, dormia num berço no quarto da mãe e do pai...Eu e os meus irmãos a gente brigava por tudo...Toda noite era aquela brigaçada...Brigava por causa de comida...Coitada da mãe, tinha uma paciência...O pai era mais nervoso, só que ele nunca bateu em nós...O pai e a mãe nunca foram de bater nos filhos...Pra dizer a verdade, eu apanhei uma surra uma vez quando eu era solteira...Eles souberam educar os filhos...O pai tinha amiga...Teve uma amiga 9 anos...e a gente sabia, só que a gente era pequeno, não podia fazer nada...A minha mãe também sabia...Enquanto a gente era bem pequeno não percebia...mas depois de ficar maior que a gente foi descobrindo tudo...porque a mãe chorava muito...Naquela época ela tentou se matar, eu acho que era por causa disso...Porque sofria muito...Eu não conheço ninguém nesse mundo que tenha sofrido tanto como a mãe...Aquele mulher nasceu e não soube o que é felicidade...Isso aí eu garanto...Tô dizendo as palavras de minha boca por ela...O pai dela, meu avô, era muito ruim...Tudo que ela ganhava quando era solteira o pai dela ficava com o dinheiro todo...Depois conheceu o meu pai, casou, e sofrendo sempre...Eu acho que a única alegria que ela teve foi ter nós...Mas era uma mulher que não saía de casa...não sabia o que era uma festa...nunca saía na rua...Que coisa triste, não saía na rua...se não era porque faltava tempo e porque o pai não gostava...é porque ficava com medo que alguma coisa de ruim acontecesse com ela...mesmo respeitando ela...sempre tinha um bandidinho ou outro que com a cara cheia podia passar dos limites...Era todo dia a mesma coisa...Levantava 5 horas da manhã pra abrir a venda...acho que ela morreu mais por depressão...Faz 18 anos que ela morreu, quando ela morreu eu tava grávida de 4 meses...O médico disse que ela teve um enfarto...mas acho que ela morreu de depressão...

Este primeiro relato de Mirtes toma uma direção semelhante às narrativas expressas por suas irmãs, que, ao narrar suas vidas, privilegiam a mãe, que, seja em situações de coragem, covardia e/ou sofrimento, apresenta-se como uma figura central, pelo menos no início de suas histórias

(...Aquela mulher nasceu e não soube o que é felicidade... Isso aí eu garanto... Tô dizendo as palavras de minha boca por ela... O pai dela, meu avô era muito ruim... Tudo que ela ganhava quando era solteira o pai dela ficava com o dinheiro todo... Depois conheceu o meu pai, casou e sofrendo sempre.)

FONSECA²⁴¹, ao discorrer sobre narrativas biográficas de mulheres faveladas em Porto Alegre, faz algumas considerações bastante pertinentes neste momento:

Considerada sob a ótica da forma narrativa, a onipresença de mulheres nesses relatos pode ser indicação de cumplicidade tanto quanto de conflito feminino. É interessante notar que, em todas as histórias, existe uma espécie de prelúdio embasado no mundo relacional (...). O prelúdio aqui serve para aumentar a verossimilhança da história. O artifício cria o efeito de uma história dentro de uma história. A interlocutora (...) se identifica com as personagens que aparecem na narração(...)²⁴².

Ao falar da vida da mãe, principalmente no que diz respeito à situação de confinamento vivenciada por esta ao longo de sua trajetória, Mirtes expressa um sentimento ao mesmo tempo de indignação e de aceitação quanto à sua triste condição de gênero:

(Mas era uma mulher que não saía de casa... não sabia o que era uma festa... nunca saía na rua... Levantava 5 horas da manhã pra abrir a venda... acho que ela morreu mais por depressão... Faz 18 anos que ela morreu, quando ela morreu eu tava grávida de 4 meses... O médico disse que ela teve um enfarto... mas acho que ela morreu de depressão..)

²⁴¹ Ver FONSECA, 2000.

²⁴² Ver FONSECA, 2000, p. 128-129.

Como será observado mais adiante, sentimento semelhante reaparece em alguns momentos quando Mirtes narra a sua própria história de vida, o que não implica que recorrentemente em seu discurso a indignação não dê lugar muitas vezes a uma aparente resignação diante da naturalização da sua condição de mulher confinada ao mundo da casa²⁴³

(Aquele mulher nasceu e não soube o que é felicidade...Isso aí eu garanto...Tô dizendo as palavras de minha boca por ela...O pai dela, meu avô, era muito ruim...Tudo que ela ganhava quando era solteira o pai dela ficava com o dinheiro todo...Depois conheceu o meu pai, casou e sofrendo sempre..).

Ao lado disso, parece que quando Mirtes e suas irmãs evocam a figura da mãe, fazendo um paralelo com suas próprias histórias, o fazem não apenas com o intuito de se igualar a ela, mas esforçam-se para resgatar fragmentos de suas vidas que dêem indício de uma dignidade pessoal (muitas vezes suprimida da vida da mãe) no meio em que lhes acontece viver. Mais do que isso, o depoimento de Mirtes revela a força da “cultura holística”²⁴⁴ nas classes populares, aqui expressa pela idéia de uma “raça moral”²⁴⁵, segundo a qual as características ético-morais são, prioritariamente, perpetuadas pelo

²⁴³ Segundo SIMMEL in ROSALDO e LAMPHERE (1979, p. 40): a mulher no âmbito do processo social de construção de gênero nas diferentes sociedades “por causa de suas funções peculiares, foi relegada a atividades limitadas ao seu lar, confinada a devotar a si mesma a um único indivíduo e impedida de transcender as relações grupais estabelecidas pelo casamento (e) família” (1955, p.180).

²⁴⁴ Ver DUARTE (1986), “DA VIDA NERVOSA – nas classes trabalhadoras”, principalmente o capítulo II.

²⁴⁵ Aqui utilizo o conceito de “raça moral” segundo ABREU (1982). Para o autor, com base em seus estudos em Araxá acerca da temática parentesco e identidade social, “sangue é pensado como substância transmissora de qualidades físicas e morais, formando o corpo e o caráter”, e ainda, “raça-moral, realiza a possibilidade de avaliações dos comportamentos onde se sublinha o desempenho pessoal. Mas esta avaliação do desempenho se dá através de um entendimento deste como dependente de uma lógica de prescrição de status contida nas categorias de sangue e de nome de família”.

“sangue”. Logo, “ser filha de Gioconda” faz pesar o projeto “individualizante” tanto de Mirtes quanto de suas irmãs.

O relato de Mirtes acerca da trajetória da mãe, restrita ao universo doméstico e quase nunca associada aos espaços públicos do bairro Matadouro, só vem ratificar a idéia já exposta anteriormente por suas irmãs da “rua” como um lugar que, além de benefícios, pode vir a trazer prejuízos, principalmente para a mulher que a frequentar. Ao falar sobre o significado de “rua” para muitas mulheres faveladas no Rio de Janeiro, ZALUAR²⁴⁶ pode contribuir para a problemática vivenciada pelas moradoras do Matadouro :

Para as mulheres, a rua é mais claramente marcada pelo signo do malefício porque oposta à casa, construída simbolicamente sob o signo da proteção ao mais fraco e da cooperação e solidariedade entre os membros do grupo doméstico, ameaçando concretamente a sua já pouca segurança e ainda mais a sua já precária paz²⁴⁷.

E é dando ênfase ao espaço da “rua”, em contraposição à condição de gênero de sua mãe na sua família de origem, que Mirtes narra a sua trajetória no Matadouro antes do casamento:

Quando a gente é solteira, a gente não pensa...a gente não olha do lado da gente...eu no meu caso era assim...Eu vivia na rua solta...mais na rua do que em casa...Hoje em dia eu me lembro que eu era assim...eu não olhava o que tinha do meu lado, eu queria saber de mim...o resto...eu não me importava se a mãe tava com dor na cabeça...pra mim era tudo festa...eu só vivia rindo de tudo...A mãe precisava de uma ajuda...ela precisava de uma ajuda na venda, pra pelo menos dormir um soninho...ela sentia dor nas pernas de tanto ficar em pé na venda, mas ninguém ajudava ela...Eu mesmo só queria saber de andar na estrada...Isso é uma fase que passa, mas demora demais...Eu fico pensando: - Por que eu não fiz isso? Por que eu fiz aquilo? Porque se eu não fizesse assim...não tava assim...é fogo...Eu fui inocente até os 14 anos,...Brincava de casinha...O lixão da cidade era dentro do Matadouro...a gente vivia catando brinquedo velho, locinha pra

²⁴⁶ Ver ZALUAR, 1994.

²⁴⁷ Ver ZALUAR, 1994, p. 173.

brincar...Pegava as coisas, lavava bem lavadinha...pra brincar de cozinhadinho... Me lembro do dia em que eu deixei de ser criança, com 14 anos...passou um moço por mim e disse: - Uma moça ainda brincando? Daí desse dia em diante, eu ainda era um toco de gente, resolvi não brincar mais...Com 15 anos eu comecei a pular a janela pra dançar, escondido do pai, porque ele não deixava...Como eu me divertia...O pai era terrível...Ele achava que a gente tinha que ficar dentro de casa, não tinha que sair...Pra ele moço nenhum prestava...não deixava ninguém namorar...Aí nós pulava a janela...Eu, a Marta e a Mônica... Naquela época eu não tinha tanto medo de sair à noite...Porque naquela época não tinha esse negócio de droga...tinha, mas não era assim...Agora eles roubam até um par de sapatos...Ir no salão pra mim...era pra se divertir...o negócio era ficar...beijava um, beijava outro...Vivia sempre no meio de rapaz...Um dia cheguei às 4 da manhã em casa...eu e a Mônica...Quando a Mônica foi subindo a escada o pai pegou ela pelos cabelos...Eu fugi, fui dormir na casa de uma amiga...só voltei no outro dia...daí o pai não tava mais com raiva...mas prometia que um dia ia me pegar...mas eu era repondona e dizia que ele nunca ia fazer isso...porque eu era mais esperta...Daí começou assim...a minha vida de andar na rua...Saía de casa sexta, sábado e domingo...Sábado eu já levava o biquini dentro da bolsa...pra ir direto do salão pra praia no domingo...Eu tinha dinheiro pra comer...então me virava...não ficava só dependendo da mãe e do pai...Mas nunca foi polícia bater na porta dos meus pais...nem mulher casada, nada...Mas eu assim...Se tu invocasse comigo...podia crer...que nem que eu apanhasse nos cornos...mas que eu ia em cima eu ia...Eu atazanava os outros, principalmente as gurias, não sei como não apanhava, se eu visse que elas tavam com ciúme dos namorados eu dava em cima deles só para atazanar...Não tinha guri que não me olhava...eu dançava bem...aquela era a época do "dancing days"...Foi nessa época que eu também comecei a trabalhar... com 16 anos, de doméstica, eu era tão baixinha que o dono da casa colocava um banquinho na pia pra eu lavar louça...Eu lavava louça, cozinhava e cuidava de um menino de 4 anos...Eu comecei a ficar moça, a ficar bonita...comprava roupa pra mim...a me vestir bem...As minhas irmãs não trabalhavam...daí eu comecei a andar sozinha...andava sozinha...era eu e mais eu...como eu disse, eu comecei a sair com 15 anos...daí eu passei uns dez rapazes namorando...beijos, amassos...Na hora do pega pra capar eu saía fora...Eu tinha medo de ter relação...Todo mundo achava que eu não era uma moça direita...de tanta coisa que eu fazia...Eles me chamavam de galinha no Matador...Aconteceu tanta coisa comigo...Tinha um cara que eu era apaixonada...mas daí chegou um dia ele me trocou por outra e casou...eu fiquei bem magoada...passou o tempo, ele começou a frequentar o salão e começou a dar em cima de mim...ele era casado, eu não queria...mas comecei a sair com ele...a gente andava de moto por tudo...fazia lanche...dançava...era um falatório no Matadouro...mas eu nem ligava...Eu fiquei quase um ano nesse rolo com ele...nunca transamos...Um dia ele me levou no motel...mas eu fiquei com medo...e disse pra

ele se ele transasse comigo...porque eu era difícil...me chamavam de cabaço de ferro...ele ia me desonrar...daí ia ter que deixar mulher e filho e casar comigo...então ele brochou...eu não quis nem saber, contei pra todo mundo...daí nunca mais saí com ele...foi mais um falatório...O meu pai me alertava...dizia que eu ia me danar...eu dizia que não queria saber...que queria viver minha mocidade...fazer o que quisesse...queria festar...se alguém me matasse não fazia mal...eu não me importava...não tinha medo...Hoje eu agradeço a Deus porque não fiquei com aquele cara...Hoje ele é traficante...quando a gente era moço ele vendia peixe...A mulher dele morreu de AIDS, provavelmente ele também deve ter...Os filhos dele casaram, a filha virou prostituta...Tá, daí a minha vida continuou...Conheci os salões da cidade todinhos...e das cidades vizinhas também...vivia dançando...eu nunca pegava carona, um dia de madrugada saindo do salão peguei...Eu e mais duas amigas...Era um gaúcho...com placa de fora...moço bonito...Eu sei que nós fomos pará em Itapema (cidade vizinha), então ele levou nós pra uma casa abandonada...chegando lá tinha um outro cara...com uma faca enorme e uma mala cheia de maconha...uma das minhas amigas foi transar com um daqueles caras no canto...isso depois da gente já tá doidona de tanto beber e fumar...a outra começou a chorar e a passar mal...tava morrendo de medo...então eu fingi que ia lavar o rosto e fui no banheiro pra escapar do cara que queria me comer...daí eu combinei com essa minha amiga que a gente ia dá um jeito de fugir dali...porque os caras eram perigosos...e a gente podia até morrer...então eu menti pro gaúcho que se ele levasse as minhas amigas em casa eu ficava com ele sozinha...daí foi todo mundo pro carro, menos o outro cara que tava doidão e dormiu...chegando em casa...eu também desci do carro, daí o cara começou a querer que eu entrasse, então começamos a jogar pedra no carro dele...daí ele fugiu...e assim eu aprontava...Depois disso tudo piorou, pela primeira vez na vida eu me apaixonei mesmo...fiz até essa tatuagem aqui com as iniciais do nosso nome, fiz isso com dois litros de wisky na cabeça...(mostra a tatuagem no braço)...hoje em dia eu me arrependo, mais custa dois, três mil para tirar e eu não tenho dinheiro...São coisas na vida que a gente faz e se arrepende...marcam e a gente se arrepende...Eu tinha 19 anos quando me perdi...passei por aquilo tudo e fui só transar com dezenove anos...Esse rapaz, o da tatuagem, foi o meu escolhido...só que ele não acreditava que eu era virgem...ele me queria só pra bagunça...tanto que quando ele tentou pela primeira vez e viu que eu era virgem mesmo...ficou tão nervoso que não conseguiu...só depois...Como eu disse, daí em diante a minha vida virou um inferno...eu era obcecada por ele...vivia atrás dele...ele não me dava bola...depois que transou comigo não me quis mais...eu fazia escândalo...ia atrás dele...transava com um monte de homem pra fazer ciúme nele, mas não adiantava...ele não ligava...não gostava de mim...Ele me batia nos cornos...cheguei a namorá um primo dele pra poder ficar mais perto dele...Até que um dia eu cansei...não tinha mais esperança e decidi me matar...me jogar do

rio...daí um velhinho me salvou...então daquele dia em diante eu decidi partir pra outra...vi que ele não merecia que eu me matasse por ele...hoje ele tá morto...o meu coração ainda dói quando eu penso nele...

Aqui Mirtes, pelo menos num primeiro momento, se mostra menos temerosa frente aos perigos advindos da “rua”, explorando esse espaço social como lugar de aventura que lhe permitiria outras experiências na sua condição de gênero, experiências diferentes das vividas por sua mãe

(Com 15 anos eu comecei a pular a janela pra dançar, escondido do pai, porque ele não deixava...Como eu me divertia...O pai era terrível...Ele achava que a gente tinha que ficar dentro de casa, não tinha que sair...Pra ele moço nenhum prestava...não deixava ninguém namorar...Aí nós pulava a janela...Eu a Marta e a Mônica... a minha vida de andar na rua...Saía de casa Sexta, Sábado e Domingo...Sábado eu já levava o biquini dentro da bolsa...pra ir direto do salão pra praia no Domingo...Eu tinha dinheiro pra comer...então me virava...não ficava só dependendo da mãe e do pai....)

Ou,

(Conheci os salões da cidade todinhos...e das cidades vizinhas também...vivia dançando...eu nunca pegava carona, um dia de madrugada saindo do salão peguei).

FONSECA²⁴⁸ parece ter observado um posicionamento semelhante ao desta informante frente ao espaço da “rua” entre moradoras de uma favela de Porto Alegre :

O tom dos relatos (...) transmite, além do medo de perigos, um espírito de aventura. Este aparece, antes de tudo, na descoberta de (...) liberdades. Desvencilhando-se do medo e da vergonha, as protagonistas dessas histórias acabam desfrutando de alguns prazeres que lhes são normalmente vedados²⁴⁹.

²⁴⁸ Ver FONSECA, 2000.

²⁴⁹ Ver FONSECA, 2000, p.126.

Aqui é importante sublinhar que, entre as irmãs, Mirtes é uma das únicas que fala abertamente de ser considerada prostituta (*Todo mundo achava que eu não era uma moça direita...de tanta coisa que eu fazia...Eles me chamavam de galinha no Matador*) no bairro, ironicamente, pois, segundo ela, de fato não havia ocorrido relações sexuais nessa época, só mais tarde:

(Eu tinha 19 anos quando me perdi...passei por aquilo tudo e fui só transar com 19 anos... As minhas irmãs não trabalhavam...daí eu comecei a andar sozinha...andava sozinha...era eu e mais eu...como eu disse eu comecei a sair com quinze anos...daí eu passei uns dez rapazes namorando...beijos, amassos...Na hora do pega pra capar eu saía fora...Eu tinha medo de ter relação...).

Por outro lado, ela, ao falar de sua iniciação sexual e amorosa, remete provavelmente aos “clientes” de seu pai e aos vizinhos pertencentes à área do bairro onde morava, alguns traficantes, drogados e bêbados, como ela menciona. Ou seja, ao falar de sua condição de gênero, ela “fala” das condições de existência de seu próprio grupo social

(isso depois da gente já tá doidona de tanto beber e fumar...).

Ainda, ela comenta, igualmente, o seu envolvimento com álcool, fumo, drogas, violência e prostituição entre grupos de adolescentes do bairro, numa época em que ela insiste,

(eu não tinha tanto medo de sair à noite...Porque naquela época não tinha esse negócio de droga...tinha, mas não era assim...)

Com 16 anos Mirtes começa a trabalhar fora de casa²⁵⁰, fato que parece contribuir para sua emancipação, pelo menos parcial, em relação aos pais...

(com 16 anos, de doméstica, eu era tão baixinha que o dono da casa colocava um banquinho na pia pra eu lavar louça...Eu lavava louça, cozinhava e cuidava de um menino de quatro anos...Eu comecei a ficar moça, a ficar bonita...comprava roupa pra mim...a me vestir bem...).

Não que os pais não vigiassem os passos de Mirtes, o que parece é que ela se utiliza de um estado de quase independência financeira para angariar sua liberdade de “ir e vir”

(Com 15 anos eu comecei a pular a janela pra dançar, escondido do pai, porque ele não deixava...Como eu me divertia...O pai era terrível...Ele achava que a gente tinha que ficar dentro de casa, não tinha que sair...Pra ele moço nenhum prestava...não deixava ninguém namorar...Aí nós pulava a janela...Eu, a Marta e a Mônica).

O caso de Mirtes, como o caso de outras moças observadas em campo, torna-se paradigmático, implicando que o esteriótipo da mulher enclausurada não corresponde necessariamente à realidade das mulheres do Matadouro

(O pai era terrível...Ele achava que a gente tinha que ficar dentro de casa, não tinha que sair...Pra ele moço nenhum prestava...não deixava ninguém namorar... Um dia cheguei às quatro da manhã em casa...eu e a Mônica...Quando a Mônica foi subindo a escada o pai pegou ela pelos cabelos...Eu fugi, fui dormir na casa de uma amiga...só voltei no outro dia...daí o pai não tava mais com raiva...mas prometia que um dia ia me pegar...)

²⁵⁰ Aqui vale a pena citar uma reflexão de FONSECA (2000): “Aprendemos das historiadoras (Dias, 1984; Esteves, 1989) que, ao longo da história brasileira, a mulher trabalhadora tem transitado no espaço público, apesar das conotações estigmatizadoras”(p. 174).

Como no depoimento de suas irmãs, Mirtes veicula o estado de não-virgindade à perda da honra, fato que só poderá ser revertido com o casamento. O que parece é que não obtendo o aceite de pelo menos um de seus companheiros para honrá-la “devidamente”, Mirtes utiliza-se da fofoca²⁵¹ como um meio para se vingar do parceiro. Com isso, além de afetar a honra do companheiro, Mirtes consegue abalar ainda mais sua reputação

(Tinha um cara que eu era apaixonada...mas daí chegou um dia ele me trocou por outra e casou...eu fiquei bem magoada...passou o tempo ele começou a frequentar o salão e começou a dar em cima de mim...ele era casado eu não queria...mas comecei a sair com ele...a gente andava de moto por tudo...fazia lanche...dançava...era um falatório no Matadouro...mas eu nem ligava...Eu fiquei quase uma ano nesse rolo com ele...nunca transamos...Um dia ele me levou no motel...mas eu fiquei com medo...e disse pra ele se ele transasse comigo...porque eu era difícil...me chamavam de cabaço de ferro...ele ia me desonrar...daí ia ter que deixar mulher e filho e casar comigo...então ele brochou...eu não quis nem saber, contei pra todo mundo...daí nunca mais saí com ele...foi mais um falatório... .. me chamavam de cabaço de ferro...).

No discurso abaixo Mirtes dá continuidade à narrativa de sua trajetória no Matadouro, dando ênfase à sua vida de casada:

Com 21, 22 anos mais ou menos eu me ajuntei com o meu marido....Esse meu marido era meu vizinho de porta...Eu conhecia ele desde pequena...ele foi junto com três mulheres antes de mim...eu fui a quarta mulher dele...As outras três não suportaram ele...Eu me ajuntei porque eu precisava me segurar numa coisa, eu precisava me segurar em uma coisa pra me livrar daquela...porque eu sabia que a minha história com aquele que foi o único amor da minha vida não tinha mais jeito...(choro)...Então chegou um dia...eu tava no portão ouvindo música, o Rubens, esse que é meu marido hoje, me perguntou se eu queria morar com ele...eu nem pensei muito e respondi que sim...eu não tinha mais nada a perder...A gente nunca tinha namorado...só se falava...Eu não dava bola pros rapazes do Matadouro...eu só queria namorar com gente de fora...Então foi assim: Oi, tudo bem? Tu não tem

²⁵¹ Ver mais uma vez FONSECA (2000).

nada a perder...eu também não tenho...então vamos juntar os trapinhos...Eu não pensei duas vezes...Foi um impulso que hoje eu me arrependo muito...Hoje eu acho que pra gente tomar uma decisão a gente tem que pensar muito...e nessa fase da minha vida eu me danei...nessas minhas andanças pela cidade eu só me dei mal...porque não pensava...Porque se eu tivesse pensado...não tinha casado com o Rubens...tinha casado com o primo daquele rapaz que eu disse que eu namorei...aquele gostava de mim...Hoje em dia ele trabalha no banco...tem uma casa boa...é um bom pai...eu perdi...Casando com o Rubens eu sofri muito...hoje em dia eu já não sofro tanto...Só sei que não foi uma boa opção...Então fui morar atrás da casa da minha sogra...que era perto da casa da minha família...Daí eu pensei: - Como eu vou fazer pra viver com esse cara...ainda aqui no Matador...O meu sonho era sair do Matador, ir para um bairro melhor...menos violento...mais bonito...Mas daí fui...Tomei uma garrafa de bacardi antes de dar pra ele...Abri a geladeira...a geladeira tava sempre cheia...ele era embacardo...Daí acordei no outro dia e me arrependi muito...não sabia o que tinha feito direito...O pai nem sabia que eu tava ali...pensava que eu tava no salão como sempre...Então eu fiquei com vergonha do pai...fiquei com medo de voltar atrás e hoje tô aqui...Quando o meu pai descobriu que eu tava lá mandou me chamar e perguntou se era aquilo mesmo que eu queria...me disse que eu ia sofrer...que o Rubens era de bagunça, batia nas mulheres e era de putaria...Na época que a gente se ajuntou ele só fumava maconha...esse era o vício dele...Faz três anos que ele não fuma mais...Eu também fumava, mas só nos finais de semana, não era viciada...Ele trabalhava toda vida, 25 anos trabalhou no porto...mas fazia muita bagunça também...eu só sei que depois que eu casei com ele eu cheguei a pesar 40 quilos de tanto que eu sofri...Eu me sentia sufocada, amarrada...Ele não deixava eu conversar com ninguém, nem pra ir no mercado...eu tinha que ir ligeiro e voltar ligeiro...Porque ele fazia as coisa dele e tinha medo que a vizinhança me contasse...Eu não sabia o que era comprar uma roupa...parei de trabalhar fora...ali parei a minha vida...Eu não tinha mais contato com ninguém... O meu marido nunca me bateu...isso porque eu não falava nada...ficava num cantinho...deixava ele quebrar tudo dentro de casa e não falava nada...Eu sempre fui calma nessa parte aí...Quando eu era solteira era uma coisa...depois que eu casei eu mudei...não fui mais aquela pessoa que eu era...Aquele coisa assim, que qualquer coisa que me incomodasse eu metia a boca...eu desabafava...eu soltava para fora...eu não tinha medo dos outros...Eu me defendia...Mas depois que eu casei não tinha mais defesa...Eu me repremi ali...Eu aceitava tudo...Hoje em dia eu sou casada só que amor mesmo eu não tenho...fui envelhecendo...tendo os filhos...Eu me ajuntei num mês, no outro já fiquei grávida...Eu não tomava anticoncepcional...Porque ele dizia que mulher dele não ficava grávida...Eu entrei nessa...daí tive quatro filhos com ele...Eu tô casada há 19 anos, quando o meu filho mais velho tinha um ano nós casamos no papel...isso para poder ter INPS...E assim fui vivendo a minha vida no

Matadouro... Sempre lá... Eu morei quando criança com os meus pais perto do cadeião (área A)...depois mudamos de casa , mas na mesma rua...Depois eu casei e morei perto da casa dos meus pais, numa casinha bem pequena atrás da casa da minha sogra...depois eu fui morar atrás do presídio, ainda área A), isso quando o meu filho mais velho tinha 1 ano de idade, a gente foi pra lá porque a nossa primeira casa de casado não tinha banheiro, só patente atrás da casa...não tinha espaço pra estender as roupas num varal...não tinha terreno nenhum pro meu filho brincar...Daí surgiu essa casa perto do cadeião pra trocar...daí a gente trocou...Lá era melhor, tinha banheiro dentro de casa...tinha um pé de laranja...tinha banana...o cercado era grande...tinha até pé de nona...eu gostava de morar lá...Daí eu sei que o meu marido começou a encrencar com os vizinhos...porque ele não atura desaforo...ele brigava com os vizinhos por tudo...se deixassem cair bola no nosso cercado...e foi nesse pé de guerra que eu morei ali por dez anos...Depois se mudamos prá cá, isso há cinco anos atrás (Área D)Aqui tô morando há cinco anos...Aqui é bom...tem paz...eu sustento a casa sozinha aqui, mas aqui eu sou mais feliz...é a época melhor que eu tô passando...Aqui eu tenho uma cozinha boa, a menina tem um quarto sozinha, é como eu queria...Agora eu saio sozinha, posso visitar meus irmãos...Imagina, há cinco anos atrás o meu marido não me deixava sair sozinha, tinha que pedir permissão três dias antes se queria ir em algum lugar...Tinha que deixar a comida sempre prontinha...parecia aquelas Amélias...Eu que administro o que eu ganho, mas é claro que o meu marido também manda...no final ele que diz o que fazer com o dinheiro...depois essa casa é dele, ele comprou com o dinheiro que ganhou quando saiu do porto...daí já viu, né? Ele acha que tem que mandar... trezentos e setenta reais...pra pagar água, luz, comida, roupa pras crianças...Só administrando o pobre consegue viver...se não, não dá...Não vejo a hora dos meus filhos começarem trabalhar...daí eu fico menos sobrecarregada...morro de medo de morrer e deixar eles aí desamparados...eu tenho medo de morrer...porque apesar da vida ser difícil eu quero viver...Parece uma obsessão esse sentimento de medo de morrer...eu tô dentro de casa e tô pensando nisso...Morria de medo de ficar desempregada...morria de medo que eles não gostassem do meu serviço dentro da universidade...só fui ficar menos preocupada quando completou três anos que eu trabalhava ali...hoje eu sei que eles gostam do meu serviço...Sabe, eu até fui promovida no serviço...tô trabalhando na lavanderia da universidade...lavo, passo...cuido da quantidade de roupa que entra e sai da lavanderia...faço o relatório dessas peças todo final de mês...agora eu tenho mais confiança no meu serviço...Faz cinco anos que tô na igreja...faz quatro anos que Deus me libertou...eu sofri mais de dez anos antes de entrar na igreja...Agora que eu tô na igreja eu tenho a minha independência novamente... ..Agora eu sou a 'irmã Mirtz'...Antes eu nem ia poder tá aqui conversando contigo...não podia nem vê meus irmãos...não podia comprar uma roupa...tudo porque o Rubens não

deixava...Mas Deus me libertou...Foi uma libertação...Quem crê em Deus...consegue...porque naquela época eu não acreditava em Deus...Deus que me trouxe pra Igreja, me deu o meu serviço, trabalho na universidade há cinco anos... É mais tô pagando o preço por essa independência...O Rubens não trabalha mais...eu é que tenho que sustentar a casa...O meu marido não faz nada...não ganha dinheiro nenhum...e ainda parece que me culpa porque eu tô trabalhando...vive brigando comigo...e, como eu disse, carinho faz muito tempo que eu não tenho...imagina se eu não trabalhasse, o que seria dos meus filhos... A minha vida...se eu pudesse voltar atrás...hoje eu sinto que nada foi bom...e nada tá sendo bom... Tudo é difícil (chora)...Tu casa, tu olha pra trás (filhos) e sabe que tudo depende de ti...Eu trabalho e vivo pros filhos...Eu sinto que não tô vivendo tudo...que não tô vivendo a minha vida...eu nunca conheci ninguém que eu gostasse e que a pessoa gostasse de mim (homem)...Eu queria um marido que me desse um beijo, um carinho...Eu vivo com o meu marido ...ele é amargo (chora)...Faz cinco anos que eu não sei o que é um beijo na boca, um abraço...um carinho...Eu me sinto um burro de carga...Trabalho, faço as coisas em casa...e ainda...(chora)... Isso tudo que tá aí é o que eu fiz...a minha vida é como se fosse um carretel de linha...que vai desenrolando e vai ter um fim...e eu já sei direitinho qual vai ser o fim...é eu trabalhar o resto da vida, os filhos casar e eu morrer...

O que fazer diante de uma reputação abalada e de quase nenhuma perspectiva de inversão desse quadro? Como muitas mulheres que tive contato no Matadouro, Mirtes não pensa duas vezes e sucumbe à primeira proposta de casamento que lhe aparece:

Então chegou um dia...eu tava no portão ouvindo música, o Rubens, esse que é meu marido hoje me perguntou se eu queria morar com ele...eu nem pensei muito e respondi que sim...eu não tinha mais nada a perder...A gente nunca tinha namorado...só se falava...Eu não dava bola pros rapazes do Matadouro...eu só queria namorar com gente de fora...Então foi assim: Oi, tudo bem? Tu não tem nada a perder...eu também não tenho...então vamos juntar os trapinhos...Eu não pensei duas vezes....

Aqui é sancionada nada mais do que a lógica da comunidade acerca do casamento, que parece ser semelhante à observada por FONSECA²⁵² em seus estudos em uma favela em Porto Alegre, onde,

O motivo do casamento vai além da ordem material (...). A mulher sem marido perturba a paz da comunidade; ela desafia a virilidade dos homens e atíça o ciúme das mulheres. A presença de um marido como tutor da sexualidade feminina resolve o problema²⁵³.

Nessa narrativa Mirtes expressa, igualmente, um sentimento de arrependimento por ter se casado com Rubens, e aponta como um dos principais motivos desse arrependimento o fato de o marido também ser morador do Matadouro, alguém que, como ela, dificilmente poderia sair do bairro para morar em outro local menos estigmatizado e com uma melhor infra-estrutura

(Hoje eu acho que pra gente tomar uma decisão a gente tem que pensar muito...e nessa fase da minha vida eu me danei...nessas minhas andanças pela cidade eu só me dei mal...porque não pensava...Porque se eu tivesse pensado...não tinha casado com o Rubens...tinha casado com o primo daquele rapaz que eu disse que eu namorei...aquele gostava de mim...Hoje em dia ele trabalha no banco...tem uma casa boa...é um bom pai...eu perdi...Então fui morar atrás da casa da minha sogra...que era perto da casa da minha família...Daí eu pensei: - Como eu vou fazer pra viver com esse cara...ainda aqui no Matador...O meu sonho era saí do Matador, ir para um bairro melhor...menos violento...mais bonito).

Em conversas informais em campo, como Mirtes, outras moças do Matadouro disseram-me que a única maneira que conhecem para transcender a sua condição de pobre e antes de tudo de moradora do Matadouro é casar com homens moradores de outros bairros, pessoas não prioritariamente com melhores rendas, mas com melhores condições de moradia e perspectivas de crescimento material (tarefa difícil, segundo os moradores

²⁵² Ver FONSECA, 2000.

²⁵³ Ver FONSECA, 2000, p.32.

locais, para quem nasce e se cria no Matadouro). O que parece é que Mirtes também acreditava nessa possibilidade, mas, ao contrário, acabou se casando com um vizinho *de porta*.

Mirtes também reclama que depois que foi morar com Rubens parou de trabalhar por um longo período, ficando impedida de gozar da liberdade tão almejada e conquistada enquanto solteira, do poder ir e vir, quando e onde quisesse:

(Quando eu era solteira era uma coisa...depois que eu casei eu mudei...não fui mais aquela pessoa que eu era...Aquela coisa assim, que qualquer coisa que me incomodasse eu metia a boca...eu desabafava...eu soltava para fora...eu não tinha medo dos outros...Eu me defendia...Mas depois que eu casei não tinha mais defesa...Eu me repremi ali...Eu aceitava tudo...Hoje em dia eu sou casada só que amor mesmo eu não tenho...fui envelhecendo...tendo os filhos...Eu me ajuntei num mês, no outro já fiquei grávida...).

O movimento de Rubens de proibir a mulher de “ir e vir” e o movimento de resignação de Mirtz diante dessa situação parecem seguir uma lógica local, também observada por FONSECA²⁵⁴, pois, como acontece nas favelas estudadas pela autora em Porto Alegre, no Matadouro parece que a honra de um homem depende da sua mulher, “enquanto os homens, jovens e velhos, casados ou não, vivem passeando pelas ruas da vila, vão desacompanhados para o baile e levam em geral uma vida social intensa, as mulheres casadas ficam teoricamente em casa”.

Nesse sentido, quando Mirtes discorre sobre sua perda de autonomia com o advento do casamento, adiciona a esse fato o aparecimento de sentimentos de medo, insegurança, covardia, não de coragem.

(Ele trabalhava toda vida, 25 anos trabalhou no porto...mas fazia muita bagunça também...eu só sei que depois que eu casei com ele eu cheguei a pesar 40 quilos

²⁵⁴ Ver FONSECA, 2000, p. 73.

de tanto que eu sofri...Eu me sentia sufocada, amarrada...Ele não deixava eu conversar com ninguém, nem pra ir no mercado...eu tinha que ir ligeiro e voltar ligeiro...Porque ele fazia as coisa dele e tinha medo que a vizinhança me contasse...Eu não sabia o que era comprar uma roupa...parei de trabalhar fora...ali parei a minha vida...Eu não tinha mais contato com ninguém... O meu marido nunca me bateu...isso porque eu não falava nada...ficava num cantinho...deixava ele quebrar tudo dentro de casa e não falava nada...Eu sempre fui calma nessa parte aí...Quando eu era solteira era uma coisa...depois que eu casei eu mudei...não fui mais aquela pessoa que eu era...Aquela coisa assim, que qualquer coisa que me incomodasse eu metia a boca...eu desabafava...eu soltava para fora...eu não tinha medo dos outros...Eu me defendia...Mas depois que eu casei não tinha mais defesa...Eu me repremi ali...Eu aceitava tudo...)

Ou seja, são sentimentos contrários àqueles descritos por ela como comuns em sua vida de solteira. Acredito que uma reflexão de SALEM²⁵⁵ sobre a condição da mulher em uma favela no Rio de Janeiro pode ser bastante elucidativa neste momento para pensar sobre o teor da narrativa biográfica desta informante:

A expressão ‘estar amarrada à família’, (...) reporta ao controle a que se vê [a mulher] submetida não apenas pelo (...) marido mas também pelos filhos. O sentido do controle, no primeiro caso, equivale ao da vigilância, ao passo que, no último subentende sua perda de autonomia em virtude de sua responsabilidade com a criação da prole. Em ambos os casos está implícita a concepção de que a inserção feminina na família implica, necessariamente, um menor controle pessoal sobre sua vida, quando comparada ao homem (...). Atribuindo-se ela própria, condições como ‘fraqueza e ‘pouca coragem’(...)’.

Assim, há que se observar que neste depoimento, como em muitos outros expressos por suas irmãs, Mirtes antes de tudo se coloca numa posição de “vítima”, ou seja, vítima da “opressão” do marido. Aqui, concordo com GREGORI²⁵⁶, pois de certo modo, ao considerar-se vítima, Mirtz está aderindo a uma “imagem de mulher”.

²⁵⁵ Ver SALEM, 1981.

²⁵⁶ Ver GREGORI, 1993.

GROSSI²⁵⁷, citando GREGORI²⁵⁸, pode auxiliar na compreensão da idéia de que a mulher passa do status de vítima para o papel de cúmplice da relação:

Como bem definiu Gregori, a violência faz parte de um jogo relacional onde haverá sempre uma cena que preparará a guerra. Ela baseia-se em Barthes, para quem a cena “é uma troca ordenada de réplicas que visa obter a última palavra...”. A cena serve para confirmar um casamento, através de uma linguagem e de um diálogo da qual ambos são co-proprietários. A violência aparece como uma das saídas da cena, da qual a mulher não deixa de ser a parceira de um diálogo e passa a ser vítima de uma cena onde se dá “um perverso jogo de feminilidade e masculinidade, ou melhor, de imagens que desempenham papéis de mulher e de homens em relações conjugais (p.5).

Mesmo diante da condição de “clausura” em que Mirtes parece encontrar-se enquanto mora na área A do Matadouro, ela demonstra não perder as esperanças de uma vida melhor, principalmente quando ela e a família mudam-se da casa situada atrás da sogra para uma moradia atrás do *cadeião*, espaço com melhor infra-estrutura, segundo ela, variável que não parece ter sido determinante para que ela desejasse fixar-se no local, já que, mesmo em um espaço confortável, Mirtes continua ali a sofrer com a vigilância constante do marido e, além disso, passa a conviver diariamente com uma relação conflituosa com a vizinhança, atribuída ao *mal gênio* do marido. Aqui é importante pontuar que sob a superfície do discurso de Mirtes, o “mau gênio” do marido parece estar atrelado à “fama de prostituta” que a informante diz ter ou ter tido quando mais nova no bairro.

É profícuo sublinhar que uma das razões citadas por Mirtes para o deslocamento de sua família dentro do bairro, a relação conflituosa com a vizinhança (por razões diversas), aparece como um dos principais motivos para a migração, principalmente intrabairro; entre os moradores do Matadouro com os quais dialoguei em

²⁵⁷ Ver GROSSI, 1991.

²⁵⁸ Ver GREGORI, 1993.

campo. Quer dizer, aqui temos o tema dos deslocamentos no bairro em razão da ambiência e de conflitos com vizinhos precisamente pelas tensões advindas da imprecisão das fronteiras entre os espaços públicos e privados no bairro e o tema dos valores ético-morais e códigos sociais da honra pública de cada um dos membros do casal, que pode “contaminar” a fundação de sua família de procriação. Muda-se de área no bairro, e muda-se mesmo de bairro em busca de uma chance de recomeçar um projeto de vida além das fronteiras simbólicas de sua posição de classe:

(E assim fui vivendo a minha vida no Matadouro... Sempre lá... Eu morei quando criança com os meus pais perto do cadeião (área A)...depois mudamos de casa , mas na mesma rua...Depois eu casei e morei perto da casa dos meus pais, numa casinha bem pequena atrás da casa da minha sogra...depois eu fui morar atrás do presídio (ainda área A), isso quando o meu filho mais velho tinha 1 ano de idade. A gente foi pra lá porque a nossa primeira casa de casado não tinha banheiro, só patente atrás da casa...não tinha espaço pra estender as roupas num varal...não tinha terreno nenhum pro meu filho brincar...Daí surgiu essa casa perto do cadeião pra trocar...daí a gente trocou...Lá era melhor, tinha banheiro dentro de casa...tinha um pé de laranja...tinha banana...o cercado era grande...tinha até pé de nona...eu gostava de morar lá...Daí eu sei que o meu marido começou a encrencar com os vizinhos...porque ele não atura desaforo...ele brigava com os vizinhos por tudo...se deixassem cair bola no nosso cercado...e foi nesse pé de guerra que eu morei ali por dez anos...Depois se mudamos pra cá, isso há cinco anos atrás (área D)Aqui tô morando há cinco anos...Aqui é bom...tem paz...eu sustento a casa sozinha aqui, mas aqui eu sou mais feliz...é a época melhor que eu tô passando...Aqui eu tenho uma cozinha boa, a menina tem um quarto sozinha, é como eu queria...Agora eu saio sozinha, posso visitar meus irmãos...Imagina, há cinco anos atrás o meu marido não me deixava sair sozinha, tinha que pedir permissão três dias antes se queria ir em algum lugar...Tinha que deixar a comida sempre prontinha...parecia aquelas Amélias...)

Segundo a informante, portanto, a relação conflituosa com a vizinhança parece ter sido determinante para que a família mudasse mais uma vez de residência, indo morar na região D do bairro.

Entretanto, ampliando-se as razões das alterações no estilo de vida e na visão de mundo de Mirtes, que nos permitem compreender as origens desta mudança para a região D do Matadouro, a informante aponta para a sua adesão a uma igreja evangélica.

Aqui, parece que o processo de “conversão” de Mirtes a uma religião está intrinsecamente relacionado à idéia de expiação de culpas e de redenção moral. Quer dizer, com a adesão a uma religião Mirtes “renasce”, agora com o título de “irmã Mirtes”. Aqui está implícita a idéia de “salvação”, tanto do corpo quanto da alma, e que, em última instância, a conversão, a religião e a igreja implicam a reconstrução social da identidade de gênero desta informante noutra campo de possibilidades. Tanto que o corpo de Mirtes, depois da “conversão”, aparece como um corpo disciplinado, ou seja, talhado para o trabalho:

(...Faz cinco anos que tô na igreja...faz quatro anos que Deus me libertou...eu sofri mais de dez anos antes de entrar na igreja...Agora que eu tô na igreja eu tenho a minha independência novamente...Agora eu sou a 'irmã Mirtes'...Antes eu nem ia poder tá aqui conversando contigo...não podia nem vê meus irmãos...não podia comprar uma roupa...tudo porque o Rubens não deixava...Mas Deus me libertou...Foi uma libertação...Quem crê em Deus...consegue...porque naquela época eu não acreditava em Deus...Deus que me trouxe pra Igreja, me deu o meu serviço, trabalho na universidade há cinco anos... E mais, tô pagando o preço por essa independência...O Rubens não trabalha mais...eu é que tenho que sustentar a casa...O meu marido não faz nada...não ganha dinheiro nenhum...e ainda parece que me culpa porque eu tô trabalhando...vive brigando comigo...).

Aqui, na tentativa de compreender a lógica da pressão do corpo social, não só sobre ela, como também sobre suas irmãs, atrelando-a à idéia de conversão religiosa e da substituição da sexualidade feminina pela ética do trabalho e da disciplina (formas de redenção e expiação de uma condição moral anterior, no que tange a impedir a contaminação moral da prole), recorro aos estudos de SALEM²⁵⁹. Baseado no resultado

²⁵⁹ Ver SALEM, 1981.

de estudos em sociedades diversas, inclusive e sobretudo a brasileira, o autor revela que a construção da “figura mãe” é pautada por uma lógica que:

(...) deveria moldar-se aos padrões morais condizentes com a sacralidade do espaço que universalmente lhe é alocado - o doméstico. A ela, a resignação e o “sacrifício”. Às mulheres, em todo caso, cabe a renúncia a uma sexualidade que nasce e morre praticamente latente, já que um dos princípios do sistema é justamente o corte radical entre função maternal, ou de reprodução, e prazer sexual. Este último, ligado à natureza não-controlada da mulher, ou sua parte “demoníaca”, em todo caso profana, deve ser expulso do sagrado doméstico (p.123).

Nesse sentido, ABREU FILHO²⁶⁰ pode enriquecer as palavras de ARAGÃO²⁶¹, já que em seus estudos sobre “parentesco e identidade social”, como já mencionado, realizado em Araxá (Triângulo Mineiro), revela, tal qual pode ser observado no Matadouro, mais especificamente, nas narrativas biográficas de Mirtes e de suas irmãs, que:

A mulher é integralmente referida à família e ao lar. Os papéis significativos são os de mãe e esposas. A mulher, assim definida, surge como símbolo do lar, da moral doméstica (...). A mulher é avaliada em função da moral sexual (...), seu papel é o de não poluir moralmente um nome de família (...), o feminino assegura a continuidade de moral²⁶².

Nesse sentido, insisto aqui mais uma vez na idéia de uma “cultura bíblica” verificada neste grupo familiar do Matadouro, bem como em outros grupos observados em campo, em que a religião e a fé, além de aparecerem como veículo para a “libertação” do cativo do corpo, considerado fonte de sexualidade e, logo, de pecado, desponta como um veículo para a “libertação” do cativo do “corpo social”.

²⁶⁰ Ver ABREU FILHO, 1982.

²⁶¹ Ver ARAGÃO, 1983.

²⁶² Ver ABREU FILHO, 1982, p.103 – 105.

Não há como deixar de sublinhar que a narrativa de Mirtes expressa objetivamente medos concretos em classes populares, tais como a fome e o desemprego, em decorrência da idéia do abandono dos filhos à sua própria sorte, sem condições de sobreviver e lutar por uma posição social:

(...morro de medo de morrer e deixar eles aí desamparados...eu tenho medo de morrer...porque apesar da vida ser difícil eu quero viver...Parece uma obsessão esse sentimento de medo de morrer...eu tô dentro de casa e tô pensando nisso...Morria de medo de ficar desempregada...morria de medo que eles não gostassem do meu serviço dentro da universidade...só fui ficar menos preocupada quando completou três anos que eu trabalhava ali...).

Na narrativa de Mirtes são notáveis as dimensões contraditórias atribuídas por ela à noção de liberdade, condição que foi adquirida com a mudança em seu estilo de vida e de visão de mundo, ou mesmo de local de moradia, já que a informante comemora poder trabalhar, reclama do marido que pára de sustentar a casa. Aqui acredito que a contradição se dá quando Rubens “deixa de cumprir a função que lhe é delegada”, e Mirtes se “defronta com uma situação que contradita a imagem idealizada do ‘ser feminino’, exacerbando ao mesmo tempo, sua privação enquanto classe”²⁶³.

Agora, parece que o que incomoda Mirtes no casamento não é mais a privação de “ir e vir”, mas o preço que tem pago por essa pretensa liberdade. Quer dizer, o “peso” advindo com o casamento não está mais calcado no fato de ser constantemente vigiada e controlada pelo marido, mas advém, como constatou SALEM²⁶⁴ em seus estudos com mulheres numa favela do Rio de Janeiro, “(...)da responsabilidade com os filhos, mas remete sobretudo para questão da dupla jornada. Inscreve-se aí a figura do homem como vilão, isto é, como não cumpridor do papel que, segundo as expectativas da mulher, caberia a ele desempenhar”.

²⁶³ Ver SALEM, 1981, p.66.

A situação em que Mirtes se encontra, de ser responsável pelo sustento da família, além da responsabilidade e preocupação com a prole, tem lhe acarretado outros aborrecimentos, advindos principalmente do fato de o marido reprovar não só o seu trabalho, mas a posição que passou a assumir na casa em consequência dele. Acredito que algumas considerações sobre mulheres trabalhadoras faveladas, desenvolvidas por FONSECA²⁶⁵, podem ser bastante elucidativas neste momento:

A mulher que sustenta marido e filhos com seu trabalho só tem a perder. Primeiro, continua responsável por todas as tarefas domésticas. As mulheres dizem que os maridos se tornam até mais exigentes quando elas começam a trabalhar, como se magoados por tal afronta à honra masculina. Segundo, as mulheres não dispõem livremente do dinheiro que ganham. A autoridade do homem se estende a tudo que pertence à sua mulher, quer esta queira ou não (...). A autoridade masculina se estende até ao salário da esposa. (...) Vemos então que o emprego remunerado não aumenta o status da mulher dentro de casa. Pelo contrário, essa atividade mancha a imagem pública do marido e este, envergonhado arrisca fazer a mulher pagar pela vergonha²⁶⁶.

Na narrativa abaixo Mirtes continua a falar de sua trajetória no Matadouro,

O maior problema de morar aqui no Matadouro é a insegurança que a gente sente, quer vê quando eu morava lá atrás do cadeião (área A), era um trabalho...aqui onde eu moro agora é bem melhor...(área D)...Lá era pior...a gente escutava grito de preso...tiroteio... pra criar os filhos não dava...Aqui já é difícil...mas lá era pior...Quando eu e as minhas irmãs éramos crianças ainda dava pra viver lá...fumar maconha ninguém fumava como hoje, era mais difícil, não era assim liberal...era tudo mais escondido...hoje o ritmo é outro...hoje tu vê que as crianças de 13, 14 anos já tão fumando...Então pra criar filho lá não dava mais...tinha muito barro, a casa era muito velha...escutava grito de preso, tiroteio, isso dava muito medo...Foi por isso que eu queria sair de lá o mais rápido que desse...A gente sente medo...Lá eu tinha medo que a minha filha passasse pela fase que eu passei...eu não quero...Não quero ver ela no salão, acho que não

²⁶⁴ Ver SALEM, 1981, p. 77.

²⁶⁵ Ver FONSECA, 2000.

²⁶⁶ Ver FONSECA, 2000, p. 72-74

vale a pena...Tudo coisas que foi feito e não vale a pena...Eu acho que não valeu a pena...Hoje eu me arrependo...Porque se eu fosse moça agora eu não ia fazer isso...Sinto muito medo que aconteça alguma coisa de ruim com meus filhos...não quero que eles usem droga...não quero que eles andem solto por aí... sofram tudo que eu sofri...

Neste depoimento Mirtes faz uma comparação entre um Matadouro passado e um Matadouro presente, a Mirtz jovem-solteira, a Mirtz mãe-de-filhos, a Mirtes pecadora e a Mirtz-crente, enfatizando, nesse confronto de sua memória com os dois tempos descontínuos, que hoje, diferentemente de quando ela e suas irmãs eram solteiras, o bairro tornou-se e torna-se cada vez mais um lugar inseguro, principalmente pela problemática das drogas:

(O maior problema de morar aqui no Matadouro é a insegurança que a gente sente, quer vê quando eu morava lá atrás do cadeião (área A), era um trabalho...aqui onde eu moro agora é bem melhor...(área D)...Lá era pior...a gente escutava grito de preso...tiroteio... pra criar os filhos não dava...Aqui já é difícil...mas lá era pior...Quando eu e as minhas irmãs éramos crianças ainda dava pra viver lá...fumar maconha ninguém fumava como hoje, era mais difícil, não era assim liberal...era tudo mais escondido...hoje o ritmo é outro...).

Além disso, Mirtes faz uma comparação entre duas regiões do bairro, a Área A, onde passou a maior parte de sua trajetória, e a Área D, onde vive hoje, evidenciando a preocupação com a contaminação moral da honra de sua prole pelo contato com o corpo social que a contaminou, ou seja, aqui Mirtes, antes de tudo, expressa a preocupação em libertar a sua prole do cativo a que o corpo social a obriga, por serem moradores de “certas” áreas do bairro:

(A gente sente medo...Lá eu tinha medo que a minha filha passasse pela fase que eu passei...eu não quero...Não quero ver ela no salão, acho que não vale a pena...Tudo coisas que foi feito e não vale a pena...Eu acho que não valeu a pena...Hoje eu me arrependo...Porque se eu fosse moça agora eu não ia fazer isso...Sinto muito medo que aconteça alguma coisa de ruim com meus filhos...não

quero que eles usem droga...não quero que eles andem solto por aí... sofram tudo que eu sofri)..

Enfim, o que fica claro não só na trajetória de Mirtes , mas também na de suas irmãs e de outros moradores do bairro com os quais tive contato, é que o fato recorrente de estas pessoas virem a trocar de casa e/ou área dentro do Matadouro ou para bairros vizinhos implica que o migrar passa a ser uma das únicas alternativas possíveis encontrada dentro de seus campos de possibilidades na tentativa de inversão de uma suposta “imagem deteriorada” e da busca da realização de seus projetos de vida. Outro aspecto dessa migração é que ela se ancora principalmente na memória desses moradores, e no que diz respeito às suas trajetórias sociais tanto dentro como para fora do bairro, uma maneira que se consolida também por meio de recordações e lembranças que, por sua vez, passam a ser componentes atuais de seus sentimentos de medo e insegurança e da relação dos moradores, tanto com o bairro quanto com a cidade.

PARTE III

DA ARTE DE SOBREVIVER

SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME

Nesta parte da dissertação discorrerei acerca do movimento dos moradores do bairro frente às pressões e tensões próprias da ambiência em que vivem, buscando descrever de que forma tais movimentos mantêm uma relação de interdependência com as trajetórias sociais, estilos de vida e visão de mundo dos atores sociais envolvidos, produzindo diferentes discursos a respeito das violências, sentimentos de medo e processos de vitimização.

CAPÍTULO 7

O CONFLITUOSO MUNDO DAS DROGAS

MEDO DO QUÊ? MEDO DE QUEM?

Como já mencionado nos capítulos anteriores da dissertação, o tráfico de drogas, bem como o uso de “drogas” despontam como fenômenos geradores de conflitos tanto internos quanto externos ao bairro Matadouro; além disso, parecem configurar uma “lógica alternativa”²⁶⁷, através da qual usuários e/ou traficantes e não-usuários e não-

²⁶⁷ Quando se fala numa “lógica alternativa” parte-se do pressuposto de que “não se trata de aprovar violência; trata-se de reconhecê-la e saber lidar com ela. A acumulação de bens, o desejo de subir na vida,

traficantes inventam e re-inventam todos os dias modos e maneiras de coexistirem no mesmo território.

Vejamos a fala de Juca (não usuário, não traficante), 21 anos, morador da área A do bairro, que trabalha numa oficina situada na área F:

Essa é engraçada...tinha uma moça que mora numa casa de material ali no lado do bar, do lado da oficina que eu trabalho...agora ela tá solta...ela sempre tava em casa e botava o som bem alto, e nós ouvindo lá da oficina...começava a cantar assim: Ai que saudade da cadeia...isso era a letra da música...ela é bem engraçada...daí um dia ela tava com um moto-táxi, ela tinha ido buscar a droga não sei onde, daí a polícia apareceu...daí ela viu o carro da polícia vindo atrás dela, daí ela pegou a droga e jogou num terreno vazio...daí os policiais viram, daí mandaram o moto táxi parar, pegaram a droga e mandaram ela para a delegacia, ficou uns quatro meses presa...Agora anda solta por aí novamente...cantando...há...há...há....

A risada de Juca durante esse discurso não significa necessariamente que ele, como também outros moradores do bairro que contam passagens semelhantes à essa embalados pelo riso, aprovelem o uso ou o tráfico de drogas, mas, antes de tudo, essa atitude só revela, como fala DE CERTEAU²⁶⁸, que a “fraqueza em meios de informação, em bens financeiros e em ‘seguranças’ de todo o tipo exige” dessas pessoas “um acréscimo de astúcia, (...) de senso de humor”.

Um depoimento de Verônica, 40 anos, dois filhos, doméstica, moradora do bairro desde que nasceu, pode ser interessante para esta discussão:

..a única coisa que eu experimentei na vida de droga foi cigarro normal, até hoje sou viciada, nem aprendi com as minhas colegas, mas com a minha tia Clarice...eu

as relações homem/mulher, as redes de vizinhança, as estratégias diante do trabalho, em suma, a lógica que subjaz às atitudes e comportamentos dos moradores do **Matadouro** só começa a fazer sentido quando colocada contra o pano de fundo dessa violência desesperadamente rotineira” FONSECA (2000), p.207. (grifo meu, aqui troquei a palavra morro utilizada pela autora por Matadouro).

²⁶⁸ Ver DE CERTEAU (1990:44).

tinha uns 14, 15 anos quando ela me ensinou a fumar...eu namorava escondido na casa dela, ela deixava... eu nem sei como eu não me tornei uma drogada...essa minha tia era...começou a usar droga depois que o filhinho dela morreu...o filho dela morreu de esbarrada...então ela caiu na droga...achou uma maneira de esquecer a desgraça da vida através da droga...ela usava cocaína...todo sábado ela bebia e cheirava...hoje ela é crente, não faz mais...agora ela tá doente, por causa da droga...se fosse só por causa do cigarro ela não teria ficado assim...mas ela usava droga, bebia...e eu convivia com ela...a gente ia na casa dela todo sábado...eu e meu marido, a gente sabia que ela usava droga, fazia na nossa frente...eu não gosto disso...mas pra mim isso aí já é normal isso aí, né? Mas é normal mesmo...é só a gente não usar...se tu usasse droga eu não ia deixar de ser tua amiga por causa disso...a gente já tá acostumado com isso aí, a gente convive com pessoas que são drogado...a gente até gosta de algumas pessoas que são drogada. Eu não gosto de droga não...acho errado...traz muita desgraça...mas eu não ia deixar de gostar da minha tia porque ela usa droga...

O uso de uma reflexão de FONSECA torna-se apropriada neste momento, já que para a autora, depoimentos semelhantes ao expresso por Verônica “espelham um tipo de tolerância diante de fatos considerados como quase inevitáveis. (...) Essa zona nebulosa de moralidade é habitada por muitas pessoas em momentos diferentes. Os valores que se manifestam nesse espaço são vividos e renegociados nos encontros rotineiros do dia-a-dia”²⁶⁹.

Ainda sobre essa problemática, vale a pena recorrer a ZALUAR²⁷⁰. A autora, inspirada em Macferlaine²⁷¹, ao refletir sobre o fenômeno das “drogas” adverte para a conformação de uma “sociedade acinzentada”, em que, “as fronteiras entre o bem e o mal são sempre relativas”.

²⁶⁹ Ver FONSECA (2000:175).

²⁷⁰ Ver ZALUAR (1994:99).

²⁷¹ “Segundo esse pensador, a sociedade capitalista criou uma confusão do que vem a ser bem e mal, em contraposição às rígidas noções, em campos bem distintos, que marcaram a visão medieval. O capitalismo eliminou o conceito de mal absoluto e deu origem ao cinza”, VOIGT in Horizontes Antropológicos-Antropologia Visual (1995:201).

Nesse sentido, muitas atitudes e sentimentos contraditórios em relação “à droga” são revelados pelos moradores do Matadouro. Como exemplo, resgato o comportamento de Mônica (Cap.4), que, ao mesmo tempo em que diz condenar o passado do marido pelo seu envolvimento com o tráfico, “absolve-o”, dizendo que o dinheiro advindo desse *negócio* serviu para melhorar as condições econômicas da família.

De fato, o que pude constatar em campo através de entrevistas e de muitas conversas informais com os moradores do bairro é que muitas vezes quando alguém entra no tráfico de drogas, além de estar buscando uma “estratégia de sobrevivência”²⁷², age pautado por uma lógica imbricada num “projeto de futuro”, em que o traficar significa agir de acordo com uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”²⁷³. Teoricamente, essa constatação torna-se mais justificável quando se pensa que um projeto de vida “não é abstratamente racional, (...), mas é resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido o sujeito”(VELHO, 103).

Aqui cabe ressaltar a fala de Roseli, mãe de um traficante de drogas que se encontra preso:

Eles não consegue nada, não consegue nada e acabam mexendo com essas coisas...com essas droga...quando entram não pensam que pode acontecer coisa ruim...só pensam naqueles que se deram bem...que não tinham nada e aparece aí com carro...cordão de ouro...

Ou ainda, uma passagem retirada de meu diário de campo:

²⁷² Aqui seria profícuo sublinhar esta reflexão de FONSECA (2000): “A noção de ‘estratégias de sobrevivência’” corre constantemente o risco de um funcionalismo simplista que reduza o comportamento dos ‘pobres’ à dimensão utilitarista”(p.59).

²⁷³ SCHUTZ (1979) in VELHO (1994:101).

“Eu estava sentada na mesa de uma lanchonete localizada na área A do bairro, junto a dois informantes, de repente entra no local um garoto aparentemente com uns 15 anos, falando alto e fazendo seus pedidos na frente dos outros; um dos informantes, também adolescente, comenta-me ao pé do ouvido”:

Tá vendo, esse aí só consegue se vestir assim todo de roupa de marca, só porque é filho de traficante... fala alto, passa na frente de todo mundo... só porque é filho de traficante...

Como pude observar em campo, essas duas passagens de certa maneira revelam e sintetizam uma idéia generalizada por parte dos moradores do Matadouro: sejam eles “bandidos” ou “mocinhos”, consideram, como pontua ZALUAR²⁷⁴, que o que mais atrai nesta escolha “é a fama, poder e dinheiro fácil que ela traz” muitas vezes, mesmo os reconhecidos como “os pobres do tráfico (...) são apontados como os que têm mais dinheiro para gastar”.

Como diria DE CERTEAU²⁷⁵, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”; assim, acredito que quando alguns moradores do Matadouro traficam e utilizam drogas consideradas ilícitas estão dando vida às “práticas alternativas”, fabricando “inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras”.

Vejamos o depoimento de Glória, 33 anos, dona de casa:

A gente que é vizinha vê tudo...essas pessoas que mexem com droga, elas ficam o dia todo fora de casa, na rua, batendo papo o dia todo, vendendo droga, só esperando cliente, mulher e homem ...tanto faz...comem de marmita na rua... na calçada...tomam café ali...fazem tudo ali... de vez em quando a polícia bate ali, daí bota todo mundo de costas...e a gente que mora do lado vendo tudo...a polícia vive procurando droga, às vezes acham, outras não... bem dizer aqui nesse beco é uma

²⁷⁴ Ver ZALUAR (1994:31).

²⁷⁵ Ver DE CERTEAU (1990:38-40).

família só que mexe com droga, eles mora em várias casas...uma casa do lado da outra...é pai, é mãe...é sobrinho...é tio...é avó...tudo envolvido...Já lá no morro é diferente... eles descem pra vender, mais só quando tá escurecendo...é porque tem muitos lá que têm outros empregos, como o de servente de pedreiro...

Em campo pude observar o movimento particular do grupo familiar apontado por Glória. As mulheres, homens e crianças geralmente tomam café e almoçam nas calçadas, não porque não tenham casa, de modo geral suas moradias são de alvenaria e maiores do que as dos demais moradores. Numa das únicas oportunidades que tive de conversar a respeito do tráfico com uma mulher traficante, casada, três filhos, dona de casa, ela me revelou:

A gente fica tudo aqui pela frente pra não perder negócio, tem concorrência...e depois a gente só vive disso... Ahhhh e aqui fora a gente também fica de olho na polícia...

Este depoimento, como outros acima, só revela a heterogeneidade do que se poderia chamar hipoteticamente de “mundo das drogas”²⁷⁶, em que indivíduos e grupos singulares, em contextos particulares, improvisam no dia-a-dia, além dos papéis de pai, mãe, tio, entre outros, o de vir a ser traficante. Quer dizer, mesmo dentro do Matadouro, existe diversidade em relação ao “mundo das drogas”. Diante desse cenário é importante sublinhar que,

A diversificação de papéis e domínios, associada à possibilidade de trânsito entre estes, possibilitam e produzem identidades multifacetadas(...). É evidente que essas peculiaridades relativizam (...) as noções de marginalidade e desvio, mas não suprimem o fenômeno da transgressão. Com maior ou menor amplitude ou ressonância, indivíduos infringem regras básicas, mobilizando o controle e a coerção social. Por mais que exista uma margem de manobra, em função de maior diversificação de grupos de referência e apoio, existe um

²⁷⁶ Segundo VELHO (1994, p. 84): “A existência de um mundo das drogas vincular-se-ia à observação de redes sociais (...), seus conjuntos de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade(...). Parece-me essencial caracterizar a heterogeneidade de um hipotético mundo das drogas dentro da amplitude da sociedade contemporânea”.

limite, embora problemático, que, uma vez ultrapassado, mobiliza sanções e mecanismos de controle e repressão”²⁷⁷.

É claro que entre essas pessoas e grupos sociais que habitam o bairro Matadouro, aqueles que desempenham o “ser” traficante estão eles próprios expostos constantemente ao movimento de homogeneidade-heterogeneidade de códigos ético-morais concernentes a uma dita sociedade complexa contemporânea, além de construírem suas particularidades em termos de escolhas e motivações, em termos de projetos de ascensão econômica e social, não poderiam deixar de apresentar características em comum com o restante da comunidade local. Aqui vale ressaltar a fala de duas moradoras do bairro:

Eles só querem saber de carrão...mesmo os laranja que não consegue comprar carro, ficam contente só de andar com o carro dos traficante quente, aqueles que fornecem a droga pra eles...tem uns aí que ficam o dia todo pra cima e pra baixo de carrão....(Carla, 38 anos, dona de casa)

ou,

Às vezes ganham tanto dinheiro...podiam ajudar a vizinhança, a família, a comunidade... que nada...a maioria nem se ajuda...só gasta o dinheiro em mais droga, em bagunça, mulher, roupa de marca...às vezes a casa tá numa miséria e apreço aí com carro...(Mariza, 41 anos, tia de um usuário e traficante de drogas).

Essas falas expressam o que pude observar em campo, que os ditos traficantes de drogas do Matadouro, como integrantes de um mercado consumidor, desejam desfrutar dos bens que a sociedade de consumo lhes apresenta tal qual outros moradores do local, sofrendo a pressão de outras formas de constrangimentos sociais advindos de seu estilo de vida no contexto da comunidade local. O uso do dinheiro adquirido através do tráfico por

²⁷⁷ Ver ”(VELHO, 1994:79-83).

estes indivíduos e/ou grupos sociais, como constatou ZALUAR²⁷⁸, “é pensado de modo individual”, não havendo por de trás do tráfico nenhuma preocupação com a coletividade²⁷⁹. Assim, geralmente, o traficante do Matadouro, não desejando “ver o seu bolso vazio”, torna-se um “eterno insatisfeito, obrigado a repetir o ato criminoso *ad infinitum* para preencher constantemente o bolso”, já que a aquisição de prestígio entre seus pares e do respeito de outros é mantido, muitas vezes, pelo fato de ter “dinheiro no bolso”.

Aqui é importante ressaltar que ao mesmo tempo em que o tráfico de drogas pode significar para o traficante um meio de adquirir um certo prestígio e ascensão social, essa escolha individual não se dá descolada de um contexto sociocultural. Nas palavras de VELHO:

(...) O processo de individualização não se dá fora de normas e padrões, por mais que a liberdade individual possa ser valorizada. Quando vai de encontro às fronteiras simbólicas de determinado universo cultural ou as ultrapassa, ter-se-á então, provavelmente, uma situação de desvio com acusações e, em certos casos, estigmatização”.²⁸⁰

Vejamos uma fala retirada de meu trabalho de campo cujo conteúdo estigmatizante é bastante recorrente no bairro:

Esses traficantes não prestam...tudo que eles têm é à custa da desgraça dos outros...São tudo uns caco...não prestam (Marina, 55 anos, moradora do matadouro há duas décadas, dona de casa).

²⁷⁸ Ver ZALUAR (1994:78).

²⁷⁹ Aqui, na preocupação com uma explicação mais focal a esse respeito, de acordo com o observado em campo e através da análise das narrativas dos informantes, recorro a ZALUAR (1994). Para a autora, o vir a ser *bandido* não tem nenhuma relação com qualquer “programa de defesa ou restauração da ordem tradicional das coisas tal como deveriam ser” como supostamente teriam os bandidos ou os camponeses fora-da-lei (HOBSBAWN, 1969). Não são reformistas, nem revolucionários. Não lutam por relações mais justas entre ricos e pobres, fortes e fracos”(p.32).

²⁸⁰ Ver BECKER (1966) e VELHO (1971:25).

Vale a pena sublinhar que a estigmatização não é o único produto da relação entre os moradores traficantes e os moradores não-traficantes do bairro. Como já mencionado nos capítulos precedentes, o tráfico de drogas desponta como um dos fatores responsáveis pelo deslocamento de algumas famílias entre as áreas do bairro ou para fora dele. Aqui destaco a fala de uma moradora do bairro que justifica a migração da área B (morro) para área A, na tentativa de se afastar do tráfico de drogas:

Eu morava com meu marido e meus filhos no morro...Mas lá não dava mais...tinha muita droga...muito tráfico...tinha tiro...briga de traficante...polícia...A gente morria de medo que um tiro daquele fosse parar na cabeça de uma criança nossa...Eu não via a hora de sair de lá...Quando deu eu saí...E vim morar aqui mais embaixo...aqui também tem drogas...Mas parece que lá é pior...Não sei...Olha, eu nunca vi tanta droga...É um perigo...com a droga na cara...eles estrupam...fazem de tudo, nega...

Além dos deslocamentos em função das tentativas de distanciar-se do tráfico, um outro dado interessante mencionado no depoimento anterior e que me parece emblemático, considerando minhas observações em campo e as falas de outros informantes, é a atribuição da violência não exatamente ao traficante, mas ao traficante-usuário de drogas²⁸¹. Aqui o “uso da droga” começa a despontar como um fenômeno determinante para a concepção de violência, seja ela física ou moral, no imaginário coletivo da população local.

Assim, o usar drogas é visto por muitos “como uma porta de entrada para um beco sem saída²⁸², como o passo iniciático para uma vida marginal. Estes depoimentos retirados de meu diário de campo confirmam essa reflexão:

²⁸¹ Vale a pena pontuar que, pelo que pude observar em campo e nos depoimentos dos informantes, a diferenciação entre a categoria traficante e traficante-usuário de drogas é praticamente nula.

²⁸² Ver FONSECA (2000:174)

Tenho medo de droga porque vejo o estado de todos que usam à minha volta...droga é uma coisa que tu tens que conviver com aquilo ali...tens que ter desde de manhã até de noite...se não tens dinheiro tens que ir atrás...não é fácil...é uma coisa que não tem explicação...é uma coisa mais terrível de tudo...eu acho terrível...tu vais ter que ter o dinheiro...quando tu levatares de manhã...a primeira coisa que tu vais pensar é nisso...daí a tua vida vai ficar só em função daquilo...daí tu não vais mais fazer nada direito em casa...eu sei bem como é que é...eu já vi bastante gente assim...eles vendem até a roupa do corpo....(Pricila, 38 anos, casada, dona de casa).


Ou,

Eles começam assim...fuma uma maconha...depois não se contentam vão pra cocaína...craque...daí não trabalham mais...não têm como pagar...começam a roubar...a entregar droga pros traficantes...daqui a pouco já são traficante....(Célia, 45 anos, dona de casa).

Ainda,

O negócio é não começar....começou fica difícil de parar, daí tu faz de tudo pra conseguir a droga....roubatrafica....e coisas piores...(Ailton, 44 anos, desempregado, ex-traficante e ex-usuário de drogas).

Os depoimentos dos informantes revelam que a construção de seus processos de vitimização se dão a partir da alocação do mal no “outro”(o vizinho, a sociedade, o estado, a droga, etc). Aqui, fica explicitada a exterioridade da violência e a subjetivação do medo da “droga”. Vejamos este depoimento:

Essa vida é quase sempre uma  viagem sem volta...quem entra não consegue sair...começa usando ...depois acaba vendendo...É uma tristeza, eu não quero isso pra nenhuma mãe (Ivonete, 55 anos, mãe de um traficante e usuário de drogas que encontra-se preso).

Esse depoimento, como tantos outros já mencionados ao longo da dissertação, reforça a idéia já delineada anteriormente de que as mães do Matadouro dizem temer o envolvimento dos filhos com as drogas.

A mãe do Matadouro “vive o medo de todos nós duplamente”, o medo de que seus filhos sejam confundidos na rua com *laranjas* e “aprisionados pela polícia”; “o medo que seus filhos andem em más companhias e sejam seduzidos pelos bandidos donos de bocas-de-fumo para iniciar-se na carreira do crime. Para elas, a rua marca o lugar desse duplo risco”²⁸³.

Destaco aqui mais uma fala de mãe retirada de meu diário de campo:

A vida aqui no morro é muito difícil... se a gente não se cuidar e não cuidar dos filhos cai na vida das drogas... não é difícil isto acontecer... tá aí, tá na porta da nossa casa... eu tenho, às vezes, de cansar... a gente trabalha... ganha uma miséria... tem muita gente aí que entra no tráfico para melhorar um pouco de vida... mas a gente vê que no final acabam quase tudo preso no Cadeião... ou morto... enquanto eu tiver forças eu vou lutar para que eu e meus não precisemos entrar nessa, não quero que eles virem bandidos... mas que dá medo de não resistir, dá.

Trata-se aqui da presença de um sentimento de insegurança associado à idéia de que, através das pessoas e objetos trocados entre as famílias do bairro Matadouro, os valores ético-morais considerados positivos podem se transfigurar em seu oposto, em valores negativos, o que conduziria pais e filhos “trabalhadores” a temerem-se a si mesmos como responsáveis por sua passagem da condição de vítima à posição de algoz da história (bandidos).

Nessa mesma direção, destaco mais uma fala de mãe moradora do Matadouro:

²⁸³ Ver ZALUAR (1994:68).

Aqui não é fácil resistir diante do dinheiro fácil, é por isso que não dá para criar os filhos no Matadouro, quem puder sair do bairro que saia, não quero ver a minha família metida com drogas..

Assim, antes de tudo, a narrativa desta moradora, bem como a narrativa anterior, revelam que o medo que esses moradores, especialmente as mães, têm em relação à vida nas periferias da cidade onde habitam diz respeito à possibilidade de que elas ou seus filhos sejam moralmente *fracos* e, com isso, venham a *cair em tentação* diante do *dinheiro fácil* oriundo do tráfico de drogas.

Este sentimento de medo pode gerar uma insegurança maior, na medida em que enxergar o bairro onde se mora como um centro de drogas e *bandidagem* e a si próprios como pertencentes a este lugar, leva geralmente o morador a ter uma imagem pejorativa de si mesmo, sua auto-estima fica normalmente reduzida. Ele sente que está mais vulnerável a toda influência do “mal”, que sua força de vontade é constantemente colocada à prova e, se tantos outros cederam às tentações, por que ele também não o faria? Então, pertencer ao bairro já é um fator de desmerecimento, de inferioridade e de possibilidade de não resistir. Daí vem o medo, medo de não ter forças, de não ser dotado de uma boa cabeça para discernir entre o “bem” e o “mal”, de ser influenciado pelas “benesses” que atos ilegais podem propiciar.

Vejamos mais uma fala de uma moradora:

Morar aqui, no meio dessa drogarada toda... passar necessidade e não cair na droga é difícil, é muito difícil, aqui é um pulinho pra cair na vida errada... o tempo todo passa pela cabeça da gente estes pensamentos ruins.. será que não seria mais fácil se eu vendesse droga?... daí a gente põe a mão na cabeça e pensa nos filhos... na vida... acaba não fazendo nada de ruim... até quando eu não sei... aqui não dá para a gente confiar em ninguém ... nem na gente mesmo... é, eu tenho medo de um dia cansar dessa vida e cair numa vida errada.

Esse depoimento, além de reforçar a idéia de insegurança, do medo de *não resistir*, de quebrar as normas, remete-nos a uma problemática discutida teoricamente por VELHO²⁸⁴:

Desejos (...), emoções inconvenientes, sentimentos impróprios são limitados e balizados pelas sanções e normas vigentes ou dominantes. Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, o inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações.

Todavia, essas normas, esse código ético-moral não estão simplesmente “fora” do indivíduo. Acredito que posso emprestar de ELIAS²⁸⁵ a reflexão de que quando o indivíduo está prestes a entrar em choque com as normas acima citadas, essas normas estão de certa forma “introjetadas”, ou seja, havendo um confronto com elas, haverá, possivelmente, um confronto com parte de si mesmo, parte que tem consciência delas, conhece as sanções e o seu valor para os outros. O choque não é apenas “externo”, pois o “si” entra em questão, é objeto de análise e avaliação pelo próprio sujeito, o sujeito “transgressor”:

(o tempo todo passa pela cabeça da gente estes pensamentos ruins.. será que não seria mais fácil se eu vendesse droga?... daí a gente põe a mão na cabeça e pensa nos filhos... na vida... acaba não fazendo nada de ruim... até quando eu não sei... aqui não dá para a gente confiar em ninguém ... nem na gente mesmo... é, eu tenho medo de um dia cansar dessa vida e cair numa vida errada).

Aqui, é mister sublinhar que o movimento de submissão ou de aceite de uma “opinião social prevalecente” está intrinsecamente ligado àquilo que ELIAS²⁸⁶ aponta como uma das características fundamentais do “processo civilizador”, ou seja,

²⁸⁴ Ver VELHO (1981: 28)

²⁸⁵ Ver ELIAS (1993:242).

²⁸⁶ Ver ELIAS (1993).

Quanto mais apertada se torna a teia de interdependência em que o indivíduo está emaranhado (...) maiores são os espaços sociais por onde se estende essa rede, integrando-se em unidades funcionais ou institucionais - mais ameaçada se torna a existência social do indivíduo que dá expressão a impulsos e emoções espontâneas, e maior a vantagem social daqueles capazes de moderar suas paixões (...) (p. 198).

Como não se trair num lugar em que, muitas vezes, nem sempre a “intensa e constante moderação das pulsões”²⁸⁷ se mostram úteis, muito pelo contrário, romper regras, como já pontuado, pode ser sinônimo de sobrevivência e ainda, segundo alguns informantes, *de caminho para uma vida melhor?*

Constata-se aqui uma aparente contradição, ou seja, parece que os traficantes do Matadouro e os que estão direta ou indiretamente ligados a essa atividade são a antítese do que relata ELIAS²⁸⁸ em sua obra *O Processo Civilizador*. Ou seja, enquanto neste processo os indivíduos têm que ser moderados quanto aos seus impulsos e afetos para que possam “se dar bem” na sociedade, pois não podem dar vazão à sua espontaneidade e resolver os conflitos diretamente entre si, devido a um poder central que tudo tenta organizar, no Matadouro aparentemente há uma lacuna desse poder, o aparente sucesso que o mundo das drogas possibilita, como carro, roupas bonitas, dinheiro no bolso e conquista de mulheres, finalmente, valores de poder e prestígio, cria um impasse, um conflito naqueles que observam e convivem de perto com esse fenômeno.

Todavia, de certa maneira, essa contradição é apenas aparente, pois, embora o tráfico de drogas não tenha sido especificamente o objeto deste estudo, conforme observações em campo e relatos dos moradores no local pode-se perceber, tal qual observou ZALUAR²⁸⁹ em seus estudos nas favelas do Rio de Janeiro, que a dinâmica do tráfico no Matadouro, a princípio, tem seus ritos de passagem, seus processos de

²⁸⁷ Ver. ELIAS (1993:199).

²⁸⁸ Ver ELIAS (1993).

²⁸⁹ Ver ZALUAR (1994).

institucionalização e de construção de hierarquias²⁹⁰. Trata-se de uma rede de trabalho competitiva e produtiva, sendo, portanto, uma socialização própria da lógica do mercado. Se ELIAS²⁹¹ coloca que no processo de subjetivação/individualização de uma cultura moderna o indivíduo tem que aprender a dosar a sua violência, atribuindo ao Estado o direito de exercê-la, o tráfico de drogas é tributário desse processo civilizador na medida em que exige a domesticação progressiva da violência, que passa a ser patrimônio de certos grupos, no caso de morros e favelas²⁹².

Aqui vale ressaltar que o movimento dos moradores do Matadouro frente às pressões e constrangimentos sociais impostos pelo ambiente em que vivem, mais especificamente, pelo “mundo das drogas”, segundo observação e material coletado em campo pode dar-se de maneira diferenciada, dependendo das trajetórias sociais, estilos de vida, pautados ou não por uma visão mais sacralizada de mundo, que, por sua vez, implicam a conformação de variados discursos acerca das violências, gerando sentimentos de crise, medo e insegurança distintos.

Nesse sentido, destaco alguns depoimentos de Marta, Mirtes, Mônica e Marcela²⁹³, que considero representativos dos discursos dos moradores que compartilham uma cultura bíblica²⁹⁴:

Sei lá...às vezes eu tenho medo...medo de cair em tentação e cair na vida das drogas...Daí eu me apego em Deus...e esqueço dessas idéias...Só Deus mesmo...pra ajudar a gente ...para segurar a gente no caminho do bem...Esses pensamentos ruim são tudo coisa do Diabo... (Marta)

²⁹⁰ Ver capítulo 1, especialmente “descrição da área B”.

²⁹¹ Ver ELIAS (1993).

²⁹² Ver mais uma vez ZALUAR (1994).

²⁹³ Vale lembrar que a Parte II da dissertação contém as narrativas biográficas dessas quatro informantes.

²⁹⁴ Ver VELHO (1995), cap. 1. Para o autor “A ‘cultura bíblica’ vai além do mero recurso instrumental a termos e expressões, e atinge o nível das crenças e atitudes profundas dos informantes” (p.16).

Eu morro de medo que os meus filhos se metam com droga...A gente vê essas meninada toda aí tudo usando...Tudo traficando...Viraram tudo bandidinho...Mas sabe o que é isso?...É falta de Deus no coração...se orassem não iam se meter com essas coisas...Isso é tudo coisa do diabo...O Diabo atenta, daí já viu...Se a gente que tem fé, ora um monte...já fica tentado a se meter nessa...imagina esses aí que são uns perdido no mundo...Não tem eira...nem beira...São tudo uns excomungados...Só têm um destino...viram tudo bandido...Caem na AIDS...no presídio...É por isso que eu vou na igreja, eu oro ...pra pedir pro Senhor proteger eu e a minha família dessas coisas do diabo...(Mirtes)

Depois que a gente se converteu a vida melhorou bastante...O meu marido não quis mais saber de droga...A minha vida melhorou bastante...A gente até saiu do matadouro, aquilo ali é um centro de perdição...Eu sempre oro pro Senhor nunca mais tirar a gente desse caminho...Porque pra cair na vida...nas drogas, essas coisas do mundo, coisas do Diabo, não é difícil não...A gente tem que se cuidar, cuidar dos filhos, e orar muito.(Mônica)

Eu morro de pena dessa gurizada, dessas mães de família que tão tudo aí perdida nas droga...Deixaram se levar pro caminho do mal...Dentro da gente sempre tem um bichinho que atenta...Se não prestar atenção, se ferra...Essa gente tem que aprender que tem que orar, tem que orar pro Senhor...Essas coisas de droga...são tudo coisa do capeta...tudo coisa de gente que não tem fé...Por que tu achas que eles conseguem comprar as coisas? Boa coisa eles não são...Isso é tudo coisa ruim...Coisa que não presta...Coisa do capeta...Eu acredito que quem tirou a nossa família do Matadouro e tá ajudando o meu marido a se livrar do craque foi Deus...Só por Deus mesmo... (Marcela).

Além de possuírem uma visão de mundo religiosa, essas informantes compartilham também o fato de serem evangélicas. Parece que seu “medo do exterior” é modulado face a uma adesão a códigos ético-morais próprios de uma “cultura bíblica”, diferentemente do discurso de outros moradores já apresentados neste capítulo (*Aqui não é fácil resistir diante do dinheiro fácil, é por isso que não dá para criar os filhos no Matadouro, quem puder sair do bairro que saia, não quero ver a minha família metida com drogas*) que, por caracterizarem-se como possuidores de uma visão que poderíamos

chamar mais dessacralizada de mundo, efetuam uma negociação um tanto quanto diferenciada com essa exterioridade, fazendo com que aloquem o “mal” no outro (o vizinho, o traficante, a droga, etc.) enquanto desenvolvem a produção de seu processo de vitimização.

Portanto, o indivíduo dotado de uma visão mais laica, além de alocar o medo no outro, isto é, numa exterioridade, também parece ser detentor de um sentimento de medo de si próprio, em outras palavras, de trair-se perante os códigos ético-morais por ele incorporados²⁹⁵

(... enquanto eu tiver forças eu vou lutar para que eu e meus não precisemos entrar nessa, não quero que eles virem bandidos... mas que dá medo de não resistir, dá).

Por sua vez, os indivíduos que apresentam uma visão menos laica, mais sacralizada de mundo, como é o caso das quatro principais informantes, apesar de também modularem seu medo a partir de uma exterioridade, não vêem o “outro” como um mal em si, mas como um instrumento desse “mal”, como a personificação da “essência do mal”, ou seja, a personificação do “Diabo”²⁹⁶.

Dentro desse enfoque ZALUAR comenta:

O aspecto espiritual não está ausente desta moderna versão do bode expiatório (bandido). As associações de sua figura com o diabo perpassam as notícias dos jornais, as interpretações de senso comum de seus vizinhos e parentes sobre as suas atividades, o ‘folclore’ acerca de suas histórias e de suas conversões dramáticas. As (...) histórias de regeneração (...) que ouvi contar passaram por sessões de cura em igrejas pentecostais ou uma conversão radical e

²⁹⁵ Aqui seria contundente citar ELIAS (1993, p.206), “Os comandos e proibições sociais são representados não só por outras pessoas, mas também pelo eu abalado, uma vez que uma parte proíbe e castiga o que a outra deseja”.

²⁹⁶ Aqui destaco mais uma reflexão de ELIAS (1993) que pode ser interessante neste momento: “Com grande frequência, parece às pessoas que os códigos que lhes regulam a conduta em relação aos outros e, assim também os medos que as motivam, são alguma coisa de fora da esfera humana”(p.269).

dramática à igreja dos crentes, o que implicava no abandono das coisas do diabo (as festas, a bebida (...), a arma de fogo, etc)²⁹⁷.

Um outro aspecto que parece caracterizar a visão de mundo permeada por uma “cultura bíblica” é que o “mal “ não se encontra exclusivamente numa exterioridade aos sujeitos. O “ mal “, segundo essa visão, também habita o “ interior “ dos indivíduos, que são “ frutos do pecado original”²⁹⁸. Todos os sujeitos, portanto, segundo essa visão, nascem pecadores, ou seja, maculados pelo “ mal “, e só a muito custo, com muita perseverança, conseguem libertar-se desse destino, se seguirem a “doutrina”, único caminho, conforme seus discursos, que os manterá afastados das tentações e das “coisas do mundo”

(Eu sempre oro pro Senhor nunca mais tirar a gente desse caminho...Porque pra cair na vida...nas drogas, essas coisas do mundo, coisas do Diabo não é difícil não...A gente tem que se cuidar, cuidar dos filhos, e orar muito).

Portanto, com base nas narrativas, pode-se dizer que os sujeitos detentores de uma visão mais sacralizada de mundo parecem temer a si próprios, uma vez que temem o “mal” que possa existir dentro de si.

(Dentro da gente sempre tem um bichinho que atenta...Se não prestar atenção, se ferra...Essa gente tem que aprender que tem que orar, tem que orar pro Senhor..).

²⁹⁷ Ver ZALUAR (1994:47).

²⁹⁸Para VELHO (1995:20): “pecado original” é sinônimo “de uma falta anterior a qualquer falta pessoal, e cuja motivação profunda (...)seria o testemunho da experiência de ‘uma vontade que escapa a si mesma e obedece a uma outra lei que não ela mesma’”.

CONCLUSÃO

Com esta dissertação busquei resgatar as experiências de um grupo de quatro mulheres/mães do bairro Matadouro face à disseminação de uma cultura do medo no mundo urbano contemporâneo, no sentido de me possibilitarem a compreensão do processo de construção subjetiva da condição de vítima vivida por segmentos populares no contexto de um bairro de periferia.

As palavras que utilizei na composição do título desta pesquisa: *...aqui é como se eu vivesse naquela música do Ney Matogrosso: Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come...fazem parte do depoimento de uma moradora/mãe do local.*

Posso dizer que esta fala da informante foi, de certa maneira, inspiradora para este trabalho, já que ao realizar o estudo antropológico das trajetórias sociais e itinerários urbanos de mulheres/mães moradoras do Matadouro, optei por fazê-lo sob o enfoque de uma cultura do medo, priorizando a descrição de discursividades sobre violências, sentimentos de crise, medo e insegurança, segundo os diferentes tipos de trajetória sociais, estilos de vida e visões de mundo encontrados no bairro estudado.

Desta forma, num primeiro momento da dissertação (Parte I), apresentei as condições de vida no bairro, a diversidade de universos simbólicos, códigos ético-morais e projetos de vida encontrados no Matadouro.

Tal diversidade apontava que os dramas sociais no Matadouro gravitavam em torno do fenômeno social do tráfico de drogas e, conseqüentemente, das clivagens e adesões divergentes que os moradores assumiam em relação àquela prática no bairro e de suas ligações com a ruptura ou não de seus valores éticos, morais e religiosos.

E era fundamentalmente nos discursos das mães moradoras do bairro, que o fenômeno social do tráfico de drogas despontava como elemento desencadeador de sentimentos de insegurança e de medo, de que sua prole, ou elas mesmas, pudessem vir a se envolver com as “drogas”.

Nos discursos dos moradores, como já pontuado, principalmente nas narrativas das mães, ficava expresso que morar em determinadas áreas do bairro nas quais se acreditava que o fenômeno do tráfico de drogas estava mais presente poderia ser arriscado, já que, para aquelas pessoas poderia haver um maior probabilidade de incorporar uma conduta do tráfico nesses contextos.

Nesse sentido, as migrações internas ou externas ao bairro apareciam como uma das estratégias utilizadas pelas famílias moradoras do Matadouro, na tentativa de se afastarem dos “espaços sociais” que a princípio poderiam limitar suas escolhas e os seus projetos de vida.

Além das migrações, uma outra estratégia de sobrevivência ético-moral que as famílias do Matadouro demonstravam utilizar era a adesão a sistemas de crenças e valores, muitos deles de cunho religioso, que os mantivessem longe das “coisas do mundo”, mais especificamente, do “mundo das drogas”.

Já num segundo momento (Parte II), com o intuito de densificar a análise das situações de crise social no bairro Matadouro, escrutinar do que as mulheres/mães sentiam medo, assim como, conhecer suas representações em torno da insegurança e das violências no local onde moravam, analisei as histórias de vida de quatro informantes, consideradas as principais desta pesquisa, situando e demarcando suas diferentes trajetórias e focalizando os seus deslocamentos nas diversas regiões do bairro e para fora dele.

Ao levar em consideração que “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu

pleno significado quando se torna uma condição de existência temporal”²⁹⁹, fiz uso de narrativas biográficas, que se mostraram fundamentais principalmente no tocante à reflexão das informantes sobre as passagens do tempo, que reunia os seus deslocamentos no bairro, as lembranças que elas tinham de seus territórios e os seus medos “atuais”.

Nesse sentido, o estudo de trajetórias sociais e itinerários urbanos centrados na memória mostrou-se bastante contundente, já que o ato de migrar revelava estar arraigado na memória dos moradores do Matadouro. Mais especificamente nas memórias daquelas mulheres a respeito de suas trajetórias sociais naquele local, nas suas recordações e lembranças, cujos fragmentos demonstravam continuar compondo sua relação não só com o bairro, mas com a cidade de Itajaí.

Assim, aqui vale resgatar alguns pontos marcantes e recorrentes acerca dos resultados da investigação realizada a partir do estudo das trajetória sociais e das narrativas biográficas das mulheres informantes, do significado de processos de vitimização por elas sofridos e da forma como constituíam a dinâmica de suas interações e sociabilidades cotidianas.

Primeiramente, nas narrativas biográficas das quatro irmãs, aparece o que já havia sido delineado anteriormente, que os deslocamentos entre as diferentes áreas do bairro ou para fora dele se davam prioritariamente em virtude da ambiência de medo e insegurança desencadeada pelo tráfico de drogas.

Os conflitos entre vizinhança, que pareciam se dar em consequência das tensões advindas da imprecisão das fronteiras entre os espaços públicos e privados no Matadouro, também despontavam como provocadores de migrações internas e externas ao bairro.

²⁹⁹ Ver RICOEUR (1983:85)

Além disso, a mudança de área dentro do bairro ou para fora dele aparecia como uma tentativa de recomeçar um projeto de vida para além das fronteiras simbólicas e da posição de classe.

Um outro fator que desempenhava um papel importante nas trajetórias daquelas mulheres era a imagem delas, de suas famílias e do lugar onde residiam frente ao outro (vizinhança ou outros). O que ocorria é que, muitas vezes, migrar significava uma tentativa de reversão de uma suposta “imagem deteriorada”, que aparecia como inseparavelmente ligada ao fracasso ou ao êxito de seus projetos de futuro.

Como já pontuado, a adesão a uma religião aparecia como uma estratégia de sobrevivência, principalmente ética-moral, utilizada por parte de muitos moradores do Matadouro. As narrativas das quatro mulheres revelavam que a religião e a fé apareciam como um veículo para libertação do “cativeiro”, ou seja, ficava implícito em seus relatos um movimento de busca de expiação de culpas e de redenção moral por meio da conversão religiosa.

A conversão a uma religião e a uma igreja aparecia relacionada a uma reconstrução social de identidade de gênero em outro campo de possibilidade das mulheres no bairro, lembrando que, ao narrar sua condição de gênero, cada informante falava das condições de existência de seu próprio grupo social.

A religião ainda aparecia relacionada ao tema do “puro e impuro”, ou seja, as mães, por meio de suas narrativas, expressavam uma preocupação com a “contaminação moral” da honra da prole pelo contato com o corpo social que a “contaminou”. Assim, converter-se a uma religião aparecia como uma tentativa de “libertar” a prole do “cativeiro” a que o corpo social os obrigava por serem moradores de determinadas áreas do bairro, ou mesmo do bairro como um todo.

Ainda vale ressaltar que as narrativas biográficas estudadas revelavam que o fenômeno da violência doméstica era significado pelas mulheres como

intrínseco aos processos de vitimização por elas sofridos, sublinhando que o desencadeamento desse fenômeno social (violência doméstica) aparecia nas narrativas, de modo geral, direta ou indiretamente relacionado ao uso de “drogas” pelo sujeito considerado como “agressor”.

Diante de um cenário em que as drogas e as atividades a elas ligadas mostravam-se presentes em quase todas as áreas do bairro, em maior ou menor grau e fazendo parte do cotidiano das pessoas, fez-se necessário, na terceira parte da dissertação, averiguar como esse fenômeno (tráfico de drogas) era simbolizado pela população local, de que maneira interferia nos deslocamentos e trajetórias da vida dos sujeitos, enfim, como diferentes pessoas se relacionavam com esse fenômeno, na maioria das vezes vinculado aos sentimentos de medo, insegurança e violência.

O movimento por parte dos moradores do bairro perante as pressões, tensões e constrangimentos sociais pertinentes ao locus em que viviam, mais especificamente ao “mundo das drogas” dava-se de maneiras distintas, de acordo com as trajetórias sociais, estilos de vida, permeados ou não por uma visão mais sacralizada de mundo, que, por sua vez, se desdobravam na construção de diferentes discursos a respeito das violências, produzindo sentimentos de medo, insegurança e crise diferenciados.

No que diz respeito às quatro principais informantes, constatava-se, por meio de suas narrativas biográficas, que compartilhavam tanto de uma visão religiosa de mundo, quanto do fato de serem evangélicas. Nesse sentido, pareciam modular o “medo do que lhes era externo” com uma adesão aos códigos ético-morais pautados por uma “cultura bíblica”, modo este diverso ao do constatado nos discursos de outros informantes, que se caracterizavam por uma “visão de mundo” mais dessacralizada e que efetuavam uma negociação diferenciada, uma vez que era no “outro” onde alocavam o “mal” durante seu processo de vitimização.

Então, como já falado acima, além de alocar o medo no “outro”, numa exterioridade, o sujeito mais laico parecia expressar também um medo de si próprio, ou melhor, de trair-se diante dos códigos ético-morais introjetados.

Por outro lado, aqueles que apresentavam uma visão mais sacralizada de mundo, apesar de também modularem seus medos a partir do exterior, em primeiro lugar, viam o “outro” não como um “mal”, mas como instrumento do “mal”, como a personificação do “diabo”, da “essência” do “mal”.

Ainda, dentro da visão permeada pela “cultura bíblica”, o “mal” não parecia se encontrar apenas na exterioridade, mas no “interior” do sujeito. Frutos do “pecado original”, todos os sujeitos, segundo aquela visão, nasciam pecadores e só a muito custo, submetendo-se a rígidos códigos éticos e morais, poderiam livrar-se da situação. Esses sujeitos, representados aqui pela figura de cada uma das quatro mulheres, expressavam que se seguissem uma religião, poderiam se manter afastados das tentações e das “coisas do mundo”. Os sujeitos que compartilhavam dessa visão mais sacralizada pareciam temer a si próprios, ou melhor, a um “mal”, um “diabo interior” que pode existir dentro de si.

Assim, tanto nos sentimentos de medo e inseguranças quanto nos processos de vitimização e subjetivação de atos “violentos”, os atores sociais no território do bairro Matadouro demonstravam investir contra si mesmos temores associados ao cumprimento da trajetória de “pobre a bandido”.

BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, Luiz Tarlei de. "EM NOME DA MÃE- Posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira". In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, n.3, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1983.
- ABREU FILHO, Ovídeo de. "Parentesco e Identidade Social". In: **ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO/80, TEMPO BRASILEIRO**, Rio de Janeiro, 1982.
- BACHELARD, G. **A DIALÉTICA DA DURAÇÃO**. São Paulo, Editora Ática S A, 1994.
- BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BEHAR, R. **Translated woman. Crossing the border with Esperanza's story**. Boston, Massachusetts, Beacon Press, 1993.
- BENJAMIN, w. "o NARRADOR. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. São paulo, brasiliense, 1993.
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**, Liv. Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro, 1957.
- CALDEIRA, Teresa. **A Política dos Outros**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. "Participando do debate sobre mulher e violência". In: **PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS DA MULHER 4**. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1985.
- CERTEAU, Michel De. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis-para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.
- _____. **Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social**. 1983
- DOUGLAS, Mary. **PUREZA E PERIGO**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1966.

- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- DUMONT, LOUIS. **O Individualismo – Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ECKERT C. & ROCHA, A.L. “Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade.” **Revista Margem**. PUC, SP, 1999.
- _____. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica”. **HUMANAS** (Revista do IFCH/ UFRGS), vol. 19/20, n. ½. Porto Alegre, 1996/1997.
- ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador II**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994
- _____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert Elias & SCOTSON, John L **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.
- FONSECA, Cláudia. **Família, honra e fofoca-Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.
- FREUD, S. **O Ego e o Id- Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos**. Rio de Janeiro, Imago editora LTDA, 1975.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e senzala**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Zahar, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- GIACOMAZZI, Maria Cristina G. “Medo e Violência no contexto urbano: o caso de José”. In: **Horizontes Antropológicos – A cidade Moderna 13**. PPGAS- UFRGS, Porto Alegre, 2000.
- GOFFMAN, Erving. **Representações do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.

- GREGORI, Maria Filomena – Violência contra mulher: a prática do SOS Mulher SP, cenas e queixas. **Dissertação de Mestrado**. USP, 1988.
- GROSSI, Miriam Pillar- “Vítimas ou Cúmplices? Dos Diferentes Caminhos da Produção Acadêmica Sobre Violência Contra a Mulher no Brasil. Caxambú, XV Encontro Anual da AMPOCS, 15 e 18 de outubro de 1991.
- _____. “RIMANDO AMOR COM DOR: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NO VÍNCULO AFETIVO-CONJUGAL”. In: GROSSI, M; PEDRO, I. **Masculino, Feminino, Plural**, Florianópolis, ed. Mulheres, 1998.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.
- KOFES, Suely. **Uma Trajetória, Em Narrativas**. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2001.
- LANE, Silvia T. **Psicologia Social- O homem em movimento**. São Paulo, ed. Brasiliense S A, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos- O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro, Editora forense Universitária, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme C. **FESTA NO PEDAÇO**. Cultura Popular e Lazer na Cidade. UNESP, São Paulo, 1998.
- MAJINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural. Vol. XLII, Coleção Os Pensadores, jun.,1986.
- PAOLI, Maria Celia. Mulheres: lugar, imagem, movimento. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, n.4, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1985.
- PARK, Robert Ezra. “A cidade : sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano” In Velho, Otávio Guilherme (comp.), **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar,1967.
- PEIRANO, Mariza. **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**. Brasília, Editora da UNB, 1992.
- PITT-RIVERS, “Honra e posição social”. In: Peristiany, J.G. (org), **Honra e Vergonha- Valores das Sociedades Mediterrânicas**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

- POUTIGNAT & STREIFF-FENART. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo, Editora UNESP, 1998.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (Tomo I)**. Papyrus Ed., Campinas, SP, 1991.
- RODRIGUES, Aracy. "O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias". Texto apresentado no seminário: **A Mulher na Força de Trabalho na América Latina**. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1978.
- ROSALDO, M & LAMPHERE, L. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- SALEM. T. "Mulheres Faveladas: 'com a venda nos olhos'". In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- SARTRE, J. Paul. **O SER E O NADA- Ensaio de Ontologia Fenomenológica**, Petrópolis, Vozes, 1997.
- SAWAIA, B (org). **Novas Veredas da Psicologia social**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996.
- SHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1979.
- SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental", in Velho, Otávio Guilherme (comp.), **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- SOARES, Luiz Eduardo. A Crise do Contratualismo e o colapso do sujeito universal. **Anuário Antropológico 90**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1994, P.109-123, 1994
- _____. **Os dois Corpos do Presidente**. Rio de Janeiro: Relumê – Dumará, 1993.
- _____. e cols. **Violência e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ISER, 1996.
- TAUBE, Maria José de Mattos. "ALIANÇAS PARTIDAS OU A DOR DA SEPARAÇÃO CONJUGAL NAS CAMADAS POPULARES (Os pobres também sofrem?)". In: PORCHAT, Leda (ORG.)- **AMOR, CASAMENTO, SEPARAÇÃO**, Brasiliense, São Paulo, 1992.

REFERÊNCIAS DE FOTOS

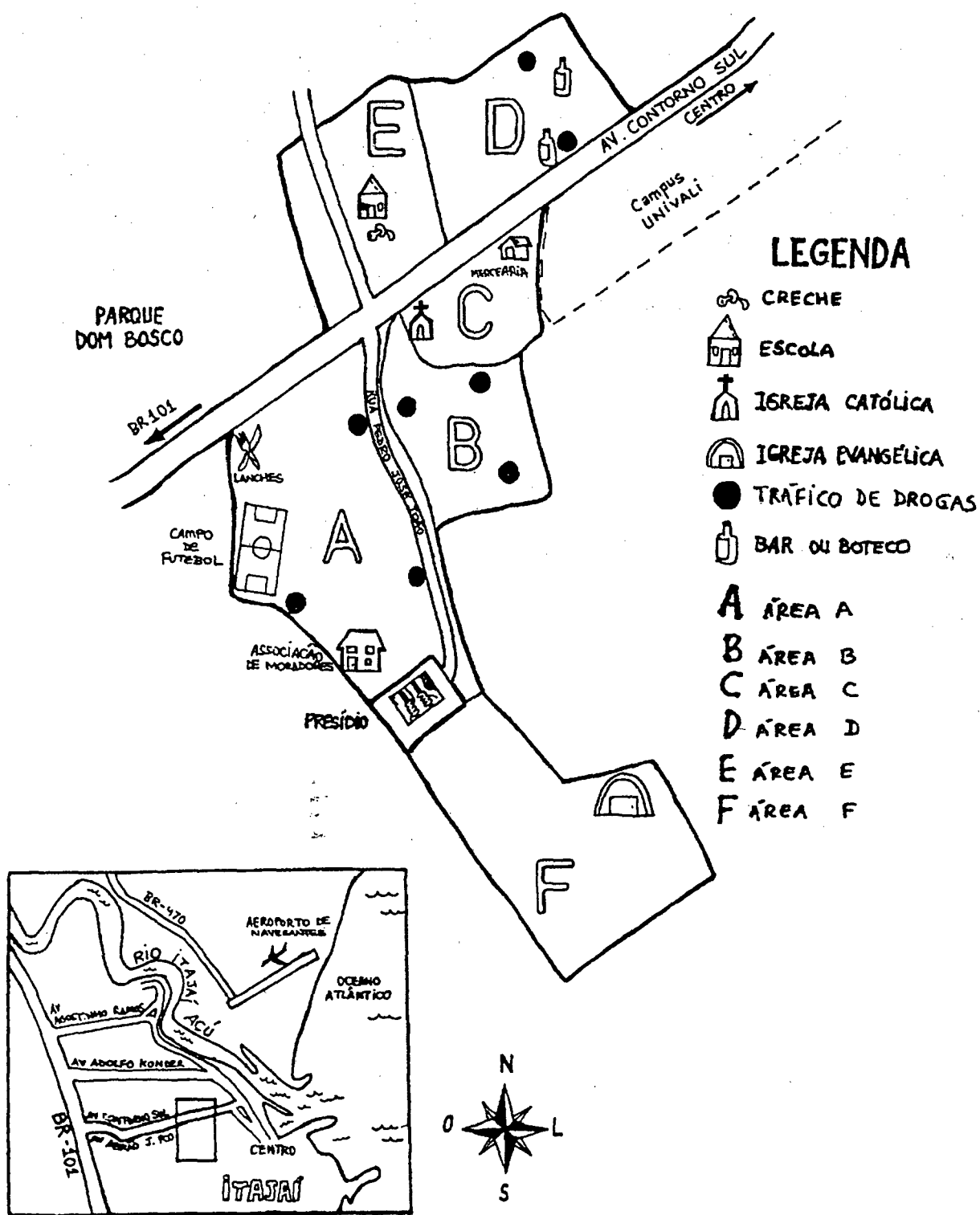
- Foto 01.....pág. 55
SANTOS, Roberta. B. dos. **Área A do Matadouro**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22 cm.
Acervo particular.
- Foto 02.....pág. 56
SANTOS, Roberta. B. dos. **Área B do Matadouro**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22 cm.
Acervo particular.
- Foto 03.....pág. 56
OLIVEIRA, Micheline R. de. **Área B do Matadouro**. [2001]. 1 fot.pb.; 10 x 15 cm.
Acervo particular.
- Foto 04.....pág.57
OLIVEIRA, Micheline R. de. **Área D do Matadouro**. [2001]. 1 fot.pb.; 15 x 22 cm.
Acervo particular.
- Foto 05.....pág.57
SANTOS, Roberta. B. dos. **Área B do Matadouro**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22 cm.
Acervo particular.
- Foto 06.....pág.58
OLIVEIRA, Micheline R. de. **Área C do Matadouro**. [2001]. 1 fot.pb.; 10 x 15 cm.
Acervo particular.
- Foto 07.....pág.58
CRISPIM, Jorge L. **Área C do Matadouro**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo particular Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 8.....pág.59
OLIVEIRA, Micheline R. de. **Área F do Matadouro**. [2001]. 1 fot.pb.; 15 x 22 cm.
Acervo particular.

- Foto 09.....pág.59
 SANTOS, Roberta. B. dos. **Área B do Matadouro**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22 cm.
 Acervo particular.
- Foto 10.....pág.60
 SANTOS, Roberta. B. dos. **Área D do Matadouro**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22 cm.
 Acervo particular.
- Foto 11.....pág.99
 CRISPIM, Jorge L. **Mãe e filhas**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo particular
 Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 12.....pág.99
 CRISPIM, Jorge L. **Avó e neto**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo particular
 Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 13.....pág.100
 CRISPIM, Jorge L. **Mãe e filhas**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo particular
 Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 14.....pág.100
 CRISPIM, Jorge L. **Avó e neta**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo particular
 Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 15.....pág.101
 CRISPIM, Jorge L. **Mulher no trabalho (bar)**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm.
 Acervo particular Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 16.....pág.101
 CRISPIM, Jorge L. **Mulheres conversando**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo
 particular Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 17.....pág.102
 CRISPIM, Jorge L. **Mãe e filhos**. [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm. Acervo particular
 Micheline Ramos de Oliveira.

- Foto 18.....pág.103
CRISPIM, Jorge L. **Criança no bar da família** [2002]. 1 fot: pb.; 10 x 15 cm.
Acervo particular Micheline Ramos de Oliveira.
- Foto 19.....pág.103
OLIVEIRA, Micheline R. de. **Crianças jogando bola**. [2001]. 1 fot:pb.; 15 x 22
cm. Acervo particular.
- Foto 20.....pág.104
SANTOS, Roberta. B. dos. **Meninas no quintal de casa**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22
cm. Acervo particular.
- Foto 21.....pág.104
SANTOS, Roberta. B. dos. **Crianças brincando na rua**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22
cm. Acervo particular.
- Foto 22.....pág.105
SANTOS, Roberta. B. dos. **Meninos na rua**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22 cm. Acervo
particular.
- Foto 23.....pág.105
SANTOS, Roberta. B. dos. **Meninos brincando na rua**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22
cm. Acervo particular.
- Foto 24.....pág.106
OLIVEIRA, Micheline R. de. **Criança na porta de casa**. [2001]. 1 fot:pb.; 15 x 22
cm. Acervo particular.
- Foto 25.....pág.106
SANTOS, Roberta. B. dos. **Crianças na janela de casa**. [2000]. 1 fot.: pb.; 15 x 22
cm. Acervo particular.

ANEXO I

AS "REGIÕES MORAIS" DO BAIRRO MATADOURO



ELABORADO:
MICHELINE RAMOS DE OLIVEIRA
DESENHO:
LUIS FELIPE del SOLAR FUENTES



www.diarinho.com.br

Bandidos tacam fogo em casa no Matadouro

Balo e Ney incendiaram a casa da Irineia, esposa do carroceiro que levou uma facada dos dois safados Página 6

Bandidos tacam fogo em casa no Matadouro

Balo e Ney, incendiaram a casa da Irineia, esposa do carroceiro que levou uma facada dos dois safados

Na manhã de ontem os bandidos Willian Alencar Nunes e Sidney Nunes, os conhecidos Balo e Ney, tacaram fogo na residência da Irineia Olga Pereira, na rua Pedro José João, no Matadouro.

Irineia já tinha recebido várias ameaças de morte da dupla e tá escondida na casa de parentes. Os caras tinham prometido detonar ela e sua casinha, de apenas 48 metros quadra-

dos. Os safados não conseguiram matar a dona, mas cumpriram a promessa de acabar com a casa.

Seis da matina

O fogo começou pouco antes das seis da matina e detonou quase toda a casa. A sorte foi que Irineia não estava em casa, pois do contrário, morreria queimada. Os Bombeiros foram acionados pela vizinhança e controlaram as chamas.

Ela é esposa do carroceiro Antônio Franco, 47 anos, que no domingo, 18, levou um golpe de facão de Balo e Ney. A facada foi tão certa, que Antônio tá até hoje internado no hospital.

Os caras disseram que tavam cobrando a grana referente a venda de uma carroça que

Antônio comprou e não teria pagado.

Amigo do Truta

Balo é velho conhecido da PM. Foi ele quem praticou junto com o Edson Roberto Vargas, o Truta, os assaltados ao posto Presidente e Cortesia, além do assalto a garagem da Praiaana.

Truta foi preso depois do assalto, e então Balo mudou de comparsa: Ney é o seu novo companheiro no mundo do crime.

"Temos mandados de prisão contra ambos e a prisão deles agora é só questão de tempo," explicou ontem ao DIARINHO o delegado do 1º depê, Rui Garcia, que é responsável pelas investigações.

ANEXO III

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

RESUMO DA CONVENÇÃO
REALIZADA EM FEVEREIRO DE 1936

REUNIÕES E ENSINAMENTOS
REALIZADA EM MARÇO DE 1948

**PONTOS DE DOCTRINA E DA FÉ QUE
UMA VEZ FOI DADA AOS SANTOS**

X EDIÇÃO

Índice

Aos crentes	23
Apresentação de recém-nascidos.....	14
Auxílios	22
Batismo do Espírito Santo	12
Batismo por imersão	12
Cães	20
Cartas de apresentação	9
Casamentos	13
Casas de oração	18
Circulares	19
Comemorações	14
Comunhão com infieis	19
Conjuntos musicais	19
Conselhos diversos	7
Cooperação para viagens	9-22
Cultos	12
Dívidas	21
Doutrinas	22
Enfermidades	22
Enlaces Matrimoniais	13-14-20
Exortação aos servos	18
Fachadas de Casas de Oração	15
Fotografias	19
Fracos na Fé	11
Funerais	14
Futura convenção	16
Hábitos mundanos	21
Hinos	15
Horário	7
Hospedagem	9

<i>Infidelidade matrimonial</i>	14
<i>Infiéis</i>	19
<i>Jejum</i>	15
<i>Jornais</i>	23
<i>Leituras estranhas</i>	12
<i>Manifestações</i>	10
<i>Matrimônio</i>	13
<i>Ministrar a Palavra</i>	8
<i>Moléstias contagiosas</i>	8-10
<i>Novo Estatuto</i>	15
<i>Ofertas de Imóveis</i>	15
<i>Orações</i>	10
<i>Ordem de serviços espirituais</i>	7
<i>Organização da Igreja de Deus</i>	18
<i>Ósculo Santo</i>	13
<i>Palavras constantes no púlpito</i>	15
<i>Política</i>	18
<i>Pontos de Doutrina e da Fé</i>	25-2
<i>Profecias estranhas à Palavra de Deus</i>	10
<i>Propaganda</i>	23
<i>Propriedades</i>	23
<i>Revelações</i>	10
<i>Santa Ceia</i>	12
<i>Sobre o pecado</i>	20
<i>Sociedade com Infiéis</i>	19
<i>Substituições no serviço</i>	9
<i>Tentações</i>	11
<i>Testemunhas</i>	8-11
<i>Unção</i>	10
<i>Vestuário</i>	14
<i>Véu</i>	21
<i>Viagens</i>	9-22
<i>Visitas</i>	13-22
<i>Visões</i>	10

Prefácio

Devido à necessidade sempre crescente da Obra de Deus, o Senhor fez compreender a seus servos nas Reuniões Gerais de 1998, que seria necessária a nova edição do Resumo da Convenção das Igrejas da Congregação Cristã no Brasil do ano de 1936, assim como o Resumo das Reuniões Gerais de Ensinos do ano de 1948, já que esses dois trabalhos tiveram a assistência do irmão Ancião Louis Francescon a quem esta Obra foi revelada.

Naturalmente existem ensinamentos que não se acomodam mais com a época atual, pois o Senhor determinou fossem feitos para aquela ocasião e assim foram agora suprimidos, e também ampliados alguns que a prática demonstrou essa necessidade. Entretanto, no demais permanecemos na revelação da parte de Deus que os servos de Deus tiveram na ocasião e que foi a razão do grande progresso desta Obra no Brasil e no mundo.

Para não se tirar o sabor do que foi feito seguiremos a mesma ordem e disposição do que o Senhor determinou na simplicidade e sempre com a guia do Espírito Santo, todavia sendo atualizada a ortografia.

CONVENÇÃO

A convenção foi iniciada às oito horas da manhã do dia 20 de fevereiro de 1936, sendo aberta pelo mais velho Ancião do Brasil, irmão Luiz Pedroso, que convidou a todos para orarem ao Senhor. Terminada a oração e tratando-se de uma primeira reunião geral de todas as Igrejas da mesma fé no País, não desejando pois o ministério de então, que prevalesse a sua autoridade suprema na direção dos trabalhos, pediu aos irmãos a indicação da mesa que deveria dirigi-la, sendo indicado pelo irmão Antonio Cardoso Gouveia, com aprovação de todos os presentes a seguinte: Presidente, irmão Ancião Louis Francescon; Vice-Presidente, irmão Ancião Luiz Pedroso; Secretário, Irmão Reynaldo Ribeiro e Vice-Secretário, Irmão Francisco D'Angelo.

Procedeu-se então à chamada e registro dos representantes de todas as Congregações. À tarde foram tratados casos particulares de algumas localidades. No dia seguinte, ao ser iniciada a continuação da convenção buscou-se a face de Deus em oração, sendo lido e exortado após, o Salmo 133, pelo qual fomos ensinados a permanecer sempre unidos na fé divina que nos unge e nos confirma em Cristo Jesus.

HORÁRIO - ORDEM DOS SERVIÇOS ESPIRITUAIS CONSELHOS DIVERSOS

Não deve existir um horário determinado para abertura do serviço de culto, podendo o mesmo ser estabelecido de acordo com a necessidade que se apresentar. O serviço de culto, sempre que possível, não deve passar de hora e meia; quem o preside tem que se fazer guiar pelo Espírito Santo e, em particular, para fazer a exortação da Palavra. Se se tomar a Palavra para atingir alguém, não é o Senhor Quem guia; o povo de Deus só por Ele

deve ser ensinado, assim compreendamos que não se pode tomar o lugar do Espírito Santo, já que os dons não são dados aos homens para que estes tenham domínio sobre eles, porém, para por eles serem dominados.

É permitido pelo Senhor de acordo com sua Palavra que mais de um servo se levante para exortar a Palavra no mesmo culto, entretanto, ao segundo compete considerar o que o Senhor enviou pelo primeiro, a fim de não desfazer a impressão do que veio antes. Todavia, a experiência nos tem ensinado que em geral melhor seria que só um exortasse, principalmente sendo ele revestido pelo Senhor para a necessidade que se apresenta.

É necessário que o Espírito Santo tenha livre ação na Igreja, assim não deve existir entre os membros do Corpo de Cristo o ciúme e a inveja; quem preside o culto deve ter muito cuidado, não deixando os solícitos ou presunçosos abusar do precioso tempo, para que a Igreja não venha a perder gloriosos benefícios.

Os servos de Deus não devem receber queixas que não podem ser confirmadas na frente dos acusados; nesse caso devem repreender o acusador com caridade e verdade, mostrando que se encontra em caminho errado; se o repreendermos ele compreenderá que o amamos e desejamos o seu bem.

As orações e testemunhos devem ser movidos pelo Espírito Santo para que o Senhor possa manifestar a Sua obra e consolar Seu povo; quem manifesta sentimento contra qualquer, em testemunho ou oração, não é guiado pelo Senhor, porém, pelos seus próprios sentimentos.

Aqueles que desejarem ministrar a Palavra de Deus deverão ter os requisitos conforme é determinado em I Timóteo 3, vs. 1 a 7.

Todo servo de Deus deve trabalhar para o seu sustento material. Não dependendo da irmandade pode agir com mais franca imparcialidade em todos os casos que se apresentarem.

SUBSTITUIÇÕES NO SERVIÇO - VIAGENS E CARTAS DE APRESENTAÇÃO

Quando o Ancião ou Cooperador se ausentar, deverá deixar para atender os cultos um irmão competente, devendo a irmandade honrá-lo. Sempre que um Ancião ou Cooperador, ou mesmo um irmão reconhecidamente aprovado pelo Senhor e também confirmado pelo Espírito Santo, sentir-se enviado a realizar uma missão, compete aos demais irmãos da localidade cooperar com suas despesas, a fim de poder dar cumprimento ao que fôr determinado pelo Senhor.

Os Anciões que viajam são geralmente inquiridos por irmãos sobre casos ou pequenas disputas que surjem entre a irmandade.

Nesses casos esses devem ser convidados a comparecer perante o ministério local, e só aí, então, deverão ser atendidos dando-se a devida solução ao caso. Todavia, sempre se convidando a se reconciliarem de acordo com a Palavra de Deus, agindo-se com paciência, sabedoria e imparcialidade.

Salvo em alguns casos, não se deve hospedar nenhum irmão de fora, sem uma carta de apresentação assinada pelo Ancião ou Cooperador da localidade a que ele pertence, devendo constar na mesma o motivo da viagem.

Nas Congregações onde o Senhor ainda não tenha manifestado nenhum dom para edificação, a Ele deve ser clamado para que levante alguém, de acordo com o testemunho da Sua Palavra.

ORAÇÕES - UNÇÃO - MOLÉSTIAS CONTAGIOSAS

Somos chamados às vezes a orar por pessoas estranhas à nossa fé; se o Espírito Santo nos determinar, devemos atender sem cautela; todavia fazemos sentir que não somos médicos nem curandeiros. Só apresentamos a Deus por fé, o seu caso e se a sua fé fôr suficiente e crer que Jesus Cristo o pode curar, d'Ele obterá a saúde.

A unção pertence ao Ancião e na sua ausência ao Cooperador do Ofício Ministerial ou ao Diácono.

Não se justifica um pedido de oração e uma unção por pequenos males, somente em casos de doenças graves, porém sempre que guiados pelo Senhor. Todavia, quem pedir unção deve estar de acordo com o capítulo 5 S. Tiago - vs. 14, 16.

Em geral não se deve agradecer ao Senhor na Congregação em testemunho, quando se busca socorro humano; porém, estando sujeitos à lei em determinados casos, assim temos que obedecê-la. Em qualquer caso, a ninguém cabe o direito de julgar outrém, por ter tido necessidade de tal socorro. Não é permitido nas Congregações ou fora dela, falar contra médicos e remédios; a fé é um dom de Deus.

Em obediência às leis sanitárias do País, não devem participar de nossos cultos e reuniões, pessoas acometidas de moléstias que essas leis consideram infecto-contagiosas.

MANIFESTAÇÕES - REVELAÇÕES - VISÕES PROFECIAS ESTRANHAS À PALAVRA DE DEUS

É necessário muito cuidado, pois no geral somos provados com essas imitações satânicas para melhor compreensão de toda a Palavra de Deus. Claro que não se poderia

conhecer o moeda falsa se já não existisse a verdadeira; é necessário, pois, provar os espíritos se são de Deus ou não. Os milagres e os dons do Espírito Santo são para glorificar a Deus em Cristo Jesus em pureza conforme a sua eterna Verdade.

Para os resgatados pelo Sangue do Concerto eterno, há um só império, o de Cristo Jesus que venceu a morte e o inferno. Antes da vinda do Senhor Jesus, o inimigo tinha o império sobre a morte; vindo Cristo, aniquilou todos os poderes, assenhorando-Se sobre tudo, sendo Senhor dos vivos e dos mortos, e de todas as coisas.

TENTAÇÕES E FRACOS NA FÉ

A tentação não é um pecado; é a manifestação clara do poder do maligno do qual fomos libertos. Se tentados, é necessário resistirmos até nos vermos livres desse mau poder, ganhando-se assim o valor que merece a salvação que temos alcançado pela fé em Cristo Jesus.

Não se pode impedir que as aves voem sobre nossas cabeças, porém, pode-se impedir que sobre as mesmas elas façam seus ninhos.

Nos testemunhos não se deve citar proezas e feitos do inimigo, ele combate o crente, na verdade, mas é vencido de qualquer forma, embora se transforme de muitas maneiras. O que habita no crente jamais se transformará.

Existem em nós ainda imperfeições que serão eliminadas se seguirmos a Luz que recebemos dia a dia do nosso Senhor, até o perfeito amanhecer.

Na Igreja do Senhor sempre existiram os fracos na fé; os fortes que não os desprezem, antes orem por eles para que possam servir de conforto àqueles que o Senhor vem chamando.

CULTOS - LEITURAS ESTRANHAS

O povo de Deus não tem necessidade de frequentar outros cultos e nem de ler leituras religiosas de diferentes princípios. Na Sagrada Escritura existe de tudo o que se precisa, individual e coletivamente.

Se alguém precisa de sabedoria para entender o que Deus tem já revelado em sua Santa Palavra, como filho deve recorrer a Ele para alcançar o necessário entendimento.

BATISMO POR IMERSÃO

Este sacramento se exerce por imersão conforme declarado no cap. 2, ver. 12 Aos Colossenses, praticados pela Igreja primitiva: "EM NOME DE JESUS CRISTO", Atos 2, ver. 38 e de acordo ao Santo Mandamento; "EM NOME DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO". S. Mat. 28, ver. 19.

BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

Quando o fiel receber a virtude do Espírito Santo não deverá dizer "fui batizado", porém esperará até que o Espírito Santo se manifeste falando novas línguas, de acordo com a Palavra do Senhor.

SANTA CEIA

A Santa Ceia deve ser efetuada com um só pão e partido com a mão, e também com um só cálice, não alterando o que é determinado na Palavra de Deus. Para servi-La deve-se honrar sempre, primeiramente ao Ancião, Cooperador ou Diácono local.

ÓSCULO SANTO

O ósculo santo deve ser dado de coração, na despedida do serviço ou em caso de viagem, todavia sempre entre irmãos ou entre irmãs, de per si.

VISITAS

É necessário usar de prudência ao se frequentar casas quando as irmãs se encontram sós, assim como não se deve viajar a sós com elas, salvo em casos muito excepcionais.

Em geral não se deve tomar leve confiança pessoal entre sexos diferentes; os irmãos devem se portar varonilmente na Igreja e em todos os menores atos de sua vida.

CASAMENTOS

O matrimônio legal que a Congregação Cristã no Brasil reconhece é o que está de acordo com a Lei Civil da cada país. Os amasiados que desejarem ser batizados deverão se casar de acordo com a lei. Os que tiverem impedimentos de o fazer, deverão expor com verdade sua situação aos servos de Deus, e estes buscarão o seu conselho, para cada caso que se apresentar.

A Congregação não admite cerimônias religiosas em casamentos, a não ser uma oração que poderá ser feita por qualquer irmão presente, quando não houver Ancião, Cooperador ou Diácono, pois isso não faz parte do Ministério; portanto, os servos não devem assumir esse compromisso. Não é permitido realizar casamentos nas Casas de Oração da Congregação Cristã no Brasil.

O fiel deve abster-se de compartilhar em banquetes matrimoniais ou outros que o possam contaminar, transgredindo a eterna Verdade de Deus. Atos, 15:29.

INFIDELIDADE MATRIMONIAL

Se alguns dos cônjuges tornar-se infiel, ao matrimônio, deixa-se a decisão do caso ao critério da parte ofendida, pois a lei de nosso país permite divórcio a vínculo, que somente nesse caso Deus permite. (S. Matheus 19:9). O pecador será excluído da comunhão com os fiéis.

APRESENTAÇÃO DE RECÉM-NASCIDOS

Não se encontra na Palavra de Deus que o recém-nascido deva ser apresentado ao Senhor pelo Ancião ou Cooperador do Ofício Ministerial, porém, por seus pais nos próprios lares.

Há um só mediador entre Deus e os homens, que é Cristo Jesus que o abençoará.

COMEMORAÇÕES

A Congregação Cristã no Brasil não admite certos costumes como em alguns lugares se principia a praticar, como seja a vigília do 1º dia do ano em cantos e orações, assim como outras solenidades para comemorar festas materiais.

FUNERAIS

O serviço a ser feito em funerais, deve ser julgado de acordo com o momento. Todavia, não se deve levar o corpo na Casa de Oração, pois isto torna-se-ia um hábito e imitação de costumes mundanos, que não se fundamentam na fé apostólica e na Palavra de Deus.

VESTUÁRIO

A Palavra de Deus nos ordena a modéstia e esta deve ser sempre modelada de acordo com a Sua luz; não devemos dar determinações particulares sobre esse assunto.

JEJUM

O jejum não é uma ordenança formal; é livre praticá-lo ou não se sentir, porém, só entre si e o Senhor.

FACHADAS DE CASAS DE ORAÇÃO E OFERTAS DE IMÓVEIS

Onde o Senhor der oportunidade de se construir ou já existindo casas de oração construídas, é preciso que na fachada exista o nome oficial e reconhecido da Congregação Cristã no Brasil.

Dentro da Congregação, no púlpito, as palavras usadas por interpretação desde o início desta obra: "Em Nome do Senhor Jesus."

Não é de utilidade oferecer terrenos à Congregação sem que os mesmos sejam úteis para construção de casas de oração.

HINOS

Nossos livros de hinos são organizados e confeccionados para o uso exclusivo da Congregação Cristã no Brasil; não são vendíveis a estranhos à fé.

NOVOS ESTATUTOS E ADMINISTRAÇÃO

Ao se findar a Convenção foram apresentados, considerados e aprovados os novos Estatutos da Congregação Cristã no Brasil, pelos quais deverão se reger perante a lei todas as Congregações da mesma fé no país.

Nessa mesma ocasião foi eleita a Administração para gerir as coisas materiais da Congregação e que ficou assim constituída:

Presidente: José Balthazar Affonso; Tesoureiro: Antonio Cardoso Gouveia; Secretário: Reynaldo Ribeiro; Vice-Secretário: Januário Teti.

Conselho Fiscal: Antonio D'Angelo, Anacleto Grenza e Antonio Brunazzo.

FUTURA CONVENÇÃO

Nada ficou deliberado sobre uma futura Convenção; quando a Administração, juntamente com os Anciães, julgar necessária a sua realização, fará a convocação comunicando às demais Congregações do país.

ENCERRAMENTO

Ao se encerrar esta primeira convenção das Igrejas da Congregação Cristã no Brasil somos gratos ao nosso Criador pela paz e harmonia que fez reinar em tudo o que foi apresentado e deliberado. Sendo ela encerrada às onze horas e trinta minutos do dia vinte e cinco de fevereiro de mil novecentos e trinta e seis com uma exortação no Capítulo II da carta a S. Tiago e ao final com uma oração.

São Paulo, março de 1936

- (a) Louis Francescon
- (a) Luiz Pedroso
- (a) Reynaldo Ribeiro
- (a) Francisco D'Angelo

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

RESUMO DOS ENSINAMENTOS RECEBIDOS PELOS FIEIS À PALAVRA DE DEUS, NA REUNIÃO DOS IRMÃOS ANCIÃES, DIÁCONOS, COOPERADORES DO OFÍCIO MINISTERIAL E ADMINISTRAÇÕES, REALIZADA NA CONGREGAÇÃO DO BRÁS, EM SÃO PAULO, NA RUA URUGUAIANA, 163 - NOS DIAS 25, 26 E 27 DE MARÇO DE 1948.

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE DEUS

Revelação que o Senhor deu a seu servo irmão Ancião Louis Francescon de volta de uma de suas viagens ao Brasil, quando se encontrava na República do Panamá:

“Jesus é a cabeça da Igreja, o Espírito Santo é a lei para guiá-La em toda a Verdade; sua organização é a caridade de Deus no coração de seus membros que é o vínculo da perfeição. Onde esses três não governam é satanás quem governa em forma de homem para seduzir o povo de Deus com sabedoria humana.”

EXORTAÇÃO AOS SERVOS - CASAS DE ORAÇÃO

Os que estão acertados de que são chamados pelo Senhor para o ministério, devem atender à exortação da Palavra, não saindo fora dos termos nela estabelecidos.

A casa de oração não poderá permanecer fechada em dias de culto; jamais o Senhor deixará seu povo sem o alimento espiritual.

POLÍTICA

Nas Congregações não são admissíveis partidos de espécie alguma; cada um é livre, cumprindo o seu dever de votar, que é uma determinação da lei. Todavia nós, remidos pelo Sangue do Concerto Eterno nunca poderemos votar em partido que negue a existência de Deus e a sua moral.

Quem ocupar cargos no ministério não deve aceitar encargos políticos. Não se deve permitir que candidatos a cargos políticos venham fazer propaganda ou visitar as casas de oração com esta finalidade.

CIRCULARES

As circulares necessárias para o bem da Igreja e para a utilidade da Congregação devem sempre ter a assinatura de administrador e de um membro do ministério, em papel com o nome da Congregação.

CONJUNTOS MUSICAIS

Esses conjuntos devem sempre se reger pelo mandamento que o Senhor der aos seus servos.

ENFERMIDADES

É necessário que nossa fé tenha um pleno conhecimento; não pode ser cega, porém acertada de que o Senhor quer operar. Quando havendo dúvida não é viável esperar no Senhor; Deus nada proibiria contra a ciência médica, todavia, nos ensina a confiar no seu infinito poder.

FOTOGRAFIAS

Não se condena fotografia, entretanto somos a imagem de Deus; é necessário, pois, que a nossa presença seja encoberta pelo Espírito Santo. Si nos serviços espirituais não se pode admitir que irmãos se fotografem; todavia, quanto a estranhos à nossa fé não se pode impedir que o façam.

COMUNHÃO COM INFIÉIS

A Palavra de Deus não admite sociedade com infiéis em negócios desta vida, nem tampouco em enlaces matrimoniais.

(II Cor. 6 vs. 14/16). É obrigação do Ancião ou Cooperador apresentar com cuidado esta exortação feita à Igreja de Deus, a fim de evitar uma ruptura no perfeito plano de Deus.

Nos enlaces matrimoniais se apresentam casos que devem ser julgados pelos pais quando têm filhos que não são crentes. Não deve ser consentido por parte dos pais, uma união quando os filhos negam a fé para desposarem infiéis; neste caso a responsabilidade permanece sobre o nubente. No demais, temos que nos cingir ao que o Senhor nos deu na Convenção do ano de 1936.

CÃES

Cães são aqueles que tentam derrubar o povo de Deus, danificar a Obra e dividir o corpo de Cristo com um espírito contrário ao Espírito do Senhor. As exortações não foram feitas a animais, porém, aos fiéis que são membros do corpo da Igreja de Deus.

SOBRE O PECADO

Por maior que seja o pecado cometido antes de receber o Senhor, se a pessoa crer em Jesus Cristo e aceitá-Lo, ser-lhe-á perdoado. O pecado cometido após haver aceito o Senhor deve ser julgado pela Igreja sempre de acordo à Palavra de Deus, a não ser o pecado de morte; um desses pecados de morte é o que é cometido por aqueles que se levantam contra a obra do Espírito Santo. O poder de nos conservar salvos em Cristo Jesus é a graça de Deus que não nos pode faltar se a Ele clamarmos com fé, quando provados pelo inimigo do bem.

DÍVIDAS

A Congregação não pode contrair dívidas se não tiver possibilidade de resgatá-las.

Os irmãos não podem dar como referência a congregação para contrair dívidas particulares, assim como o endereço para esses casos.

VÉU

Sempre que a mulher orar ou profetizar deve estar com a cabeça coberta; é necessário estar atenta para em nenhum caso ofender a Palavra de Deus. Esta não se contradiz; a sabedoria do Senhor nos deixou um estatuto imperfeito.

HÁBITOS MUNDANOS

Na Igreja não pode existir anarquia, nem hierarquia, nem formalismo e nem modernismo. Os crentes necessitam usar os dons do Espírito Santo, ministérios de Cristo e todo o poder de Deus em sua Igreja para edificação, estando assim dentro da ordem. Os crentes necessitam compreender que todos foram salvos pela graça de Deus, não para sair fora da humildade que Ele nos determinou, que é de sempre considerar os outros superiores a si próprios, não havendo assim hierarquia na Igreja de Deus.

Anarquia quer dizer sem lei, e nosso Deus tem posto na lei perfeita tanto material, quanto espiritual.

O formalismo impede seguir a revelação pela qual vem manifesta a Justiça de Deus, e o andar de fé em fé até o fim da carreira, a fim de que em todos o Senhor possa cumprir a Sua Obra.

Quanto ao modernismo, compreendemos que somos chamados a andar com modéstia e honestidade, não imitando o mundo em seus costumes; somos ensinados a nos despojar dos costumes que ainda habitam em nós, contrários à Palavra de Deus.

DOUTRINAS

Nesta dispensação da graça surgiram sempre doutrinas contrárias à mesma, as quais os fiéis nunca aceitaram.

Assim, continuamente busquemos a face do Senhor, para só permanecer na fé Apostólica que nos conserva na real esperança do glorioso porvir. No velho concerto havia três leis: Civil, Moral e Cerimonial e por suprema autoridade o sumo sacerdote. Os fiéis em Cristo, chamados a testemunhar o Evangelho a todas as nações têm que reconhecer autoridades e leis civis de qualquer nação. “Não há lei, nem autoridade senão da parte de Deus”, enquanto essas não impeçam que a graça de Deus alcançada em Cristo Jesus, seja manifestada.

A lei cerimonial com as suas ordenanças foi cumprida com a oferta pura do Cordeiro de Deus, o que Deus confirmou, rasgando o véu do templo e ressuscitando-O dentre os mortos e enviando por Ele a Promessa do Espírito Santo, Fazendo-O assim sacerdote em eterno segundo a ordem de Melchizedec.

A lei moral é o fruto da nova vida em Cristo Jesus pois só por Ele o homem pode cumprir o querer de Deus.

VIAGENS E AUXÍLIOS

Segundo a Palavra de Deus ninguém que procura o seu próprio interesse pessoal deve ser auxiliado, especialmente

ando viaja com essa intenção. O fiel que caminha no temor Deus apresenta ao Senhor a sua necessidade pois Ele é Aquele que prometeu auxiliar aos que clamam por Si; todavia, em caso de necessidade comprovada, à Igreja local compete prover todas as coisas.

PROPRIEDADES

Na ânsia de construir, muitas vezes a irmandade se faz enganar pelo próprio coração; é necessário muito cuidado para que não se venha a ter tropeço ao se levar avante qualquer empreendimento.

Na aquisição de uma propriedade deve-se ter muita cautela no estudo da documentação antes de se passar a escritura.

JORNAIS E PROPAGANDA

Não possuímos jornais de propaganda religiosa e nem revistas religiosas, assim como não nos correspondemos com aqueles que os editam. Não devemos, portanto, colaborar de espécie alguma.

Outras luzes não precisamos, nem queremos. O tempo muda sempre, porém a Palavra de Deus é imutável; mudam os homens porém o Senhor é o mesmo, Eterno e Fiel.

AOS CRENTES

A Palavra de Deus ensinada à sua Igreja não é para ser discutida, porém obedecida; só assim se honra ao Senhor.

ADMINISTRAÇÃO

É a seguinte a Diretoria Administrativa que deverá findar seu mandato em 1951.

- Presidente: Antonio Marques
- Secretário: Reynaldo Ribeiro
- Vice Secretário: Gregorio Ros Soto Filho
- Tesoureiro: Paschoalino Daniele
- Vice-Tesoureiro: Caetano D' Angelo.

FINAL

Os presentes ensinamentos devem ser lidos nas Congregações pelo menos duas vezes por ano e em todas as oportunidades em que houver uma falta de compreensão a qualquer dessas resoluções dadas pelo Senhor aos seus servos.

PONTOS DE DOCTRINA E DA FÉ QUE UM VEZ FOI DADA AOS SANTOS

1 - Nós cremos na inteira Bíblia e aceitamo-la como infalível Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. A Palavra de Deus é a única e perfeita guia da nossa fé e conduta, e Ela nada se pode acrescentar ou d'Ela diminuir. É também, o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. (II Pedro, 2:1; II Tim., 3:16,17; Rôm. 1:16).

2 - Nós cremos que há um só Deus vivo e verdadeiro, eterno e de infinito poder, Criador de todas as coisas, em cuja existência há três pessoas distintas; o Pai, o Filho e o Espírito Santo. (Ef., 4:6; Mat., 28:19; I João, 5:7).

3 - Nós cremos que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a Palavra feita carne, havendo assumido uma natureza humana no ventre de Maria Virgem, possuindo Ele, por conseguinte, duas naturezas, a divina e a humana; por isso é chamado verdadeiro Deus e verdadeiro homem e é o único Salvador, pois morreu a morte pela culpa de todos os homens. (Luc., 1:27,35; João, 1:14; I Pedro 3:18).

4 - Nós cremos na existência pessoal do diabo e de seus anjos, maus espíritos, que junto a ele, serão punidos no fogo eterno. (Mat., 25:41).

5 - Nós cremos que a regeneração, ou novo nascimento, recebe pela fé em Jesus Cristo, que pelos nossos pecados morreu e ressuscitou para nossa justificação. Os que estão em Cristo Jesus são novas criaturas. Jesus Cristo, para nós, foi enviado por Deus sabedoria, justiça, santificação e redenção. (Rom., 8:24 e 25. I Cor., 1:30; II Cor., 5:17).

6 - Nós cremos no batismo na água, com uma só imersão em Nome de Jesus Cristo (Atos, 2:38) e em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. (Mat., 28:18,19).

7 - Nós cremos no batismo do Espírito Santo, com evidência de novas línguas, conforme o Espírito Santo concede que se fale. (Atos, 2:4; 10:45,47; 19:6).

8 - Nós cremos na Santa Ceia. Jesus Cristo, na noite em que foi traído, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: "Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós". (Luc., 22:19,20; I Cor 11:24,25).

9 - Nós cremos na necessidade de nos abster das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicação, conforme mostrou o Espírito Santo na assembléia de Jerusalém. (Atos, 15:28,29; 16:4; 21:25).

10 - Nós cremos que Jesus Cristo tomou sobre Si as nossas enfermidades. "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja, e orem sobre ele, unguendo-o com azeite em Nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados." (Mat., 8:17; Tiago, 5:14,15).

11 - Nós cremos que o mesmo Senhor (antes do milênio) descerá do céu com alarido, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. (I Tess., 4:16,17 Ap., 20:6).

12 - Nós cremos que haverá a ressurreição corporal dos mortos, justos e injustos. Estes irão para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna. (Atos, 24:15; Mat., 25:46).